

A VIDA ESCULPIDA COM OS PÉS:  
MEMÓRIAS INACABADAS DE UM POETA-ANDARILHO





Capa – Ilustração do artista visual Valber Benevides, a partir de foto do poeta Mário Gomes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMAGA DE PÓS-GRADUAÇÃO MEMÓRIA SOCIAL

ETHEL DE PAULA GOUVEIA

**A vida esculpida com os pés:**  
memórias inacabadas de um poeta-andarilho.

Rio de Janeiro

2015

ETHEL DE PAULA GOUVEIA

**A vida esculpida com os pés:**  
memórias inacabadas de um poeta-andarilho.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, no Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa: Memória e Linguagem, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima Neto

Rio de janeiro

2015

ETHEL DE PAULA GOUVEIA

**A vida esculpida com os pés:**  
memórias inacabadas de um poeta-andarilho.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, no Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa: Memória e Linguagem, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre, com banca examinadora composta pelos membros:

---

Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima  
PPGMS - UNIRIO/RJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Diana Souza Pinto  
PPGMS - UNIRIO/RJ

---

Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa  
PPGPSI – UFRGS/RS

## AGRADECIMENTOS

Ao CAPES, pela bolsa de estudos que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu orientador, Manoel Ricardo. Por me inventar 'estudante' de novo, com tudo o que esse estado de graça traz de vibrátil. Por suas 'aulas-concerto' feitas de notas dissonantes para dançar. Pela vertigem da dança. E o enorme bem-querer que agora é querer-mais, mar aberto de uma praia-do-futuro onde a gente se bronzeia: moreno-morena.

Aos professores-convidados para a qualificação e defesa da dissertação: Diana Pinto (estímulo e confiança); Amir Geiger (afinidades e aulas-moventes); Leonardo Guelman (cumplicidade e contágio); Edson Sousa (pensamento e sensibilidade).

Ao Mário Gomes, poeta que me atravessou o caminho com charme irresistível e coragem demasiado humana. Por servir-se da vida com toda a força, me oferecer generosos goles dela e me lançar ao redemoinho das ruas, de nós, do 'Outro'. Pelo saco de risadas que carregamos nas costas. Por ser intensidade e poesia em mim, para além do vivido, do visível, da razão.

Ao Márcio Catunda, biógrafo, editor, amigo-irmão de Mário Gomes. Aos amigos-ajudantes do Poeta: Pirrita, Temóteo, McLaren, Zé Mário e, em especial, Tota, que soube ir até o fim.

Ao Valber Benevides, autor da ilustração de capa desta dissertação. Traço inspirado.

Ao Tito, cachorro de algodão e cócegas. Por me passear inteira e me fazer criança como ele.

Aos meus pais, irmãos e sobrinhos, família que me calça. E me impulsiona a andar.

Aos amigos, co-autores da aventura: Loloti, meus olhinhos-metade, o mais bonito dia de sol, girassol que plantei em mim; Jangulas, sarará-paixão, borboleta amarela que Rubem adoraria ter seguido, mas eu dei mais sorte; Trix, amor de cinema, doce vida felliniana quando estamos juntas; Brodinho, começo, meio e sem-fim de tudo o que me desarruma e me faz cair de amores, eterno amor; Silvie, pedra preciosa no campo do sensível, suavidade esticadora de horizontes; Alfinete, parque-de-diversões, roda-gigante que não para de girar, horinha do recreio, meu ex-sempré-atual; Urik, 'sócio-majoritário' da biblioteca-de-babel que montamos no nosso Sítio do Pica-pau Amarelo, ele Visconde, eu Emília, ou vice-versa; Liginha, pós-graduada em amizade do tipo sólida que não desmancha no ar, um tipo que é a nossa; Renan, puro dever e experimentação do verbo 'caetanear'; Grande, a mais bonita girafa de nossa selva aberta a visitas; Jacque, a que cozinha meu juízo com farinha e devora o mundo comigo; Renatita e Cris, meu triângulo amoroso, inseparável; Nêga, porque 'ai' de quem não tem amigo - e uma amiga como ela; Nei e Thaís, afetos d'além-mar; Gió, figurinha repetida que completa o meu álbum; Karlots, meu 'recado de primavera'; Pinta, Carol e Raka's, cores de Iracema no céu de Brasília; Aline, anjo dourado do Poeta, afago na despedida; Carolis D'avila, caracol com casa nas costas, a que habita o coração selvagem das palavras e para quem ajardino meu quintal; Fredinho, pela Tijuca cercada de conversa-poesia; Rod, porque, unidos que somos, cabemos numa latinha de cerveja; Anocas, acolhimento inesquecível na chegada, afeto que vazou pela janela; Julinha Casotti, 'caçula' amada da turma, com quem eu pulo num colchão de molas sempre que Rio e Fortaleza precisam nos trazer para perto.

**A vida esculpida com os pés:** memórias inacabadas de um poeta-andarilho.

## RESUMO

Em sua deriva deliberada, cotidiana e sem finalidade, Mário Gomes, poeta-andarilho nascido em Fortaleza, Ceará, é o personagem-guia da pesquisa que vai ao encontro da ideia de errância como gesto político de resistência à “mera e nua sobrevivência”, um desvio a um só tempo ético e estético em direção à possibilidade de outros modos de ser e de estar no mundo, modos mais movediços e inventivos de existência. A partir dessa condição errante, é possível pensar um conceito mais expandido e alargado da memória social como invenção prismática de mundo, às voltas justamente com uma dimensão daquilo que se move em elipse contínua, se desmancha e se remonta, na esteira da colisão dos tempos, de intermitências e apagamentos - uma memória igualmente andarilha para que se possa, de fato, repensar e rearticular com a linguagem outros possíveis para a história.

**Palavras-chave:** andarilho, errância, resistência, política, invenção

**Life carved with their feet:** unfinished memories of a poet-wanderer.

## ABSTRACT

In his deliberate, aimless daily drifting, Mário Gomes, the drifter-poet who was born in Fortaleza, Ceará, is the protagonist-guide of this study examining the idea of wandering as a political gesture of resistance to “mere naked survival”, both an ethical and an aesthetic deviation towards the possibility of other ways of being and existing in the world, more fluid and inventive forms of existence. Starting from this condition of wandering, it is possible to imagine an expanded and wider concept of the social memory as a prismatic invention of the world, dealing precisely with the dimension of what moves in a continual ellipse, dismantling and reassembling on the treadmill of the collision of the times, of flashes and erasures – an equally wandering memory that can, in fact, through language, rethink and rearticulate other possibilities for history.

**Keywords:** drifter , wandering, resistance, political, invencion

## SUMÁRIO

Passo a passo ou “como é gostoso esse Mário Gomes” .....	07
<b>Primeiro Passo – No rastro da primeira nuvem. Ou de como o engolidor de estrelas beijou a boca da noite e ficou iluminado .....</b>	<b>16</b>
<b>Segundo Passo – O ‘escritório’ do poeta Mário Gomes. Ou de como aliar-se ao vento para colher calcinhas em lugares utópicos .....</b>	<b>50</b>
<b>Terceiro Passo – Apolítico, acomodado, alienado. Um tanto imbecil e medíocre. Ou de como Mário Gomes se reconhece e continua vivo .....</b>	<b>86</b>
Descompassos ou um passo para fora do reconhecível .....	118
LISTA DE FIGURAS .....	124
REFERÊNCIAS .....	125
APÊNDICES .....	131
ANEXOS .....	166

## PASSO A PASSO: OU “COMO É GOSTOSO ESSE MÁRIO GOMES”.

Não tem erro. Em qualquer extremo da Praça do Ferreira lhe apontam: o escritório do poeta Mário Gomes fica na esquina da rua Guilherme Rocha, ali, no banco mais concorrido do pedaço, em frente à loja de discos. Lá, com toda a pinta de *flâneur* bonachão, senta-se, todas as tardes, o dono do ‘negócio’, ladeado por sócios-fundadores que batem ponto voluntariamente. Os tempos são outros. Há três décadas, o ‘escritório’ tinha uma média de 20 adeptos. Hoje, contam-se cinco ou seis resistentes que, sob sol ou chuva, encontram-se periodicamente para reafirmar afinidades étlicas, literárias e artísticas. Farejando histórias de vida, o Vida & Arte conversou com o mentor intelectual da entidade: um malandro confesso que mergulhou fundo na boemia, viajou um bocado, mendigou, passou por maus pedaços e um dia poetizou, esdrúxulo: “ontem/ ao meio dia/comi um prato de lagartas/passei a tarde defecando borboletas (PAULA, Ethel de. Jornal O Povo, p. 1B, 18/04/1998).

A primeira entrevista<sup>1</sup>. Os primeiros ditos e escritos capturados sob a temperatura do encontro. Não lembro a rigor como ou quando conheci Mário Gomes, se um pouco antes do convite aceito por ele para contar-me sobre sua vida aventureira de poeta-andarilho, a título de publicação no jornal para o qual eu trabalhava como repórter ao final dos anos 1990, ou se ali mesmo, de bate-pronto, sob sol a pino, no lastro de uma possível empatia à primeira vista que nos levou a sentar lado-a-lado para conversar no banco mais disputado do principal ponto de convergência do Centro de Fortaleza: a Praça do Ferreira. Disputado simplesmente porque aquele era o ‘escritório’ do poeta Mário Gomes - e não um assento qualquer. Algo com a aura de um ‘palco’ onde ele era o primeiro a subir, na pele de protagonista de um grupo de ‘atores’ que, em sua intenção, ensaiavam diariamente o mesmo e repetido ato de inspiração étlica e literária, feito de leituras descompromissadas de poemas ao ar livre regadas a garrafas e mais garrafas de cerveja ou aguardente.

Ritual inusitado. Tudo aquilo, para mim, era assombro, graça e deleite. Um ‘escritório’ de contornos invisíveis mas quase palpáveis de tão pulsantes, inventado em torno do prazer diletante de conhecer e ler poemas avulsos, sob o comando de um cinquentão de fina estampa e carisma incontestes, popular a ponto de todos lhe cumprimentarem como poeta, isso porque, à boca miúda, sabia-se exatamente de quem se tratava: Mário Ferreira Gomes, alguém que tinha como hábito sair do bairro Bom Sucesso todos os dias, sempre vestindo seu melhor paletó, para ciceronear tardes adentro interlocutores fiéis: escritores, jornalistas, artistas e desocupados de plantão que tinham em comum a paixão pela poesia e pela boemia.

---

<sup>1</sup> A referida entrevista consta na íntegra como anexo desta dissertação.

Ênfase no dono do ‘negócio’. Mário Gomes, o ‘poeta da Praça do Ferreira’, tinha muito mais a dizer de si do que a aparência de excêntrico *bon-vivant* poderia indicar: aos 20 anos de idade, diante de frequentes desentendimentos com o pai, foi banido de casa e assim passou a viver em deriva errática pelas ruas da cidade, mergulhando fundo na boemia; como corretivo, a própria família o internou por diversas vezes em hospitais psiquiátricos, de onde ele acaba por sair com uma aposentadoria vitalícia por invalidez, para, a partir de então, fazer valer uma decantada falta de vocação para o trabalho. Assim, vivendo com um salário mínimo, à base de virações e astúcias, se dedicou única e informalmente à poesia, sem jamais profissionalizar-se ou ser reconhecido como tal pela qualidade dos seus escritos.

Entre a arraia miúda e as rodas literárias de conversa da Praça, entretanto, não tinha quem não soubesse recitar de cor pelo menos um de seus poemas mais conhecidos e bem-humorados, *Antropofagismo*:

Eu, sem ser antropófago, já saboreei muita gente por aí.  
Minhas preferências são os esbeltos, violônicos corpos femininos: a mulher.  
Ah! Se a humanidade fosse toda antropófoga  
como eu teria o prazer de ser devorado  
em um banquete ou bacanal de lindas garotas  
sexys, histéricas, eróticas  
e eu, em cima de uma mesa qualquer totalmente nu  
Assado ou cozido  
Recheado de cebolas, tomates e farofas.  
Enquanto Odete espetava um dos meus esverdeados olhos  
que outrora foram profanos,  
Judite arrancava minha língua e mastigava furiosamente.  
Depois Maria Helena  
pegava uma faquinha de mesa e cortava  
delicadamente meu pênis ereto e dizia entre-dentes:  
- Como é gostoso esse Mário Gomes”  
(GOMES, 1999, p.40).

Assim é que, dotado de auto-estima inconteste, bom de papo e sarcástico na escrita, Mário Gomes, o ‘poeta da Praça do Ferreira’, atraiu a atenção da mídia local, ao mesmo tempo em que costurou uma rede de amigos que lhe apoiavam inclusive financeiramente, o que acabou por garantir a publicação independente de oito livros e pelo menos 300 poemas escritos de próprio punho, entre “surrealistas” e “modernos”. Paralelamente, o poeta inventou-se errante, improvisando viagens sem planejamento, a pé ou de carona, e adotando as ruas da cidade, com cada vez mais frequência, como ‘abrigo’ preferencial. Até o último dia de 2014, quando falece, foi assim, à toa, sem trabalho, sem horário, sem chancela e sem planejamentos

que Mário Gomes viveu. Imperativo era afirmar a vida. E seu modo próprio de experimentá-la com o máximo de liberdade.

Entre nós, foram inúmeros os encontros e conversas sem cálculo, não-lineares, sempre instigantes, em torno do desejo comum de livrar-se das amarras e do gosto pela literatura e pela boemia, fontes de alegrias muitas vezes compartilhadas ao sereno, nas ruas e bares da cidade. Sem que um tivesse nada a esperar do outro, sob uma atmosfera de cumplicidade benevolente sem qualquer mistura, eu e Mário nos tornamos amigos sem que precisássemos dar nome ou propor regras para isso. A rigor, nunca houve uma convivência assídua nem tão próxima. Mas, de alguma forma que não se explica, sabíamos-nos íntimos. E ríamos de nós, dos outros, dos absurdos da existência.

Era visível, a cada encontro, para quem pudesse testemunhar ou compartilhar, essa afinidade gratuita e quase infantil, como também a invenção compartilhada de um tipo de conversa muito mais comandada pelo afeto, pela graça e pela imaginação do que pelo próprio rigor das palavras - ou o sentido racional dado a elas. Penso que havia não só disponibilidade de ambas as partes para o encontro e a escuta, como desejo. Assim é que me aproximei de Mário Gomes para além das páginas de jornal, para além da figura midiática de poeta-andarilho excêntrico muitas vezes caricaturada pela própria mídia que o tornou mais amplamente popular, trazendo-lhe um tipo de reconhecimento que ora lhe massageava o ego, ora lhe feria os brios.

2012. Depois de migrar como jornalista da redação do jornal O Povo para a Secretaria de Cultura de Fortaleza, onde coordenei a assessoria de comunicação da pasta, assumindo em paralelo a edição de uma revista de caráter jornalístico pautada por narrativas não-factuais<sup>2</sup>, ingressei no mestrado em Memória Social da UNIRIO justamente com um projeto de pesquisa em torno do tema da deriva urbana como possibilidade de ação política no presente, potencialmente capaz de apontar para outros modos de ser e de estar no mundo. Em particular, interessava-me atentar, cada vez mais, para a imagem paradigmática do poeta-andarilho da Praça do Ferreira que, às custas de seu próprio engenho, entrara para o imaginário coletivo de uma cidade na esteira de uma errância empreendida de forma

---

<sup>2</sup> Revista Farol, publicação da Prefeitura Municipal de Fortaleza que circulou entre 2006 e 2011, perfazendo seis edições. Ver: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/cultura/revista-farol>.

deliberada, como desdobramento de sua franca recusa ao trabalho e também como meio para tornar possível uma vida minimamente livre e criadora, enamorada da poesia.



**Figura 1 – Mário Gomes e Ethel de Paula na Praça do Ferreira, em Janeiro de 2014.**

2014. Aos 67 anos, no último dia do ano, Mário Gomes falece. Até então, esta dissertação caminhava junto com ele, apesar de, alguns anos antes, já haver deixado de escrever poemas e perdido, diante dos solavancos da vida nas ruas, a corpulência e a fluidez narrativa do final dos anos 1990. Magro, um tanto avariado e corcunda, às voltas com o apagamento de seu ‘escritório’ de verso-e-vento, hoje vazio de escritores e boêmios outrora assíduos, o filho de dona Nenzinha e seu Benedito – ela, mãe devotada e costureira; ele, pai autoritário e motorista, ambos já falecidos – desbravou o quanto pôde, inventivamente, os interstícios de uma cidade cada vez mais fechada em si, refém de um controverso processo de urbanização marcado por desmandos políticos, desigualdade social, escoamento da miséria, hierarquização e expropriação dos espaços públicos.

Amante das artes e da boemia, Mário Gomes traçou seu trajeto singular no rastro de uma espécie de cartografia sentimental, mapeando e frequentando assiduamente os nichos culturais e literários de Fortaleza, em seus eventos e manifestações de livre acesso. Assim, passo a passo, entre o perímetro central e a Praia de Iracema, sobretudo, desenhou sua errância sem classificação, uma ‘estranha’ vida-poema inventada ao revés, esculpida como

forma de resistência e desobediência aos modos padronizados, burocráticos e aprisionadores do viver contemporâneo.

É esse o caminho que repiso para refletir sobre uma forma “artista” de vida, no sentido que Friedrich Nietzsche (2012) deu ao termo, reflexão que se afina à estética da existência e à escultura de uma “vida bela”, como Michel Foucault (2004) deu a ver através de seu chamado “retorno aos gregos”, quando vai escavar na Antiguidade as práticas e técnicas forjadas por homens livres para se constituir como sujeitos a fim de se governar e assim estarem aptos a governar outros homens livres, a partir da ‘invenção’ da subjetividade e de princípios éticos. Eis a linha-mestra da reflexão empreendida ao longo do primeiro capítulo desta dissertação, onde outros autores e comentadores são convocados a refletirem junto sobre nossa capacidade de tornar a vida uma obra de arte no presente.

Igualmente em jogo, está um corpo errante lançado à radicalidade de uma existência poética, sem pouso certo ou função social, um gerador ambulante de curtos-circuitos e desencaixes na engrenagem capitalista movida por regras fixas e convencionais de sobrevivência, convivência e invenção. Mário Gomes e sua vida sem rima, desimportante e afuncional, teimando em existir como afronta e resistência, profanando a ordem vigente, embaralhando os modos de ser e de estar no mundo, abriram passagem para a reflexão em torno da potência de uma imagem política como construção de outros possíveis.

Abracemos o ‘problema’: Mário Gomes não cabe no mundo, sua prática errante não se enquadra às normas vigentes, ao socialmente aceito, fixo e acabado. Seu gesto escapa aos dispositivos de controle, fura a pretensa lógica dos discursos oficiais da cultura, desestabiliza a institucionalização do trabalho. Engrossando a fileira dos “sem nome” e dos “sem vestígio”, estes dos territórios desconfigurados sobre os quais Walter Benjamin (1994) nos chama atenção, a fim de sejam ‘salvos’ do esquecimento, o poeta-andarilho opera ao modo Bartleby, personagem de Herman Melville<sup>3</sup>, e diz “não” ao que está posto. Nem a rua é o seu lugar.

---

<sup>3</sup> Publicado anonimamente em 1853, *Bartleby, o escrivão*: uma história de Wall Street foi escrito por Herman Melville (1819-1891). O narrador, um bem-sucedido advogado, contrata Bartleby para trabalhar como auxiliar de escritório. Ele se mostra um prestativo funcionário até que um dia, sem razão alguma, responde a um pedido de seu chefe com um desconcertante “Prefiro não fazer”. Essa insubordinação soa como se rompesse com a organização moral do mundo, desafiando verdades até então universais.

Quando perguntado sobre aonde mora, vaticina: “Moro dentro de mim, moro dentro dos meus sapatos” (Informação verbal)<sup>4</sup>.

Assim é que a errância “utópica” de Mário Gomes, bem como os “lugares utópicos” (FOUCAULT, 2013) que ele inventou para seus encontros e trocas simbólicas, permeiam todo o segundo capítulo desta dissertação, ao mesmo tempo em que uma “nuvem de vaga-lumes” (DIDI-HUBERMAN, 2011) vem cobrir o céu da Praça do Ferreira, onde o poeta-andarilho compôs a sua rede de amigos, cada um à sua maneira essencial e potente na tarefa conjunta de tornar possível modos mais frouxos, inventivos e desburocratizados de vida. Foco, portanto, no ‘escritório’ cercado de brisa e rima do poeta Mário Gomes, no banco onde sentaram alguns de seus ‘cúmplices’ e ‘sócio-fundadores’, cujas narrativas e memórias constam tanto no corpo do texto desta dissertação, quanto em seus apêndices.

Cercar o poeta-andarilho de outros “ajudantes” (AGAMBEN, 2007), invisíveis e alegóricos, mas tão potentes quanto os vivos, foi o desafio teórico do terceiro e último capítulo desta dissertação, onde Mário Gomes caminha junto a autores como Giorgio Agamben (1993) e é projetado à dimensão da “comunidade que vem”, apontando para a emergência de algo novo e singular justamente a partir do “ser qualquer”, “o Mais Comum que se subtrai a toda comunidade real” (AGAMBEN, 1993, p.16), cujos deslocamentos - reais e simbólicos - vêm nos contar uma outra história que se agita nos interstícios do real e se desdobra no instante, sempre em devir.

E é a partir da colisão dos tempos, com foco nas fulgurações do presente, que a dimensão do político se abre e passa a ser o horizonte de uma série de imagens e conceitos que vão problematizar o “poder sobre a vida” e as expropriações e aprisionamentos da subjetividade na biopolítica contemporânea (FOUCAULT, 2004). No campo dialético da relação de forças, entram em cena tanto os “homens infames”, de Foucault (2003), como os voos rasantes, discretos e tremeluzentes dos “vaga-lumes” de Didi-Huberman (2011), tudo em uníssono afirmando a deriva de Mário Gomes como gesto político de resistência à “mera e nua sobrevivência” (AGAMBEN, 2002), um desvio a um só tempo ético e estético em direção à possibilidade de outros modos de ser e de estar no mundo, modos mais movediços e inventivos de existência.

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Que formas variadas somos capazes de inventar, no presente, para existir e resistir? Eis o que Mário Gomes nos impele a pensar, não só a partir do que pode, mas também do que pode não poder o corpo (AGAMBEN, 2014). Enredando todo o caminho conceitual proposto, foi necessário ainda armar um conceito mais expandido e alargado da memória social como invenção prismática de mundo, às voltas justamente com uma dimensão daquilo que se move em elipse contínua, se desmancha e se remonta, na esteira da colisão dos tempos, de intermitências e apagamentos - uma memória igualmente andarilha, inacabada e falhada, para que se possa, de fato, repensar e rearticular com a linguagem outros possíveis para a história.

No esforço por livrar os ditos e escritos ligados à memória da moldura de um quadro fixo, portanto, operamos ao longo desta dissertação com um entrelaçamento de imagens, uma constelação heterogênea de séries imprevistas, apanhando com Didi-Huberman (2013) a “forma-atlas” deflagrada por Aby Warburg, por meio de seu Atlas Mnémósyne, abrindo passagem para a vida fantasmática das imagens que constituem tanto o nosso presente quanto a nossa memória, sublinhando a combinação de coisas novas e “sobrevivências” vindas de muito longe na história da humanidade. Assim, desenha-se uma memória de revés, entre o sentido e o não-sentido, afrontando a ideia de memória como simples processo de acumulação que promete assegurar imortalidade ou duração.

Em contato, imagens que se aproximam e se tencionam a um só tempo revelam camadas de memórias e histórias por trás do visível e das aparências. A memória como montagem, portanto, é a principal ferramenta dessa complexa operação de justaposição e contaminação que se propõe a revelar “sobrevivências”, apontando para o caráter inesgotável das constelações possíveis em nosso imaginário. Para Didi-Huberman (2013), o presente só é vivido através de movimentos conjugados das montagens de nossas memórias (gestos que realizamos em direção ao passado) e desejos (gestos que realizamos em direção ao futuro). Portanto, as imagens são possíveis intersecções de todos esses gestos entrelaçados.

O desafio de armar um atlas de imagens, histórias e memórias se aproxima das práticas cartográficas como método processual que requer procedimentos mais abertos e maleáveis para o acompanhamento de percursos e suas implicações (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2010). Nem explicar, nem revelar. É como um mapa móvel e acêntrico, com muitas entradas possíveis, que a realidade cartográfica se apresenta, compondo uma metodologia que, ao invés de ser aplicada, é experimentada e assumida como atitude de abertura.

Um saber que emerge do fazer, da experiência. Daí porque não há neutralidade do conhecimento nem de quem opta pelo “fazer-saber” e se vê implicado junto ao campo processual de pesquisa. A rigor, quem entrevista é afetado por quem é entrevistado. E vice-versa. Isso porque a aposta na cartografia é um abrir-se ao encontro e às intensidades, fazendo transbordar afetos que pedem passagem. Eis que estamos, ainda mais com o poeta-andarilho, às voltas com a pesquisa cartográfica como o próprio ato de caminhar, onde um passo enseja o outro ao mesmo tempo em que traz consigo o anterior e se prolonga sucessivamente no decorrer do caminho. Um desenho alegórico que se constitui como desafio, para mim, já em sala-de-aula, na esteira da operação crítica e da modulação de releitura vertiginosa da bibliografia que veio a ser adotada nesta dissertação, sob indicação e orientação do Prof. Dr. Manoel Ricardo de Lima Neto.

É essa imagem de uma memória movente que Stallybrass (2008) faz emergir, ao escavar as narrativas épicas de Édipo e Lear, refletindo acerca do simples e extraordinário ato de caminhar. Ele narra que, ao tirano de Tebas, atormentado pela profecia de matar o pai e esposar a mãe, é dado o desafio de decifrar o enigma da Esfinge: “qual é a criatura que caminha com quatro pés pela manhã, dois ao meio-dia e três à noite?”. A resposta: “o ser humano, que engatinha quando criança, ergue-se na vida adulta e curva-se na velhice, amparado por uma bengala ou pela mão de um guia”. Todo o engenho em cena apontando para a estranheza e a dificuldade próprias do ato de equilíbrio que precede o caminhar.

Para Stallybrass, as narrativas de outrora que desnaturalizam o que nos parece um aprendizado simplório retornam problematizando cenas do presente. À luz de duas obras de Primo Levi, *É isto um homem?* e *A Trégua*, o autor diz do pavor vivido pelos prisioneiros dos campos de concentração que não conseguiam sapatos que lhes coubessem nos pés, tornando-se assim incapazes de se locomover para trabalhar. Para estes, destaca Stallybrass, “a morte começava pelos sapatos”, já que uma das violências usuais cometidas pelos soldados nazistas era justamente o proposital embaralhamento dos muitos pares de calçados em tamanhos diversos ao fim de cada jornada de trabalho, manobra que, por consequência, dificultava e até inviabilizava o ato de deslocamento, condição básica para a sobrevivência dos judeus. Junto ao enigma do caminhar e outros tantos apresentados pelo caminho, a ordem, enfim, é deixar o poeta-andarilho, que habitou e gastou o quanto pôde os próprios sapatos, nos mover, sob uma nuvem de poeira espaço-temporal suspensa no ar.



Figura 2 – Mário Gomes em frente à Coluna da Hora, na Praça do Ferreira, centro da cidade, em janeiro de 2014.

**PRIMEIRO PASSO – No rastro da primeira nuvem. Ou de como o engolidor de estrelas beijou a boca da noite e ficou iluminado.**

*Ação Gigantesca*

Beije a boca da noite  
E engoli milhões de estrelas.  
Fiquei iluminado.  
Bebi toda a água do oceano.  
Devorei as florestas.  
A Humanidade ajoelhou-se aos meus pés,  
Pensando que era a hora do Juízo Final.  
Apertei, com as mãos, a Terra,  
Derretendo-a.  
As aves, em sua totalidade,  
Voaram para o Além.  
Os animais caíram do abismo espacial.  
Dei uma gargalhada cínica  
E fui descansar na primeira nuvem  
que passava naquele dia  
em que o sol me olhava assustadoramente.  
Fui dormir o sono da eternidade.  
E me acordei mil anos depois,  
Por detrás do Universo.  
(GOMES, 1999, p.28)<sup>5</sup>

Foi dormir o sono da eternidade por detrás do Universo no início da tarde de 31 de dezembro de 2014, com pés e mãos atados às grades de uma carcomida cama de hospital público, onde, a contragosto, lhe injetavam sangue e soro nas veias. Poucas horas antes, a imaginação ainda impelia o corpo debilitado a reagir, sair andando, escapar dali. Nem bem abriu os olhos pela manhã, esboçando alguma melhora, e já pedira espelho, pente, barbeador, roupas, sapatos. Parecia-lhe óbvio. Teria que se preparar desde já para as comemorações do réveillon na Praia de Iracema<sup>6</sup>, tratar de recobrar o prumo possível para compor-se com estilo, lançando mão do indefectível paletó sem gravata encardido e amarrotado, peça-chave de sua

---

<sup>5</sup> O poema *Ação Gigantesca*, de Mário Gomes, foi vencedor do Festival Cearense de Poesia, em 1981, evento promovido pelo Clube dos Poetas Cearenses, agremiação criada em abril de 1969, com sede na Casa de Juvenal Galeno, centro de Fortaleza. No segundo capítulo, tanto o Clube e a casa-sede são temas a serem detidamente tratados, visto que é justamente no local que Mário Gomes se lança poeta.

<sup>6</sup> A Praia de Iracema é um bairro da cidade de Fortaleza contíguo à avenida Beira Mar e ao Mucuripe, área circundada por uma extensa faixa litorânea que outrora se desenhou como vila de pescadores. Até o início da década de 1940, ainda era lugar remoto em relação ao centro da cidade, um balneário. Ao longo dos anos, se transformou no principal nicho cultural e de entretenimento local, uma zona com potencial turístico, onde, em meio a residências e prédios, pululam bares, restaurantes, boates, hotéis e pousadas, cenário propício à diversão, mas também marcado por ocupação desordenada e processual abandono do poder público, o que acabou por gerar, em paralelo, turismo predatório, favorecimento à prostituição e comércio de drogas, além de exclusão social e indevido uso e ocupação do solo.

improvisada indumentária de poeta errante sexagenário, para, enfim, vencer o caminho até o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura<sup>7</sup>, equipamento público onde fora encontrado desacordado no dia anterior e em torno do qual costumava transitar, noites adentro, desde o início dos anos 2000, adotando o hoje principal reduto étlico-cultural de Fortaleza como um de seus pontos de pausa e inflexão entre os avessos da cidade (Informação verbal)<sup>8</sup>.

Aos 67 anos, Mário Gomes, o lendário poeta da Praça do Ferreira<sup>9</sup>, assim conhecido por inventar-se como o anfitrião histriônico e o versejador *outsider* das rodas de conversa literárias formadas entre os bancos de madeira do principal logradouro do Centro da cidade, reivindicava para si, em flagrante estado de enfermidade, frágil como nunca, nada mais do que o cotidiano andarilho de volta: aquele incorporado como modo de ser e de estar na cidade, sua inscrição errática no mundo, onde imperativo era vagar, beber e fumar ao sereno, sem qualquer propósito ou sentido, até o romper do dia seguinte, para, já na alta madrugada, deitar-se ao relento em qualquer esquina ou assento improvisado mais próximo com o simples intuito de refazer-se em poucas horas de sono, retornando à gesta ambulatória diária que, há quase cinco décadas, o levava em ritornelo a perambular sem finalidade pelas franjas embaraçadas da quinta capital brasileira<sup>10</sup>, onde nasceu e viveu.

---

<sup>7</sup> O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é vinculado à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Foi inaugurado em abril de 1999 e tem 14,5 mil metros quadrados de área, dividida entre cinema, museus, teatro, anfiteatro, auditório e planetário, além de salas multiuso. O projeto arquitetônico manteve a praça pública contígua que dá acesso livre ao entorno do equipamento. Com frequência, era lá que o poeta-andarilho varava noites e eventualmente dormia, nos bancos da praça ou embaixo de escadarias, sob anuência da administração.

<sup>8</sup> Relato baseado em entrevista concedida por BATISTA, Antônio Severiano. Entrevista II. [fev.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

<sup>9</sup> A Praça do Ferreira está localizada no centro de Fortaleza, entre as ruas Major Facundo, Floriano Peixoto, Dr. Pedro Borges e Travessa Pará. De acordo com o historiador Juarez Leitão (2002), a delimitação da Praça do Ferreira remonta a 1843. Ele atesta que por cerca de oito décadas a Praça do Ferreira foi o placo principal da boemia cearense. Depois a cidade foi se descentralizando e outros bairros passaram a oferecer opções de lazer. Na primeira metade do século XX quem quisesse se manter informado sobre fatos políticos, ocorrências sociais, pendências testamentárias, atividades culturais e afins bastava circular pelos cafés, bares e livrarias da Praça. A Praça do Ferreira é rerepresentada no capítulo seguinte mais detidamente, como a sede do imaginário “escritório do poeta Mário Gomes”.

<sup>10</sup> Segundo pesquisa do IBGE, divulgada em 2012. Para o historiador José Borzacchiello da Silva (2007), esse crescimento demográfico está intimamente vinculado às secas periódicas que ocorrem no interior do estado e à estrutura fundiária calcada na grande propriedade ligada à criação de gado, atividade que dispensa cada vez mais mão-de-obra. Ele chama atenção para o fato de não existir na cidade um setor industrial capaz de absorver essa massa populacional. E afirma: “a cidade não possui urbanização à altura de seu tamanho demográfico. Salvo sua importância comercial e de serviços, face ao seu grande espaço de influência regional, seu comércio de grande porte, voltado para um enorme segmento constituído de pobres, se comparado com outras praças, passa por uma intensa transformação nos últimos anos com a multiplicação de shoppings centers e outros tipos de centros

Sem papas na língua, o poeta-andarilho, muitas vezes capturado e interrompido em seu estranho percurso existencial de emaranhadas linhas de controle e de escape, boêmio inveterado que experimentou ainda jovem, como suposto corretivo, o arrocho dilacerante de uma camisa-de-força, experimentado em cada uma das sucessivas e compulsórias internações psiquiátricas a que foi submetido repetidas vezes pela família (CATUNDA, 2015), despediu-se do jogo indócil, ferozmente incomodado com a internação derradeira, debatendo-se contra protocolos hospitalares e burocráticos, crítico às investidas para o enquadramento e a narcotização dos corpos submetidos às normas científicas da saúde, cuspidando fogo e vociferando a plenos pulmões contra o saber médico de plantão que insistia em convencê-lo sobre a necessidade do socorro e do procedimento imobilizador frente ao alarmante quadro de anemia e desidratação profundas, estado clínico inspirador de cuidados emergenciais e absoluto repouso.

- Mário, escute, eu sou o médico que está acompanhando o seu caso. Você sabe aonde está agora?

- Claro! Estou no Dragão do Mar, pooooorrrraaaa!!!!

- Não. Você está no hospital. Seu amigo Tota trouxe você pra cá porque você desmaiou, estava caído no chão, sem condições de levantar. Você está agora se recuperando e precisa ficar no hospital uns dias, se tratando.

- Vá pra puta-que-pariu, seu filho-de-uma-putaaaaa, seu viadooooo! Vá tomar no cu!!! Desamarre meu pé!!! Isso é covardia, rapaz!!!! (Informação verbal)<sup>11</sup>.

Engulam-se os impropérios. Com Mário Gomes, alguém que passou a vida a gastar a sola dos sapatos; o que se dizia “desacomodado”, porque “o acomodado é que fica dentro de casa e faz coisas horríveis” (Informação verbal)<sup>12</sup>; o vagabundo assumido que, à revelia das expectativas familiares, recusou-se solenemente a assumir qualquer trabalho formal, convicto e à vontade em sua confessa falta de vocação para expedientes comerciais ou burocracias

---

comerciais de extremo luxo (...) A cidade converte-se em uma grande vitrine de produtos de luxo, especialmente nos seus bairros mais sofisticados. A área central, antes voltada ao atendimento de uma população de poder aquisitivo alto, hoje é o verdadeiro centro da periferia” (SILVA, 2007, p.234-235).

<sup>11</sup> Diálogo presenciado pela autora na noite no dia 30 de dezembro de 2014, quando em visita a Mário Gomes, durante o seu período de internação no Instituto José Frota (IJF), centro de Fortaleza.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

afins (CATUNDA, 2015); o poeta das ruas que, em versos livres e desafetados, à margem dos academicismos e do mercado editorial, tanto já declarou ódio à medicina, ao dinheiro e à politicagem maldosa, como lançou maldições aos covardes; com ele, o “pai das estrelas”, cuja imaginação sarcástica já deu pontapé nos ovos da Terra e pisoteou o cadáver de Satanás<sup>13</sup>, o ruído não poderia ser outro senão o do ranger dos dentes de quem colecionou astúcias para enfrentar e afrontar práticas punitivas e coercitivas intrínsecas às relações de poder, que, pensando com Michel Foucault (1979), tanto atravessam a esfera macro das instituições mantenedoras da sociedade de controle, como alcançam o âmago da dimensão microfísica das relações sociais, do desejo e das formas de subjetivação, moldando o processo constitutivo dos sujeitos históricos modernos e suas formas de vida.

Entre dominado e liberado, já que, também segundo Foucault (1985, p.91), “lá onde há poder, há resistência”, prestes mesmo a desmoronar, tangenciando a morte, o corpo-andarilho confrontado à modelagem moderna de adestramento e disciplina desejou mais uma vez vencer suas incapacidades, superar-se. Daí a cisma, a arenga, o debater-se, o ímpeto de rompimento das amarras, agarrado ao último fiapo de vitalidade que ainda poderia fazer jus a toda uma existência tecida em ziguezague, no avesso do mundo pragmático, na corda-bamba - eis a hipótese em jogo - da errância deliberada como gesto político de resistência à mera sobrevivência, um desvio a um só tempo ético e estético em direção à possibilidade de modos mais movediços e inventivos de vida.

Imobilizado, os olhos cerrados, a face chupada, pálida e macilenta, o cuspe espumando ao canto da boca, Mário Gomes afirmou até o fim sua insólita obstinação em não permanecer impassível frente à hierarquia de valores ou às cargas de opressão expressas nos mais variados planos da existência. Por último, impedido de andar, preso ao leito hospitalar, cerrou a boca, recusando-se a comer, numa derradeira margem de manobra para encerrar o combate em ação, duelando, ainda fazendo uso das poucas ‘armas’ de que poderia dispor<sup>14</sup>. Assim, Mário Gomes parece ter armado a hora exata de sua renúncia ao mundo, despedindo-se sob o signo da resistência e da contestação, anunciando ele mesmo ao amigo e artista plástico Antônio Severiano Batista, o Tota, seu acompanhante oficial no período de internação, o arrear das ‘armaduras’ diante dos limites e procedimentos ali impostos:

---

<sup>13</sup> Trechos e imagens reconfiguradas a partir dos poemas *Determinação; Eu? O pai das estrelas e Uma Violenta Orgia Universal*, de Mário Gomes, publicados em 1999 na antologia poética *Uma Violenta Orgia Universal*.

<sup>14</sup> Cena presenciada pela autora, no penúltimo dia de internação de Mário Gomes, no Instituto José Frota (IJF), dia 30 de dezembro de 2014, em Fortaleza-Ceará.

- Tota, você tá aí? Olhe, não vou pro réveillon no Dragão do Mar não.
- Mas por que, Poeta? Nós vamos sim! Vamos sair daqui juntos.
- Não, vou dispensar minha carcaça que essa porra tá me arrombando. Porra, tá doendo até os cabelos. Vou cair fora! Essa carcaça não aguenta mais! (Informação verbal)<sup>15</sup>.

É preciso voltar às manobras do “corpo que não aguenta mais” (LAPOUJADE, 2002, p.82), como também a sua potência para resistir diante da premissa de que “sofrer é a condição primeira do corpo” (LAPOUJADE, 2002, p.86). Procurar reanimar e recolocar em movimento a carcaça do poeta-andarilho em seu encontro doído com a exterioridade, revolvê-lo em sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo e também capaz de afetar, contrariando a ideia da onipotência da dominação e apontando para o desenrolar astucioso do poder que não se concentra em um único ponto, nos contornos do Estado, por exemplo, mas é poroso, múltiplo, gerado e produzido por todos os lugares da sociedade, desdobrando-se em “contra-poderes” (FOUCAULT, 1979) indissociáveis inclusive de uma certa fragilidade e impotência geradoras de uma potência superior (PELBART, 2013). Sempre ação e reação, ainda que minúscula. Nunca a ideia de um poder soberano agindo sobre um alvo passivo e indiferente, incapaz de respostas não-previsíveis.

Como nos sugere Peter Pal Pelbart (2003), é a partir de uma relação intrínseca entre resistir e existir no esboço de um corpo disforme, tão comum aos personagens aparentemente débeis e enganosamente passivos do escritor Franz Kafka (2012) - lembremos o trapezista do conto *Primeira Dor*, que decide viver em definitivo nas alturas, recolhido nas cúpulas dos teatros de variedades, em um gesto de auto-exílio, onde, perplexo diante de sua incompletude e de desejos jamais satisfeitos, procura reunir forças para resistir ao absurdo da existência - que podemos pensar em Mário Gomes e sua experiência andarilha impalpável, frouxa e esquisita, encarando-os como afirmação vital de uma outra ordem que se molda ali mesmo onde o poder se exerce, imagem que acaba por colocar em xeque nossos próprios modos de existência e os caminhos abertos à invenção de novos campos de batalha e sentidos múltiplos para a vida, a partir de realidades menos programáticas e padronizadas, que potencializem e não embotem ou sabotem as diferenças.

---

<sup>15</sup>Entrevista concedida por BATISTA, Antônio Severiano. Entrevista II. [fev.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.



Figura 3 – Mário Gomes na praça contigua ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na Praia de Iracema.

O corpo que não aguenta mais, nos lembra Pelbart (2013), seguindo os passos de Lapoujade (2002), já não é só aquele impositivamente docilizado pela máquina panóptica que a todos controla, vigia e pune em instituições disciplinares como prisões, escolas ou hospícios, à luz do que problematizou Foucault na virada da modernidade. Ele foi entregue às sutilezas perversas da biopolítica contemporânea, aquela que se lança sobre a vida não mais para supliciar ou eliminar às claras os que ameaçam o seu poderio, mas para gerir e até incitar a sobrevida que hoje lhes é permitida, algo na medida exata - nem mais, nem menos - para que tudo continue como está, funcionando em estado vegetativo, de acordo com a ordem vigente. É a partir da condição de meros sobreviventes e da gestão do controle da vida que se alimenta justo de energia vital e de subjetividades que Pelbart (2003) dar a ver o nível de domínio e ambição do biopoder - o poder sobre a vida -, como também tudo aquilo que coage o corpo por dentro e por fora, o adestramento civilizatório.

Com Agamben (2002), entendemos que a sobrevida em questão é a vida humana reduzida ao seu mínimo biológico, a vida isolada em seu último substrato, em seu formato residual, desprovida de sensibilidade e excitabilidade, como uma sombra de si mesma, uma “vida nua”, onde o inumano está separado do humano e cuja produção maciça de “sobreviventes” é um efeito generalizado do biopoder contemporâneo, que trata de adequar e submeter corpos exauridos e mortificados às tecnologias científicas e políticas, à sociedade de consumo, ao espetáculo, ao hedonismo, aos prazeres artificializados, à medicalização da existência. Ao que Pelbart acrescenta:

O que o corpo não aguenta mais é a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática, o entorpecimento. Em suma, e num sentido muito amplo, o que o corpo não aguenta mais é mortificação sobrevivencialista, seja no estado de exceção, seja na banalidade cotidiana (PELBART, 2013, p.30).

É a partir da imagem emblemática de ciberzumbis pastando mansamente entre serviços e mercadorias que Pelbart (2013) desafia o nosso “sobrevivencialismo biológico” e questiona formas de vida de baixa intensidade, a “vida besta” refém do sequestro da vitalidade social, “morna hipnose”. Imagem que também nos remete à ideia nietzschiana do homem como “o animal não fixado”, o grande experimentador de si, mas também o mais doente de todos os animais, justamente porque está inexoravelmente confrontado à instabilidade, à mutabilidade, à insegurança, lançado ao desafio e ao combate infintos, à disputa por domínio sobre a natureza, os deuses e sobretudo sobre si mesmo, “esse insaciável ser impelido pela própria

potência cuja estabilidade e fixação só pode ser realizada por sua própria obra, ou seja, por meio da história e da cultura, basicamente por meio de instituições” (GIACCOIA, 2013, p.24-25).

Impelido pela própria potência, Mário Gomes, o poeta-andarilho, experimentou sobreviver disputando o domínio de si mesmo e incorporando uma postura extraviada e a-funcional fecunda para se pensar “a exigência de uma forma-de-vida, mas uma forma-de-vida sem forma e, precisamente, sem sede de forma, sem sede de verdade, sem sede de julgar ou ser julgado” (PELBART, 2003, p. 51). Forma de vida marcada por um agir que não impeça o sofrimento frente ao esgotamento civilizatório, mas que seja capaz de reagir ao cansaço, aos golpes, dando sentido ao vazio da existência. “A potência do corpo (aquilo que ele pode) se mede pela sua exposição ao sofrimento ou as feridas (...) Ser forte consiste primeiro em estar à altura de sua fraqueza” (LAPOUJADE, 2002, p. 88).

Portanto, é na esteira de um engendrar-se como rasura e deformidade, assumindo a dor da própria desfiguração, que arriscamos refletir sobre o poeta-andarilho e sua deriva urbana, forjada a partir dos 20 anos de idade, quando, expulso de casa pelo pai, dada sua insubordinação frente a horários e regras de conduta doméstica duramente impostos, ele passa a se moldar nas ruas, às custas das próprias astúcias, como um *flâneur* terceiro-mundista imprevisível e impossível, reivindicando no presente uma condição política de existência outra em meio à precariedade, colada à boemia, à camaradagem e à invenção.

Uma vez banido, Mário Gomes passa a se reinventar na pele do que Michel de Certeau (2009) denominou de “praticante ordinário da cidade”, o caminhante inumerável que, pé ante pé, numa imersão orgânica por dentro dela, a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, constitui sua mobilidade tática de enfrentamento e resistência, ainda que minúscula, aos poderes majoritários e à ordem imposta no seio das estruturas tecnocráticas; uma política do agir feita de desvios, escapatórias e astúcias vindas de imemoriais inteligências, apontando para a “rede de uma antidiplina” e para a liberdade interior dos não conformistas, mesmo quando reduzidos ao silêncio.

(...) eles são caminhantes, pedestres, *wandersmänner*, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um

elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade” (CERTEAU, 2009, p.159).

Indisciplinado e irremediavelmente tocado pelos “cheios e vazios” dos textos urbanos que precocemente se abriram a sua volta, Mário Gomes e seu afã juvenil de liberdade ainda seriam freados de modo controverso: com a anuência dos próprios familiares e a mando do pai, ele é internado seguidas vezes em hospitais psiquiátricos, experimentando o dissabor da clausura e o horror das então costumeiras sessões de choques elétricos na cabeça, combinadas a doses cavalares de psicotrópicos para transtornos mentais. Mas tantas vezes era trancafiado em manicômios, tantas vezes o (im)paciente fugia, questionando, a seu modo, os métodos de tratamento de então - “fui recebido como cobaia” (Jornal O Povo, 18/04/1998)<sup>16</sup>. E assim é que as ruas de Fortaleza, sobretudo o Centro da cidade, ponto de fluxo e convergência, lugar-símbolo de acontecimentos sociais, culturais e políticos de relevância histórica<sup>17</sup>, acabaram por se converter no refúgio ainda possível para Mário Gomes naqueles anos sessenta, época em que ele, cada vez mais desligado do núcleo familiar, também se lança a diversas viagens sem rumo, a pé ou de carona Brasil adentro, com pouco ou nenhum dinheiro no bolso, impelido pelo simples gosto pela aventura.

Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador. Dias e dias de estrada. Virações de todo tipo. Raspas e restos em bares e restaurantes. Maços de cigarro nos bolsos e um chão inteiro de guimbas para catar. Porres, muitos porres. Farras homéricas, tragicômicas. Em cada porto, um amigo, antigo ou recente, pronto a lhe garantir o dinheiro da passagem de volta a Fortaleza, a refeição do dia, roupas limpas em desuso, um cigarrinho que fosse, além de tragos e mais tragos. Presepadas inconsequentes. Como a noite em que entrou numa boate e se apresentou ao garçom como irmão do então famoso ator Jece Valadão<sup>18</sup>, recrutando para a sua mesa beldades interessadas em seguir carreira cinematográfica. Truque que lhe rendeu uma entre tantas prisões fortuitas com direito a safanões e coronhadas. A mais violenta delas: numa temporada de perambulação por Salvador, Mário Gomes é confundido com o “tarado do canivete”, que tinha como prática cortar as nádegas das vítimas, todas mulheres. Após dias

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida à autora e sem versão eletrônica, constando como anexo desta dissertação.

<sup>17</sup> O bairro desenvolveu-se às margens do riacho Pajeú e abriga o berço histórico da cidade: o Forte Schoonenborch, construído pelos holandeses entre 1649 e 1654. Com a mudança do porto para a região do Mucuripe, nas décadas de 1940 e 1950, a área sofreu um progressivo esvaziamento face a um processo de urbanização controverso.

<sup>18</sup> Jece Valadão (1930-2006) foi um ator e diretor brasileiro que teve sua imagem artística associada ao homem rude e machão, levando para o plano pessoal a fama de "cafajeste". Trabalhou em mais de cem filmes.

de detenção, interrogação, espancamentos e acareações é que a polícia enfim admite o erro, inclusive para a imprensa, que àquela altura já havia publicado fotos do “cearense” suspeito (CATUNDA, 2015).

Eis alguns fragmentos de “17 viagens” empreendidas a qualquer custo – ou a custo zero. “Fui nove vezes sem dinheiro a Salvador e a única vez que fui com dinheiro não gostei, não tinha graça. A graça é você conquistar aquilo que você necessita sem enganar ninguém” (Informação verbal)<sup>19</sup>. Bate-perna desarrazoado que invariavelmente acabava por trazê-lo de volta a Fortaleza – “eu sempre voltava pra ela não ficar só” (Informação verbal)<sup>20</sup>. Ela, no caso, é Francisca Coelho Gomes, dona Nenzinha, mãe de Mário Gomes, a quem o poeta amou em voz alta e com decantada admiração até 2008<sup>21</sup>, quando, segundo ele imagina, ela simplesmente sumiu (Informação verbal)<sup>22</sup>. E foi justo a mãe quem deu o basta - e o colo - diante do vai-



Figura 4 – Mário Gomes, o boêmio inveterado.

e-vem desenfreado do filho aventureiro, atraindo-o de volta à convivência familiar na casa do bairro Bom Sucesso, periferia da cidade. Gesto firme e amoroso que lhe custou o próprio matrimônio, já que o marido, Benedito Ferreira Gomes, encrespou, exigindo que ela escolhesse entre ele e Mário (CATUNDA, 2015).

<sup>19</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>20</sup> Idem, 2014.

<sup>21</sup> O diplomata e poeta Márcio Catunda (2015), biógrafo de Mário Gomes, supõe que Dona Nenzinha tenha falecido em 2008. No entanto, não garante a veracidade da informação. Ver versão eletrônica do livro ainda no prelo, mas disponível no site do autor: [www.marciocatunda.com.br](http://www.marciocatunda.com.br).

<sup>22</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Aos cuidados da mãe que o escolheu e livre do controle cerrado de outrora, Mário Gomes pôde enfim incorporar o caminhar pelas ruas da cidade como atividade diária, enquanto o ambiente doméstico, revisto e reconfigurado, passa a mero dormitório, um lugar de pouso-relâmpago para o refazer-se habitual do poeta-andarilho que, aos 29 anos de idade, adquire o benefício de uma aposentadoria por invalidez, respaldado pelo período de internações psiquiátricas ao longo da juventude. Com um salário mínimo pingando todos os meses e crédito a fundo perdido junto aos ambulantes da Praça do Ferreira, dada a confiança jamais arranhada entre as partes, viveria, desde então, com o que o seu gênio pudesse fazer daquela quantia, no limite do próprio sustento, priorizando itens considerados indispensáveis ao seu controverso manual básico de sobrevivência - a cachaça e o cigarro encabeçando a lista (CATUNDA, 2015).

O bate-e-volta à casa materna suplantaria algumas das demais necessidades: uma ou outra refeição decente, alguma higiene pessoal, a troca de roupas sujas por lavadas e engomadas, a administração de remédios para controle dos diagnosticados transtornos psíquicos, o sono restaurador sob teto coberto, compensando minimamente frequentes noites mal dormidas ao sereno. Porto-seguro providencial, mas cada vez menos acessado com o passar dos anos - sobretudo a partir do falecimento da mãe -, a não ser como espécie de salvo-conduto em situações adversas ou violentas nas ruas, entre perambulações de dias ou meses. Declarar endereço fixo, no entanto, jamais funcionou como atestado de lisura pelo meio do caminho (CATUNDA, 2015). Mário Gomes (GOMES, apud CATUNDA) confere a si mesmo, em cálculo desmedido, mais de cem prisões-relâmpagos, via de regra seguidas de agressões físicas, refregas vividas entre Fortaleza e outras capitais brasileiras por onde a vontade de desviar-se do rebanho o levou.

Como quem exibia músculos que nunca teve, o homem inadequado cuja prática microbiana de escape à disciplina inspirou perigo e foi alvo de coerções e punições diversas, soube listar, em tom jocoso, os mais comuns de seus “crimes”: ter pouco ou nada no bolso, estar desempregado, andar sem documentos, pedir comida ou cigarro, defecar ao relento, abordar desconhecidos, falar sozinho, entrar sem permissão em ambientes privados, contar lorotas, fingir-se famoso e abastado, meter-se em brigas ou incidentes afins em espaços públicos (CATUNDA, 2015). Alcançado inúmeras vezes pelas garras do poder, em flagrante exercício da política como “livre uso do mundo” (AGAMBEN, 2007), Mário Gomes não só treinou o corpo andarilho para suportar e safar-se dos enquadramentos próprios da ordem e da

moral vigentes, como também fez valer no domínio do discurso outra frente de batalha subjetiva, desfuncionalizando imagens-clichês e escapando, sempre que possível, às máscaras sociais impostas no meio do caminho.

Vivo levando nome por aí, vagabundo, louco, desses caras imbecilizados. O cara ser vagabundo e louco não é contra lei não, rapaz! O Código Penal não quer dizer nada. Vagabundo é ofensa? Não. Vagabundo é o cara que não tem vocação para trabalho nenhum. Isso não tem nada demais. Ninguém é obrigado a trabalhar. Vagabundo não precisa de nada. Eu não tenho vocação pra trabalhar pra ninguém não. Eu trabalho pra mim. Eu cuido de mim. Trabalhar pros outros? (Informação verbal)<sup>23</sup>

Trabalhar subjetivamente para si mesmo, a ponto de retirar cuidadosamente dos próprios ombros o peso da sentença moralista que condena e aprisiona a imagem do vagabundo numa fórmula estanque e abjeta, portanto negativa a priori, é algo que torna possível aproximar o pensamento de Mário Gomes à crítica dos valores morais tão intensamente empreendida por Nietzsche (1987). Para o filósofo que pensou a vida como invenção contínua, risco e força criativa, em face à rasa ideia de mera sobrevivência, o caráter universalista e a reprodução impositiva de juízos ou normas naturalizados como verdade incontestável batem de frente com o desafio ético da “instituição de novas tábuas de valor”(GIACOIA, 2013), que apontem justamente para o sentido contrário à moral opressiva, ao propor ressignificações permanentes do mundo e uma busca incessante por outros possíveis, a rigor, novos e múltiplos valores de afirmação e potencialização da vida.

Ainda na perspectiva de Nietzsche (apud DIAS, 2011), pensar o conceito de vida atrelado ao princípio da “vontade de potência” é também condição *sine qua non* para a tarefa política que é de todos em torno da invenção de novas formas de vida, a partir da experimentação e criação processual de si mesmo, um trabalho, como o de Mário Gomes, desobrigado porém árduo, mas que nada visa além do gozo da vida nela mesma. A filósofa Rosa Dias (2011, p.16) lembra que “é preciso produzir uma vida que queira mais vida, que seja a expressão de uma vontade de intensificar a potência”. Ao analisar criticamente *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, é no capítulo “Da superação de si” que o também filósofo Roberto Machado (1997) identifica, de modo positivo e mais explícito, “a definição de vida

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

como vontade de potência no sentido de auto-superação: tendência a subir, vitória sobre si mesma, domínio de si mesma, esforço por mais potência” (MACHADO, 1997, p.101).

É animada pelo princípio da vontade de potência, portanto, que a vida, de acordo com Nietzsche (apud DIAS, 2011), deve se apresentar como mutável, projetando-se além de si mesma sobretudo a partir da ideia da morte de Deus e da crítica aos valores transcendentais, onde a leitura metafísica e contemplativa do viver vai dar lugar ao enaltecimento do homem como criador ou inventor de si e do mundo. Assim é que, como expõe Dias (2011), o pensamento nietzschiano acaba por exortar cada ser humano a esculpir a própria existência como uma obra de arte. “A vida deve ser pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra, ao empregar toda a sua energia para produzir um objeto único” (DIAS, 2011, p.13). Para tanto, enfatiza, é preciso que compreendamos o viver como atividade criadora, alçando-o ao patamar da arte justamente com vistas à intensificação da potência inventiva.

A seu modo, é de vontade de potência como expressão de força e como forma inventiva de interpretar o mundo que Mário Gomes se alimenta para também gerar e reverberar alguns de seus poemas. Vide *Heresia do meu Egocentrismo*, onde escreveu em primeira pessoa sobre sua imaginada capacidade de superação e domínio, de existir resistindo:

Sou a potência universal Nº. 1  
Tanto material como espiritualmente  
Se um dia alguém der-me um tiro na testa  
A bala voltará  
E matará o atirador: se a bala penetrar no crânio  
Será dissolvido o Globo Terrestre  
porque o meu cérebro  
é a Bomba Atômica  
(GOMES, 1999, p.37)

Em um trecho do poema *Determinação*, o “sim” à vida como ato criador, onde toda a naturalização da impotência deve ser combatida, ressoa novamente vigoroso, ao mesmo tempo em que revela uma nítida disposição em Mário Gomes para dar forma ao desejo de tornar-se artista de sua própria existência: “Nos complôs da politicagem maldosa/e da armadilha social/Na loucura do mundo/Das mais simples das hipocrisias/E das imbecilidades/Eu me fiz maior/*Ninguém me despoetizará*/porque eu sou forte” (GOMES, 1999, p.109, grifo nosso). Sublinhe-se: ninguém me despoetizará. Para Mário Gomes, homem

ciente da própria força, alguém que acredita ter se feito maior ao escrever poemas avulsos e inúteis, era imperativo existir e resistir como o poeta da própria vida.

Para tanto, precisou cavar e ampliar forças, agregando-se como todos os corpos à luta do conjunto de forças anônimas associadas ao princípio da vontade de potência, que ora pendem para a conservação e a manutenção das coisas como estão, ora querem se expandir e excitar a criação da vida, em incessante metamorfose (DIAS, 2011). Perseguindo a prevalência do que Nietzsche chamou de “potência ativa” (apud GIACOIA, 2013), justamente a afirmação da vida como algo que quer se expandir e criar, vencendo a inércia, o poeta-andarilho ousou experimentar-se e viver poeticamente, compondo ele mesmo, não sem sangue, suor e engenho, sua forma-escultura no mundo.

Atento ao mundo e a si próprio, quis mais e mais vida, assim como vencer o tempo morto, como se lê em trecho do poema *Lamentos do Ego*:

Quero novamente lutar. Agir. Compor.  
Quero acima de tudo.  
Matar o tempo morto  
que ainda vive.  
Não quero vegetar mais.  
Não quero mais solidão.  
Não quero mais inércia.  
Não quero mais amar sozinho ninguém.  
Preciso atualizar-me.  
Preciso ler, estudar, conversar, discutir,  
Cantar, brigar, beber, rir, gargalhar.  
Preciso viver... viver... viver....  
(GOMES, 1999, p.93)

Para tanto, o poeta-andarilho, nem só poeta, nem só andarilho, mas um “entre”, trabalhou à exaustão, até o seu último suspiro. Ou mesmo para além dele, se levarmos em conta o vigor das seguintes palavras:

Eu me amo tanto que às vezes choro. Me dá uma pena danada de eu fenecer. Mas se a gente nunca morrer é um castigo muito grande. Morte não existe não. Existe um desligamento. O pensamento do corpo. O pensamento continua, que é a vida. Nosso corpo é herança de uma trepadinha de pai e mãe. No dia que o pensamento for embora o corpo enfraquece, se desmancha. É o pensamento que manda no corpo (Informação verbal)<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Pensamento-corpo-vida-arte. Em Nietzsche (apud DIAS, 2011), nada disso se separa, tudo se afirma e está interligado no campo de luta entre as forças criadoras e as forças inferiores de adaptação. Todavia, conforme nos aponta Dias (2011, p.49), “a consciência é apenas um sintoma de um fenômeno mais vivo que é o corpo”. Portanto, não é ela, a que segue a “moral do rebanho” e nada cria, porque atrelada ao senso-comum, o combustível gerador do processo geral de intensificação da potência capaz de tornar possível a vida como obra de arte, e sim o corpo pensador, anterior e superior à consciência, já que “é nele que o pensamento recebe sua informação, é no ato do corpo que ele encontra seu modelo” (DIAS, 2011, p.49). Tendo o corpo como centro da interpretação e organização do mundo, a autora reverbera Nietzsche e sua crítica metafísica, colocando os impulsos em primeiro plano e no comando dos esforços conscientes.

Qualquer que seja o método empregado para combater a violência de um instinto, a decisão, a vontade de combatê-lo resulta de um processo inconsciente. Em toda luta, o essencial nos escapa, nosso intelecto e nossa pretensa vontade são instrumentos cegos de um impulso que procura por outro para exercer sua potência, efetivar-se, dominar e criar novas interpretações. Isso porque a tendência fundamental da vida é vontade de potência e o homem uma pluralidade de vontades de potência (DIAS, 2011, p. 115).

Assim, Dias abre passagem para que toquemos a potência do corpo-andarilho de Mário Gomes, por ele mesmo apresentado: “O meu corpo é minha casa, minha vida e meu carro. Pneu é o sapato. E aqui tá a gasolina, a cachaça. Eu durmo dentro de mim. Moro dentro dos meus sapatos. Meu nome é Pensamento” (Informação verbal)<sup>25</sup>. No rescaldo da projeção que o poeta faz do próprio corpo, nele e para além dele mesmo, é de um corpo utópico, capaz de se fazer entrar em todo o espaço do outro mundo, em todo espaço do contramundo, no interior mesmo do espaço que lhe é reservado, ou seja, na sua materialidade, na sua carne, que Foucault (2013) também vem nos falar, tocando as partes invisíveis que nos compõem:

Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele - e em relação a ele como em relação a um soberano – que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e

---

<sup>25</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (FOUCAULT, 2013, p.14)

Reabilitado o poder utópico do corpo, é a partir de Nietzsche (apud DIAS, 2011) que também podemos pensar sobre o próprio conceito de vida quando ele nos afirma que não há vida sem criação, ampliando a conotação teológica que liga o termo a um Deus criador e nos lançando na dimensão expandida da arte, que vem se relacionar com a própria atividade humana, com atos que produzem e reinventam continuamente a existência, com toda forma de transfiguração. Assim, incita-nos a uma postura artística diante dela, animada pela vontade criadora, que, segundo Dias (2011), por também ser auto-inventora, se aplica ao devir, opondo-se ao que é fixo e a qualquer ideia de centralidade do “eu”. Ela observa:

O perene não é o sujeito criador nem o objeto criado, mas uma ação, uma ação contínua, um fluxo de vida constante (...) Criar é colocar a realidade como devir, isto é, aos olhos do criador não há mundo sensível já realizado onde é preciso se integrar. Criar não é buscar. Não é buscar um lugar ao sol, mas inventar um sol próprio (DIAS, 2011, p. 65-66).

Ao valorizar os impulsos estéticos como condição para a criação de novos modos de existência, chegamos com Nietzsche (2012) a sua concepção de vida como obra de arte, tendo como chave de leitura o aforismo 107 de *A gaia ciência*: “Como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno” (NIETZSCHE, 2012, p. 124). Para Dias, depois de pensar a arte como atividade ou ‘consolo’ metafísico, como ato de criação que produz obras de arte, através de dois impulsos antagônicos que vêm a se fundir - apolíneo, o mundo das aparências, a realidade fenomênica; e dionisíaco, a embriaguez, o caos da vontade - Nietzsche vai encontrar entre os gregos mecanismos estéticos através dos quais a existência foi justificada. Assim, entra em cena o artista humano, o homem tornado obra de arte.

Em *A gaia ciência*, o dilema de “uma vida sem sentido e sem o consolo de Deus” vai encontrar saída, portanto, na releitura do apolíneo como a arte de poder ver a si mesmo à distância, e no entendimento do dionisíaco como a arte de “como alguém se torna o que é”, “fórmula máxima da afirmação total da existência” (DIAS, 2011, p.96). É Rosa Dias (2011) quem chama atenção para dois aforismos nietzschianos que tocam esses conceitos. Em “pelo

que deveríamos ser gratos”, aforismo 78, Nietzsche (2012) observa que a saída apolínea imita a técnica artística do teatro de se pôr em cena para si mesmo:

Os artistas, especialmente os do teatro, dotaram os homens de olhos e ouvidos para ver e ouvir, com algum prazer, o que cada um é, o que cada um experimenta e o que quer; apenas eles nos ensinaram a estimular o herói escondido em todos os seres cotidianos e também a arte de olhar a si mesmo como herói, a distância e como que simplificado e transfigurado – a arte de se pôr em cena para si mesmo. Somente assim podemos lidar com alguns vis detalhes em nós! Sem tal arte, seríamos tão só primeiro plano e viveríamos inteiramente sob o encanto da ótica que faz o mais próximo e mais vulgar parecer imensamente grande, a realidade mesma” (NIETZSCHE, 2012, p. 99).

Em “O que se deve aprender com os artistas”, aforismo 299 de *A gaia ciência*, o filósofo nos exorta a poetas-autores de nossas vidas:

Aí temos algo a aprender dos médicos, quando eles, por exemplo, diluem o que é amargo ou acrescentam açúcar e vinho à mistura; ainda mais dos artistas, porém, que permanentemente se dedicam a tais invenções e artifícios. Afastarmo-nos das coisas até que não mais vejamos muita coisa delas e nosso olhar tenha de lhes juntar muita coisa para vê-las ainda – ou ver as coisas de soslaio e como que em recorte – ou dispô-las de forma tal que elas encubram praticamente umas às outras e permitam somente vislumbres de perspectivas – ou contemplá-las por um vidro colorido ou à luz do poente – ou dotá-las de pele e superfície que não seja transparente: tudo isso devemos aprender com os artistas e nos restante ser mais sábios do que eles. Pois neles essa sutil capacidade termina, normalmente, onde termina a arte e começa a vida; nós, no entanto, queremos ser os poetas-autores de nossas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas (NIETZSCHE, 2012, p. 179)

Para Dias (2011), não é à toa que Nietzsche vai relacionar a ação dionisíaca, da “arte de como alguém se torna o que é”, com os agenciamentos da literatura na construção de um personagem: trata-se, para o filósofo, da mais elevada forma de fazer frente ao sofrimento depois de esvaziadas as ilusões metafísicas. Entretanto, a autora faz questão de esclarecer que não existe um “eu” fixo ou estável por trás dessa ação, já que Nietzsche é, em última instância, “o porta-voz do devir, do transitório” e um crítico da noção de sujeito e de consciência. Por consequência, desmantelando a ideia de completude ou realização plena, o “tornar-se o que se é”, em Nietzsche (apud DIAS, 2011), aponta para um eterno superar-se, ao mesmo tempo em que nega um “eu” verdadeiro e recôndito, esperando por ser revelado em seu âmago:

[...] não a metamorfose pela metamorfose, mas a marcha lenta em direção a si mesmo, ao estado dionisíaco em que o homem se vê desembaraçado de todas as negações restritivas, para além de todo o bem e mal, onde possa pronunciar um sim incondicional a si mesmo e à vida. Assim, o homem deve tornar-se mestre de si mesmo pouco a pouco e só chega a tornar-se com a paciência de construir, durante longos anos, sua própria escultura (DIAS, 2011, p.102)

Em *Humano Demasiado Humano*, Nietzsche (2000) vai apontar que são poucos os que têm paciência para esculpir os seus talentos:

*Dons* – Numa humanidade altamente desenvolvida como a de hoje, cada um tem da natureza a possibilidade de alcançar vários talentos. Cada qual possui talento nato, mas em poucos é inato ou inculcado o grau de tenacidade, perseverança, energia, para que alguém se torne de fato um talento, isto é se torne aquilo que é, ou seja, o descarregue em obras e ações (NIETZSCHE, 2000, p. 181)

O homem entediado – ou o homem do rebanho –, guiado pela ordem e a moral vigentes, passivo e adaptado diante das convenções, totalmente capturado pelos hábitos, é tudo o que Nietzsche condenou. Para ele (apud DIAS, 2011), o maior e mais árduo desafio para o homem moderno, que, ao contrário dos gregos, encara a arte como lenitivo para seu mal-estar diante da descrença na religião, na sociedade e no Estado, é ousar ser ele mesmo, sair da posição de criatura indulgente consigo diante do absurdo da existência, escapar das malhas das crenças teológicas, para fazer valer seu gênio, seus atributos e atitudes de criador responsável pela própria vida. “Ninguém me despoetizará”, lembremos, novamente, a tenacidade em Mário Gomes.

Tenacidade que, na perspectiva nietzschiana, nada tem a ver com livre-arbítrio ou vontade consciente. Novamente, Dias ratifica:

Como ninguém tem um poder absoluto sobre si mesmo, ninguém poderá, em virtude de uma simples decisão, modificar-se profundamente em um sentido determinado. É o inconsciente, isto é, o corpo com seus impulsos que nos conduz (...) A inteligência e a vontade são instrumentos de sua mão (...) Animado por uma vontade de mudança, de crescimento, utiliza o intelecto para se alçar a um nível superior, para se superar sem trégua (DIAS, 2011, p.116-117).

Os procedimentos do artista, sobretudo os do poeta e os do romancista, tão caros a Nietzsche (apud DIAS, 2011) como “martelos” para esculpir a vida como obra de arte, em frequente fricção com ele, nos incitam a pensar em Mário Gomes, portanto, não como o

sujeito soberano que sabe quem é e o que quer, mas como o andarilho disposto ao despreendimento de si, à viagem sem volta, corajoso o bastante para experimentar-se, andar sobre cacos, arriscar travessias, ensaiar-se em meio à pluralidade de seres vivos que lutam e colaboram entre si para fortalecerem-se, fazendo valer as próprias potências. Em Humano Demasiado Humano, eis a imagem que Nietzsche (2000) monta do “Andarilho”, justamente no aforismo 638:

O Andarilho - Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão não pode se sentir mais do que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois essa não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular: nele deve existir algo de errante, que tenha *alegria na mudança e na passagem*. Sem dúvida esse homem conhecerá noites ruins, em que estará cansado e encontrará fechado o portão da cidade que lhe deveria oferecer repouso; além disso talvez o deserto, como no Oriente, chegue até o portão, animais de rapina uivem ao longe e também perto, um vento forte se levante, bandidos lhe roubem os animais de carga. Sentirá então cair a noite terrível, como um segundo deserto sobre o deserto, e o seu coração se cansará de andar. Quando surgir para ele o sol matinal, ardente como uma divindade da ira, quando para ele se abrir a cidade, verá, talvez, nos rostos que nela vivem, ainda mais deserto, sujeira, ilusão, insegurança do que no outro lado do portão – e o dia será quase pior do que a noite. Isso bem pode acontecer ao andarilho, mas depois virão, como recompensa, as venturosas manhãs de outras paragens e outros dias, quando já no alvorecer verá, na neblina dos montes, os bandos de musas passarem dançando ao seu lado, quando mais tarde, ao equilíbrio de sua alma matutina, em quieto passeio entre as árvores, das copas e das folhagens lhe cairão somente coisas boas e claras, presentes daqueles espíritos livres que estão em casa na montanha, na floresta, na solidão, e que, como ele, em sua maneira ora feliz, ora meditativa, são andarilhos e filósofos. Nascidos dos mistérios da alvorada, eles ponderam como é possível que o dia, entre o décimo e o décimo segundo toque do sino, tenha um semblante assim puro, assim tão luminoso, tão sereno e transfigurado: eles buscam a filosofia da manhã (NIETZSCHE, 2000, p. 306).

O legado afirmativo de Nietzsche para “a alegria na mudança e na passagem”, própria do andarilho, própria do artista da vida, também pode ser lido como um elogio enfático, atual e urgente à aventura dos sem-nome, os de difícil compreensão, que perseguem insaciáveis a “grande saúde”, aquela do aforismo 382 de *A gaia ciência*, que muito difere da “gorda saúde dominante”, do “empanturramento” (PELBART, 2003) do homem moderno ressentido e por demais nauseado, que não sabe como digerir ou livrar-se do excesso de peso civilizatório que lhe impede movimentos fora dos padrões, desgovernados, sem identidade, sem transparência

racional. O pensamento nietzschiano está mais para a figura do jejuador de Kafka (2012, p.34), - “talvez não fosse o jejum a causa de uma magreza tal que muitas pessoas, espantadas, viam-se obrigadas a evitar a apresentação porque não aguentavam vê-lo, mas a tal magreza era causada apenas pela insatisfação consigo próprio” -, o artista da fome de boca cerrada que se exhibe como atração ao público de um circo, um feixe de ossos prestes a fenecer, esquálido, esquecido, resistindo à comida que, aos poucos, já nem lhe é oferecida, até experimentar o inevitável último suspiro, sendo imediatamente substituído por uma pantera parruda e bem alimentada, muito mais interessante aos olhos dos curiosos do que seu habitual e já quase invisível “espetáculo” de definhamento público no fundo de uma jaula suja. Narrativa que respinga em Nietzsche (2012), justo em um trecho de *A grande saúde*, aforismo de A gaia ciência:

Nós, os novos, sem nome, de difícil compreensão, nós rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte, alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora. Aquela cuja alma anseia haver experimentado o inteiro compasso dos valores e desejos até hoje existentes e haver navegado as praias todas desse “Mediterrâneo” ideal, aquele que quer, mediante as aventuras da vivência mais sua, saber como sente um descobridor e conquistador do ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um devoto, um adivinho, um divino excêntrico de outrora: para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, a grande saúde – uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar... E agora, após termos estado por largo tempo assim a caminho, nós, argonautas do ideal, mais corajosos talvez do que seria prudente e, com frequência naufragos e sofridos, mas, como disse, mais são do que nos concederiam, perigosamente, sempre novamente são – quer nos parecer como se tivéssemos, como paga por isso, uma terra ainda desconhecida à nossa frente, cujos limites ainda ninguém divisou, um além de todos os cantos e quadrantes do ideal, um mundo tão opulento do que é belo, estranho, questionável, terrível, divino, que tanto nossa curiosidade como nossa sede de posse caem fora de si – ah, de modo que doravante nada nos poderá mais saciar!... Como poderíamos nós, após tais visões, e com tal voracidade de ciência e consciência, satisfazermos-nos com o homem atual? (...) (NIETZSCHE, 2012, p. 258).

Em Mário Gomes, o poeta-andarilho cujo paladar lhe lançou ao preparo de novos e diferentes modos de si, exigindo-lhe mastigação lenta e leveza existencial para seguir forte, como quis Nietzsche (2012), imperativo era manter teso o apetite pela invenção da vida, persistir no brincar de devorar o mundo, deixando-se devorar em contrapartida. Assim escreveu, cômico e saboroso, em *Antropofagismo*:

Eu, sem ser antropófago, já saboreei muita gente por aí.  
Minhas preferências são os esbeltos, violônicos corpos femininos: a mulher.  
Ah! Se a humanidade fosse toda antropófoga  
como eu teria o prazer de ser devorado  
em um banquete ou bacanal de lindas garotas  
sexys, histéricas, eróticas  
e eu, em cima de uma mesa qualquer totalmente nu  
Assado ou cozido  
Recheado de cebolas, tomates e farofas.  
Enquanto Odete espetava um dos meus esverdeados olhos  
que outrora foram profanos,  
Judite arrancava minha língua e mastigava furiosamente.  
Depois Maria Helena  
pegava uma faquinha de mesa e cortava  
delicadamente meu pênis ereto e dizia entredentes:  
- Como é gostoso esse Mário Gomes.  
(GOMES, 1999, p.40)

Tomado pela desafiadora ação artística de fazer valer novas e apaixonadas composições de vida, o ‘eu que vive e erra’ em Mário Gomes, poeta-andarilho, foi dar no ‘eu que escreve’, sem que uma pretensa coerência venha a encerrar a relação hifenizada de poeta-andarilho, traçada justo no ‘entre’. “Escrevo o que sinto. Não minto”, poetizou, em primeiríssima pessoa, no poema *Escrever*, para, mais adiante, acrescentar: “e nas minhas escritas encontro meu abrigo/Onde me vejo mais amigo” (GOMES, 1999, p.92). Assim, abrigado nas asas da poesia, ainda que notadamente sem qualquer intimidade formal com o gênero, o poeta da Praça do Ferreira imprimiu sobre papel suas próprias e espontâneas ideias de eu, de memória e de mundo, apontando para temáticas diversas e de fundo filosófico, como o sentido da existência, o enigma da criação, a inexorabilidade da morte, a crença em Deus, o amor, a dor, a amizade, o tempo, a própria poesia, o ‘Nada’.

Para ele, a poesia é “companheira e amiga”, “bela e cheia de esplendor”, “alegria de viver”: assim está escrito no poema *Exaltação à Poesia* (GOMES, 1999, p.27), simples e direto, onde também vemos o poeta afirmar que deve a vida à poesia e que nem a morte irá separá-los. Em oito livros de poemas publicados de forma independente, graças a prêmios literários ou sob a chancela de amigos mecenas, Mário Gomes deu vazão assim ao lirismo, à fabulação do próprio cotidiano, à imaginação surrealista, aos lapsos de memória, ao gesto de contornos autobiográficos. Menos como meio de afirmar uma identidade ou conferir autenticidade ao próprio discurso e mais como busca de si atrelada ao outro, arriscamos pensar. “E assim vivo escrevendo para alguém ler”, eis o final de sua exaltação.

Mário Gomes escreveu para alguém/ninguém ler. Escreveu para Maria Desconhecida, Isabel, Silvia, Sandra, Cristiane, Beth, Nenzinha, a mãe. Escreveu poemas para um outro

poeta, para alguém que gosta, para a que não veio, para o pai, para Deus. E também para Fortaleza, para a Praia de Iracema, para a Praça do Ferreira. E muito, muito mesmo, para si, em primeira pessoa. Via de regra, escreveu poemas como quem escreve cartas ou se põe a pensar e a imaginar alto. Assim, “desenvolveu-se”, moveu-se sem selo por meio da escrita, dando um sentido mais expandido à sua errância de muitos e nenhum destinatário. Escreveu de si para si como um modo de ser e de estar no mundo, às voltas com forças internas que deram vazão ao texto de um pensamento, apontando suas preferências e desconfianças.

O poeta-andarilho deixou-nos por escrito inclusive sua despedida do mundo, no poema *Meu Epitáfio* (GOMES, 1999, p.33): “Já que a Natureza/me trouxe chorando/deixai, ó morte/que eu morra rindo de ti”. Escrevendo, ele ainda se metamorfoseou, ao passo que também zombou e “transvalorou” o mundo com humor, como lemos em *Metamorfose* (GOMES, 1999, p.33): “ontem/ao meio-dia/no almoço/comi um prato de lagartas/e passei a tarde/defecando borboletas”.

Mário Gomes, supomos, escreveu para buscar a si mesmo, indagar-se, compor-se com inventividade, relacionar-se consigo, apresentar-se, manter-se alinhado ao desafio de viver poeticamente. Mas também para dizer-se atento ao presente, desconfortável e insatisfeito com o seu próprio tempo, instigado e em atrito com ele. No poema *O Pensamento*, ele divaga:

O pensamento voa.  
O meu já foi a Paris.  
Já ameí Catherine Deneuve  
Com os meus pensamentos.  
Já imaginei-me num lago  
Onde gansos nadavam até o anoitecer.  
Pensei num planeta desabitado  
Onde levaria pessoas puras, cultas,  
Para fazermos uma nova Humanidade.  
Sem nunca permitir o progresso,  
Só a conservação da natureza.  
Nunca a invenção do dinheiro.  
Pensei... pensei... e dormi.  
Ao acordar, senti o labirinto  
Do nosso mundo de hoje  
E fiquei triste.  
(GOMES, 1999, p.64)

Triste com o mundo de hoje, mas impelido a reinventar-se nas asas do próprio pensamento, o poeta-andarilho também nos leva a pensar com Foucault (2004) sobre nossa relação com a subjetivação, nossas maneiras de nos constituirmos como sujeito das suas ações

por meio de diferentes práticas, o que aponta para o “eu ético” refletido por Frédéric Gros (2006), “sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas” (GROS, 2006, p.128). Eis o que Foucault (2004) vai buscar entre os gregos da Antiguidade, aqueles que, para ele, ‘inventaram’ a relação de poder entre homens livres - e não só na política -, aqueles que passam a se preocupar originalmente em produzir o governo de uma vida livre: regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que conduzem a existência.

É de subjetivação que Foucault passa a tratar a partir do chamado “retorno aos gregos”, para quem um homem só poderia se constituir livremente e realizar a si próprio como campo de batalha, a partir do confronto entre práticas de dominação e práticas de liberdade. Subjetivação como invenção nietzschiana de novas possibilidades de vida, ou, como enfatiza Deleuze (1992), varrendo do horizonte qualquer leitura de retorno ao sujeito, “um campo elétrico ou magnético, uma individuação operando por intensidades (tanto baixas como altas), campos individuados e não pessoas ou identidades” (DELEUZE, 1992, p.121). Em Foucault (2004), portanto, são as relações de força que produzem formas de ser em diferentes momentos históricos, colocando em xeque valores morais e éticos que regem nossa existência, bem como as amarras identitárias que restringem ou corrompem nossa capacidade de invenção da vida. Ao que Deleuze acrescenta:

Não é mais o domínio das regras codificadas do saber (relação entre formas), nem o das regras coercitivas do poder (relação da força com outras forças), são regras de algum modo facultativas (relação a si): o melhor será aquele que exercer um poder sobre si mesmo (DELEUZE, 1992, p.145).

Assim, para Foucault (2004), o homem é livre no momento em que as forças ativas dominam as forças que tendem à submissão e ele então passa a dirigir a própria vida, fazendo circular novas formas de ser, outros modos de si, desconhecidos, ousados. Eis a vida como obra de arte, abrindo passagem para a estética da existência, a escultura de uma vida bela. Obra que, o autor enfatiza, não se desenha de modo pessoal, a partir de um sujeito.

(...) penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, ao contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural”. (FOUCAULT, 2004, p.291)

Portanto, é para a ideia de sujeito não como pessoa ou forma de identidade, mas como subjetivação, ou seja, como maneira de se relacionar consigo mesmo para se elaborar, o que implica em uma relação da força consigo - e não da força com outras forças -, que Foucault aponta na última etapa de sua obra, quando se debruça sobre a cultura greco-romana, deslocando a ênfase até então dada aos procedimentos de sujeição pelas máquinas do poder para centrar foco na história do sujeito a partir das práticas de elaboração de si - as artes de viver -, que emergem nas sociedades antigas. Em entrevista, Foucault explica o porquê do trajeto elíptico:

(...) na Antiguidade, a vontade de ser um sujeito moral, a busca de uma ética da existência eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo. Quanto a essa elaboração de sua própria vida como uma obra de arte pessoal, creio que, embora obedecesse a cânones coletivos, ela estava no centro da experiência moral, da vontade de moral na Antiguidade, ao passo que, no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assumia muito mais a forma de um código de regras (apenas algumas práticas ascéticas eram mais ligadas ao exercício de uma liberdade pessoal) (FOUCAULT, 2004, p. 289-290).

Para Foucault, ao passo que ideia de uma moral como obediência vai perdendo terreno ao longo dos tempos, é preciso preencher essa lacuna com “uma busca que é aquela de uma estética da existência”. Essa busca traz embutida, segundo Gros (2006), uma tese foucaultiana de reenquadramento filosófico: “se existe mesmo um enunciado constitutivo da subjetivação antiga é o “cuida-te de ti mesmo”, “tenha cuidado consigo mesmo”, mais do que o “conhece-te a ti mesmo”” (GROS, 2006, p.129). Assim, defende, o que Foucault viria a mostrar é que “nas formas antigas de subjetivação o conhecimento de si permanecia subordinado ao cuidado de si (era enquanto dever de cuidar de si mesmo que os elementos do conhecimento de si eram requeridos)” (GROS, 2006, p.130).

A relação do cuidado de si com o conhecimento de si no período socrático-platônico e no período helenístico vem revelar, assim, uma inversão entre a hierarquia de tais princípios, como demonstra Sílvio Gallo (2006), outro comentador de Foucault. Ele vê no período socrático-platônico “uma submissão da ética à política”, ou seja, conduzir a si era a base para a condução dos outros e da cidade. “Era preciso aprender sobre si mesmo, cuidar de si mesmo, para que fosse possível dedicar-se a cuidar dos outros, a conduzi-los” (GALLO, 2006, p.183). Já no período helenístico, a ética sobrepõe-se à política, “na medida em que

cuidar de si mesmo era tomado como mais importante do que dedicar-se a cuidar dos demais” (GALLO, 2006, p.184). A cultura de si se configura, portanto, como “espécie de resposta a uma certa conformação social, e não um reflexo, uma expressão ideológica de uma ordem material” (GALLO, 2006, p.184).

A partir das conexões que o autor expõe entre o cuidado de si e a estética da existência, em Foucault, é que ele vai então identificar a “virada” da moral cristã em relação à Antiguidade clássica, quando o cuidado de si não se opunha ao cuidado dos outros. Com o cristianismo, destaca, vamos experimentar um exercício de poder voltado para o controle e repressão, para o domínio das vontades, quando antes o cuidado de si e o cuidado do outro inscreviam-se em um contexto de prática da liberdade e treino de si para si. Assim, diante da negação de si mesmo diante de Deus, o processo de subjetivação marcado sobretudo pela sujeição vai fortalecer as “instituições sociais de sequestro” e suas formas de confinamento e disciplina.

Atento às más interpretações que o revolver dos princípios morais do cuidado e do conhecimento geraram em Foucault, Gros (2006) acrescenta que eles nada tinham a ver com observação introspectiva, supostamente voltada à decifração de uma natureza secreta, e sim com uma atenção focada no presente e nas próprias capacidades. Um “estar em si mesmo como um porto seguro, uma fortaleza irreduzível” (GROS, 2006, p.131), o que também não deve ser confundido com um elogio ao “eu” narciso, autossuficiente ou indiferente ao mundo e aos outros. A ética grega, segundo ele, tampouco é retomada por Foucault como modelo, ideal de comportamento.

“O que interessa a Foucault neste cuidado de si é a maneira como ele se integra num tecido social e constitui um motor da ação política (...) Não se trata de renunciar ao mundo e aos outros, mas de modular de outro modo esta relação com os outros pelo cuidado de si (...) Não se cuida de si para escapar do mundo, mas para agir como se deve” (GROS, 2006, p.131-132).

É à luz do superinvestimento do corpo que, de acordo com Pelbart (2013) tão bem caracteriza o biopoder contemporâneo, onde é explícito o predomínio da dimensão corporal na constituição identitária, que ele atualiza o pensamento foucaultiano sobre o cuidado de si e faz a crítica ao fato de que agora cada um se submete a sua ascese seguindo um preceito científico e estético. A aparência, a imagem, a performance do corpo, tudo deve se adequar às normas da cultura do espetáculo e perseguir os padrões ideais ditados por ela. Abraça-se voluntariamente a tirania do corpo perfeito em nome de um gozo sensorial imediato que vale

qualquer esforço ou sofrimento. Reduzidos ao mero corpo, excitável, manipulável, espetacularizado ou automodulável, estamos no domínio da sobrevida - ou da vida nua, meramente biologizada. Pelbart sintetiza:

Hoje, o eu é o corpo (...) A bioescese é um cuidado de si, mas à diferença dos antigos, cujo cuidado de si visava a bela vida, e que Foucault chamou de estética da existência, o nosso cuidado visa o próprio corpo, sua saúde, beleza, boa forma, felicidade científica e estética, ou o que Deleuze designaria por “a gorda saúde dominante”. Não hesitamos em chama-lo, mesmo nas condições moduláveis da coerção contemporânea, de um corpo fascista – diante do modelo inalcançável, boa parcela da população é jogada em uma condição de inferioridade sub-humana (PELBART, 2013, p.27-28).

Constituir um ‘corpo’ foi também função da escrita na cultura greco-romana, como nos apresenta Foucault em *A Escrita de si*, texto originalmente lançado em 1983. Seria transcrevendo leituras ou escrevendo cartas que o homem antigo transformaria as coisas vistas ou ouvidas em forças e sangue, extraíndo a ‘verdade’ delas e transformando-a em ethos, a partir da correspondência entre ato e palavra, ação e princípio. Eis a função transformadora da escrita, sobre a qual Foucault (2004) também se debruça para cruzar formas históricas em que a vida era encarada como passível de uma estetização. O passeio é revelador. Tem início no interior da vida ascética, quando os solavancos e as impurezas da alma deveriam ser registrados como forma de expurgar os pecados e envergonhar-se deles - a escrita substituindo o olhar dos companheiros, testemunhando os maus pensamentos - e chega ao seu uso “como uma arma no combate espiritual” diante do diabólico, do que é enganação no mundo e em si próprio. Para Foucault, antes do cristianismo, entre suas muitas funções, a escrita vem servir portanto à prática da ascese como trabalho não somente sobre os atos mas também sobre o pensamento. Ela serviu como técnica de exercício pessoal, uma “prática de si” em tom confessional, um modo mesmo de aperfeiçoar-se para melhor encarar o real:

Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver, a *technê tou biou*, sem uma askésis que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo (...) Parece que, entre todas as formas tomadas por esse treino (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita – o fato de escrever para si e para o outro – tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo (FOUCAULT, 2004, p. 146).

Ao reler Plutarco, Foucault também nos apresenta a função *etopoiética* da escrita, “quando ela é a operadora da transformação da verdade em ethos”, transformando discursos

tidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Assim é que, às voltas com documentos dos séculos I e II, se depara com os *hupomnêmata* e a correspondência. Os primeiros foram utilizados como espécies de “livros da vida” ou “guia de conduta”, figuraram como um tipo de caderneta de anotações rica em citações, exemplos, lembranças, “uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas” (FOUCAULT, 2004, p.147), “um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc.” (FOUCAULT, 2004, p.148). Sua importância no processo de subjetivação do discurso move-se na direção contrária a das narrativas de caráter espiritual e purgatórias, procurando “reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2004, p.149).

Em meio ao processo de constituição de um ‘corpo’ treinado para incorporar pensamentos e agir, Foucault (2004) entrevê nos antigos uma ética particular, marcada por uma cultura da tradicionalidade e pelo valor reconhecido do já dito. Assim, por meio “do jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve-se poder formar uma identidade através da qual se lê toda uma genealogia espiritual” (FOUCAULT, 2004, p.153), a partir de conhecimentos diversos e de muitas épocas que viessem a convergir para uma unidade.

Para Foucault (2004), bem próxima dos *hupomnêmata* estão as missivas, outro meio de exercício de escrita pessoal. Nelas, o escriba narra a si mesmo, mas com a intenção de afetar ao outro. “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2004, p.153). A carta enviada como um abrir-se e ao mesmo tempo uma forma de conforto ao correspondente é vista, portanto, como treino de si próprio para situações e eventualidades comuns.

(...) é alguma coisa mais do que um adestramento de si mesmo pela escrita, através dos conselhos e advertências dados ao outro: constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. A carta torna o escritor “presente” para aquele a quem ele envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente como uma espécie de presença imediata e quase física...” (FOUCAULT, 2004, p.156)

Escrever para outrem, portanto, não tanto como um decifrar-se de si por si mas como um dar-se a ver paralelo a um voltar-se ao outro, movimento que resulta em um revelar de nós

mesmos. Assim, Foucault acredita que os primeiros indícios históricos do relato de si não devem ser pinçados das “cadernetas pessoais” dos hupomnêmata, que operavam a constituição de si a partir da coleta dos discursos dos outros, mas na prática epistolar que narra e revisa o dia, redundado na troca de assistência espiritual e no exame de consciência. A relação de reciprocidade da carta, na sua qualidade de exercício, é, portanto, “a do olhar e a do exame”. (FOUCAULT, 2004, p.156)

Entre cadernetas e missivas, greco-romanos e cristãos, o que Foucault (2004) nos desafia a pensar hoje são as possibilidades de construção autônoma de si, em meio aos jogos de poderes, saberes e verdades a partir dos quais vamos nos constituindo, “um vitalismo sobre fundo estético” (DELEUZE, 1992, p.119). É para o presente, portanto, que ele direciona inquietações antigas, como o que estamos fazendo de nós mesmos e que maneiras mais ou menos “artistas” temos inventado para nos constituirmos como “si”. Ou ainda como podemos tornar possível a criação de espaços de desobediência e liberdade dentro mesmo dos modelos padronizados do viver, dando vazão às nossas potências e a modos singulares de existir articulados a uma nova relação com o outro, a novas composições de força, à invenção, enfim, de novos territórios existenciais éticos e estéticos. Para Gallo, o que se persegue é:

(...) a reciprocidade de uma ação ética baseada num cuidado de si e num cuidado do outro, em que o jogo da construção da liberdade só pode ser jogado como jogo coletivo, de mútuas interações e relações, em que as ações de uns impliquem em ações de outros. Um jogo em que uns se fazem livres aprendendo da liberdade dos outros, em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros (GALLO, 2006, p.188).

Em seus ‘escritos de si’, Mário Gomes compôs ensaios inacabados em torno de uma experiência de liberdade onde também está em jogo possibilidades de resistência e invenção de novos modos de ser e de estar no mundo, afinados ao desafio de tornar a vida uma obra de arte. Escrever poemas, para ele, foi durante toda uma vida “terapia” - “se não fosse a poesia eu seria um cara totalmente alienado, louco, doido, doido, doido...” (Jornal O Povo, 18/04/1988) -, mas também uma maneira de “entrar para a História” (Jornal O Povo, 18/04/1988)<sup>26</sup> e compreender, não sem “sensibilidade” e “conhecimento”, “a sua própria existência”<sup>27</sup>. Analisando os escritos de Nietzsche, é Oswaldo Giacoia (2013) quem abre

---

<sup>26</sup> Trechos da primeira entrevista concedida à autora pelo poeta Mário Gomes. Ver anexo nesta dissertação.

<sup>27</sup> Entrevista concedida a Fortaleza em Notícia - órgão Informativo de “Cá Estamos Nós”. Entrevistadora: Maria Vilma Matos Peixoto. Edição trimestral – Nº 01, outubro de 2002. Disponível em <http://poetamariogomes.blogspot.com.br/>. Acessada em 10/08/2013.

passagem para pensarmos sobre a obra sempre inacabada de uma vida e a deposição de si nas obras:

Os escritos são marcas num caminho, numa trajetória de constituição de si que jamais se completa, senão *post festum*. Essa trajetória é um “tornar-se o que é”, mas esse tornar-se jamais se plenifica, consistindo apenas em deposição de si ao longo do caminho, fragmentos e pegadas de um si mesmo que só pode ser recuperado parcialmente, como peças – e de maneira oblíqua, necessariamente desfigurada – em etapas privilegiadas do caminhar (GIACOIA, 2013, p.264-265).

Entre fragmentos e pegadas, *Poema ao Poeta Mário Gomes* soa como um elogio à singularidade de “um quem” que se quer poeta, uma projeção distraída e lúdica de si que pressupõe também o outro ou os outros com quem se vive e se quer comunicar (GIACOIA, 2013). Uma tentativa de alguma quebra do silêncio por meio da graça e do testemunho do que é, para ele, íntimo e nutritivo, sugestivo, cintilante, mas nunca seguramente revelador ou suficientemente claro quando levamos em conta o que nos escapa na arte de viver, como também a falsa aura de duração da escrita ou sua inadequação enquanto metáfora de abrigo seguro contra o esquecimento. Assim, eis o aceno que o poeta-andarilho nos dá, como quem convida para brincar de dizermo-nos entre gestos:

Mário Gomes é um amigo meu.  
Eu cuido bem do Mário  
Eu dou banho no Mário.  
Encho a barriga dele  
Dou-lhe comida e às vezes cachaça.  
Eu gosto muito do Mário.  
Arranjo mulher para ele.  
Levo-o ao cinema.  
Levo-o à praia.  
Ele é poeta.  
Mário gosta de todos os seus amigos.  
Mário é o melhor amigo meu.  
Esse Mário... esse Mário, minha gente, sou eu.  
(GOMES, 1999, p.49)

Ao espalhar seus rastros de poeta-errante entre palavras, esse Mário nos coloca assim, também, diante da fragilidade e do efêmero próprios do fluxo e das fontes de narração de nossas histórias e memórias, sejam elas orais ou escritas. Para Jeanne Marie Gagnebin (2006, p.44), “o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” e é essa tensão entre presença e ausência, “presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente” (GAGNEBIN, 2006, p.44)

que marca a incessante e vã luta contra o esquecimento. Ao passo que a palavra rememorativa quer manter viva a lembrança ou a memória dos mortos e esquecidos, ela inevitavelmente está sujeita ao apagamento, ao lapso, à incompletude, nos exortando a fazer um trabalho de luto, como enfatiza a autora: “Túmulo e palavra se revezam nesse trabalho de memória que, justamente por se fundar na luta contra o esquecimento, é também o reconhecimento implícito da força deste último: o reconhecimento do poder da morte” (GAGNEBIN, 2006, p.45).

Frente ao vulto da ausência que paira sobre a possibilidade de narração e a transmissão da memória através de uma escrita que deseja perpetuar o vivo mas, paradoxalmente, só o faz quando o codifica e o fixa, pronunciando a sua morte, enfrentamos à luz de Walter Benjamin (1994) o desafio de não calar e nem deixar de ouvir o eco imemorial dos vencidos como um apelo à felicidade no presente, onde é imperativo estabelecer uma aliança e uma relação com o outro sob suas diversas formas, através de passados-presentes imbrincados que desenham uma organização política mais ampla. Mário Gomes, o impossível narrador de si mesmo, que ora se revelou, ora se apagou entre rumores espalhados em ditos e escritos, escreveu, podemos assim supor, para levar sua assinatura até a orelha do outro, buscando sim, apesar de tudo - entre cacos de memória -, reconhecimento e ressonância, já que, segundo nos sugere Charles Feitosa (2002), ao rever criticamente os escritos autobiográficos de Nietzsche, é sempre do lado do destinatário, aquele que ouve e leva adiante o discurso de quem fala, imprimindo-lhe sentido, que a interpretação política de uma mensagem se dá, desdobrando-se numa interferência ética sobre o presente.

Para Agamben (2014), o desejo de reconhecimento pelos outros é essencialmente humano e se forjou culturalmente a partir da construção política e jurídica da identidade social e de máscaras-modelos de personalidade. Ele sustenta: “é somente através do reconhecimento dos outros que o homem pode constituir-se como pessoa” (AGAMBEN, 2014, p.77). Reconfigurada na Modernidade, a luta pelo reconhecimento vai abrir caminho para a constituição da “pessoa moral” por meio da “pessoa-máscara”, cujo desafio é manter a distância ética do “personagem” que a sociedade lhe atribui e através do qual passa a reconhecê-lo, de acordo com sua maior ou menor convivência. Ambivalência que perde sentido sobretudo a partir da segunda metade do século XX, quando a invenção de dispositivos de controle biométricos de identificação, vide a impressão digital, vai modificar radicalmente a concepção de sujeito e de identidade pessoal que até então estava ligada ao reconhecimento

por parte dos outros membros do grupo social, bem como à capacidade do indivíduo de assumir a máscara social sem se deixar reduzir por ela.

Refém de dispositivos de reconhecibilidade pautados por dados puramente biológicos - e não mais atrelados aos outros membros do grupo social -, o cidadão contemporâneo se vê assim reduzido à “vida nua”, aos números e dígitos, ao que há de impessoal e intangível no seu DNA, debatendo-se diante do controle absoluto e sem limites chancelado pelo Estado, que facilmente pode resvalar para a repressão em nome da segurança. Atento aos perigos inerentes a tais processos, Agamben questiona:

“Se a minha identidade é agora determinada, em última análise, por fatores biológicos que não dependem de modo algum da minha vontade e sobre os quais não tenho nenhum domínio, a construção de algo como uma ética pessoal se torna problemática. Que relação posso instituir com minhas impressões digitais ou com o meu código genético Como posso assumi-los e, ao mesmo tempo, distanciar-me deles? A nova identidade é uma identidade sem pessoa, em que o espaço da ética que estávamos habituados a conceber perde o seu sentido e tem que ser repensado desde o início. E até que isso aconteça é lícito esperarmos um colapso generalizado dos princípios éticos pessoais que governaram a ética ocidental durante séculos” (AGAMBEN, 2014, p.84).

Noutra chave de leitura, o autor também percebe na nova identidade sem pessoa a ilusão de uma multiplicação infinita das máscaras. É na internet, acredita, que elas estariam supostamente dispostas, prometendo-nos uma coleção falaciosa de novas identidades que retirarão o peso da responsabilidade moral e jurídica intrínseca de cada um. De acordo com Agamben, há certo grau de felicidade e de consolo no processo de intimidade forjado junto à “Grande Máquina”, que tem formas variadas de apresentação, seja quando entramos em um elevador e somos convidados a sorrir para câmeras de segurança que nos espreitam e vigiam, seja quando estivermos de posse de nossa super-carteira-de-identidade-biométrica, que não deixará sombra de dúvidas sobre quem somos aonde quer que estejamos, para o bem ou para o mal. São prazeres e certezas postiços que nos atrelam inexoravelmente ao funcionamento da Grande Máquina e nos fazem sentir vivos, reconhecidos e até gratos a ela, quando, a rigor, estamos sendo vigiados, enquadrados, controlados, enredados por seus tentáculos de infinito alcance, que a todos alcançam e põem para trabalhar.

Nem identidade pessoal, nem identidade sem pessoa. Para Agamben, a ordem é procurar “a nova figura do humano, aquele rosto para além tanto da máscara quanto da *facies* biométrica que ainda não conseguimos ver, mas cujo pressentimento, às vezes, nos faz

estremecer de repente tanto nas nossas perdas quanto nos nossos sonhos...” (AGAMBEN, 2014, p.86). Entre perdas e sonhos, Mário Gomes não fugiu ao *tête-a-tête* com a “Grande Máquina”, assumindo sem disfarces o desejo demasiado humano de reconhecimento público, inclusive via mídia. Seu declarado interesse por notícias e notória disponibilidade para equipes de reportagem e fotógrafos de ocasião, assim como a tática de identificar-se através de matérias de jornal sacadas de dentro dos bolsos do paletó, dizem sobre um personagem ciente das apropriações possíveis de sua própria invenção, mas também de alguém decidido a não se calar frente às máscaras indesejáveis coladas a sua pessoa, tomando posição diante delas.

Vide o episódio em que, enfronhado em suas leituras avulsas de jornal, se deparou por acaso com um artigo intitulado “Mário Gomes à mingua”, espécie de crônica anunciada de uma vida por um fio, escrita em tom de compadecimento e vitimização diante do aparente estado de abandono, desatino e definhamento que o poeta-andarilho expunha a céu aberto. Indignado e reativo, ele mesmo decidiu ir tirar satisfação com a autora do texto em seu local de trabalho, dirigindo-se à Redação. Não deu sorte. A repórter havia faltado justo naquele dia. De todo modo, por muitas tardes a fio, sabe-se que o Poeta da Praça do Ferreira desmentiu e maldisse cada palavra impressa no ‘parlamento’ livre e popular onde sua palavra não só era lei como repercutia longe<sup>28</sup>. Um trecho da crônica:

Magro de dar dó, ele vaga por aí, quase uma visagem, o corpo esquelético dançando no paletó que há muito não vê nem água, nem sabão, nem ferro de engomar. Os gestos repetitivos das mãos, os tiques, um tremor, a fala engrolada, sem sentido, o poeta tropeça pelas ruas que tanto o inspiraram, falando sozinho, por vezes brigando com seus fantasmas, sob o insulto da turba que não entende nem de poesia nem de dor. Não terá outros parentes, o Mário Gomes? Estará realmente tão sozinho neste mundo? O que se pode fazer? Será que uma internação não abrandaria os efeitos mais tristes da crise em que ele vive agora? Mário Gomes está morrendo de fome, miséria e abandono, não é da loucura - com esta, ele sempre soube, ao seu modo, conviver. Fico pensando que, se nada for feito por ele, agora, logo teremos apenas uma notícia no jornal: morreu, à mingua, o Poeta da Praça (CARVALHO, Eleuda de, Jornal O Povo, 13/08/2005, p.06).

Ora em aderência, ora em fricção junto à “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997), plasma da “Grande Máquina”, Mário Gomes fez caber sua estranheza sem lugar na polifonia urbana, trocando resignação e apatia por enfrentamento e astúcia. “A gesta ambulatória joga

---

<sup>28</sup> O episódio e seu desdobramento foi testemunhado pela autora, quando repórter do caderno Vida & Arte do jornal O Povo, para onde Mário Gomes se dirigiu em busca de explicações. Ver anexo nesta dissertação.

com as organizações espaciais, por mais panópticas que sejam: ela não lhes é nem estranha (não se passa alhures) nem conforme (não recebe delas a sua identidade)” (CERTEAU, 2009, p.167). Sensível aos movimentos de uma mídia ávida por exotismos e ‘queridinhos’, como também atento ao sentido de sua deriva crua e teimosa pelas ruas, lutou para não se deixar pasteurizar, por vezes lançando mão de uma ironia peculiar:

É o seguinte: eu tava cochilando perto do Ginásio Paulo Sarasate, de madrugada. Quando passou um carrão conhecido, com uma senhora, e perguntou: Mário Gomes, rapaz, você é morador de rua? Aí eu perguntei a ela, a coroa: e a senhora, tá morando aonde? Sabe o que ela disse? Eu moro naquela rua acolá. Ah, então a senhora é moradora de rua? E eu sou morador de que, homi? Ora mais! Ninguém mora em rua não, rapaz. A gente mora dentro da gente (Informação verbal)<sup>29</sup>.

Popular, afamado, midiático. Mas nem de longe ingênuo ou indefeso diante do poder de alcance e captura da “Grande Máquina” - ou de seu enviesado pertencimento a ela. É o que o poeta-andarilho deixou entrever ao ser questionado sobre a razão de, nos últimos anos, não mais escrever poemas. É que se sabia “dentro da internet, do computador”, aparelho inventado, arriscava supor, para captar tudo o que vinha à mente, até mesmo os produtos de seus próprios fantasmas: “vê até eu nu. O papa renunciou por causa disso, o Bento XVI. Foram dizer que isso aqui meu, o pênis, é a imagem de um santo, que faz cego enxergar e aleijado andar (Informação verbal)”<sup>30</sup>. Desvinculado de qualquer pertencimento ou identidade fixa, Mário Gomes cria a sua própria linguagem enigmática e cifrada, capaz de evocar o sagrado e se comunicar com o universo das divindades ou com o universo do outro.

Em *Os Gritos do Espírito*, ele novamente está à vontade com poderes secretos e forças invisíveis. Assim, faz desabrochar utopias de permanência seladas no corpo, projetando a própria “carcaça de carne e osso” contra as armadilhas da memória organizadora, meramente rememorativa, fixa e acabada:

Eu sou eterno  
Sou imortal... invulnerável.  
Sou mais importante e superior ao ouro.  
Sou mais forte que o aço e o ferro.  
Não tenho idade.  
Sou irmão gêmeo de Deus.

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>30</sup> Idem, 2014.

Sou Dele inferior, embora seja sua semelhança.  
Vivo preso... encarcerado  
Nesta carcaça de carne e osso por nome de Mário Gomes.  
Um dia me libertarei,  
Dando descanso a esse coitado  
Que sempre soube me aguentar.  
Um dia irei novamente para o espaço,  
No infinito, no bailar com outros irmãos encantados.  
Mário Gomes, me desculpe,  
Mas às vezes você me enraivece,  
Com sua fome,  
Com sua sede,  
Com sua embriaguez. CUIDADO.  
Um dia irei embora,  
E nunca mais me terá.  
Seu otário.  
(GOMES, 1999, p. 113)

Eterno. Imortal. Por fim, os gritos do espírito de Mário Gomes encontram ressonância em Walter Benjamin (1994), quando ele nos convoca justamente a “salvar” do esquecimento os “ecos de vozes que emudeceram” (BENJAMIN, 1994, p.222), os pequenos e não só os grandes acontecimentos. Não sob um ponto de vista nostálgico ou conformista e sim através de imagens de resistência que relampejam e espalham estilhaços de outros possíveis justo no hoje, um “tempo saturado de “agoras”” (BENJAMIN, 1994, p.229), o tempo presente, “grávido de futuro” (BARRENTO, 2013). Assim, a partir de sua condição errante, o poeta-andarilho nos impele a pensar a memória social como invenção prismática de mundo, memória igualmente andarilha, às voltas com a dimensão daquilo que se move em elipse contínua, se desmancha e se remonta, na esteira da colisão dos tempos, de intermitências e apagamentos, fazendo “saltar pelos ares o *continuum* da história” (BENJAMIN, 1994, p.231).



Figura 5 – Mário Gomes, “mais forte que o aço e o ferro”.

## SEGUNDO PASSO: o ‘escritório’ do poeta Mário Gomes. Ou de como aliar-se ao vento para colher calcinhas em lugares utópicos

### Canto à Praça do Ferreira nº 1

Praça do Ferreira,  
Praça Arquitetônica  
De uma deselegância bela  
Gosto do teu ventinho fresco e macho.  
Fresco pela sua suavidade gostosa.  
E macho porque quando vê um rabo-de-saia  
Quer logo levantá-lo,  
Dando de graça aos desocupados  
A visão das calcinhas  
Das mulheres que passam,  
faceiras e apressadas.  
Praça do Ferreira!  
Praça das mendigas com suas crianças de aluguel,  
Dos engraxates, das vendedoras de cafezinhos,  
Praça dos velhos aposentados,  
Dos músicos, das putas sociais,  
Dos pederastas assumidos.  
Lembro-me com saudosismo  
O Abrigo do “Pedão da Bananada”  
Da tua Coluna da Hora  
Dos teus benjamins com seus “lacerdinhas”  
A arder nos olhos dos transeuntes.  
Praça do Ferreira, eu te amo!  
(GOMES, 1999, p.85)<sup>31</sup>

2014. Em Fortaleza, 35 graus à sombra na chamada Esquina do Pecado<sup>32</sup>, onde o vento faz a curva em espiral e não escolhe hora para promover o desfile involuntário de calcinhas coloridas sob saias esvoaçantes, no pedaço mais ‘fresco’ e ‘macho’ do Centro da cidade. Sob sol a pino, no limite do visível, a imagem tremeluzente que irrompe simbólica em meio à turba caminhante da Praça do Ferreira, como se voltasse o rosto para um tempo desaparecido, é a de um Quasímodo<sup>33</sup> contemporâneo em carne e osso, personagem estranhamente reconfigurado no aqui e agora, poeta-andarilho em errância deliberada e inclassificável, espécie de dândi às avessas, desafortunado, desajeitado, extemporâneo, trôpego e corcunda

---

<sup>31</sup> O poeta Mário Gomes é autor de dois cantos à Praça do Ferreira: Canto à Praça do Ferreira nº 1 e Canto à Praça do Ferreira nº 2. Lugar-símbolo e referencial de Fortaleza, localiza-se entre as ruas Major Facundo, Floriano Peixoto, Dr. Pedro Borges e Travessa Pará, no Centro da cidade. Foi oficialmente declarada Marco Histórico e Patrimonial de Fortaleza pela lei municipal 8605 de 20 de dezembro de 2001.

<sup>32</sup> Entre os anos 1950 e 1960, assim era chamada a esquina da rua Major Facundo com a rua Guilherme Rocha, no centro de Fortaleza. O motivo: uma forte ventania que invariavelmente levantava as saias das transeuntes. Não à toa, portanto, o local tornou-se parada obrigatória de rapazes que ali se postavam para esperar e ‘brechar’ as alunas da Escola Normal. Ver: <http://www.fortalezaemfotos.com.br/2011/11/dois-momentos-da-praca-do-ferreira.html>

<sup>33</sup> Personagem coxo e corcunda do romance Notre-Dame de Paris, também conhecido como O Corcunda de Notre-Dame, publicado em 1831 pelo escritor francês Victor Hugo (1802-1885). A obra tem como cenário a Paris medieval, em meio às contradições entre pedintes e ciganos e o rei e a realeza.

dentro de seu paletó-sem-gravata encardido e amarrotado, peça-curinga inseparável do arranjo plástico incomum que ele compôs para si, uma segunda pele sem a qual jamais saiu às ruas, até que se prove o contrário.

Avariado e bêbado, mas curiosamente altivo em seu desequilíbrio pendular sobre um par de sapatos de segunda mão, o corpo sexagenário projetado para a frente, como uma vírgula ambulante, Mário Gomes corta a Praça do Ferreira de uma ponta a outra em lento ziguezague, cigarro aceso, cabeça baixa, olhos voltados para a base aonde pisa, largo que conhece como a palma da mão, íntimo de cada desnível vencido pé ante pé, desde que, banido de casa pelo pai, aos 20 anos, plantou-se por ali como mais um benjamim apinhado de lacerdinhas, assumindo, por sua conta e risco, entre cúmplices de ocasião, o gosto pela boemia desenfreada e a vocação para poeta diletante, pendores inaceitáveis em família, mas que, na Praça, redimensionada como ponto-zero de suas virações e perambulações diárias pelas ruas da cidade, encontrariam vias de escape e alguma interlocução.



Figura 6 – Mário Gomes atravessa a Praça do Ferreira e alvoroça o espírito do lugar.



Figura 7 – Mário Gomes entre bodejos: um pensamento delirante.

Claudicante e sozinho, Mário Gomes marcha junto a sua própria sombra. Aqui-acolá interrompe o trajeto, enverga, alinha o gesto, retarda o passo, exaspera-se a troco de nada, volta a seguir. Destacado do mundo, em desatino contido, mastiga as palavras, entabula conversas consigo mesmo em dialeto quase indecifrável, bodeja como se suas solas recordassem, o dedo em

riste riscando no ar os rodopios de um pensamento delirante. Quase meio-dia e já molha a garganta. Está à vontade. E é fácil perceber o porquê: ali, na principal artéria do centro de Fortaleza, uma boa parte dos habituais transeuntes o conhece ou, no mínimo, reconhece nele uma espécie de desconhecido íntimo, espalhado junto à multidão anônima. Assim, de um lado a outro, o que se ouve são cumprimentos em voz alta, acenos, reverências ligeiras ao homem irrequieto cuja simples proximidade dos passos anima e alvoroça o espírito do lugar.

No contrafluxo, o inverso também acontece, em clara advertência endereçada ao antigo sentimento romântico de paisagem, próprio do flanador, que se dissolve a olhos vistos e progressivamente na esteira da modernidade: pois eis que ali também surgem os cenhos franzidos em sinal de estranhamento, os indisfarçáveis desvios de caminho, as reações temerosas, as aversões explícitas, as portas na cara, as eventuais chacotas, algum bate-boca ou ainda iminentes agressões físicas. Assim mesmo, entre divisas e barreiras, feito um hífen ambulante, ora poeta reconhecido e acolhido nas ruas, ora andarilho desaforado e maltratado ao relento, Mário Gomes segue seu rumo-sem-rumo entre rumores. Dado momento, é certo: ele vai ter com ambulantes de plantão para fazer a ‘feira’ de cigarro e cachaça, vinho ou cerveja - com ou sem moedas.

Tudo porque, ali, nos interstícios da Praça do Ferreira, a alma do negócio é outra: todos os meses, os mais chegados sabem, Mário Gomes recebe sua aposentadoria por invalidez, benefício adquirido por conta do suposto quadro psicótico diagnosticado ainda na juventude - “quando eu tinha 20 anos de idade me botaram num asilo de doido, na marra, na Parangaba. Eu sou doido, por acaso?” (Informação verbal)<sup>34</sup> - e é com aquele salário-mínimo mensal, entregue em mãos pelo próprio gerente da agência Floriano Peixoto do Banco Itaú, sem a necessidade de qualquer documento de identificação, que ele prontamente acerta as contas com cada um de seus ‘fornecedores’. E vai além: muitas vezes paga em dobro, que é para garantir crédito a fundo perdido e poder renovar as dívidas num *continuum*.

Continuo sendo aposentado por invalidez desde os 28 anos. Quando a dra. Bel, do Banco do Brasil, me viu todo todo sujo, cagado, mijado, rasgado, pegou meus documentos, aplicou um golpe, junto com o caixa, de um empréstimo, que eu não quis. Quebrou a cara. Porque descobriram. Não tem vergonha não, minha senhora? Esse rapaz tá todo sujo mas é a roupa dele, não é ele não, viu Dona Bel? Ela foi transferida, o caixa foi transferido pro Montese e transformaram no Itaú. Recebo no caixa, integral, no dia 30. Aí pago minhas dividas. Recebo 678 e vai pra 724, que a Dilma prometeu (Informação verbal)<sup>35</sup>.



Figura 8 – Mário Gomes, aposentado por invalidez e bom pagador.

<sup>34</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>35</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Na Praça do Ferreira, endividado ou não, em qualquer dia do mês, Mário Gomes ainda se valeria de fazer escolhas: ir até a banca de revistas comprar edições antigas da revista Playboy, vendidas a ele, e só a ele, a R\$ 3,00 - “não diz que toda nudez será castigada? No homem. Na mulher é adorada” (Revista Farol, 08/2011) - ou lançar mão de algum jornal e deter-se sobre o que lhe interessava no momento, notícias ligadas ao circuito cultural local ou assuntos polêmicos em voga na ‘tribuna popular’ da Praça. A rigor, três deles lhe rondavam a cabeça naqueles dias: a Copa do Mundo de 2014 - “14 no Código Penal é ladrão” (Informação verbal)<sup>36</sup>; a legalização da maconha no Uruguai - “o povo daqui não tem consciência, quando a pessoa tem o pensamento curto não pode” (Informação verbal)<sup>37</sup> - e o mirabolante encontro entre a presidente brasileira Dilma Rousseff e o papa argentino Francisco, cujo nome verdadeiro, segundo o poeta, seria Mário Jorge e para quem ela deveria mostrar o livro que há tempos lhe intrigava: “30 Papas que envergonharam a humanidade”.

Eu leio todo dia jornal. Jornal é uma faculdade que atualiza a pessoa. Eu tô lendo o que é cabível na hora. O Diário do Nordeste, do Edson Queiroz, ele distribui nas padarias pra cliente especial. Como não sou especial nem cliente pego na marra, boto debaixo do braço e saio. Aí tem a Playboy, única revista universitária de mulher nua de verdade, não é pornô nem visual, é educativa. Compro pra pagar no fim do mês na banca da Martinha. É educação, nu artístico, o nome da revista é a revista do homem, se fosse de homem era só putaria.” (Informação verbal)<sup>38</sup>.

De fome ou de sede, na Praça do Ferreira Mário Gomes também não padeceria: tinha carta-branca para entrar na lanchonete Duda’s Burguer, cujas mesas avançam sobre o largo, e pedir água ou comida em copos descartáveis a qualquer funcionário do balcão. Ordem do dono, cuja simpatia havia conquistado às custas de uma lábia afiada, quando, inclusive, chegou a sugerir-lhe outro nome para o estabelecimento, a partir de livres associações: ao invés do americanizado Duda’s, melhor seria trocar para Buda’s, visto que os chineses estavam dominando o mundo e o budismo seria a filosofia de vida deles a ser seguida. Igualmente simpáticos ao poeta-andarilho, os atendentes da farmácia Avenida, contígua à Praça, também lhe concederiam livre trânsito no recinto, abrindo as portas para que acessasse

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>37</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>38</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ao bel prazer o espaço reservado aos fundos, onde, à sombra, se assim desejasse, poderia sentar-se em cadeiras acolchoadas para fazer a *siesta*.

Ao saber-se bem-vindo, ia além. Ali, sob luz branca fosforescente, é que Mário Gomes se recompunha à frente de um espelho de parede inteira, mirando-se bem de perto para reposicionar milimetricamente a tira de pano vermelho na lapela do paletó ou prender a calça frouxa com um arame retorcido que fazia as vezes de abotoadura precária à altura da cintura - bricolagem ironicamente batizada por ele como “cinto muito” (Revista Farol, 08/2011). Aparentemente satisfeito diante da imagem refletida, entre risos pontuais e balbucios, ao fim do ritual muito particular permitia-se divagar: “a gente não se vê. Eu te vejo, mas não me vejo, entende? Quem vê a gente é o espelho. Quem vê o olho da gente é o espelho. Se eu olhar pro espelho eu me vejo. Eu tenho olho, eu sei visualizar” (Informação verbal)<sup>39</sup>.

Como as crianças, que levam muito tempo para tomar ciência do próprio corpo, necessitando do espelho para entenderem que têm forma, contorno, espessura ou peso, que, enfim, o corpo ocupa um lugar no mundo, Mário Gomes parece observar seu próprio reflexo com lentes foucaultianas quando, a seu modo, mirando o invisível, nos põe a pensar sobre a relação entre corpo e utopia, entendendo o corpo como o ponto zero do mundo, aquele que não tem lugar ou está sempre em outro lugar, sendo que “é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos” (FOUCAULT, 2013, p.14). Para Foucault (2013), são justamente o cadáver e o espelho que nos asseguram um espaço para a experiência utópica do corpo.

Ora, se considerarmos que a imagem do espelho está alojada para nós em um espaço inacessível, e que jamais poderemos estar lá onde estará nosso cadáver, se considerarmos que o espelho e o cadáver estão, eles próprios, em um inatingível outro lugar, descobrimos então que unicamente as utopias podem fazer refluir nelas mesmas e esconder por um instante a utopia profunda e soberana de nosso corpo (FOUCAULT, 2013, p.15-16).

Atravessado pelos desdobramentos de um corpo utópico e atento aos detalhes da indumentária que lhe requer espelhos - nos bolsos do paletó sempre havia muitos tipos deles, em vários tamanhos e formas, assim como tesouras, restos de tecidos, recortes de jornais, livros e bugigangas -, Mário Gomes também inventou para si um improvável guarda-roupas a céu aberto, com casacos, calças e camisas supostamente entocadas embaixo de pedras e

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

árvores que só ele identifica, à espera de seu refazer-se diário. Da memória, recuperou: “eu tava na Praça e um senhor chegou perto e disse: ‘rapaz, você tem um estilo cinematográfico! Vou te dar o terno do dia do meu casamento. E deu!’” (Revista Farol, 08/2011).



Figura 9 – Mário Gomes atento ao que veste.

Em torno do vestir, há outras fabulações, como a que aponta para uma espécie de limbo onde pinça, ao acaso, peças para compor diferentes figurinos: “esse paletó caiu lá de cima de um condomínio, quando eu tava passando pelo Papicu... ôpa, Papicu não, Papicó. Vi que aquilo tinha qualidade, Pierre Cardin, e apanhei do lixo” (Revista Farol, 08/2011). Em Mário Gomes, a atenção às roupas - ou o gesto de apanhar Pierre Cardin e devolvê-lo ao mundo impregnado de sujeira terceiro-mundista - não diz tão somente sobre seu flagrante apetite diante do belo. Ou notório senso estético. Francisca Coelho Gomes, a dona Nenzinha, mãe e figura central na vida de Mário Gomes, era costureira. Ele recorda: “ela pegava a revista Cláudia e fazia igualzinho. Quando eu era menino, calção e camisa era ela quem fazia” (Revista Farol, 08/2011). E emenda: “Ela costurava pra quem encomendava. Ela

me ensinou a vestir bem, limpou a orelha, vai lavar o pé, o sapato não é assim não, toma essa roupinha aqui... Sempre o primeiro filho é o mais bem criado” (Informação verbal)<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Sobre vestígios de uma infância vivida entre máquinas de costura, retalhos, tesouras e agulhas, o filósofo Walter Benjamin (2012) também deixou escritos. Filho de costureira, como Mário Gomes, ele narrou, entre fragmentos de memórias infantis na Berlim de 1900, o que sua imaginação de criança punha dentro da caixa de costura da mãe, revirando, em particular, não aquilo que de imediato lhe saltava aos olhos, como carreteis, botões, elásticos ou colchetes, mas o conteúdo intangível ‘escavado’ de um imaginário fundo escuro: o ato mesmo de costurar, o ponto dado com a agulha do verso ao reverso do pano, a imagem de figura e fundo surgindo juntas, entreatos, os vestígios sanguíneos de antigas agulhadas na cabeça do dedal (BENJAMIN, 2012, p.129-130). Tudo isso, pensando com Benjamin, está ligado à capacidade de imaginar o furo por debaixo das coisas, o entrançado desfeito, os avessos do mundo, o refugio, a porosidade, a parte oca de nossas memórias e histórias, os trancelins enviesados dos tempos que também se põem a vestir e desnudar Mário Gomes.

É essa forma “mágica” de nomear e ver as coisas, própria da criança, que Giorgio Agamben (2007) nos reapresenta como provocação quando discorre sobre as imposições, as representações e o empobrecimento da linguagem no decorrer da vida adulta, resultando em nossa incapacidade de magia e invenção. Voltar à dimensão de uma língua secreta que só experimentamos na mais tenra infância, como “desvio em relação ao nome”, é o desafio que ele nos propõe em nome de uma ideia imprevista de felicidade que nada tem a ver com sujeito ou consciência – e sim ou tão somente com o prazer de nos flagrarmos ainda capazes de magia. O que Agamben nos propõe, portanto, é um reencontro com o não dito naquilo que se diz, com a imaginação e a fantasia na construção de uma sensibilidade.

O nome secreto é, na realidade, o gesto com o qual a criatura é restituída ao inexpresso (...) Por isso, a criança nunca fica tão contente quanto quando inventa uma língua secreta própria. Sua tristeza não provém tanto da ignorância dos nomes mágicos, mas do fato de não conseguir se desfazer do nome que lhe foi imposto. Logo que o consegue, logo que inventa um novo nome, ela ostentará entre as mãos o passaporte que a encaminha à felicidade (AGAMBEN, 2007, p.22)

Mário Gomes, podemos arriscar, inventou os próprios nomes, para além até da capa protetora de ‘poeta da Praça do Ferreira’: “meu nome é Pensamento” (Informação verbal)<sup>41</sup>. E ainda desenrolou uma língua secreta, fragmentada, dissonante, em ditos e escritos. ‘Mágico’ e

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

‘delirante’, instituiu para bel prazer inclusive uma nova idade, um recomeço poético, um tudo de novo, imagem que também nos remete à ideia da infância em Agamben (2013), quando ele nos faz recordar que a mais humana das características - nomear as coisas -, ou seja, a aprendizagem da linguagem, sempre permaneceu estreitamente ligada a uma condição infantil e a uma exterioridade. Assim, leia-se Mário Gomes e sua “Segunda Infância”:

Segundo os mais doutos,  
A vida do homem começa aos quarenta anos.  
Tenho, portanto, um ano de vida.  
Nestes quarenta e um anos de vida embrionária.  
No ventre da existência, passei por obstáculos  
Que só quem me conhece acredita.  
Com o tempo, descobri-me poeta  
Deslumbrando-me com o pôr-do-sol  
Com o encanto das estrelas  
Tornei-me um namorado da lua  
Hoje, com apenas um ano de nova idade,  
Continuo apaixonado pela natureza  
Estou chorando, quero mamar,  
Ponham-me no colo, mulheres,  
Ajudai-me, amores meus!  
(GOMES, 1999, p.121)

Bem antes de descobrir-se poeta, Mário Gomes descobriu a poesia. De calças curtas e a contragosto. No melhor pedaço da primeira infância. Numa escola com ares de sítio, onde, durante o recreio, subir em árvore para roubar frutas ou caçar passarinhos era prática comum entre meninos do primário. Nunca tinha lido um poema na vida quando, d. Ritinha, professora austera que falava nervosamente cuspidando o rosto das crianças, obrigou-o a decorar *Pássaro Cativo*, de Olavo Bilac. Eis o primeiro contato com métrica e rima, a primeira injeção de lirismo aplicada à força mas posteriormente digerida pela memória (GOMES, 1999). E uma quiçá primeira lição de liberdade:

Armas, num galho de árvore, o alçapão;  
E, em breve, uma avezinha descuidada,  
Batendo as asas cai na escravidão.  
Dás-lhe então, por esplêndida morada,  
A gaiola dourada;  
Dás-lhe alpiste, e água fresca, e ovos, e tudo:  
Porque é que, tendo tudo, há de ficar  
O passarinho mudo,  
Arrepiado e triste, sem cantar?

É que, crença, os pássaros não falam.  
Só gorjeando a sua dor exalam,  
Sem que os homens os possam entender;  
Se os pássaros falassem,

Talvez os teus ouvidos escutassem  
Este cativo pássaro dizer:

“Não quero o teu alpiste!  
Gosto mais do alimento que procuro  
Na mata livre em que a voar me viste;  
Tenho água fresca num recanto escuro  
Da selva em que nasci;  
Da mata entre os verdes,  
Tenho frutos e flores,  
Sem precisar de ti!  
Não quero a tua esplêndida gaiola!  
Pois nenhuma riqueza me consola  
De haver perdido aquilo que perdi...  
Prefiro o ninho humilde, construído  
De folhas secas, plácido, e escondido  
Entre os galhos das árvores amigas...  
Solta-me ao vento e ao sol!  
Com que direito à escravidão me obrigas?  
Quero saudar as pompas do arrebol!  
Quero, ao cair da tarde,  
Entoar minhas tristíssimas cantigas!  
Por que me prendes? Solta-me covarde!  
Deus me deu por gaiola a imensidade:  
Não me roubes a minha liberdade...  
Quero voar! voar!”

Estas cousas o pássaro diria,  
Se pudesse falar.  
E a tua alma, criança, tremeria,  
Vendo tanta aflição:  
E a tua mão, tremendo, lhe abriria  
A porta da prisão...<sup>42</sup>

Da primeira à derradeira infância, a poesia voou livre dos pés à cabeça de Mário Gomes. Mas já não haveria registro de nada escrito ou no prelo a partir de 1999, ano de publicação de *Uma Violenta Orgia Universal*, seu oitavo livro (CATUNDA, 2015). Com o passar dos anos, ao passo que envelhecia precariamente nas ruas, cada vez mais ensimesmado, o poeta-andarilho recolheu asas, deixando em definitivo de colocar no mundo ‘cantigas’ de próprio punho. Sem qualquer indício de lamentação ou nostalgia, dizia não ser mais necessário o registro manuscrito de qualquer inspiração. Que ao longo da mocidade já lera e escrevera demasiadamente, até à exaustão. E que teria, com o passar das novas idades,

---

<sup>42</sup> O Pássaro Cativo, poesia de Olavo Bilac, disponível em:  
<http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pinf/pinf0068.htm>. Acessado em 02/07/2015.

se tornado, enfim, ele próprio, a poesia<sup>43</sup>. Assim, interrompeu seu “besteirol literário”<sup>44</sup>, imaginando, existir - e não sem algum sentido -, uma rede de comunicação onipresente atuando feito panóptico que tudo vê, fotografa e registra para a posteridade, capaz de gravar e transmitir os poemas que ainda lhe passavam pela cabeça ou que viesse a declamar aos quatro ventos. Eis o último, jamais publicado - e segredo ao pé do ouvido:

Quer ouvir o recente? Eu agora faço um improviso de fala porque as parabólicas captam e gravam, aí eu não preciso escrever mais não. É assim: Uma abelha/com seu ferrão/largou a picadura/na menina dos olhos de um cara/ele ficou cego/e disse que foi amor à primeira vista (Informação verbal)<sup>45</sup>.

No poema *Quando eu Morrer* (GOMES, 1999, p.94) Mário Gomes imaginava algo diferente. Deixou escrito que ao despedir-se iriam distribuir suas camisas, calças, meias e sapatos - “as cuecas jogarão fora/ninguém usa cueca de defunto”. Em contrapartida, ao vasculharem suas gavetas, um dos “esconderijos em que o homem, grande sonhador de fechaduras, encerra ou dissimula seus segredos” (BACHELARD, 2008, p.87), encontrariam poemas diversos à mancha. Engano. Nenhum poema ou rascunho. E nenhum esconderijo a vasculhar. Abandonada desde a morte da mãe, dona Nenzinha, supostamente em 2011, a casa 357 da rua Sousa Carvalho, no bairro Bom Sucesso, aos poucos se deteriorou e foi dilapidada, o que levou o poeta-andarilho a afastar-se dela por definitivo, enfronhando-se sem volta pelas ruas. Ele próprio narra, entre fabulações:

Não te avisei que lá em casa eu não posso ficar? A minha casa não tem mais nada, não tem fogão, só jornal espalhado pelo chão. Levaram minha mãe também. Eu passei 63 anos ao lado da minha mãe. Todo dia ela me dava uma carteira de cigarro, todo dia ela me dava um café... aí levaram minha mãe, sumiu. Apareceu um defunto assim sem ela, uma caixa cheia de pedra, depois um carro branco, dois caras mascarados, Caminho do Sol Turismo. Quando eu vi disse: esse defunto aí não é minha mãe não. E defunto é turista? (Informação verbal)<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> Informação oriunda do curta-metragem “Mário Gomes, o Poeta da Praça do Ferreira”, de Zé Baptista, lançado em dezembro de 2014, em Fortaleza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIzFfX6kzf4>. Acessado em 10/07/2015.

<sup>44</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>45</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>46</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Cadáver e turista são duas imagens com as quais Agamben opera ao pensar sobre a uniformização e morte das cidades europeias, em particular Veneza, chamando atenção para o modo como a modernidade vende e embeleza seus defuntos urbanos, maquiando-os, embalsamando-os e/ou violando-os para turista ver. Assim, para ‘exumá-los’, volta o foco para a vida espectral que começa justamente onde tudo acabou, onde vagueia o gênio do lugar, que, entre “larvas” -, pede passagem, freme, acena, sussurra. Para o autor, as cidades-fantasmas e a espectralidade como forma de vida, próprias de um tempo larval que apenas finge um futuro, só se abrem e prometem cumprir suas promessas a “figuras raríssimas, quase exiladas”, a rigor “a quem tiver sabido tornar-se íntimo e familiar, voltando a soletrar e memorizar as suas palavras e pedras descarnadas” (AGAMBEN, 2014, p.67).

Tornar-se íntimo e familiar da ‘cidade-fantasma’ que escolheu para viver e assombrar, esgueirando-se na fronteira da linguagem e esculpindo com a imaginação uma matéria narrativa troncha, colada ao corpo, à paisagem e à experiência sensível - portanto indesejável e inapreensível para o capitalismo turbinado de formas redutoras, ligeiras e facilmente assimiláveis -, foi o trabalho de Hércules do poeta-andarilho. Trituradora de subjetividades, sua época, fortemente marcada pela expropriação da experiência da alteridade na cidade-espetáculo (DEBORD, 1997), ainda lhe exigiria mais: algo como recolher e carregar sobre os ombros, até o ponto mesmo de envergar, o intolerável do presente, carradas e carradas de aprisionamento, pedaços de uma vida póstuma e espectral inexoravelmente reduzida à condição de larva.

Monturo insustentável resultante de uma série de perdas anunciadas com os ventos da modernidade e que só se esgarçaram desde então: a perda da experiência comum e de valores ditos seguros, outrora tecidos entre gerações por laços de tradição e afeto; a perda da capacidade de narrar e de ouvir, obstruindo a passagem e a transmissão de histórias e memórias capazes de gerar sentimentos de coesão e pertencimento; a perda da eficácia da força da palavra que, esvaziada de sentido, já não comunica nem se deixa imprimir profundamente na vida de quem narra ou de quem ouve (BENJAMIN, 1994). Assim mesmo, sobrecarregado de fraturas, a imagem provocativa do poeta-andarilho é a de quem interpela o seu próprio tempo, reunindo forças e coragem não só para sustentá-lo sobre as costas, como também para transformá-lo, agindo sobre ele e relacionando-o com outros tempos e outros possíveis.

Agamben enfatiza: o poeta deve manter fixo o olhar no seu tempo. E é justo com essa imagem que ele constrói sua definição singular do que é o contemporâneo, a partir de uma

dissociação e de um anacronismo, onde não se pode fugir da escuridão de seu tempo, já que ela lhe diz respeito, nem deixar de perceber nele mesmo, em sua “íntima obscuridade”, uma luz que procura nos alcançar sem nunca poder fazê-lo, que, dirigida até nós, afasta-se irremediavelmente, como uma fratura no tempo histórico coletivo, “no tempo cronológico, algo que urge dentro dele e o transforma” (AGAMBEN, 2014, p.27). Daí, porque, para o autor, os contemporâneos são raros e ser contemporâneo é uma questão de coragem, dado que sua vida é pautada pela atenção ao não vivido.

“(…) exatamente através dessa cesura, dessa interpolação do presente na homogeneidade inerte do tempo linear, o contemporâneo coloca em ação uma relação especial entre os tempos (...) ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações (...) é como se aquela luz invisível, que é a escuridão do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (AGAMBEN, 2014, p.32-33).

No contrafluxo da homogeneidade inerte do tempo linear, é com Walter Benjamin (1989) que podemos reconfigurar e recorrer no presente a uma outra imagem afinada ao poeta-andarilho: a do trapeiro, aquele que apanha do chão o que a história oficial deixou de lado como algo sem função, sentido ou importância. Eis o “corcundinha”<sup>47</sup> às avessas, que, ao invés de esconder e colecionar coisas alheias atrás de sua corcova, revolve e traz à tona cacos de existências esquecidas ou soterradas, sobre as quais simplesmente não se quis contar, já que, afinal, não se saberia o que fazer daquilo (GAGNEBIN, 2006). Lançando mão da metáfora movente do catador de lixo das metrópoles globalizadas, Benjamin lê anacronicamente a obra poética de Charles Baudelaire<sup>48</sup> na Paris moderna:

Os poetas encontram o lixo da sociedade nas ruas e no próprio lixo o seu assunto heroico. Com isso, no tipo ilustre do poeta aparece a cópia de um tipo vulgar. Trespagam-no os traços do trapeiro que ocupou a Baudelaire tão assiduamente. Um ano antes de *O Vinho dos Trapeiros* apareceu uma descrição em prosa dessa figura: “Aqui temos um homem – ele tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o cafarnaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avaro com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis”. Essa descrição é apenas uma dilatada metáfora do comportamento do poeta segundo o sentimento de Baudelaire. Trapeiro ou poeta – a escória diz

---

<sup>47</sup> Corcundinha é um personagem lendário lembrado por Walter Benjamin em fragmentos de textos rememorativos de sua infância em Berlim de 1900. Seu espectro assombrava crianças que costumavam perder ou quebrar objetos pessoais.

<sup>48</sup> Escritor francês (1821-1867), autor, entre outras obras, de *As Flores do Mal*. A sua produção literária e crítica faz surgir os fundamentos da modernidade sob o ponto de vista da estética. A nova paisagem urbana típica da modernidade é um traço característico de sua obra.

respeito a ambos; solitários, ambos realizam seu negócio na hora em que os burgueses se entregam ao sono; o próprio gesto é o mesmo em ambos (...) é o passo do poeta que erra pela cidade à cata de rimas; deve ser também o passo do trapeiro que, a todo instante, se detém no caminho para recolher o lixo em que tropeça (BENJAMIN, 1989, p.78-79)

Sob o 'lixo' acumulado entre o moderno e o contemporâneo, ergue-se a grande metrópole, chão em constante metamorfose onde o poeta-andarilho reinventou o próprio cotidiano, fazendo valer aquilo que Michel de Certeau (2009) nos apontou como a forma mais elementar da experiência urbana: "andar pela cidade". Para Certeau, o ato de caminhar é uma realização espacial do lugar, assim como um espaço de enunciação. O caminhante atualiza a ordem espacial, inventa outra, transforma cada significante, aumenta o número de possíveis diante da fixidez da ordem construída. E assim, embaralha a univocidade do sistema. Daí porque a deriva urbana pode ser encarada como prática inventora de linguagem, onde, sobre o campo de operações programadas e planejadas de uma cidade, à revelia dos discursos que a ideologizam, proliferam astúcias e poderes sem identidade, sem transparência racional, impossíveis de gerir.

Se são os jogos dos passos que moldam os espaços e tecem os lugares, como assegura Certeau, é de espaço vivido que não é localização nem fixação, mas pura dinâmica e extensão, que tratamos ao olhar com o poeta-andarilho para os usos imprevistos e a ressignificação que ele faz do cenário urbano, elegendo como seu *locus* de enunciação preferencial o Centro de Fortaleza, outrora a mais vibrante e prestigiada feição-símbolo da cidade, hoje pálido retrato do que prometia vir a ser na aurora do século XX, enquanto lugar fundante de trocas simbólicas, reservatório e escoadouro das mais diversas formas de sociabilidade e invenção em torno de praças, cafés, cinemas, rodas literárias ao sereno, confrarias e agremiações artísticas, teatros, hotéis, bares, residências de portas abertas para saraus e reuniões informais - flancos entreabertos à pausa, ao abrigo, à fruição artística, à elasticidade das horas.

É outro o Centro contemporâneo: 'cenário-larva' que finge estar vivo e tem seus membros decompostos em função da circulação e da velocidade, um mero lugar de passagem e colagem de superfícies rasas, quase sem assinaturas ou pontos de referência. Mancha urbana da "cidade-corredor" convertida numa trama de fluxos ininterruptos em todas as direções, às voltas com espaços desmaterializados, provisórios, quase invisíveis de tão espessos, carentes de legibilidade. Retrato 3X4 da metrópole que entra para o século XXI como a quinta mais

desigual e a sétima mais violenta do mundo<sup>49</sup>. Travos comuns a cerca de dois milhões e meio de habitantes, população às voltas com a controversa formação sócio-cultural de Fortaleza, que, a rigor, não guarda diferenças significativas em relação a outras tantas metrópoles brasileiras constituídas na esteira de um projeto moderno paulatinamente entregue ao fascismo do sistema de controle do capital.

Das muitas Fortalezas que coexistem em uma só e se devoram, Mário Gomes escolheu olhar de frente e enfrentar todas. Assim, cercado de riscos e de astúcias, entre virações e camaradagens, foi dar em círculos literários que lhe abriram as portas para saraus e encontros artísticos de livre trânsito, alternativos ou profissionais. Conheceu escritores consagrados e diletantes, fez da leitura hábito e companhia fiel, produziu ao sereno os próprios poemas e com o apoio de amigos remediados e eventuais premiações em concursos afins não só sobreviveu pelas ruas sem trabalho, como tirou do prelo oito livros de sua lavra, em tiragens irrisórias, mas independentes. Tudo isso se armando a partir de um ângulo particular dos interstícios da cidade, ponto luminoso na geografia urbana em transe: justamente o dito “coração do Centro da cidade” – eis como toda a população se refere à Praça do Ferreira.

Em praça pública, ao sereno, é que se desenha, como que suspenso no ar, o enigmático “escritório do poeta Mário Gomes”. A rigor, um simples assento de madeira a serviço de encontros literários diários em torno de uma figura central e inspiradora, amante das letras. Mas, se pensamos com Foucault (2013), algo bem além: um “lugar utópico”, um “contra-espço” imprevisto, forjado e reverenciado pelo poeta-andarilho e seus “sócios”, um mundo em miniatura ali fundado - e não somente uma inusitada confraria ao ar livre, sem chaves, regras ou vencimentos, infiltrada dentro e fora da polis, justamente no ‘entre’. Apanhemos com Bachelard (2008), para quem fazer o grande sair do pequeno é um dos poderes da miniatura.

Assim o minúsculo, porta estreita por excelência, abre um mundo. O pormenor de uma coisa pode ser o signo de um mundo novo, de um mundo que, como todos os mundos, contém os atributos da grandeza. A miniatura é uma das moradas da grandeza (BACHELARD, 2008, p. 164).

---

<sup>49</sup> Sobre a desigualdade social em Fortaleza, ver mais em <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/01/19/noticiasjornalpolitica,2991525/o-preocupante-quadro-da-desigualdade-social-em-fortaleza.shtml>; Para mais dados em torno do levantamento feito pela Organização Mundial da Saúde em relação ao quadro de violência em todo o mundo, ver <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/tres-cidades-brasileiras-estao-entre-dez-mais-violentas-do-planeta.html>.

Parêntese no meio da gramática urbana, o minúsculo “escritório do poeta Mário Gomes” rompeu a atmosfera da Praça do Ferreira na segunda metade dos anos 1970, aberto tanto a figurões das letras e das artes locais quanto a iniciantes, admiradores, curiosos e desocupados de plantão. Como parlatório fluido e sem paredes, pousado como ficção justo em torno do banco à sombra com vista frontal para o majestoso cinema São Luiz<sup>50</sup>, seguiu resistindo mais ou menos assíduo até o início dos anos 2000, cumprindo o ritual infalível de rodas de conversa informais armadas em torno do (extra)ordinário anfitrião de reconhecido carisma, o único dentre todos os outros capaz de atrair audiência fiel para lorotas, potocas e poemas servidos ao ar livre e sem qualquer protocolo, em tardes ensolaradas que facilmente poderiam se desdobrar em noites de boemia sem freio.

Impreciso, seu cordão umbilical, pode-se supor, estaria ligado à Casa de Juvenal Galeno<sup>51</sup>, outro “lugar utópico” do Centro de Fortaleza, endereço-sede das reuniões e saraus do Clube dos Poetas Cearenses, agremiação literária onde, ao final da década de 1960, ainda aspirante a poeta, Mário Gomes encontrou guarida e interlocução para experimentar-se como tal, pondo à prova os primeiros escritos e tecendo sua primeira roda de amigos literatos. Assim, ainda com Foucault, é pelo “escritório do poeta Mário Gomes”, cujo início ou fim nem o próprio ‘dono’ precisaria ao certo, que também podemos olhar “utopicamente” para a Praça do Ferreira, mesmo sendo ela um lugar fixo no perímetro central. Afinal, é sob o calor do ventre da Praça que, sem pertencer a lugar algum, Mário Gomes e seus pares inventam um “lugar fora de todos os lugares”, universo paralelo que se agita e coexiste numa outra dobra, a da imaginação. Impossível, portanto, esmiuçar sua cronologia, delimitar suas fronteiras, recompor seus mais sutis movimentos ao longo de todo o ‘desreinado’ do poeta-andarilho. No coração assoberbado da cidade, o “escritório do poeta Mário Gomes” forjou-se, assim, como a alavanca imaginária que suspende espaço e tempo para existir e resistir como “utopia”. Foucault assinala:

Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são *absolutamente* diferentes; lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que *contraespaços*. As crianças conhecem perfeitamente esses

---

<sup>50</sup> O Cine-Teatro São Luiz, popularmente conhecido como Cine São Luiz ou Cinema São Luiz está localizado no centro de Fortaleza, contíguo à Praça do Ferreira. Com capacidade para 1.500 pessoas, foi construído pelo Grupo Severiano Ribeiro e inaugurado em 1958. Tem Tombo Estadual segundo a Lei nº 9.109, de 30 de julho de 1968, através do decreto nº 21.309, de 13 de março de 1991.

<sup>51</sup> Localizada à rua General Sampaio, 1128, tem como diretor atual o bisneto do poeta Juvenal Galeno (1836-1931), Antônio Santiago Galeno Jr. Ver: <http://www.casadejuvenalgaleno.com.br>

*contraespaços*, essas utopias localizadas. É o fundo do jardim, com certeza o celeiro, ou melhor ainda, a tenda de índios erguida no meio do celeiro, ou é então – na quinta-feira à tarde – a grande cama dos pais. É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois pode-se nela esconder-se; é a noite, pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis; é, enfim, o prazer, pois, no retorno dos pais, se será punido. Na verdade, esses *contraespaços* não são apenas invenção das crianças (...) A sociedade adulta organizou, e muito antes das crianças, seus próprios *contraespaços*, suas utopias situadas, esses lugares reais fora de todos os lugares (...) essas contestações míticas e reais do espaço (FOUCAULT, 2013, p.19-20).

A “grande cama” do poeta-andarilho, armada na Praça do Ferreira, é, portanto, filiada à “hetero-topia”, ciência que, segundo imaginou Foucault, se dedicaria a estudar “não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum”, mas aqueles “espaços absolutamente outros” (idem, p.21). Para ele, “em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (idem, p.24), raciocínio que também se estende à questão do tempo. As heterotopias são, para Foucault, parentes das “heterocronias”. Assim, filiado às heterocronias, Mário Gomes também desarruma a cama do tempo em seu escritório feito de molas de mistério, pulando sobre nuvens que se fundem e fazem colidir as diversas temporalidades ali superpostas, entre os bancos de madeira que circundam todo o logradouro e o cume da estilizada Coluna da Hora, monumento ao tempo cronológico e reificante da vida moderna, erguida ainda em 1933, já com seu relógio de quatro faces a badalar, em alto e bom som, o início e o fim de cada dia de expediente comercial.

Da ‘cama-escritório’ do poeta-andarilho é possível vislumbrar uma série imprevista de “passados-presentes” (HUYSSSEN, 2000), a começar pelo vulto do mentor do “*contraespaço*” que é pura e simples abertura, a Praça do Ferreira. Foi no papel de Intendente Municipal, cargo hoje equivalente a Prefeito, que um boticário fluminense radicado na capital cearense definiu o perímetro original do logradouro, ainda em 1843. Antes disso, ao chegar em Fortaleza, em 1825, Antônio Rodrigues Ferreira, o Boticário Ferreira, havia instalado sua farmácia no local que hoje corresponde ao número 566 da rua Major Facundo, próximo ao terreno arenoso de muitas árvores onde um cacimbão e um chafariz atraíam viajantes para uma pausa no centro da cidade. Ali ele se dedicou à manipulação de medicamentos e cura de doenças entre os mais pobres, para depois fazer carreira política e autorizar a intervenção pública que veio a delimitar o quadrilátero onde passariam a acontecer as primeiras feiras livres da cidade e onde ele próprio também promoveria “batuques”. É, portanto, em

homenagem ao benfeitor e político que a Praça do Ferreira é batizada, em 1871, com o seu nome, depois de chamar-se Feira Nova, Largo das Trincheiras, Praça Dom Pedro II e Praça da Municipalidade. Crônicas de época dizem mais sobre o personagem:

Em 1825, período de seca, veio a Fortaleza, a convite do comerciante Antônio Caetano de Gouveia, cônsul de Portugal, o caixeiro nascido em Niterói, Antônio Rodrigues Ferreira, “(...) feio: um pouco baixo, magro, moreno, narigudo, cabelo quase à escovinha, trajava mal e era inseparável de uma luneta de ouro que não tirava do olho direito e o afeava ainda mais. Era também um tanto fanhoso como Gambeta ou José de Alencar”. O caixeiro tinha conhecimentos práticos de medicina e farmácia e, por ocasião do parto da esposa de Gouveia, salvou-lhe a vida. Agradecido, uma mão às vezes se lembra de lavar a outra, Gouveia auxiliaria o “Ferreira boticário” a estabelecer a sua botica, no mesmo prédio em que moraria o resto da vida, na rua da Palma, atual Major Facundo (...) Durante 17 anos seguidos, até às 21 horas do dia 29 de abril de 1859, data de sua morte por um aneurisma de aorta, foi a maior autoridade da cidade de Fortaleza (NETTO, 2014, p.25).

À entrada do século XX, a Praça do Ferreira era então um denso areal com oitizeiros, mongubeiras, castanholeiras e capim, circundado por frades de pedra, tendo ao meio um cacimbão, que servia para abastecimento de água, além de quatro quiosques ao redor, um em cada extremidade, funcionando como bares-cafés onde os mais letrados discutiam política e literatura. Destaque para o primeiro deles, o Café Java, erguido em 1886 por Manoel Ferreira dos Santos, o Mané Coco, sujeito gorducho e estridente, que costumava recitar com estardalhaço versos de Guerra Junqueira, além de cantarolar modinhas e repetir incansável provérbios de almanaque. Anfitrião entusiasta de uma freguesia formada basicamente por jovens artistas e poetas, ele viu nascer em seu estabelecimento, em 1892, nada menos do que o famoso e original grêmio literário conhecido como Padaria Espiritual, que antecipou em 30 anos as ideias da Semana de Arte Moderna no Brasil.

Na aurora do século XX, o coração da cidade abriu-se ainda mais com o passar dos anos: Café do Comércio, Café Iracema, Café Elegante, Maison Art-Nouveau, Café Riche, Café Avenida, Rotisserie, Confeitaria Glória, Bar da Brahma, Café Globo, Bar O Jangadeiro. Eis alguns dos redutos etílicos-culturais instalados nos arredores da Praça do Ferreira e disputados por uma elite letrada e ávida por informações aliada ao frenesi de uma vida social novidadeira. Segundo o escritor e cronista Juarez Leitão, o Centro foi o ponto de convergência preferencial da boemia fortalezense por pelo menos oito décadas seguidas, até a controversa expansão urbanística que levaria infra-estrutura para outros bairros e acabaria por esvaziá-lo bem antes do romper do século XXI. Nesse ínterim, porém, vultos deixaram rastros e ladrilharam o caminho por onde Mário Gomes passou. Vide o poeta Quintino Cunha, cuja

presença de espírito e afiada ironia renderam-lhe fama renovada a cada vez que rebatia às pilhérias dos amigos de pena e de copo do Café Riche, ainda naquela primeira metade do século XX. Assim conta o cronista:

Quintino Cunha, sempre pronto a responder com inteligência e humor a todas as provocações de adversários e admiradores. Como naquela em que, recebendo de seu amigo Gomes de Matos um par de chifres, muito bem embrulhado numa caixa de papel, no dia de seu aniversário, retribuiu com um ramalhete de flores. Gomes ficou de cara no chão com a resposta civilizada do poeta e caiu na besteira de comentar: “Ora, Quintino, eu estou morto de vergonha. Te mando um par de chifres e tu me cobres de flores?!”. “É fácil explicar, meu amigo Gomes - retorquiu o arguto Quintino – cada um dá o que tem (LEITÃO, 2002, p.25).



Figura 10 – Praça do Ferreira, década de 1930.

É rompendo o tempo elástico que liga as conversas e os tragos do “escritório do poeta Mário Gomes” ao clima literato e igualmente boêmio dos bares e cafés da Fortaleza do início do século que chegamos ainda ao perfil chistoso e à meticulosidade do escritor, pesquisador e folclorista Leonardo Mota, incansável garimpeiro da cultura popular do sertão, cento e tantos quilos de simpatia e conhecimento profundo dos cantadores de viola e do adagiário matuto. Freqüentador do Café Avenida, cujas portas permaneceram abertas até o ano 1928, o autor de “Cantadores”, “Violeiros do Norte” e “Sertão Alegre” também fez fama nos arredores da Praça do Ferreira como bom de palestra e de copo. Leitão rememora:

Leota foi também um dos mais ilustres boêmios da Praça do Ferreira. Bebia muito e não perdia a linha, o raciocínio perspicaz, o repente oportuno, a ironia brilhante. Era grande palestrador dos cafés e dos bares. Assessor Especial do presidente João Thomé, ganhou deste, no fim do governo, um cartório, o mais cobiçado presente político daquele tempo. Pois bem: o Leota

bebeu o cartório e continuou na mesma pobreza típica de quem vive de cultura no Ceará. Quando dois de seus filhos passaram no concurso para o Banco do Brasil, ele disse: “Já que não tenho dinheiro no banco, boto filhos! (LEITÃO, 2002, p.29).

O abraço de Mário Gomes que se desenrola pelo desvão de séculos também alcança, em meio aos cafés que abraçaram a Praça do Ferreira, o poeta José Albano. Deste, não esperemos nenhum êxito editorial. Ou mesmo a ironia fina e o humor rasgado dos boêmios literatos do início do século XX, a declamar poemas e repercutir gaiatices aos quatro ventos. Sua figura e sua poesia são marcadas, ao contrário, pela contenção, por um minimalismo, “uma ética da economia expressiva”, como sugere o escritor e professor Ruy Vasconcellos, no livreto onde perfila o sonetista cearense que evadiu-se de si mesmo, afirmando-se poeta mas, inexplicavelmente, deixando de publicar. Devorador de livros e membro de família abastada e politicamente influente, Albano saiu de Fortaleza para gozar de educação refinada na Europa ao final do século XIX. Gostava de comer bem, vestir-se melhor ainda. Poderia ter feito carreira diplomática de peso ou ser reconhecido em vida como poeta de qualidade incontestada, vide o atesto de ninguém menos do que Manoel Bandeira. No entanto, é Vasconcellos quem narra, terminou a vida quase na pobreza, empreendendo longas viagens e travessias a pé entre países europeus diversos, a esmo, sem qualquer objetivo prático, desapegado das coisas e das rédeas do mundo.

Particularmente, essa ênfase quase obsessiva em recusar os papéis para ele traçados na sociedade nos interessa. Seus surtos psicóticos pareciam estar para o padrão da sanidade convencional assim como o desajuste do homem estava para o padrão social. E, se, por um lado, seu modelo como poeta é Camões, em sua vida ele está mais para o figurino romântico: louco, vagabundo, solitário, exótico (VASCONCELLOS, 2000, p. 29-30).

Albano, Leota, Quintino, Mané Coco, Mário. Balancemos ainda mais a corda para o lado de fora dos cafés e confrarias literárias fundados nos limites próximos à Praça do Ferreira ao longo dos séculos XIX e XX e teremos nela mesma os transeuntes da arraia miúda a espreitar de longe toda a turma letrada que encontrou lugar ao sol. No rastro erosivo do poeta-andarilho, descalços e sem-filiação, chegamos assim à legião de “pobres-diabos” que outrora também perambulou a esmo e sem finalidade por ali, deixando como pistas de suas passagens-relâmpagos pela Terra lendárias histórias de vida, quase não compartilhadas: metido em um fraque preto mal-cheiroso, o “Casaca de Urubu”, conta-se, lutou na Guerra de Canudos, chegou a ser oficial de justiça mas foi expulso do emprego por ser epilético; o “De Rancho” teria enlouquecido na Primeira Guerra e desde então apontava uma velha carabina

desativada para quem lhe ousasse atravancar o caminho, fingindo atirar, aos gritos de “pêi-pêi-pêi”; “Pilombeta”, como Mário, detestava a palavra trabalho e eram os seus dois metros de altura, combinados a um casaco enxovalhado e braços imensos balançando ao vento, que lhe renderam a fama de um dos mais feios já vistos por ali, à revelia de ser exímio jogador de xadrez e saber tocar piano; e houve ainda o “Chagas dos Carneiros”, este cego, magro, narigudo e monarquista convicto, socado em um camisolão e guiado por carneirinhos coloridos com anilina, que atendiam pelo nome de alguns dos mais conhecidos presidentes de uma recém-proclamada República.



Figura 11 – Chagas dos Carneiros, da família ancestral de andarilhos da Praça do Ferreira.

Como elos humanos potencialmente capazes de ligar o que foi e o que ainda será, Mário Gomes e a legião “fantasma” que o antecedeu habitam a “paisagem que é memória e palimpsesto” (CERTEAU, 2009, p.35); caminham pelas brechas de uma Fortaleza “transumante” ou metafórica, aquela que se desloca e se insinua no ‘entre’, remetendo a uma outra espacialidade, a operações microbianas e a toda uma “rede antidisciplina” (idem, p.41), forjadas a partir de resíduos ou detritos de mundo, de presenças de ausências, de bricolagens estranhas ao espaço geométrico ou geográfico das construções visuais, panópticas ou teóricas. São espectros que também afirmam a postulação da memória social como manifestação do invisível ou daquilo que não está posto na ordem do visível e do consagrado, que voltam para assombrar os modelos instituídos de organização social. Assim, dizem sobre um vagar onde não se colam etiquetas e que não pode ser museificado nem monumentalizado.

Eis o legado político de desmonte das imagens clichês que Benjamin (1994) nos convida a abraçar quando pensa a história e a memória não a partir da causalidade e

cronologia dos fatos, mas na esteira de agenciamentos sociais construídos e agitados sob o signo de um tempo oblíquo e prismático. Para Benjamin, o lugar da história não pode ser o do tempo estanque, meramente rememorativo, que visa a conservação do passado para transmiti-lo às gerações futuras, mas aquele que enseja brechas no presente para revelar histórias possíveis, encobertas pela camisa-de-força dos determinismos e dos decalques, transformando-o. Daí porque são com imagens de perenidade e não de atualidade, cujo brilho é superficial, aleatório e efêmero, que Benjamin opera, constituindo um pensamento também andarilho, do tipo que move e é movente.

Com o autor, entendemos que é política a urgência em “escovar a história a contrapelo” e avançar entre os seus limiares, fazendo emergir narrativas soterradas pelos poderes hegemônicos que se arvoram a senhores da memória (LE GOFF, 2003). “Cuidar da memória dos mortos para os vivos de hoje”, função secreta do poeta, como nos adverte Gagnebin (2006, p.27). Assim, para cuidar da memória de Mário Gomes, é preciso convocar a imagem do narrador benjaminiano ainda possível, aquele que leva adiante o desafio de transmitir uma história em palavras diferentes, conferindo-lhe o estatuto de objeto inacabado, prene de possíveis, livre de significações prévias.

Uma busca que também vai dar em Foucault, quando ele nos apresenta as “heterotopias que *parecem* abertas, mas onde só entram os verdadeiramente iniciados” (FOUCAULT, 2013, p.27). Iniciados, podemos vislumbrar, são os que, junto ao poeta-andarilho, inventaram um ‘escritório’ poético no microcosmo da Praça do Ferreira, aqueles que mantêm aceso “o coração do mistério” e por isso vem caber na definição ampliada de testemunha que nos é apresentada por Gagnebin:

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p.57).

Ouvinte atento das aventuras e desventuras do ‘poeta da Praça do Ferreira’, o diplomata e também poeta Márcio Catunda (2015), não só viu nascer o ‘escritório’ ao ar livre, como assumiu e financiou a edição da maioria dos livros do amigo, tornando-se, por consequência, seu biógrafo mais do que autorizado. Em missão diplomática pelo mundo, Catunda viria a Fortaleza não mais do que uma ou duas vezes por ano, mas a cada retorno a primeira

providência era rever Mário Gomes, pondo-se a esperá-lo no banco de sempre. Via de regra, cedo ou tarde, o ‘dono do negócio’ apareceria. Quando não, era deixar escurecer e tentar novo encontro nas imediações do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na Praia de Iracema, outro lugar de habitual pausa do poeta-andarilho a partir de 1998, quando o equipamento é inaugurado, contíguo a uma praça e áreas abertas de livre acesso, ao mesmo tempo em que o perímetro central de Fortaleza se esvazia e reflete o abandono do poder público frente ao desafio da inclusão social.

Um acaso programado. Isso porque, atesta o biógrafo, não havia e nunca houve outra forma de encontrar o poeta da Praça do Ferreira em sua errância desprovida de tecnologia e porto-seguro. Marcar encontro nunca foi de seu feitio. Ele, que sempre se dizia “por aí”, também não falava ao telefone nem cogitava troca de correspondências. Olhos nos olhos ardósia, eis a única comunicação possível. E, para tanto, era imperativo saber de antemão que a rota do andarilho invariavelmente ia dar no circuito das artes e da literatura - ou em eventos afins, com entrada franca. Perfazendo esse mapa afetivo-cultural, a cada passagem por Fortaleza, Catunda foi ganhando a absoluta confiança de Mário Gomes, testemunhando-lhe todas as fases e registrando em áudio, desde o início dos anos 1990, seus seguidos encontros e conversas, matéria narrativa recém-compilada em uma biografia definitiva e ainda no prelo, mas já disponível no site do autor<sup>52</sup>.

Lê-la é descobrir que um sanduíche à beira-mar uniu os dois poetas de temperamentos e repertórios tão distintos: Márcio, reservado e de poucas palavras, intuiu que a aproximação daquele sujeito esquisito, “um autêntico malandro”, seria com o intuito de tirar-lhe algum proveito. Na mosca: o tipo simpático e safo pediria dinheiro para comer e terminaria sentado ao seu lado. O papo fluíu, entre tiradas risíveis e frases inauditas. Enquanto comia, Mário Gomes sacou do bolso poemas rabiscados numa folha de jornal amarelada, assim como a indefectível carteirinha de filiação ao Clube dos Poetas Cearenses. Era 1975 e, para Catunda, não haveria melhor forma de apresentação:

Embora duvidando de uma instituição que fornecia carteira de identidade a poetas, interessei-me em participar de uma de suas sessões. Assim, apresentado por Mário Gomes, passei a ir, todos os sábados, ao Clube, cujas

---

<sup>52</sup> Márcio Catunda já havia publicado uma primeira biografia de Mário Gomes, em 1997, intitulada “Mário Gomes – poeta, santo e bandido”, pela João Scortecci Editora, de São Paulo. Estava em sua quarta edição quando o poeta-andarilho veio a falecer. Em 2015, ele atualiza o relato, incluindo seus últimos encontros e inclusive a repercussão do falecimento do amigo. A obra, ainda no prelo, está disponível no site do autor: [http://www.marciocatunda.com.br/livros/MARIO\\_GOMES-POETA,\\_SANTO\\_E\\_BANDIDO.pdf](http://www.marciocatunda.com.br/livros/MARIO_GOMES-POETA,_SANTO_E_BANDIDO.pdf).

reuniões se davam na Casa de Juvenal Galeno, uma mansão antiga, localizada no Centro de Fortaleza. Lá, encontrava sempre o Mário, de quem fiquei amigo, por causa do sanduíche e da poesia. Por considerá-lo tão exótico, buscava-o sempre, na Praça do Ferreira, ou ia à casa dele. Nela, conheci-lhe a mãe, Dona Nenzinha, que sempre me servia um café sem açúcar e me contava alguma história do filho aventureiro. Dessa maneira, passei a acompanhar os acontecimentos insólitos da vida do poeta e o desenvolvimento de sua poesia, escrita com absoluta espontaneidade, sem vezo acadêmico. Sempre achei engraçado o sentido anedótico, coloquial e hiperbólico dos seus poemas. E nunca hesitei em considerá-lo um bom paradigma em poesia, pois penso que constituem méritos o seu senso de humor e a maneira de tratar, com simplicidade, questões de profundo sentido existencial (CATUNDA, 2015)<sup>53</sup>.

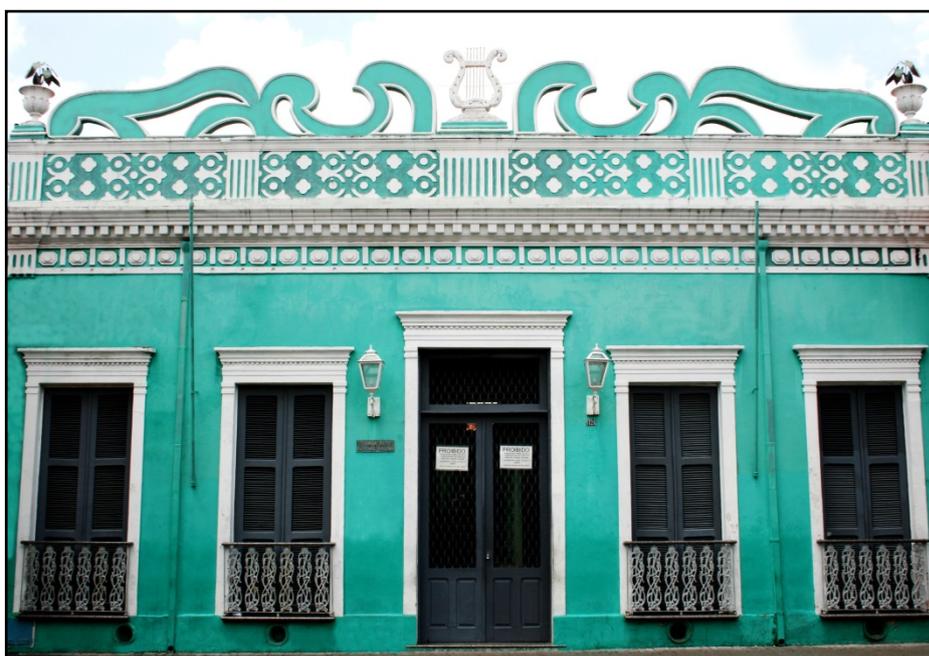


Figura 12 – Casa de Juvenal Galeno: sede do Clube dos Poetas Cearenses.

Desde 1916, a Casa do Poeta Juvenal Galeno (1836-1931), no centro de Fortaleza, é ponto de encontro de artistas e escritores cearenses. Foi a filha do anfitrião-mor, Henriqueta Galeno, que, morando com o pai, pôs em prática a ideia de abrir salões, auditório e biblioteca à visitação pública e às reuniões de agremiações artísticas. Em 1969, ano de criação do Clube dos Poetas Cearenses, a anfitriã da vez que acolheria entusiasmada a confraria sociocultural então dirigida pelo poeta e radialista Carneiro Portela, foi Nenzinha Galeno, neta do dono da casa e herdeira natural do legado familiar perpassado de geração para geração. A ela, muitos iniciantes e consagrados escritores pediram, solenemente, licença para entrar, fortalecendo a tradição e o esmero dos Galeno em reunir amantes das artes aos moldes dos saraus literários

<sup>53</sup> CATUNDA, Márcio. Mário Gomes: poeta, santo e bandido. 2015 (no prelo). Disponível em: [http://www.marciocatunda.com.br/livros/MARIO\\_GOMES-POETA,\\_SANTO\\_E\\_BANDIDO.pdf](http://www.marciocatunda.com.br/livros/MARIO_GOMES-POETA,_SANTO_E_BANDIDO.pdf).

franceses, onde leituras, estudos e palestras eram intercalados a recitais, números de canto, audições ao piano ou concertos de violões.

Márcio Catunda (2015) é quem recupera parte dessa memória coletiva e um fragmento, em particular: como um dos mais assíduos sócios do Clube dos Poetas Cearenses naqueles anos setenta, Mário Gomes se sobressairia desde o princípio como declamador nato de seus próprios poemas, capaz de recitar cada um deles de cor sempre que convidado a subir ao palco do vetusto auditório da Casa de Juvenal Galeno. Sóbrio e bem vestido, já compondo um tipo bonachão, entre tragos de charuto ou cigarrilha, era frequentemente requisitado para ler em público inclusive os escritos dos amigos mais encabulados. Incluído em todas as antologias editadas pela agremiação, ainda venceria alguns dos concursos de poesia promovidos internamente, investindo o dinheiro dos prêmios em suas primeiras publicações independentes. Agregador e fora do comum, na aparência e na estilística, ali também conquistaria seus primeiros amigos de copo - ou pelo menos os mais abastados deles, de quem costumava ganhar livros e roupas.

Assim, findas as reuniões do Clube dos Poetas, recorda Catunda, Mário Gomes sempre tinha companhia para as farras notívagas. E carisma o bastante para, repetidas vezes, sequer precisar fazer o caminho de volta à casa materna nas altas madrugadas:

Na Casa de Juvenal Galeno, Mário encontrou guarida, em muitas noites em que regressava da boemia. Entrava pela porta entreaberta e dormia no assoalho da sala de reuniões. Fazia-o com a conviência imperceptível de Dona Nenzinha Galeno. Ali se recolhia até as primeiras horas da manhã e partia com os primeiros raios de sol, antes que os donos da casa se levantassem. Essa prática se repetiu por muitas vezes. Naquele tempo, não havia tanto assalto e era possível manter as portas das casas sem tranca, fechadas apenas com o trinco (CATUNDA, 2015).

Tempo que dá voltas. Até o início dos anos 2000, estima Catunda, Mário Gomes, o já conhecido e incensado poeta da Praça do Ferreira, entabulava conversas com alguma fluidez e mantinha uma boa memória, embora, quando provocado, já não recitasse de cor os poemas, além de matizar um ou outro episódio da vida perambulante com lances hiperbólicos e certa cabotinagem. Até aí, recupera o biógrafo, admitia tomar remédios controlados e tinha na figura da mãe o amparo necessário não só para a administração do receituário psiquiátrico como para o cuidado com a alimentação, o banho e as roupas, no mais das vezes impecáveis. Era a época em que o poeta-andarilho ainda voltava com alguma frequência para a casa materna no bairro Bom Sucesso, tão logo a noite avançava.

Para Catunda, a curva descendente de Mário Gomes começa a lhe saltar aos olhos justamente quando dona Nenzinha falece - ele supõe que por volta de 2008. Daí em diante, percebe que o amigo sofre abalos físicos e emocionais visíveis, perde muito peso, bebe ainda mais, já não toma qualquer medicação e assim negligencia saúde, alimentação e higiene, ao mesmo tempo em que o endereço original é definitivamente riscado do trajeto a pé e diário. Em tom de revolta, o próprio poeta relatou o estado de desabrigo absoluto:

Se você for na minha casa vai notar uma coisa diferenciada. Minha casa tá toda esburacada, cheia de jornal espalhado, sem bico de luz da Coelce, sem água no banheiro, sem nada. Ali do lado, vizinho, onde moram meus irmãos, tudo é mármore, tudo de primeira, mas às custas da pedofilia das criancinhas e das filhas prostitutas. E eles fecham a porta da minha cara. Eu passo de 30 dias sem ir lá (...) Às vezes durmo lá, mas caio fora, passo dois dias porque a mulher da padaria me considera. O Bigode também me dá sopa, me quebra o galho (Informação verbal)<sup>54</sup>.

Vazio. Porta na cara. Bico de pão. Quebra-galho. Se no endereço domiciliar ou no bairro de origem Mário Gomes já não podia ou queria ir, sobreviver pelos arredores do Centro da cidade e Praia de Iracema depauperado e com picos de nítida confusão mental também foi se tornando, cada vez mais, desafiador. Catunda afirma que o poeta começou a ser discriminado por onde antes adentrava livremente. Se tentava recitar seus versos na Academia Cearense de Letras, na Casa de Juvenal Galeno, num restaurante, bar ou igreja, em toda parte lhe negavam a palavra. “Revoltado, saía xingando quem visse pela frente. Apanhou algumas vezes de seguranças e policiais. Todos fugiam do marginal alucinado, falastrão indesejável, delirante, desvairado” (CATUNDA, 2015).

Em 2005, na Praça do Ferreira, com o gravador ligado, Catunda registrou um dos tantos desabafos do amigo:

Mexeu comigo, leva pernada, pontapé. Os imbecis estão cismados. Há de dois a três mil vagabundos assaltando em Fortaleza todas as noites. Eu enfrento todos. Ando com um charuto aceso de madrugada. Se chegar perto de mim, jogo nos olhos deles a fumaça. Fui assaltado oito vezes. Quebraram meu nariz e roubaram até minha dentadura. É uma guerra civil. Eu, sozinho, enfrento os bandidos. Sozinho na noite. Se eu lhe disser que enfrento dez, quinze? Rapaz, eu domino os caras no papo e na sugesta. Eu levei três pancadas nas costas e só não matei o cara porque não quis, pois se eu matasse iria pra cadeia. Tem gente que diz que eu tô louco. Você, como psicólogo, você acha que eu tô doido? Você é um cara conscientizado, rapaz.

---

<sup>54</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Você acha que um cara que lê minhas poesias... Se eu disser pra você que ninguém tem coragem de andar comigo? Ninguém, atualmente (GOMES apud CATUNDA, 2015).

O saldo de não e desmantelos na vida de Mário Gomes só não foi maior do que sua capacidade de resistência e reinvenção permanentes, apesar de tudo. E de quase todos. É o que o dramaturgo, ator, diretor e também remanescente do Clube dos Poetas Cearenses, Ricardo Guilherme, nos faz entrever ao rememorar por escrito certa noite em que o poeta-andarilho foi homenageado pelo segmento teatral. Coube ao ator entregar-lhe o troféu, no palco. Corria o ano de 2011 e, a rigor, ninguém tinha certeza alguma de que Mário Gomes de fato apareceria, dada os seus dias de veneta. Mas ele apareceu. E deu-se o inesperado:

Mário Gomes compareceu e em meio a aplausos de uma plateia lotada subiu ao palco com sua maltrapilha elegância: paletó surrado, gravata puída, frouxa no pescoço, lenço desarrumado no bolso, calça encardida, sapatos sem brilho, desgastados pelo uso e descuido recorrentes, cigarro entre os dedos e sua postura enviesada e plena de esgares. Nada que lembrasse, seja no rosto enrugado, na gestualidade desengonçada ou na expressão verbal às vezes ininteligível, a imagem do antigo galã que eu conhecera há quarenta anos. Sobrevivia nele, entretanto e apesar de todos os estragos corporais, a atitude de um elegante irretocável que gesticula como quem risca no ar uma dança ritual. Sua elegância não precisava de luxo; transcendia a brutalidade, o flagelo de sua condição física e se sobrepunha a qualquer tentativa de entendê-lo como um mendigo, um indigente. Mário tinha majestade. Indevida, caricatural, por certo, à percepção dos olhos desatentos e/ou consumistas, mas evidente aos olhares dos que conseguem ver além das aparências. E foi com essa autoridade dinástica, feito um rei bufão, que ele - contrariando pompa e circunstância - me disse no instante em que solenemente eu quis lhe repassar o troféu, símbolo da homenagem:

- Ricarrrrdo Guilherrrme, quero isso não.

Procurei argumentar, no sentido de impedir que a recusa não constrangesse a premiação, mas o Mário se afasta de mim e reitera:

- Quero não, rapaz. Quero é dinheiro. Preciso.

Francinice, organizadora do evento, compreende e resolve o impasse, declarando lá dos bastidores:

- O poeta está certo. É assim mesmo.

Mário sorri como um menino que tem plena consciência da traquinagem e me provoca:

- Ora, Ricarrrrdo Guilherrrme, você fica com isso aí e me dá um dinheiro. Num tem não?

- Ter até que tenho, Mário, mas...

- Pois me dê.

Não me restou outra alternativa. Coloquei debaixo do braço a estatueta que lhe deveria ser entregue e passei a contar cédulas diante da platéia para dar em plena cerimônia ao homenageado cinquenta reais. Certificando-se da quantia repassada, Mário ri mais ainda e resolve me fazer comparsa de uma cena cômica, ao reagir:

- Só isso? Você tem muito mais aí, Ricarrdo Guilherrme.

Dei-lhe, então, mais quarenta reais. Ele, enfim satisfeito, agradece com um discurso de fala indecifrável.

Terminada a cerimônia, alguém propõe que o troféu do poeta permaneça comigo para que em situação mais propícia eu tente convencê-lo a aceitar o prêmio. Acatando a sugestão, atravesso o hall do Teatro em direção ao estacionamento de carros, quando de repente surge da multidão o rebelde premiado que a essa altura todos nós já julgávamos que tivesse ido embora.

- Ricarrdo Guilherrme, me dê isso aí.

Repasso às suas mãos o troféu e ele, feito um anjo trapalhão, finalmente admite e confessa:

- Tava só brincando contigo, Ricarrdo Guilherrme. Você é meu amigo, né? (GUILHERME, Ricardo. *Jornal O Povo*. 26/01/2015, V&A, p.5).

Para Guilherme, a gaiatice de Mário Gomes na noite de premiação diz sim sobre o espírito bufão, irônico e piadista que só conheceu quem dele se aproximou à revelia da aparência maltrapilha ao final da vida. Mas não só. É a postura impávida e altiva do poeta-andarilho, justamente em uma situação em que poderia fingir-se frágil, resignado, manso ou digno de pena, dada a declarada necessidade de dinheiro, que lhe salta aos olhos e impressiona. Algo como um coeficiente de dignidade, um traço reto de nobreza por trás de uma corcunda, espécie de sólida reserva ética que, mesmo em encontros fortuitos marcados por conversas delirantes, ele deixava entrever: “Se me pedia dinheiro na rua eu sempre dava mais. Mas ele, com aquela majestade, me devolvia: - Não, Ricardo Guilherme. Tô te pedindo só 2 contos. Não tô pedindo esmola” (Informação verbal)<sup>55</sup>.

Catunda (2015) reforça: entre perambulações diárias, Mário Gomes só pediria dinheiro a quem lhe fosse íntimo ou parecesse simpático, irritando-se profundamente quando alguém o tratava como pedinte ou esmoler. Se preciso, também sabia e fazia questão de oferecer ajuda, desmantelando por completo qualquer imagem caricata de inferioridade ou miséria. Basta ler

---

<sup>55</sup> Entrevista concedida por GUILHERME, Ricardo. Entrevista III. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

o que um dos membros da Academia Cearense de Letras e também antigo frequentador do escritório do poeta-andarilho, na Praça do Ferreira, escritor Juarez Leitão, escreveu, rememorando:

Lembro-me da maneira singular como conheci o Mário Gomes. Eu tinha deixado o seminário, onde tivera internado por sete anos, e vinha pra Fortaleza enfrentar a vida. Minha mãe me recomendava: “Cuidado com os lapadas! Você não conhece o mundo e eles podem aparecer a qualquer instante para enganar os bestas”. Os lapadas eram os malandros da capital, segundo o dicionário dos mais velhos. No segundo dia como ex-seminarista, vou passando pela rua Liberato Barroso, por voltas das 20 horas, cabeça baixa pensando no incerto futuro, quando se materializa diante de mim um gigante viking que, com voz doce, me pede um dinheiro. Precisava descolar uma nota, disse. Será que o compadre poderia ajudá-lo? Paralisei de medo. Minha santa mãe bem o dissera. Fortaleza estava cheia de lapadas e eu, mais cedo do que esperara, já estava sendo assaltado por um. Quando pude falar, tratei de me humilhar ao máximo para o desconhecido. Eu não tinha dinheiro nenhum. Era um pobre coitado que tinha vindo do sertão. Que ele me desculpasse, pelo amor de Deus, pois eu nem sequer conduzia os míseros centavos da passagem para pegar o ônibus da Itaoca onde morava o meu irmão. O homenzarrão me escutava calado e quando eu cuidei que fosse me dar uma porrada por fazê-lo perder seu tempo de assaltante ocupado, mostrou-se compadecido de minha condição, falando: “Compadre, parece que sua situação tá pior do que a minha. Veja aqui uns trocados que eu tenho no bolso. Talvez dê pra sua passagem”. E me deu umas moedas. Saí dali tremendo de remorso. Minha mãe me dera um bom dinheiro para o primeiro mês de estadia em Fortaleza e eu estava com a grana toda no bolso. Olhei o dinheiro que recebi do homem da rua e me senti um verme (LEITÃO, 2002, p.62-63).

Ajuda foi o que Mário Gomes também deu ao amigo e instrumentista Temóteo Cavalcante, quando ambos já estavam entregues à boemia diária. Enquanto Temóteo, recém-saído do internato, tocava sax em cabarés e eventualmente compunha conjuntos musicais, Mário descobria-se poeta na Casa de Juvenal Galeno e, por extensão, acabaria fundando seu ‘escritório’ na Praça do Ferreira. “Ele me declamava Augusto dos Anjos e Camões. Eu trazia jazz pra ele ouvir. Rolava essa loucura inocente” (Informação verbal)<sup>56</sup>. A quebra da inocência não tardou para Temóteo que, em pouco tempo, se tornou dependente do álcool, a ponto de abandonar trabalhos e beber sem freios por meses a fio. E foi no companheiro de farra que bebia junto mas, diferentemente, sempre voltava para a casa materna a fim de se recompor, que ele encontrou escora em períodos de maior debilitação e abandono, no auge do alcoolismo. Aos 67 anos, somando, satisfeito, 21 de sobriedade, Temóteo não esquece:

---

<sup>56</sup> Entrevista concedida por CAVALCANTE, Temóteo. Entrevista IV. [fev.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

Mário andava sempre limpo, banhado, bem vestido, barbeado, nunca caiu na sarjeta, nem dormia no chão. Era querido por todo mundo, andava em todos os bares. E já saía da casa da mãe, no Bom Sucesso almoçado, com o remédio que dona Nenzinha botava na comida pra acalmar ele. Eu não. Conheço todos os apartamentos do chão. E ele já me salvou de muitas. Cansou de sair comigo, eu todo sujo, descalço, inchado, pirado, só arquejando, e ele todo de terno branco, fazia questão de vir me pegar e levar pra casa dele. Chegar lá e ser bem-vindo, porque o cara dormindo na sarjeta há três meses, a inhaca não tinha quem aguentasse. Ele pegava uma rede, levava pro quintal, onde tava o cachorro, e seis horas da manhã me acordava: - ei, meu irmão, vamos nessa que a mamãe já tá levantando e o bicho pega. Dali eu já saía bebendo... Mas a gente também sempre foi muito positivo. Lembro de uma: boate Fascinação, 1967. Eu tocando sax no palco, mas bebendo. E ele numa fase alterada da loucura, carregando uma sacola com gilete, caixa de fósforo, cigarro, aparelho de barbear, pente, espelho, cortador de unha, descalço, biritado e mordido. Naquele momentinho sagrado do louco. Aí ninguém queria dançar com o Mário. Eu olhei pro cantor, pro guitarrista, larguei o saxofone de lado e disse: - mande ver aí. E fomos dançar nós dois, não era agarrado não, mas de boa, tipo um casal na valsa de formatura (Informação verbal)<sup>57</sup>.

De ajudar e ser ajudado a ‘turma do escritório’ entende um bocado. E continua aprendendo. Entre 1948 e 1949, chega à Praça do Ferreira, fugindo da pobreza no interior do estado, sem eira nem beira, um meninote faz-tudo que, depois de sobreviver como vendedor ambulante de naftalina e guia de cego, iria se tornar um dos mais requisitados amigos de Mário Gomes, ninguém menos do que o guardião de seus passos. Não por conta de uma vocação para a boemia ou por amor compartilhado à poesia. O que ligava o poeta-andarilho ao engraxate José Rufino Silva, o Pirrita, eram os sapatos, o que, em se tratando de alguém que passou a vida a perambular, não é pouco. Fornecedor e mantenedor oficial daquilo que Mário Gomes calçava, Pirrita segurou e agradou o freguês em fases diversas o quanto pôde. A rigor, mais por afeto do que por dinheiro:

Se ele puder pôr um sapato no pé agora de manhã e pôr outro à tarde ele bota. Teve um período do Mário aqui que era um terno de manhã e outro de tarde. A vida dele era assim, toda vida trajou bem. Ele usa os sapatos que eu passo pra ele. Se tiver quatro, cinco par, ele quer tudim. O caso dele é calçar sapatos. Eu vendo e dou. Pra ele todo sapato dá no pé. Às vezes nossas discussões aqui são isso. Eu digo: - rapaz, esse sapato não dá pra você, deixe aparecer outro ou leve esse aqui. Aí ele: - você é dono do meu pé? Pra melhor dizer ele levou três pares de sapatos daqui. Agora ele tá com um tênis, mas social. Rejeitei 30 contos no sapato e ele pegou e levou. - Rapaz, não dá no teu pé. - Dá! Aí ele vem com 20, 30 conto, enrola em quatro, cinco pedaço de papel, olha prum lado e pra outro, pra ver se não tão olhando pra ele, e me entrega. É uma gozação. Mas ele não tem nada de doido. Ele recebe o dinheiro do aposento e sai pagando a todo mundo. Mês passado ele

---

<sup>57</sup> Entrevista concedida por CAVALCANTE, Temóteo. Entrevista IV. [fev.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

levou dois par de sapato. Eu disse: - Mário, esse sapato eu não posso te vender, esse sapato de solado finim não aguenta o teu rojão, teu pé é de ferro e esse sapato não te aguenta. Porque pra quem passa a noite andando no meio do mundo... Mas ele responde: - quem vai calçar, eu ou você? Você não é dono do meu pé. Aí eu boto na conta: 50 contos. Aí ele me dá cinco conto, depois três conto e quando chega no final do mês ele me dá 30, 40 conto. Pronto! Às vezes fica faltando, mas a gente vai falar o que? (Informação verbal)<sup>58</sup>.

Avistar a cabeleira septuagenária de Pirrita e sua cadeira de engraxate mais antigo da Praça do Ferreira, bem em frente ao banco-escritório do poeta Mário Gomes, nem sempre foi tarefa das mais fáceis. Corria o ano de 1968, quando, em plena ditadura militar, o então prefeito de Fortaleza, José Walter Cavalcante, fez a demolição completa do logradouro e ocupou o quadrilátero com blocos de cimento e canteiros altos em forma de caixões, interceptando a visão panorâmica de forma tal que quem estivesse de um lado não enxergava o outro (LEITÃO, 2002). E foi assim, esticando o pescoço, que o ex-bancário, motorista, produtor de eventos e violonista Johnny McLaren ainda moço entrevistou pela primeira vez o já popular poeta Mário Gomes, na época com seus mais de 100 quilos metidos em ternos de linho branco combinados a sapatos bico-fino.

Um tipo absolutamente singular. Que a descabida intervenção na Praça, cujo o intuito, dizia-se, era impedir a concentração e conspiração de grupos esquerdistas contra o governo ditatorial, não impediu João Batista Sousa Mesquita, o McLaren, de ver de perto e conhecer, até se tornar íntimo a ponto de beber junto com os literatos e boêmios que diariamente liam um para o outro enquanto garrafas e garrafas de cerveja e cachaça eram esvaziadas. Por décadas, o músico se enfronhou entre os poetas, entrando para a galeria de amigos diletos da figura central do pedaço: “onde Mário estivesse o assunto só era um: poema, poema, poema. Não era pra conversar sobre futebol, política, nada. Era só livros e coisas bobas do dia-a-dia” (Informação verbal)<sup>59</sup>.

De poema em poema, o violonista McLaren ‘verteu’ o poeta Mário Gomes para a música, adaptando o poema *Contradições* para o rap *Parado Andarilho*. Isso depois de ver a Praça voltar ao seu desenho original, já na década de 1990, e sentar inúmeras vezes com o poeta em seu banco-escritório finalmente desanuviado, comprido e arejado o bastante para

---

<sup>58</sup> Entrevista concedida por SILVA, José Rufino. (Pirrita). Entrevista V. [nov. 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

<sup>59</sup> Entrevista concedida por MESQUITA, João Batista Sousa. Entrevista VI. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

receber as dezenas de ‘funcionários’ que viriam lhe pedir a ‘benção’, diariamente, até pelo menos meados dos anos 2000, quando o próprio anfitrião aos poucos dispersou em meio a abalos físicos e psicológicos irreversíveis, enquanto a ‘turma do escritório’ desapareceu junto, paulatinamente, vencida pelo tempo e pelo cansaço - ou no rescaldo do estado de abandono do Centro da cidade.

Sem saudosismo. Para McLaren, o amigo nunca falou sobre o esvaziamento do ‘escritório’ em tom de lamento. Isso porque vivia o instante: “Mário não falava de futuro e muito menos de passado. Não era o tipo que via um futuro na frente, vou ter isso, vou ter aquilo... não. E nunca lamentando: - ah devia ter feito isso... não mesmo” (Informação verbal)<sup>60</sup>. A mais recente e marcante recordação: pouco antes de falecer, em seu ‘banco-escritório’ na Praça do Ferreira, Mário Gomes ouviu atento a versão final do poema-rap *Parado Andarilho*, todo ele contraditório em si e, por isso mesmo, fiel ao texto original. Riu como quem aprova a parceria inusitada com o músico cinquentão da rarefeita ‘turma do escritório’. E por fim fez seu desabafo ao pé do ouvido do amigo que sempre teve paciência para ouvi-lo e cujo apelido diz sobre uma pressa de Fórmula 1 que, contraditoriamente, motorista nenhum poderia ter:

Ele tava muito mal, ressaqueado e tal, naquele estado... E disse: - McLaren, hoje eu sou o verdadeiro Mário Gomes. Querendo dizer que ele não era aquele Mário sentando ali no banco da Praça todo de paletó, todo imponente, não. Na realidade, ele era aquele vagabundo que tava ali mesmo, a personalidade era aquela mesmo, era o cara biritado, todo ferrado, ressaqueado, fodido mesmo. Aquele era o verdadeiro Mário Gomes e ele não podia fugir à realidade. Então é por isso que ele tava naquele estado, ali era ele mesmo, não tava representando. Porque muitas vezes a gente representa, né? O poeta da Praça do Ferreira... Acho que ele tinha que ser daquele jeito pra ser reconhecido. E foi tão bacana que depois do nome feito é que ele assumiu a personalidade real dele (Informação verbal)<sup>61</sup>.

Para o amigo e xará Zé Mário Dias, o verdadeiro Mário Gomes também era aquele que defendia com unhas e dentes a sua opção em não trabalhar. Ele, que antes de 20 anos de idade já havia sido professor em curso de admissão para o Ginásio, inclusive ensinando Filosofia, não cansava de repetir que só teve um ano de carteira assinada como entregador da papelaria ABC e que aquilo bastou para entender e assumir sua completa falta de vocação para o

---

<sup>60</sup> Entrevista concedida por MESQUITA, João Batista Sousa. Entrevista VI. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

<sup>61</sup> Entrevista concedida por MESQUITA, João Batista Sousa. Entrevista VI. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

trabalho. Uma recusa que Zé Mário não interpretava como improdutividade, uma vez que o poeta-andarilho estava sempre às voltas com um projeto de livro ou com a venda avulsa de suas publicações anteriores, assim como, nas rodas de conversa da Praça, sempre se destacava como um leitor dedicado e atento, conhecedor dos clássicos e em dia com o noticiário. O amigo credita:

Ele dizia que a literatura tinha começado com os poetas gregos. Já tinha lido Castro Alves, Olavo Bilac... E dizia: - rapaz, já li esses poetas todos e olho pras minhas poesias e acho que tô pau a pau com eles. Mário vivia poesia e boemia 24 horas por dia. E detestava trabalho. Mas acreditava em horóscopo. Então, quando ia lançar um livro comprava o jornal na banca do Bodinho e ia olhar o signo. - Ótimo dia no seu trabalho, não sei que... Ele rasgava, puto da vida. E a gente ria muito daquilo. Ora, a própria ciência econômica admite que não existe pleno emprego. Não existe, é uma ficção. Mario Gomes tem razão, é besteira. Ele intuía isso. E na sociedade do futuro, dizem os especialistas, não tem emprego, não tem trabalho, as máquinas é que vão fazer tudo. Mário Gomes tava na frente. Sempre achei também que as máquinas é que tinham que fazer as coisas. A gente ligava e ia curtir a vida, a boemia. Vai chegar esse tempo (Informação verbal)<sup>62</sup>.

Enquanto vencía aquilo que considerava ser o seu maior desafio - “viver sem trabalhar”<sup>63</sup> - Mário Gomes encarava um segundo, um pouco menor, nas paralelas: sobreviver com um salário-mínimo, direito adquirido como aposentadoria vitalícia por invalidez, ‘recompensa’ com chancela do Estado pelos choques elétricos, mordanças, camisas-de-força e os dez anos de idas e vindas controversas a hospitais psiquiátricos, até ser diagnosticado por um médico ainda em residência como “leptossômico” (CATUNDA, 2015), alguém tímido ao extremo a ponto de desenvolver um tipo de psicose. O ‘tímido’ em questão, porém, não cansou de contradizer o diagnóstico com suas astúcias. Para o amigo e artista plástico Antônio Severiano Batista, o Tota, chegou a contar sobre o dia em que provou quem ele era para o gerente do banco, tendo em mãos nada mais do que um de seus livros de poemas, já que os documentos<sup>63</sup> haviam sido roubados. De imediato, dada tamanha perspicácia, fez-se o voto de confiança a fundo perdido, renovado mensalmente quando o poeta chegava mais cedo à agência bancária, no Centro, e esperava do lado de fora que viessem lhe entregar o que lhe era devido.

---

<sup>62</sup> Entrevista concedida por DIAS, José Mário. Entrevista VII. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

<sup>63</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. [out.2002]. Entrevistadora: Vilma Matos. Fortaleza, 2002. Disponível em: <http://poetamariogomes.blogspot.com.br/>. Acessado em 10/07/2015.

Tota, que conheceu Mário Gomes já nos anos 1990, ao ocupar um dos galpões no entorno do Centro Dragão do Mar com a sua galeria de arte sempre de portas abertas, foi um dos poucos a gozar da confiança do poeta para tratar de assuntos financeiros. Isso sobretudo graças a um dia em que, intrigado com os gastos do amigo boêmio, o acompanhou até o banco e percebeu um “movimento estranho” do lado de fora, onde alguns conhecidos ambulantes de bebida e cigarro da Praça do Ferreira esperavam o poeta para cobrar o pagamento de dívidas acumuladas ao longo do mês anterior. Tota recorda:

Era assim: ele comprava cachaça fiado todos os dias e quando a Maria ia cobrar era o preço de dez litros, entendeu? A mesma coisa o cigarro. Então, a negrada voava em cima e tomava. Por isso o dinheiro dele se acabava num instante. Quando descobri fui um dia com ele e um amigo meu que é policial dar um chega pra lá no pessoal que tava se aproveitando (Informação verbal)<sup>64</sup>.

O cuidado e a atenção de Tota com o amigo Mário Gomes ia além. Depois que o poeta, frequentador habitual e notívago do Centro Dragão do Mar, passou a frequentar quase que diariamente, por extensão, sua galeria de arte, tornando-se íntimo a ponto de ser tratado como tio pela filha do artista, foi lá também que ele passou a se alimentar, tratar de alguma doença ou ferimento e até tomar banho sempre que desejasse. Não à toa, Tota foi o escolhido para produzir aquele que parece ter sido o seu último desejo: uma festa de aniversário para comemorar os 67 anos. Capricho prontamente atendido, com direito a todos os regalos reivindicados pelo poeta: um terno novo, uma carteira de Carlton, uísque de primeira, vinho à mancheia, bolo e convidados, quantos quisesse.

E assim foi feito. Com bebida e comida farta, a galeria Paleta recebeu na noite do dia 23 de julho de 2014, exatamente como saíra publicado no jornal<sup>65</sup>, os poucos mas valorosos convidados do aniversariante que vieram conferir a veracidade daquele inusitado convite feito de viva voz por ele próprio, semanas antes, no entorno do banco-escritório da Praça do Ferreira. Artistas, jornalistas e escritores diretamente convidados pelo anfitrião também apertaram a mão de um distinto poeta que havia não só tomado banho e vestido paletó novinho em folha, como também passado aquele dia inteiro sem beber, só para receber a todos calmamente.

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida por BATISTA, Antônio Severiano. Entrevista II. [fev.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

<sup>65</sup> Ver <http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2014/07/23/noticiasjornalvidaearte,3286233/viva-o-poeta-mario-gomes.shtml>.

Tudo para que, quase ao final da noite, no auge mesmo da festa, o poeta e aniversariante, sorratamente, chamasse o amigo Tota de soslaio e lhe fizesse mais um pedido, que se desdobraria em outro, instantaneamente:

Quando ele ficou muito ‘melado’ pediu pra ir no banheiro comigo. Aí pediu pra tirar o paletó, o sapato e me pediu pra vestir a outra roupa, suja mesmo. - Mas por que, Poeta? - Rapaz, eu já tô melado e essa festa tá tão bonita que eu não quero decepcionar nem você nem ninguém. Vou terminar de me melar lá no Dragão do Mar. Ele saiu daqui com um litro de uísque e um vinho francês debaixo do braço e desceu pro Dragão. Se despediu e foi embora. No outro dia de manhã chegou aqui, foi tomar um banho, passei um pedaço de frango com cenoura e beterraba no liquidificador pra ele, aquela coisa pastosa porque já não comia mais nada, quase sem dentes... E perguntou: - você tá de carro aí? - Tô.<sup>66</sup> - Pois eu queria ir tirar umas fotos com meu paletó novo lá no Dragão do Mar, na frente da estátua daquele ‘fela da puta’, que pensa que só ele é importante. E eu fui tirar essas fotos dele ao lado da estátua do Dragão do Mar (Informação verbal).

Sobre a noite esticada de aniversário pelos arredores do Centro Dragão do Mar o amigo Tota não tem qualquer notícia, já que Mário Gomes dispensou a sua companhia em nome dos convidados que ainda se esbaldariam na Galeria Paleta até o apagar das luzes. Contente com a alegria do amigo, imagina apenas o de praxe: que o poeta bebeu até não se aguentar mais em pé para depois ir se esgueirando até a área do cinema, onde só ele, previamente autorizado pela administração do equipamento, poderia entrar nas altas horas a fim de recolher-se. Ali, embaixo das escadarias, enfrornado entre as plantas mais altas do jardim, dormia seu sono inquieto, para, no dia seguinte, recomeçar a andar e a beber, ora sozinho, ora entre amigos.

Cinco meses depois do aniversário do poeta, o enredo mudou. E foi Tota quem deu por sua falta após dois dias de sumiço sem botar o pé na galeria Paleta. A procura na Praça do Ferreira e pelo Centro Dragão do Mar, ele narra, também foi inútil. Até que justamente um dos seguranças do equipamento ouviu uma voz por entre as plantas do jardim, encontrando Mário Gomes já debilitado, desidratado e sem forças para levantar. Não haveria outro a ser acionado: Tota seguiu imediatamente para socorrer o amigo e foi quem o convenceu, com muito esforço, a entrar numa ambulância e aceitar, mesmo que a contragosto, o necessário cuidado hospitalar. Foi o último presente de um para o outro: o mútuo consentimento.

Para Agamben (2007), que entende a amizade justamente como essa proximidade tal que não é possível representá-la nem fazer dela um conceito, a condição de amigo é a de um

---

<sup>66</sup> Entrevista concedida por BATISTA, Antônio Severiano. Entrevista II. [fev.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

“*con-sentir*” desejável e o importante é saber que há nesse sentimento inexplicável uma condição ontológica e ao mesmo tempo política. Amigos convivem e são con-divididos pela experiência da amizade. Existem como um devir outro do mesmo e são ligados pela sensação, pelo pensamento e pela ação. Partilham intensamente o próprio fato de existir, a vida, o desejo. “Por isso, a amizade é o compartilhamento que precede qualquer divisão (...) E é essa partilha sem objeto, esse con-sentir original, que constitui a política” (AGAMBEN, 2007).



Figura 13 – Mário Gomes, o poeta da Praça do Ferreira, em seu “lugar utópico” preferencial, em janeiro de 2014.

**TERCEIRO PASSO – Apolítico, acomodado, alienado. Um tanto imbecil e medíocre. Ou de como Mário Gomes se reconhece e continua vivo.**

*Uma Bobagem Literária, mas... real*

Eu me reconheço.  
Sei o que represento para a sociedade.  
Tenho ciência do regime do país.  
E me considero apolítico.  
Sei também que sou acomodado, alienado,  
Um tanto imbecil e medíocre.  
Financeiramente sou um atraso.  
No campo afetivo sou só.  
Eu, solteiro, sem filhos,  
Sem emprego,  
Sem formação,  
Cheio de vícios,  
Em determinadas horas  
Ou momentos  
Sou bom e outras vezes sou mau.  
Não consigo acreditar em Deus.  
Sei que sou parasita e ocioso.  
Nunca, jamais me comprometerei com o sexo oposto.  
Embora goste muito do corpo,  
Do sexo (delas).  
Não sou nenhum fenômeno poético  
Ou artístico  
Não sou um santo  
Um gentleman  
Uma pessoa útil  
Ultimamente vivo meditando  
O que já meditei.  
Falando o que já falei.  
Escrevendo o que já escrevi,  
Vendo o que já vi.  
Continuo vivo.  
Ora rindo, ora sério.  
Ora alegre, ora triste.  
Continuo vivo.  
Até quando?  
(GOMES, 1999, p.126-127)

Parasita, ocioso, descompromissado. E nada útil. Financeiramente, um atraso. Sem emprego, sem formação, cheio de vícios. Mário Gomes, poeta-andarilho, reconheceu como o maior dos seus desafios a proeza de viver sem trabalhar<sup>67</sup>. Uma obstinação que tinha lógica própria e lhe exigiu esforço permanente: simplesmente não queria se sentir preso, amarrado,

---

<sup>67</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. [out.2002]. Entrevistadora: Vilma Matos. Fortaleza, 2002. Disponível em <http://poetamariogomes.blogspot.com.br>. Acessado em 10/07/2015.

comprometido. Assim é que todo o engenho, suor e sangue foram empenhados em tornar possível uma vida à toa, minimamente livre, onde pudesse gastar os dias a escrever poemas ao bel prazer para, de quando em vez, com a ajuda de amigos, publicá-los de modo independente e esparso, o que lhe renderia algum simbólico retorno financeiro a posteriori, a fim de permanecer na ‘lida’ solta e fluida de malandro e vagabundo confessos, sem relógio e sem padrão, entre a boemia, a poesia avulsa e a conversa despreocupada ao sereno. Pensamento reto, firme, coeso, mantendo tesa a ação:

Eu não tenho vocação pra trabalho... não tenho vocação pra trabalhar pra ninguém não. Trabalhar pros outros? E por acaso eu tô com fome? A estrada é fechada? O cara ser vagabundo e louco não é contra lei não, rapaz! Realmente eu sou vagabundo. Vagabundo é o cara que não tem vocação para trabalho nenhum. Eu nunca vi nada bom em trabalhar. Se o vagabundo quer trabalhar ele deixa de ser vagabundo. Vagabundo não precisa de nada. Tem o vagabundo e o malandro. Malandro é o patrão que tem tudo, que manda o trabalhador trabalhar pra ele. Vagabundo não tem profissão nenhuma e não quer emprego em lugar nenhum (Informação verbal)<sup>68</sup>.

Um não redondo ao ter que colocar a mão na massa. Ou a fazer parte da massa trabalhadora. Utopia das mais provocadoras sobretudo quando levada a desfilar desobediente diante do altar contemporâneo do “Deus-dinheiro”<sup>69</sup>, onde, pensando com Benjamin (2013), o capitalismo é cultuado fervorosamente como religião e o trabalho se apresenta como sua liturgia obrigatória e ininterrupta, que a todos busca capturar sem tréguas, colocando não só corpos mecanizados a seu serviço, como também a vitalidade cognitiva e afetiva, a subjetividade, o desejo, o tempo, a força-invenção de cada um. Para Agamben, que ratifica e atualiza o que lê em Benjamin, a sociedade capitalista que se desenvolve de modo parasitário a partir do cristianismo, acreditando numa vida a crédito e cultuando o ser imaterial que é a moeda, transformada em mercadoria, está condenada a hipotecar antecipadamente quantidades cada vez maiores do trabalho e da produção futura. Ele esmiúça:

O capital produtor de mercadorias alimenta-se ficticiamente do próprio futuro. A religião capitalista, em coerência com a tese de Benjamin, vive de um contínuo endividamento que não pode nem deve ser extinto. Mas não são apenas as empresas que vivem, neste sentido, sola fide, a crédito (ou a débito). Também os indivíduos e as famílias, que recorrem a isso de modo crescente, estão da mesma forma religiosamente envolvidos neste contínuo e generalizado ato de fé sobre o futuro. E o Banco é o sumo sacerdote que

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

<sup>69</sup> O filósofo Giorgio Agamben afirma em entrevista concedida a Peppe Salvà e publicada por Ragusa News, em 16/08/2012, que “Deus não morreu. Ele tornou-se dinheiro”. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>. Acessado em 07/07/2015.

ministra aos fiéis o único sacramento da religião capitalista: o crédito-débito<sup>70</sup>.

Ao tomar o lugar da igreja e governar o crédito, o Banco manipula e gere a fé enquanto expectativa de futuro, incorporando ao destino do homem um “Deus-dinheiro” que vende falsas esperanças e assim enfraquece a confiança no porvir e a vitalidade social. Sem apresentar redenção no tempo presente ou horizonte visível à frente, tem sido às custas do conformismo e do desespero por não vislumbrar saídas face a penitências impagáveis que, de acordo com Agamben, o domínio do capitalismo como religião sobre o nosso tempo expande o seu poder de expropriação do desejo, asfixiando a política como possibilidade de transformação e livre uso do mundo.

Eis que também é a partir de uma ideia de sacrifício - outro componente de sustentação cristã - que o psicanalista Edson Sousa (2007) reflete sobre o trabalho em meio à lógica econômica vigente, atrelando-o à “burocratização do amanhã”. Todo o nosso tempo - o da labuta e o do descanso, cada vez mais confundidos e prensados em um único pacote - é sacrificado em nome da reiteração de circuitos repetitivos, do território do mesmo, do imutável. Assim, futuros opacos e sombrios se sobrepõem à necessária inconformidade do ser humano diante do absurdo da existência. Daí a aposta na utopia como provocadora da imaginação e dos processos de criação para a abertura de outros caminhos possíveis e ações de enfrentamento frente à obscuridade do instante.

Para ele, “a utopia tem a importante função de resistir aos imperativos do consenso que cada vez mais o laço social nos impõe”. É ela que faz emergir a face da sombra da ordem estabelecida e nos impele a nos reapropriar do tempo, do desejo e da esperança, abrindo discontinuidades, brechas, furos, interrupções no fluxo do mesmo. Parafraseando Benjamin, Sousa nos lembra que a verdadeira catástrofe é que as coisas continuem como estão – ou como antes. Assim, o discurso conservador e dito proativo, tão vigente em nosso tempo, que busca desqualificar a utopia e todas as ações baseadas em tal princípio, fazendo-as parecer impossíveis, ingênuas ou mesmo paralisantes diante de um amanhã que nunca chega, cola-se ao imaginário como uma crosta que recobre e reprime o espírito crítico de uma época e sua capacidade de provocar a imaginação a sonhar com outros mundos.

---

<sup>70</sup> Ver artigo “Benjamin e o capitalismo”, de Giorgio Agamben, traduzido por Selvino J. Assmann, professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520057-benjamin-e-o-capitalismo-artigo-de-giorgio-agamben>. Acessado em 07/07/2015.

Para Sousa, a utopia como esse “desassossego do presente acossado pela responsabilidade com o amanhã” desautoriza a racionalização do sistema político com vistas à manutenção da ordem e é uma resposta à burocratização do amanhã, essa forma de controlar o tempo às custas do sacrifício de muitos, a rigor um dos instrumentos mais potentes da lógica do poder quando atrelado ao fluxo de valores das mercadorias e à teoria desenvolvimentista do progresso. Assim, o desejo de utopia institui um território de crise, uma fissura positiva no presente, que abraça a potência do inacabado e do fracasso como formas de romper com essa burocracia e manter vivo o sonho, ao mesmo tempo em que produz novas metáforas e um novo fazer político.

Pensar na negativa de Mário Gomes diante do mundo do trabalho tecnicista e narcotizante contemporâneo, que se dedica a automatizar o tempo e apagar as diferenças, nivelando tudo como natural, posto e acabado, significa pensar, assim, na desburocratização do amanhã, escavando no presente as ressignificações e os meios necessários para romper com o senso-comum e as manobras sutis de dominação e sacrifício que, cada vez mais, incorporamos como óbvios procedimentos de rotina. Em sua franca recusa para trabalhar, na esteira de um desejo de liberdade que não está livre das forças do poder, mas desequilibra o jogo, o poeta-andarilho usa de coragem e se subtrai da massa de cidadãos produtivos, úteis e rentáveis para o sistema, levando a termo seu inconformismo e afirmando a utopia também naquilo que é subtraído ou interrompido em meio ao árduo e intrincado processo de abertura de outros possíveis e amanhãs.

Mais do que escavar o valor daquilo que é interrompido, subtraído ou inexato, Agamben (2014) vem colocar em cena a outra face do poder que separa o homem de sua potência, impedindo o exercício de forças ativas: trata-se de uma operação muito mais dissimulada, que é aquela voltada à sua impotência, a “um poder de não fazer”. Para além da ausência de potência, ele chama a atenção para a impotência, o poder não exercer a própria potência, poder tanto fazer quanto não fazer. “E é precisamente essa ambivalência específica de toda potência, que é sempre potência de ser e de não ser, de fazer e de não fazer, que melhor define a potência humana” (AGAMBEN, 2007, p.72). Singular na pele de um “animal que pode a sua própria impotência”, o homem se expõe assim ao erro ao mesmo tempo em que dispõe do livre domínio de suas capacidades, tanto para fazer como para manter-se em relação com a possibilidade de não fazer.

Para Agamben, hoje o poder prefere agir justamente sobre a impotência do homem contemporâneo, iludindo-o e tirando proveito quanto a sua suposta capacidade de tudo fazer.

Sempre a postos para dar conta do que o mercado exige, ele já não goza de discernimento e controle sobre si mesmo para perceber as suas incapacidades, aquilo que não pode fazer ou pode não fazer. Assim, ao afirmar uma não vocação para o trabalho, Mário Gomes subverte as representações vigentes acerca dos papéis sociais e toma para si o poder de não fazer, armando-se da potência que também se constitui de impotência como forma de resistência.

Nada nos torna tão pobres e tão pouco livres como o estranhamento da impotência. Aquele que é separado do que pode fazer pode, porém, resistir ainda, pode ainda não fazer. Aquele que é separado da sua impotência perde, ao contrário, principalmente, a capacidade de resistir. E como é somente a ardente consciência do que não podemos ser que garante a verdade do que somos, assim é apenas a visão lúcida do que não podemos ou podemos não fazer que dá consistência ao nosso agir (AGAMBEN, 2014, p.73).

O ser avesso ao trabalho, em Mário Gomes, abre espaço ainda para pensar a própria formação brasileira, tomando como referência inicial um ensaio do escritor e pesquisador Manoel Ricardo de Lima, onde ele chama atenção para um traço que sempre foi tido como ingênuo ou às avessas de nossa composição, mas que é muito próprio, e diz sobre uma “malemolência amorosa” historicamente apagada de nossos modos de convívio e sobrevivência. Às voltas com os escritos do historiador Sérgio Buarque de Holanda, notadamente em *Raízes do Brasil*, onde o escritor reconstitui a problemática incorporação de valores econômicos e culturais plantados de maneira impositiva no Brasil Colônia, Lima recoloca em cena a possibilidade imaginativa - e original - de um cenário brasileiro mais afinado ao ócio do que ao negócio.

Ou seja, num ajuste de contas, um certo empenho para a preguiça como nosso *próprio* ou praticamente como sugestão de um *pathos*: não como uma oposição à ideia de trabalho, mas sim - para nós -, como composição à outra ideia de trabalho. Quase a construção de um *ethos* tão particular e singular que nos remeteria diretamente ao traço de nossa hospitalidade radical também desesperada” (LIMA, Manoel Ricardo de. Revista Continente, 2012).

Premissa reiterada em Oswald e Mário de Andrade, escritores-chaves do modernismo brasileiro, que elaboraram para a cultura brasileira, ainda com Lima, “um espaço constituído entre a floresta e a escola”. Partindo do Manifesto da Poesia Pau Brasil, onde os brasileiros figuram como “bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos”<sup>71</sup>, o autor recoloca em evidência a alegria e a “sábria preguiça solar” como elementos-chaves da utopia antropofágica proposta

---

<sup>71</sup> O Manifesto da Poesia Pau-Brasil, redigido pelo escritor brasileiro Oswald de Andrade, apresentou as noções estéticas que iriam nortear a produção poética de parte dos modernistas brasileiros. Foi publicado pelo *Correio da Manhã*, em 1924.

pela dupla modernista, cuja exigência central era uma digestão própria e singular do banquete de iguarias culturais diversas vindas d'além mar. Em *Macunaíma*, livro de Mário de Andrade publicado em 1928, como também em um texto de 1918 do escritor intitulado "A divina preguiça", imagens da indolência novamente são refuncionalizadas por Lima, como "constituição de um *pathos* e também de um *ethos* de nossa origem", desfazendo assim nós históricos ligados ao Estado e à Igreja que, no Ocidente, colam à figura do preguiçoso a pecha de improdutivo, melancólico, indiferente, distraído, incompetente.

E é ainda na "quietude malemolente" de Riobaldo, narrador de *Grande Sertão: Veredas*, do escritor Guimarães Rosa, que Lima reafirma o parentesco íntimo entre os termos "ócio" e "negócio", trazendo essa intersecção para o nosso quintal. A partir da cantilena que atravessa e martela a cabeça de Riobaldo por toda a narrativa – "viver é negócio muito perigoso" -, o autor observa:

Ora, dentro da frase que Riobaldo repete num sem-número de variantes, há a palavra negócio que identifica a vida moderna como ambivalente, se pensada numa trajetória contingente, acidental, inoperante e, por que não, no caso brasileiro, naturalmente dedicada ao ócio ou radicalmente à preguiça como espaço de imaginação (LIMA, Manoel Ricardo de. Revista Continente, 2012).

Também empenhado em desfazer a maldição da preguiça no Ocidente, encarada como pecado original e traço depreciativo, espécie de 'crime' frente à extrema valorização do trabalho, o jornalista e professor Aduino Novaes (2012), organizador da série de colóquios e dos ensaios publicados em *Elogio à Preguiça*, tenta retirar o preguiçoso de sua condição depreciativa, problematizando, através dele, o mundo acelerado do progresso e do trabalho. Como hipótese, ele coloca sob tensão o fato de que no mundo dominado pela tecnociência nunca se trabalhou tanto e se pensou tão pouco, não apenas sobre as condições do trabalho, mas principalmente sobre a ausência do trabalho do espírito, entendendo por espírito a "potência de transformação da inteligência".

Apoiado em Paul Valéry, poeta francês para quem "é preciso ser distraído para viver", Novaes defende que a vida íntima que a preguiça leva com o trabalho pode revelar que "o preguiçoso trabalha muito" e que o desenvolvimento tecnocientífico e digital, ao mesmo tempo em que nos economiza o trabalho mecânico, nos torna mais incompletos. Assim, escreve:

Isto é, mais precisamente, a máquina governando quem a devia governar; daí decorre o segundo problema, bem mais complexo: tantas potências

auxiliares mecânicas tendem a reduzir “nossas forças de atenção e de capacidade de trabalho mental”, o que se relaciona aos seguintes fenômenos: impaciência, rapidez e volatilidade nunca antes vistas (...) Certamente o preguiçoso tem muito a dizer sobre o mundo acelerado do progresso e do trabalho que cria objetos indispensáveis, mas também nos deixa, como herança, neurose, depressão, alienação, desastres ecológicos, excesso de ruídos artificiais e técnicos, apressamento, economia de guerra, morte do sujeito, inconsciência de si e, enfim, 191 milhões de vítimas em massacres nos últimos cem anos, entre outros feitos (NOVAES, Adauto. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 2011).

Condenado pela lógica do trabalho e da Igreja, o preguiçoso, de acordo com Novaes, é portanto aquele que deve pagar pelo que não faz e pelo tempo que não dedica à produção de mercadorias e ao frenesi econômico e consumista. Assim, ao ‘bançar’ o risco de se assumir como malandro e vagabundo, Mário Gomes entrou para a galeria dos preguiçosos tornando-se mais uma vida menosprezada, não contabilizada pela matemática do capital. Como todos, pagou caro pelo desajuste, por desfrutar a vida no ócio, por problematizar o mundo da ordem, tentando escapar aos aprisionamentos. Mas não na pele de vítima da privação ou passivo lastimoso. Seu esforço visceral para viver sem trabalho, às custas das próprias astúcias, assim como no ocioso para Novaes, diz sobre uma torção invisível e sutil na coluna vertebral da lógica capitalista, uma quebra no funcionamento regular do estabelecido, uma ação de resistência respaldada por um pensamento que não aceita a culpa, o castigo social e nem elabora a vida como desastre.

Entre as muitas conversas com o amigo, diplomata e escritor Márcio Catunda, o poeta-andarilho disparou:

O dinheiro é o que escraviza a humanidade. O único animal que trabalha é o homem. O homem é escravizado ao compromisso, à responsabilidade (...) Não sei ganhar dinheiro, nem o dinheiro me ganha (...) Sabe o que descobri? Olhe, o Rui Barbosa afirmou: o mundo é de todos e de ninguém. Foi ou não foi? Sabe como eu interpretei? Enquanto eu for vivo tudo é meu e quando eu morrer nada mais é meu (...) Comi um pedacinho de pão com café porque é meu. Prefiro café com pão meu do que caviar e champanhe dos outros (...) O cachorro vira-lata supera qualquer ser humano na face da Terra: anda nu e faz o que quer (GOMES apud CATUNDA, 2015).

O vagabundo, em Mário Gomes, não aponta para a miséria ou para a aflição, mas para a altivez conferida aos aventureiros que, corajosamente, enfrentam os riscos inerentes à descoberta de desconhecidos e imprevisíveis territórios. Reinventando-se em seu deslocamento arriscado, o poeta-andarilho conquistou novos modos de experienciar a vida, afirmando uma força de resistência selvagem. Nas ruas, em meio às condições inóspitas de sua errância, exigiu respeito, como também aprendeu a se manter vigilante, atento, medindo a

temperatura do mundo, um tonto em permanente estado de alerta, ora frágil e vulnerável, ora mais forte do que todo revés. É que em quase cinco décadas de perambulações, a 'conta' lhe chegaria cada vez mais alta.

Meu nariz é quebrado, esfaqueado, tiro, todo quebrado e inteiro. A última foi facada. Levei três facadas, eu tava em frente ao aeroporto Pinto Martins internacional, de madrugada. Me viram comprar três carteiras de cigarro e um bocado de cara veio me pedir, eu mandei pra puta que pariu. Não tem saída não, se fingir que é amigo piora, se não fingir piora também. Me deram cinco facadas nessa mão e levaram o que eu tinha no bolso. Minha amiga, eu tenho que me defender. Invadiram Fortaleza. Tem mais de 150 mil da construção civil morando aqui que perderam o emprego, tem mais de cinco mil foragidos das cadeias vivendo nas calçadas! Então tem que cortar o barato na hora. Eu tô sozinho em Fortaleza. Na Praça do Ferreira não vejo mais nenhum dos antigos... Não têm coragem de enfrentar a barra não. Tudo com medo de apanhar. Devido a essa invasão de bandido. Os caras ficaram na sugesta. Sugesta é o seguinte: chega um e pede um cigarro, se não der agora vou lhe matar. Aí o cara fica com medo, o coração do cara cresce descontroladamente e ele morre do coração. Eu lá vou ficar na sugesta com ninguém, rapaz! Eu ando pela cidade toda! Centro, Farol, Mucuripe, de madrugada. Às vezes eu penso que tenho 14 anos. Devido ao potencial. É o corpo. Não sinto nada. Os ferimentos meus no outro dia já tão curado, não uso médico nem remédio. Deve ser o sangue. O da mãe é A negativo e o do meu pai O positivo universal (Informação verbal).<sup>72</sup>



Figura 14 – Mário Gomes, ora frágil e vulnerável, ora mais forte do que todo revés.

<sup>72</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

A invenção de si em Mário Gomes criou assim antídotos amargos contra uma realidade opressiva e violenta com a qual ele evitava se relacionar, embora dela também não pudesse escapar. Mobilizando todas as suas forças para poder sua impotência, cumpriu a exigência, jamais tranquila, de existir e resistir inserido no interior do que Michael Hardt e Antonio Negri (2005) chamam de “império” - ou era da globalização armada -, essa forma de poder global cuja rede de hierarquias e divisões mantém a ordem não mais com base essencialmente na soberania do Estado-nação ampliada para territórios estrangeiros, mas através de um “poder em rede” onde os Estados-nação dominantes se unem a instituições supranacionais, grandes corporações capitalistas e outros poderes para criar uma nova forma de soberania amparada por regimes armados e de segurança que alimentam um estado de guerra perpétua como forma de controle através sobretudo da incitação ao medo.

Silenciosamente e sem precisar de derramamento de sangue, a guerra passa de situação excepcional para o estado normal das coisas, assumindo um caráter generalizado na contemporaneidade, quando deixa de ser elemento destrutivo inevitável da vida social para dominar a vida. Assim, transforma-se na matriz geral de todas as relações de poder e técnicas de dominação, ao mesmo tempo em que reprime e asfixia formas de vida. Hardt e Negri contextualizam:

A guerra moderna era dialética no sentido de que todo momento negativo de destruição implicava necessariamente um momento positivo de construção da ordem social. A guerra só se torna efetivamente absoluta com o desenvolvimento de armas que pela primeira vez tornaram possível a destruição em massa e mesmo a destruição global. O poder soberano que controla tais meios de destruição é uma forma de biopoder neste sentido mais negativo e terrível da palavra, um poder que decide de maneira direta sobre a morte – não apenas a morte de um indivíduo ou grupo mas da própria humanidade e talvez mesmo de tudo o que existe (HARDT, NEGRI, 2005, p.40-41).

É na “guerra contra a guerra” - ou em focos de resistência levados a termo pela “multidão” - que Hardt e Negri vislumbram um esforço ativo capaz de destruir o regime de violência e os sistemas de desigualdade e opressão que perpetuam nosso estado de guerra. Como território alternativo, a multidão pode ser encarada igualmente como uma rede, ao passo que diz respeito à criação de novos circuitos de cooperação e agenciamento pautados pela vida em comum, entendendo por comum não só a descoberta como a produção biopolítica dessas novas modalidades de comunicação, colaboração e trabalho, numa espiral expansiva de relações econômicas, políticas e culturais. Esse é o trabalho imaterial e

biopolítico que, para ambos, deve orientar a criação e reprodução de novas subjetividades na sociedade.

Ao escolher o corpo como casa e experimentar o desafio de viver ao revés da produção de bens materiais, em meio às diferentes configurações da produção social que fazem girar a engrenagem da economia global, visto que, mais do que bens e serviços, consumimos formas de vida, o poeta-andarilho abriu passagem para o seu querer-artista irreduzível ao poder e ao estado global permanente de guerra. É a partir de seu desejo explícito de se governar e inventar novas possibilidades de vida, como também através da postura de enfrentamento permanente diante das hierarquias de poder, que podemos vê-lo duelar no interior mesmo dos processos de dominação e disputa de poder intrínsecos ao novo capitalismo em rede, aquele que depende da circulação dos fluxos de toda ordem a alta velocidade, fluxos de capital, de informação, de imagem, de bens e sobretudo de pessoas, embora nem todos extraíam dessa circulação os mesmos benefícios.

Para Hardt e Negri, quando o capital amplia o seu domínio de forma ilimitada “o comando capitalista tende a torna-se um não-lugar, ou melhor, um todo-lugar”. Assim, não há nada mais fora do capital ou da lógica de poder, que se alimenta de subjetividades, fluxos e deslocamentos de toda a ordem, gerando exclusão maciça. De uma perspectiva socioeconômica, a própria multidão é a “carne real da produção pós-moderna” e a um só tempo “o objeto a partir do qual o capital coletivo tenta formar o corpo do seu desenvolvimento global”. Mas nessa economia afetiva, as forças vivas entremeadas em toda a rede social não são apenas reservas passivas reféns do Império. Múltipla e expansiva, a riqueza biopolítica da multidão é vetor de valorização e auto-valorização em seu poder de afetar e ser afetado, de inventar outras formas de vida e convivência. Assim, cabe à multidão, com o tempo, mover-se pelo Império que se esforça em regulá-la e sair do outro lado, afirmando a biopotência do coletivo e o potencial libertador dos poderes comuns.

Mover-se pelo Império - ainda que em minúscula variação -, constituindo para si uma comunalidade expansiva e um modo próprio de transitar por esferas consideradas invisíveis e, portanto, difíceis de modular, foi o ‘problema’ que o poeta-andarilho armou para si, partindo da potência mesmo do homem comum, já que “todos e qualquer um inventam - na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer - novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação” (PELBART, 2003). ‘Problema’ que pode ser pensado com Benjamin (1997) na esteira de sua crítica à dinâmica corrosiva do

capitalismo, em particular quando o autor recorre ao poeta Charles Baudelaire justamente para apontar a cidade como morada possível do homem moderno - e também o seu inferno -, lugar de tipos humanos “heroicos”, como o *flâneur*, a partir do qual ele também cerca o problema da “pobreza da experiência”, já percebida como marca da modernidade.

É a partir da análise da *flânerie* como experiência interior, ampla e livre nas ruas da Paris moderna, toda ela em convulsão, às voltas com grandes transformações urbanas e torrentes de apelos estéticos e mercantis, que o autor chama atenção para o cenário de mercantilização e massificação ligado à perseguição incessante de novidades, o que acaba por comprometer a ritualística absorção da paisagem em seu avesso, dando lugar à vivência estreita do sempre-igual e seu raso valor de troca. Acometida pela febre do descartável, a sociedade moderna assiste assim à inscrição da caducidade, da morte e do vazio nas próprias coisas, o que lhe aguça a consciência do tempo – ou da finitude.

Para Benjamin, diante da aceleração dos ritmos de produção e trabalho, da voracidade de consumo imposto pelo capitalismo e da caducidade de sentido das coisas, os grupos humanos se distanciam sob a nuvem de um desencantamento e, com isso, regenera junto a experiência, dando lugar à mera acumulação de vivências isoladas, fatos, acontecimentos. Assim, o homem moderno também se vê às voltas com o fim da narração tradicional e o esfacelamento da comunidade de ouvintes, outrora apta a se deixar afetar por histórias repassadas de geração para geração e incorporadas às próprias vidas como legado e não somente como herança. Em paralelo, acrescenta Barrento, ao passo que no novo espaço público já não haveria lugar para vida privada, criou-se a ilusão de posse e segurança no interior da casa burguesa, “lugar devassado e instável onde sopra um vento do capitalismo do descartável”.

Triunfo das fantasmagorias na colisão dos tempos, refletidas no domínio das abstrações e violências sem rosto que entram sem bater na porta da pós-modernidade. Para Barrento, nunca as consciências se viram tão enredadas no confuso labirinto das redes de sentido. Assim, são marcas indeléveis da contemporaneidade o “sempre-igual”, o “estigma do transitório”, o triunfo do novo que “é vivido em permanência no seu borbulhar de superfície, sem preocupações de se lhes atribuir sentidos para além da vivência não reflectida” (BARRENTO, 2013, p. 91). A rigor, é o “tempo sem tempo” das grandes cidades de hoje, às voltas com a indústria da cultura e seu consumo pasteurizado de shopping-center, que acaba

por alienar e cegar o transeunte diante do caráter aberto e caleidoscópico de histórias e memórias construídas como palimpsestos, impossibilitando a *flânerie*.

(...) o transeunte deixou de ser um espírito disponível, para se transformar em “cidadão” controlado e apressado, neutralizado numa pós-modernidade desencantada, não no sentido que Max Weber deu à expressão *Entzauberung der Welt* (a perda da magia do mundo), antes no de um tédio inconsciente (e não cultivado, como o *spleen* de Baudelaire) ou de um entusiasmo artificial que dominam as massas acomodadas e auto-satisfeitas, em existências sem exterior, sem contraponto reactivo (BARRENTO, 2013, p.101).

Transformado em comprador de mercadorias com reduzido valor de troca e de culto, o *flâneur* é engolido pela ideia de progresso e modernidade, enquanto o mal-estar e a melancolia se instalam nos interstícios da sociedade capitalista, “sob a égide de um *no future*”:

A nova *flânerie* é nocturna e violenta, desesperada e ressentida. O seu móbil já não é o da experiência do olhar (embora se continue o culto da deriva, mas agora na horda, no *gang*). Este *spleen* remete para outros horizontes, e tem outras implicações que vão para além de meros “exercícios da visão”. Impõe a política e ao pensamento arquitectónico e urbanístico de hoje um compromisso com a história e com o humano, que será, ou realizado ou abortado. E o resultado será, ou um campo de ruínas, ou uma paisagem-outra (aquela que uma autora como Maria Gabriela Llansol inventa como “mais-paisagem”, propiciadora da recuperação da capacidade do olhar recíproco original). A cidade actual, em que o cerne histórico se esvazia (à noite) e os subúrbios são desertos (de dia), é uma paisagem sem a medida humana (de que fala o fragmento de Holderlin “Em azul ameno [...]”, e que, de outro modo, os novos tipos humanos ainda emprestam a Paris de Baudelaire), um território marcado por um duplo vazio. Um grande texto/tecido à espera de ser reescrito, no espírito de uma nova *polis* que fosse construída e vivida à imagem de um paradigma humano, tão humano que custa a crer que se imporá um dia, tão viciados estamos em noções estreitas do humano (BARRENTO, 2013, p 103-104).

Sem nostalgia, mas como “latência irresolvida que salta de um passado e que pode se nos abrir no futuro”, furando a narrativa totalizante e totalizadora da história, é que a imagem do *flâneur* refletida por Benjamin vem respingar em Mário Gomes, o poeta-andarilho que, escavando brechas e aberturas em meio aos *bunkers* artificiais da cidade contemporânea, apontou para a exigência de um outro tempo, uma outra história, uma outra narrativa. Em jogo ou, como quer Barrento, “em devir para o incerto”, esteve o suportar andar descalço sobre as ruínas da metrópole que precisa encontrar o novo. Assim, em seu curto-circuito movente, o que o poeta-andarilho esboça são o recontar da história a partir de suas estranhezas, asperezas e descontinuidades, o desenho de um insuspeitado enfrentamento

diante das armadilhas capitais, o necessário jorro da memória interrompida, inacabada e errática “dos que não têm direito à lembrança nem à palavra” (GAGNEBIN, 2009).

Não sob o ímpeto de restauração do passado ou valorização compensatória da memória ou tradição. Mas, como exortou Benjamin, para escarafunchar no passado as promessas e urgências políticas do presente, os futuros asfixiados ao longo da história que urge. Por conseguinte, em Mário Gomes, o esforço por desmonumentalizá-lo, soltando as amarras da camisa-de-força que, literalmente, um dia lhe impuseram, também não quer resvalar para a ‘revanche’ de uma suposta contra-história dos vencidos – e sim para a necessidade de uma outra narrativa da história, aberta aos inacabamentos, às gagueiras. O caminho labiríntico que o poeta-andarilho aponta vem, portanto, desestabilizar as relações causais e cronológicas da história para afirmar os paradoxos temporais e a força anacrônica da memória, onde todos os tempos colidem e relampejam suas interconexões iminentes.

É como palimpsesto vivo, iridescente e interrogativo em face a um mundo atual destituído de memória que Mário Gomes, o poeta-andarilho, aponta para a dimensão do político e da imaginação, para a necessidade de romper a condição retiniana da memória, indo ao encontro das sobras, dos cacos, dos restos, de um “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994). Em sua luta “heróica” por um estatuto de reconhecimento, enseja ainda a composição de uma série imprevista de “imagens sobreviventes” (DIDI-HUBERMAN, 2013) - e, sobretudo, uma tomada de posição diante delas. Assim, é com Barrento, novamente, que mergulhamos, através de imagens alegóricas, no fundo matricial único, embora modificado, da civilização urbana que ainda liga - e não só separa - a modernidade da contemporaneidade:

os labirintos do *flâneur* são as ratoeiras do trânsito de hoje (ou os corredores do centro comercial); a floresta onde ele se perde por gosto é a selva que nos consome; à cidade como campo de alegorias que emergem do meio da multidão corresponde o reino sempre igual dos rostos tristes, abúlicos ou agressivos, das massas híbridas de hoje; o choque produtivo amorteceu na sequência entediante e mortífera de acontecimentos de rotina, mas cresceu quantitativamente; a cidade-texto e palimpsesto gerou espaços de redes saturadas e asfixiantes; a paisagem do inorgânico acentua-se em cenários de pesadelo (BARRENTO, 2013, p.111).

Profundamente ligado a tais começos e inserido no contexto de um capitalismo cultural que sequestra e vende modos de vida, Mário Gomes, podemos supor, usou a própria vida, na sua precariedade de subsistência, como um vetor de autovalorização, reinventando suas coordenadas de enunciação e um modo próprio de ganhar visibilidade no repertório da

cidade em que viveu. Mas qual o real alcance dessas linhas de escape em meio à plugagem global e à exclusão maciça contemporânea que produz sujeitos banidos e sobreviventes, sobrantes e miseráveis? E como permanecer resistindo e inventando “artes do viver” ainda sob impacto de uma fase inicial da civilização urbana, onde o homem moderno se chocou com a perda da experiência, da aura, das formas seculares de narração e transmissão, da totalidade do eu e do sentimento de coesão social e pertencimento?

Peter Pál Pelbart (2003) afirma que hoje vivemos uma crise do “comum”. Para ele, as formas consensuais que antes asseguravam alguma consistência ao laço social entraram em colapso, arruinando modos de associação consagrados, como partidos e sindicatos. E vai além:

Perambulamos em meio a espectros do comum: a mídia, a encenação política, os consensos econômicos consagrados, mas igualmente as recaídas étnicas ou religiosas, a invocação civilizatória calcada no pânico, a militarização da existência para defender a “vida” supostamente comum, ou, mais precisamente para defender uma forma-de-vida dita “comum”. No entanto, sabemos bem que esta “vida” ou esta “forma-de-vida” não é realmente ‘comum’, que quando compartilhamos esses consensos, essas guerras, esses pânico, esses circos políticos, esses modos caducos de agremiação, ou mesmo esta linguagem que fala em nosso nome, somos vítimas ou cúmplices de um sequestro (PELBART, 2003, p.140).

Ao sequestro do “comum”, que nada mais é do que esses clichês reconhecíveis, meros decalques do empírico, Agamben (1993) responde com a evocação de uma nova comunidade, ainda desconhecida, mas voltada justo para a redefinição do “comum” e para a urgência de um lugar reservado à radicalidade do político no presente, onde uma “singularidade qualquer”, contrária a princípios identitários e restauradora da linguagem enquanto invenção, viria a se constituir, apontando para outros modos de vida. Isso porque, para o autor, o enfrentamento pós-moderno do “um qualquer” é sobretudo com a falácia da vida dita “comum”, unitária, uniformizadora, transcendentalizada, espetacularizada e notadamente a serviço de imagens prontas e esquemas de pertinência fechados em si, que acabam por enquadrar e aprisionar o “comum”.

A luta, acrescenta Pelbart, é ainda pela afirmação da linguagem como o nosso bem mais comum, redefinindo e alargando os seus domínios a partir de individuações diversas e de uma “heterogeneidade não totalizável”, contrária a uma suposta “comunidade de iguais”. Para ele, a expropriação do comum numa sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) é a expropriação da linguagem, face a sua automatização numa esfera separada, de modo tal que

ela já não revela nada e ninguém se enraíza nela. “Quando a comunicatividade, aquilo que garantia o comum, fica exposta ao máximo e entrava a própria comunicação, atingimos um ponto extremo do niilismo (...)” (PELBART, 2003, p.38).

É o que também percebe Agamben, quando enfatiza que é a nossa própria natureza linguística que chega até nós invertida diante do triunfo do espetáculo, redundando na alienação do ser linguístico e no “desenraizamento de cada povo de sua morada vital na língua”. Na contramão dos clichês da linguagem, que revela “o nada de todas as coisas”, separando nos homens o que deveria uni-los, o poeta-andarilho pode ser pensado, no presente, como imagem do porvir constituída por Agamben em torno de “cidadãos sem pressupostos nem Estado, em que o poder niilificante e de destinação do que é comum será pacificado”.

Filiado a ninguém e alheio à reivindicação em torno de qualquer condição de pertença junto a uma classe ou à representação dela - “não trabalho para não desclassificar a classe trabalhadora”<sup>73</sup> - , Mário Gomes aproxima-se do “ser-qualquer” de Agamben a partir da “própria pertença”, do “seu próprio ter lugar” no mundo, do corpo-a-corpo que ele encerra com os dispositivos do poder para afirmar a vida errante como “potência de ser” e também de “não ser”, visto que “propriamente qualquer é o ser que pode não ser, que pode a sua própria impotência” (AGAMBEN, 1993, p.33). A singularidade qualquer, portanto, de acordo com Pelbart, é a recusa intolerável ao poder constituído do Estado sem a ‘devolução’ de um ‘avatar’ desse mesmo poder, seja através de um correspondente partidário ou ideológico.

O ser-qualquer de Agamben, entrevisto em Mário Gomes, caminha assim em direção da “política que vem”, onde não só é necessário um êxodo do Estado, como também o abandono da “sacralização do eu soberano” e a inscrição no jogo que promete devolver ao uso comum aquilo que foi expropriado para a esfera do sagrado. A isso, o autor chama de “profanação”, convocando o ser que vem a “profanar o improfanável”, assumindo a vida como jogo, dessacralizando regras e normas do poder sobre ela para assim afirmar a potência de vida. De textos profanos, Agamben (2007) arrola exemplares paradigmáticos da “comunidade que vem”: as criaturas não batizadas e condenadas ao limbo nos escritos

---

<sup>73</sup> A afirmação consta no curta-metragem Mário Gomes: o poeta da Praça do Ferreira, dirigido por Zébaptista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIzFfX6kzf4>. Acessado em 23/01/2015.

bíblicos, assim como os personagens da literatura do escritor suíço Robert Walser (1878-1956). Sobre eles, escreve:

A pena maior - a ausência da visão de Deus – transforma-se assim em natural alegria: irremediavelmente perdidos, permanecem sem dor no abandono divino. Não é Deus que os esqueceu, são eles que o esqueceram desde sempre, e contra o seu esquecimento é impotente o esquecimento divino. Como cartas sem destinatário, esses ressuscitados ficaram sem destino. Nem bem-aventurados como os eleitos, nem desesperados como os condenados, eles são cheios de uma alegria que não pode chegar ao fim. Esta natureza límbica é o segredo do mundo de Walser. As suas criaturas são irremediavelmente extraviadas, mas numa região que está para além da perdição e da salvação: a sua nulidade, de que tanto se orgulham, é acima de tudo neutralidade em relação à salvação, a objecção mais radical que alguma vez foi feita contra a própria ideia de redenção (AGAMBEN, 1993, p.14).

Lidos por Benjamin e analisados no que tem de “nobreza infantil”, os personagens de Walser que não querem nada além do que desfrutar de si mesmos encontram eco no “mundo das chancelarias e dos arquivos, das salas mofadas, escuras e decadentes” (BENJAMIN, 1994), onde o escritor austríaco Franz Kafka (1883-1924) fez desfilar uma galeria de personagens desimportantes, inábeis, “degradados” e “decrépitos”. Estes são, para Benjamin, os “ajudantes”, criaturas “ainda em estado de névoa”, que não têm nem lugar nem contorno fixo ou próprio. Entretanto, “para eles e seus semelhantes, os inábeis e os inacabados, ainda existe esperança” (idem, 1994, p.142). É no rastro desse mundo intermediário, ao mesmo tempo comum e absurdo, onde vivem os “ajudantes” de Kafka, que Agamben também mergulha no universo imaginário de gente que “não entende de nada” e acaba “esquecido a todo instante”, afirmando-os em suas impotências - a potência de poder não fazer, que também diz sobre a vagabundagem sem finalidade em Mário Gomes.

Em Agamben, uma memória primitiva e inábil recobre os “ajudantes” e com eles é possível pensar na possibilidade da emergência de um novo sujeito ético-político e novos modos de sentir, pensar e experimentar o mundo. Senão, vejamos:

Encarnam o tipo do eterno estudante e do “enrolador”, que envelhece mal e que, no final, mesmo de mal grado, devemos deixar para trás. Contudo, nelas há algo, um gesto inconcluído, uma graça inesperada, um certo descaramento matemático nos juízos e nos gostos, uma agilidade aérea dos membros e das palavras, que testemunham seu pertencimento a um mundo complementar, que remete a uma cidadania perdida ou a um lugar inviolável. Uma ajuda, nesse sentido, se lhe deram, embora não a consigamos identificar. Talvez consistisse precisamente no fato de não serem ajudáveis, sem seu obstinado “para nós não a nada a fazer”; mas, precisamente por isso, sabemos ao final das contas que de algum modo as traímos” (AGAMBEN, 2007, p.32).

Ao revolver a figura do ajudante, Agamben também reflete sobre a relação com o perdido e o esquecido no preparo da imaginada comunidade que vem, aquela onde o “ser-qualquer” é capaz até de, desajeitada e surpreendentemente, se colocar à frente de tanques de guerra e assim interromper e quebrar, em um ínfimo de tempo, a imagem do triunfo total do espetáculo e do poder capitalista sobre a vida social. Para ele, é diferente o modo como esquecimento e ruína agem sobre nós. Tomar o pulso do esquecido em movimentos da vida que não são inteiramente úteis, como também de novas e estranhas possibilidades de ser e de estar no mundo, é um chamado para algo talvez equivalente a “viver na intimidade de um ser estranho, não para nos aproximarmos dele, para o dar a conhecer, mas para o manter estranho, distante, e mesmo inaparente - tão inaparente que o seu nome o possa conter inteiro” (AGAMBEN, 2012, p.51):

O que o perdido exige não é ser lembrado ou satisfeito, mas continuar presente em nós como esquecido, como perdido e, unicamente por isso, como inesquecível. Em tudo isso o ajudante é de casa. Ele soletra o texto do inesquecível e o traduz para a língua dos surdos-mudos. Disso nasce sua obstinada gesticulação, disso provém o seu impassível semblante de mímico. Disso, também, sua irremediável ambiguidade. Isso porque do inesquecível só é possível a paródia (AGAMBEN, 2007, p.35).

O esquecido e o perdido, assim como a memória incessantemente crescente de todos os males do mundo, também estão no cerne da escrita em tom coloquial que o filósofo Michel Foucault (2003) dedicou à “vida dos homens infames”, “seres quase fictícios”, personagens obscuras e desprovidas de qualquer grandeza estabelecida ou consagrada, cujas ínfimas existências, marcadas por desventuras e violências, estariam destinadas a passar sem deixar qualquer rastro. Ou quase, não fosse o discurso e a mão do poder terem se abatido sobre seus erros, desvios e falhas de conduta para repreendê-los, julgá-los e sentenciá-los publicamente, com base em documentos supostamente comprobatórios de um conjunto de “infâmias”. É sobre esses “estranhos poemas” que Foucault se debruça para pensar sobre “vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las”.

Monges sodomitas, soldados desertores, agiotas extravagantes, jovens rebeldes, todos desencaminhados. Fragmentos de vidas compilados em arquivos de internação, petições ao rei, cartas-régias e ordens de prisão retroativos ao século XVII e sobre os quais Foucault se dobra para investigar “o trabalho de poder sobre a vida e o discurso que dele nasce”, levando

em conta intrigas, armadilhas, astúcias e contingências diversas que geraram registros oficiais capazes de emporcalhar biografias em poucas frases, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, deram a elas, a essas existências desimportantes, sua única chance de ressonância para a posteridade.

O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós (FOUCAULT, 2003, p.207).

Único, taxativo e monocromático ‘monumento’, impossibilitando, como assinala Foucault, qualquer leitura mais sensível e dialética em torno de vidas que, esvaziadas de suas intensidades e complexidades, nos chegam como caricaturas, carrancas, borrões impressos sobre o rosto nebuloso e supostamente malévolos da infâmia. “Mas o homem infame não se define por um excesso no mal”, adverte Deleuze (1992), em seus escritos sobre Foucault. Ele acredita que trata-se do homem comum, do homem qualquer, o homem confrontado ao Poder por um simples fato corriqueiro e que é intimado a falar e a se mostrar, o homem moderno, pois. Mas não subordinado a um mandante soberano, tão somente. Para Foucault, o contato provocativo entre essas “existências-relâmpagos” e o poder que quer depreciá-las e apagá-las não é mero acaso infeliz do destino nem responsabilidade de um único homem. Difuso, o poder de julgar e condenar esses “casos de nada” vem do alto mas também de baixo, dos que respaldam e requerem as tomadas de decisão, como própria a família e a vizinhança, ao comporem um grande júri paralelo e cúmplice. Portanto, o que rege a queda de braços é justamente o poder que “cada um pode usar para si, para seus próprios fins e contra os outros”. Dessa forma, ele coloca na mão de todos, indistintamente, a feitura da matéria caudalosa dos discursos do poder que atravessam de forma cada vez mais sutil e arbitrária o cotidiano.

Ainda com Foucault, desatamos os nós da história para entender que a tomada de poder exigiu, ao longo dos tempos, e requer, como nunca, atenção às pequenas agitações e variações individuais de conduta. Basta lembrar de uma das mais simbólicas formas de coação inventadas no Ocidente cristão: a confissão, nada menos do que uma obrigação de passar a limpo e dar a ver, através da linguagem, faltas e fraquezas, como também as miudezas do cotidiano e até os mais íntimos pensamentos e desejos. Vigilância com resguardo. Ao passo que tudo devia ser dito, tudo também deveria ser ali mesmo apagado,

permanecendo em segredo. Assim, incitando o arrependimento e a penitência como expiação da culpa, “para centenas de milhões de homens e durante séculos, o mal teve de se confessar na primeira pessoa”, aos cochichos e sem alarde.

Até que ao final do século XVIII um mecanismo de registro e não mais de perdão passa a organizar a vida social de forma hegemônica: o mal que era segredo, apagado e remetido aos céus por uma voz única passa a ser denunciado, inquirido, escrito, registrado e arquivado, gerando dossiês, documentos e arquivos múltiplos - massa documental memorialística que não para de crescer, alimentando e regendo o poder, o discurso e o dia-a-dia. Assim é que o poder e a ordem do discurso se alastram sobre o corpo social, ampliando o seu alcance. “Como o poder seria leve e fácil, sem dúvida, de dismantelar, se ele não fizesse senão vigiar, espreitar, surpreender, interditar e punir; mas ele incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar” (FOUCAULT, 2003, p. 219).

Eis que a vida comum e as insignificâncias passam a estar na mira do poder, sendo convocadas a jogar o seu jogo, mesmo em condições de desvantagem, ao mesmo tempo em que os pequenos tumultos, os dias sem glória, os subterrâneos, as infâmias, enfim, são codificadas, registradas, enquadradas e avaliadas em seu encontro com os instrumentos de dominação. Virada de página, já que até o século XVIII, a linguagem e seu caráter legitimador só haviam voltado os olhos para os relatos dos grandes feitos de heróis ou monarcas. E foi vestido de grande retórica e sob a guarda de um “edifício verbal suntuoso” que o discurso político da banalidade foi inaugurado. Isso porque, de acordo com Foucault, “o banal não podia ser dito, descrito, observado, enquadrado e qualificado senão em uma relação de poder que era assombrada pela figura do rei” (FOUCAULT, 2003). É para o monarca que essa matéria narrativa singular se dirigia, daí a necessidade de uma linguagem solene, decorativa, imprecativa ou suplicante, a fim de reter a sua atenção e justificar a sua atitude repressora.

Entre as desordens do que se queria dizer e o rigor das formas é que, aos poucos, foi-se constituindo uma linguagem potencialmente comum, assim como novos saberes. E Foucault lembra que a literatura não ficou imune ao “mal minúsculo das vidas sem importância”, ou melhor, à infinidade de discursos sobre o banal, o ínfimo e o insignificante do cotidiano que na virada dos séculos XVII e XVIII mudaram as relações do discurso, do poder, da vida cotidiana e da verdade. Cantar o comum, fazer aparecer o que não aparece, o

que não se dizia, o que não merece nenhuma glória, o infame, portanto, tornaram-se imperativos.

No momento em que se instaura um dispositivo para forçar a dizer o “ínfimo”, o que não se dizia, o que não merece nenhuma glória, o “infame”, portanto, um novo imperativo se forma, o qual vai constituir o que se poderá chamar a ética imanente ao discurso literário do Ocidente: suas funções cerimoniais vão se apagar pouco a pouco; não terá mais como tarefa manifestar de modo sensível o clamor demasiado visível da força, da graça, do heroísmo, da potência; mas ir buscar o que é mais difícil de perceber, o mais escondido, o mais penoso de dizer e de mostrar, finalmente o mais proibido e o mais escandaloso. Uma espécie de imposição para desalojar a parte mais noturna e mais cotidiana da existência (com o risco de aí descobrir, às vezes as figuras solenes do destino) vai delinear o que é a tendência da literatura a partir do século XVII, depois que ela começou a ser literatura no sentido moderno da palavra. Mais do que uma forma específica, mais do que uma relação essencial à forma, é essa coação, ia dizer essa moral, que a caracteriza e que trouxe até nós seu imenso movimento: dever de dizer os mais comuns dos segredos. A literatura não consiste unicamente nessa grande política, nessa grande ética discursiva; tampouco se reduz inteiramente a ela; mas tem nela seu lugar e suas condições de existência (FOUCAULT, 2003, p.221).

Com Agamben, é possível ainda pensar a figura do infame e seu encontro ambíguo com o poder, a um só tempo marcado por fulguração e apagamento, como paradigma para colocar em jogo a presença-ausência do autor na obra. Ao perguntar onde estão as “vidas-poemas” (FOUCAULT, 2003) salvas do limbo por Foucault parece claro ao autor que nem no arquivo da infâmia nem fora dele, em biografias para sempre ignoradas, mas no “entre”, “no umbral do texto em que foram postos em jogo”, “como o gesto que, ao mesmo tempo, o tornou possível e lhe excede e anula a intenção”. (AGAMBEN, 2007, p.60). O autor afirma:

A vida infame não parece pertencer integralmente nem a um nem a outros, nem aos registros dos nomes que no final deverão responder por isso, nem aos funcionários do poder que, em todo caso, e no final das contas, decidirão a respeito dela. Ela é apenas jogada, nunca possuída, nunca representada, nunca dita – por isso ela é o lugar possível, mas vazio, de uma ética, de uma forma-de-vida (...) Ética não é a vida que simplesmente se submete à lei moral, mas a que aceita, irrevogavelmente e sem reservas, pôr-se em jogo nos seus gestos. Mesmo correndo o risco de que, dessa maneira, venham a ser decididas, de uma vez por todas, a sua felicidade e a sua infelicidade (AGAMBEN, 2007, p.60).

À luz do infame em Foucault e Agamben, Mário Gomes também é o resultado de seus inevitáveis encontros com as garras do poder, assim como das maneiras que encontrou para se relacionar ou medir forças com ele, resistindo aos estados abusivos de dominação e constituindo a si próprio como sujeito ativo, capaz de jogar o jogo estratégico da governabilidade, que pode ser desigual, mas também é móvel e instável, nunca irreversível,

pronto e acabado. Assim, atravessado pela economia dos discursos e as estratégias do verdadeiro, sua luta orgânica - e muitas vezes violenta - por governar-se nos remete aos germes de um outro modo de vida, onde o poder, de acordo com Foucault, não preexiste como o mal em si se o ímpeto comum a todos e qualquer um de determinar a conduta dos outros não impede que apetites e desejos de intensidades muito variadas sejam possíveis em diferentes sociedades.

Vagabundo, desarrazoado e sem trabalho, foi ainda agarrado às palavras que o poeta-andarilho buscou reforçar o seu campo magnético de resistência, trazendo as suas infâmias mesmo e pequenas glórias para dentro dos poemas tortos, escritos que tocam o indizível, o intolerável, o descarado, a estranheza. No poema *Autorretrato de um Espectro de Gente* é como um infame confesso e colérico, dono das suas aventuras e desventuras, irremediavelmente às voltas com perdas, desligamentos e aprisionamentos, que Mário Gomes emporcalha a própria biografia, julgando-se e condenando-se sem trégua, exercendo um poder raivoso contra si próprio, retirando-se ferozmente do lugar dos cidadãos de bem, dos donos do poder/saber, dos senhores da memória e da história. Infernal, “o besta hipócrita da literatura” difama-se para quem quiser ler, ao mesmo tempo em que deixa entrever no avesso de seu rebaixamento o problema ético de quem está atento à própria conduta de vida, problematizando a relação consigo próprio e com os outros, às turras com o refazer-se visceral exigido pela artesanaria da estética da existência, do viver como obra de arte, desafios caros a Foucault a partir do momento em que ele se volta à Antiguidade grega para perguntar e refletir sobre o que estamos fazendo de nós mesmos.

Eu, o mais vil dos cearenses.  
Já cheguei ao extremo da imbecilidade.  
O anti-poeta. O poeta medíocre.  
O intelectual analfabeto.  
O besta hipócrita da literatura.  
Como tenho vergonha de mim.  
Não mereço esse aspecto de gente,  
Sou um animal em potencial.  
Sou aquele que quando teve momentos de otimismo e superioridade  
A decepção derrubara  
Com uma paulada na cabeça.  
O palhaço da burguesia,  
Talvez o filho do Diabo.  
Nasci pobre. Pobre em tudo.  
Pobre financeiro. Em cultura. Em matéria.  
Em espírito e em aspecto.  
Quantos me conheceram se arrependeram de terem me conhecido!  
Hoje eu compreendo o porquê daquelas pessoas passarem por mim

e virarem o rosto. Não sou nada.  
Apenas um monte de carne e osso.  
Ou melhor dizendo, um monte de merda.  
Sempre fui mentiroso, ocioso, onanista e sacana  
A única virtude que tenho são os meus vícios.  
Me odeio e não sei amar ninguém,  
Morrerei um dia: não deixarei filhos  
Nem mulher chorando por mim.  
A morte, minha única mulher,  
Me espera não sei onde: o lugar, o dia e nem a hora.  
Mas, minha única mulher, a morte  
Também só me aceitará porque é inevitavelmente  
Impossível não aceitar.  
Sou um erro do Supremo Todo Poderoso.  
O contraste da natureza  
A vergonha de todos e de mim.  
(GOMES, 1999, p.52-53)

Mas o que podem os infames, os ajudantes, o ser-qualquer, o homem comum, portanto, na quebra de braço permanente, sangrenta e desigual com o poder, um jogo de vida e de morte? De que formas de resistência eles podem hoje dispor? Para o filósofo Didi-Huberman (2011), é justamente a luz discreta dos vaga-lumes, imagem paradigmática com a qual afirma a potência das “pequenas luzes” frente aos projetores incandescentes do poder hegemônico na contemporaneidade, que pode iluminar tais questões. Evocando contrapoderes, enquanto notas dissonantes em meio à sinfonia impagável de todos os “espetáculos” (DEBORD, 1997), o autor quer valorizar e fazer ecoar “a potência do menor gesto, da menor letra, do menor rosto, do menor lampejo” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.100).

Sua convocação à resistência também nos incita a imaginar o unimaginável, dizer o inenarrável, “apesar de tudo”. É lançando foco sobre o Holocausto (Shoah), horror para o qual não podemos nem devemos desviar o olhar em tempo algum, que ele nos põe diante da violência indizível produzida pelo nazismo junto ao povo judeu, como também da estratégia nazista dedicada ao apagamento de qualquer rastro ou testemunho em torno do maior genocídio do século XX. Seus guias na empreitada são algumas poucas fotografias milagrosamente produzidas e salvas por prisioneiros de campos de concentração em golpes de sorte que poderiam ter sido fatais, tamanha vigilância cerrada e completo isolamento. E é com elas que o autor vem falar pela boca de todos os que foram amordaçados ou enterrados – vivos ou mortos – no lastro do poder e do discurso dominantes, afirmando o ímpeto de resistência possível mesmo nas mais adversas das condições.

(...) devemos imaginá-lo, esse imaginável tão pesado. Como uma resposta que se oferece, como uma dívida contraída para com as palavras e as imagens que alguns deportados arrancaram para nós, ao pavoroso real de sua

experiência. Não invoquemos, portanto, o inimaginável (...) Estes pedaços são-nos mais preciosos e menos apaziguadores do que todas as obras de arte possíveis, pois foram arrancados a um mundo que os tinha por impossíveis. Imagens apesar de tudo, portanto: apesar do inferno de Auschwitz, apesar dos riscos corridos. Em retribuição, devemos contemplá-las, assumi-las, tentar dar conta delas. Imagens, apesar de tudo. Apesar de nossa própria incapacidade de sabermos olhar para elas como elas mereceriam, apesar de nosso próprio mundo repleto, quase sufocado, de mercadoria imaginária (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.15).

Se as quatro fotografias arrancadas do horror e reconduzidas à luz por Didi-Huberman “dirigem-se ao inimaginável e refutam-no”, levando a história a olhar para o “seu possível imaginável”, a carta que o poeta e cineasta Pier Paolo Pasolini escreveu aos 19 anos, como uma ode à amizade e à inocência, mesmo em meio à guerra que irrompia na Itália em 1941, passa a ser lida enquanto imagem sobrevivente de um período político igualmente obscuro. Nela, a descrição juvenil e entusiasmada, embora dosada pela culpa, de uma nuvem de vaga-lumes que ronda a noite de amigos em festa, enquanto eles bebem e dançam inocentemente ao sereno, é o gatilho que projeta a reflexão para sombras e luzes bem mais contemporâneas - e mais políticas - em torno das relações de poder e táticas de sobrevivência coladas à luz fugidia dos pirilampos - as “pequenas luzes” - em sua batalha de vida e morte junto aos projetores e holofotes do poder fascista triunfante.

Para Didi-Huberman, é política, além de histórica e estética, a matéria-prima de que é feita a luz discreta dos vaga-lumes, projetando no horizonte os contornos desse “lugar crucial onde a política se encarnaria nos corpos, nos gestos e nos desejos de cada um” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p.24-25). Ao longo de toda a sua obra, Pasolini foi o defensor entusiasta dos pirilampos, partindo do pressuposto de que “ainda era possível, nos tempos do fascismo histórico, resistir, ou seja, iluminar a noite com alguns lampejos de pensamento” (idem, 2007, p.28). Ao fim da vida, exatos 34 anos depois da carta endereçada ao amigo de adolescência sobre os vaga-lumes, fez-se o cansaço e ele sentenciou, através de um artigo de jornal, o desaparecimento desses corpos de luz que resistiam brilhando, ainda que tremeluzentes. Corria o ano de 1975 e nove meses depois o poeta e cineasta é brutalmente assassinado. Eis que Didi-Huberman revisa o pensamento de Pasolini:

Não foi na noite que os vaga-lumes desapareceram, com efeito. Quando a noite é mais profunda, somos capazes de captar o mínimo clarão, e é a própria expiração da luz que nos é ainda mais visível em seu rastro, ainda que tênue. Não, os vaga-lumes desapareceram na ofuscante claridade dos “ferozes” projetores: projetores dos mirantes, dos shows políticos, dos estádios de futebol, dos palcos de televisão. Quanto “às singulares

engenhocas que se lançam umas contra as outras”, não são mais do que os corpos superexpostos, com seus estereótipos do desejo, que se confrontam em plena luz dos *sitcoms*, bem distantes dos discretos, dos hesitantes, dos inocentes vaga-lumes, essas “lembranças um tanto pungentes do passado” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.30-31).

Os lampejos de resistência que se apagaram frente aos olhos de Pasolini reacendem no tempo presente em Didi-Huberman como um sinal claro de que aquilo que o poeta e cineasta perdeu foi o desejo de ver, já que a máquina totalitária apresenta defeitos, furos e assim é preciso mudar o foco e alcançar um outro espaço de observação das imagens-vaga-lumes, “seja ele intersticial, intermitente, nômade, situado no improvável - das aberturas, dos possíveis, dos lampejos, dos apesar de tudo” (idem, 2011, p.42). Contrário ao olhar desiludido e fatalista de Pasolini em meio ao breu fascista, o autor estende a sua crítica à Giorgio Agamben e seus escritos em torno da destruição da experiência, à luz de Walter Benjamin, quando aquele escreve que a experiência caiu de cotação na bolsa de valores modernos e pós-modernos. De acordo com Didi-Huberman, houve uma queda ou um empobrecimento e não um desaparecimento irremediável da experiência. Sua luta, assim, é para dar a ver o que “hoje, entre nós, na extrema precariedade, sobrevive e se declina sob novas formas em seu próprio declínio” (idem, 2011, p.124).

A urgência política e estética, em período de “catástrofe” – esse *leitmotiv* corrente em toda a obra de Benjamin – convoca a encontrar as ressurgências inesperadas desse declínio ao fundo das imagens que aí se movem ainda, tal como vaga-lumes, astros isolados (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.124).

Para Didi-Huberman, é imperativo transformar pobreza de experiência em nova beleza redescoberta entre raspas e restos da história. À luz de Benjamin, ele se dedica a “organizar o pessimismo” com a graça dos vaga-lumes, enxergar experiência e contestação no próprio movimento da queda, nas sobrevivências e clandestinidade de signos, imagens ou pessoas. Assim, nos diz da necessidade de procurar primeiro pela “comunidade que resta”, antes mesmo de projetar a “comunidade que vem” anunciada por Agamben como promessa de reativação de desejos e do comum. A imagem vaga-lume, em Didi-Huberman, é portanto um operador político de protesto, de crise, de crítica ou de emancipação, potencialmente capaz de transpor o horizonte ofuscante das construções totalitárias. Dessa forma, ele se alinha com Benjamin para reforçar “o papel das imagens como modos de “organizar” - isto é, também, de desmontar, de analisar, de contestar - o próprio horizonte do nosso pessimismo fundamental” (idem, 2011, p.118).

E é nesse sentido que é preciso compreender a sobrevivência das imagens, sua imanência fundamental: nem seu nada, nem sua plenitude, nem sua origem antes de toda a memória, nem seu horizonte após toda catástrofe. Mas sua própria ressurgência, seu recurso de desejo e de experiência no próprio vazio de nossas decisões mais imediatas, de nossa vida mais cotidiana (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.128).

Ao pensar o caráter intermitente da imagem dialética de acordo com Benjamin, mas também a partir do historiador de arte Aby Warburg, Didi-Huberman não só defende que, diante das imagens do passado o presente reminescente não cessa de se reconfigurar - e vice-versa -, apontando para uma história anacrônica e falhada, prenhe de porvires, como vincula o modo de imaginar ao modo de fazer política. Para ele, a imaginação é política e, “reciprocamente, a política, em um momento ou outro, se acompanha da faculdade de imaginar” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.61).

É política, portanto, a imagem que ele também recupera a partir do conto *Diante da Lei*, de Kafka, onde um homem do campo se prostra por anos a fio à frente de uma porta que lhe daria acesso à Lei e em cuja entrada vê-se um porteiro, a quem ele pede, incessantemente, mas em vão, permissão para entrar. A porta, no entanto, sempre esteve aberta, desafiando o olhar e convidando à aventura de transpô-la, com um passo à frente, ação que remete à capacidade de cada um para livrar-se dos aprisionamentos simbólicos. Em jogo, entre muitos outros possíveis, está o embate sugerido entre o homem e as instâncias de poder não só por ele criadas mas a quem se submete em nome de uma razão soberana. Questões vinculadas à reorientação das expectativas da razão moderna e de seus modos de racionalização da vida. Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, Agamben, cuja obra pode ser lida como crítica à tendência moderna em vincular razão e norma, sobretudo à luz da atual estrutura jurídico-política, adverte:

O que está realmente em questão é, na verdade, a possibilidade de uma ação humana que se situe fora de toda relação com o direito, ação que não ponha, que não execute ou que não transgrida simplesmente o direito. Trata-se do que os franciscanos tinham em mente quando, em sua luta contra a hierarquia eclesiástica, reivindicavam a possibilidade de um uso de coisas que nunca advém direito, que nunca advém propriedade. E talvez ‘política’ seja o nome desta dimensão que se abre a partir de tal perspectiva, o nome de livre uso do mundo. Mas tal uso não é algo como uma condição natural originária que se trata de restaurar. Ela está mais perto de algo de novo, algo que é resultado de um corpo-a-corpo com os dispositivos do poder que procuram subjetivar, no direito, as ações humanas (AGAMBEN, Giorgio. Folha de S. Paulo, 2005).

Vem de Agamben (2007) ainda uma outra imagem política - e alegórica – capaz de nos convocar a um confronto quixotesco com a intermitência das imagens. Em *Os Seis Minutos Mais Belos da História do Cinema*, ele narra a projeção de um filme numa sala de cinema onde está o cavaleiro errante Dom Quixote, personagem de Cervantes, olhos fixos na tela de cinema até que, de súbito, avança sobre ela com sua espada e rasga-a por inteiro, no momento em que vê projetada a cena de uma dama em perigo frente a cavaleiros armados. Contrariada, a plateia adulta deixa o ambiente, como se nada mais houvesse para ver ali. Mas não para as crianças, que continuam encorajando o herói, aos gritos, febris, abertas ao inesperado do acontecimento, atravessadas e afetadas pelo novo que irrompe. Quem vê toda a cena, ao longe, apreensivo, é o fiel escudeiro Sancho Pança, um típico “ajudante”, sentado ao lado de uma imaginada Dulcineia, ela também desapontada com a atitude de Quixote, o homem em colapso que revela o nada por trás das imagens, ao mesmo tempo em que dá sentido à luta social que devemos empreender com elas, sem esperar que a “verdade” apareça ou compense, que venha nos abraçar.

Diante de Mário Gomes e sua luta quixotesca de afirmação da vida, a partir de um personagem por ele mesmo apresentado como de “estilo cinematográfico” (Revista Farol, 2011), é imperativo, portanto, imaginar. Sozinho no escuro da sala de projeção da vida, recolhido entre estratégias de resistência e escape, ele rasga a tela contemporânea saturada de imagens descartáveis, clichês e palavras inúteis para dar vazão à potência da solidão e do silêncio. A mesma solidão e o mesmo silêncio sobre os quais nos fala Peter Pál Pelbart<sup>74</sup>, a partir do filósofo Roland Barthes e suas aulas em torno da premissa “Como Viver Junto”, tema da 27ª. Bienal de Arte de São Paulo, realizada em 2006. Como palestrante convidado e lançando à mesa, não sem ironia, o paradoxo sobre “Como Viver Só”, Pelbart recupera Bartleby, o escriturário desimportante de Herman Melville, colado a outros “solitários” para observar que, do fundo de sua solidão, esses indivíduos, não são simplesmente recusas a uma sociedade envenenada, mas um chamamento para um tipo de solidariedade nova.

O poeta-andarilho que cotidianamente se desafiou, entre a dor e o prazer, a ser sozinho, ‘cinematográfico’ e múltiplo, é ainda uma exortação ambulante à reconciliação de cada um de nós com a nossa própria solidão, como condição política para estar e interferir no

---

<sup>74</sup> Disponível em <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/12/19/como-viver-so-palestra-com-peter-pal-pelbart-video-do-4o-seminario-vida-coletiva-seminarios-internacionais-para-a-27a-bienal-de-sao-paulo-abaixo-a-transcricao-integral-da-p/>.

mundo, a um só tempo recolhidos e dentro dele, piscando em tempos escuros, atentos ao lusco-fusco da vida contemporânea, afirmando novos focos de resistência, como incita teimosamente Didi-Huberman, e novas possibilidades de vida, como propôs Nietzsche. Em sua errância nada distraída e nada inocente, Mário Gomes nos chamou atenção:

Eu tô sozinho em Fortaleza, Ethel!!! Sabe por que eu tô sozinho? Porque a maioria esmagadora não entende o que tá acontecendo. Sabe quantos voltaram de fora? Judeu errante, que chamam, né? Marinheiro. Mais de 900 mil. Fazia mais de 30 anos que tinham ido embora. Voltaram no navio pra Fortaleza. Tem mais de 150 mil da construção civil morando aqui que perderam o emprego, tem mais de cinco mil foragidos das cadeias vivendo nas calçadas!!!! Não sabia dessa não? No ano passado, 2013, assassinaram mais de 4 mil pessoas, estupraram 125 criancinhas de 01 ano, 02 anos, mataram 19 PMS e houve 67 assaltos de banco. E o Governador não pode ser desmoralizado, porque não teve respaldo político pela ONU. Aí, como é o último ano dele, ele treinou mais de dois mil homens pra polícia federal, civil e militar. De 12 mil presos pulou pra 19 mil. E as parabólicas filmaram tudo (Informação verbal)<sup>75</sup>.

Para tornear o ímpeto de resistência de quem viveu sozinho e sob cisma constante no centro nervoso da ‘filmagem’, é válido voltar os olhos, por último, sobre algumas fotografias produzidas pela imprensa de forma incidental, como extras ou sobras de coberturas jornalísticas realizadas no Centro de Fortaleza e arredores. Nesses instantâneos de passagem, o que vemos é um corpo que se reconhece, que sabe o que representa mas sobretudo como se apresenta para a sociedade, um corpo que não perde a verticalidade, a insuspeitada altivez, a linha reta por trás da corcunda que lhe curva a espinha e inclina a cabeça ao peito. Não há, nitidamente, nada ali que indique uma postura acanhada, humilde ou amedrontada diante da objetiva. Ao contrário. Mário procura a câmera, se recompõe, projeta o corpo em sua direção e muitas vezes entabula uma conversa gestual com ela, em franco namoro com o ego. Os instantâneos são de alguém com apetite diante do mundo, pronto para encará-lo e seduzi-lo, ao mesmo tempo em que, compondo-se com estilo, também seduz a si próprio a seguir sozinho em suas escolhas. No aforismo *O Solitário*, de A gaia ciência, Nietzsche é quem evoca a solidão desobediente e cismada de Mário Gomes:

Pra mim é odioso seguir e também guiar.  
Obedecer? Não! E tampouco – governar!  
Quem não é terrível para si, a ninguém inspira terror:  
E somente quem inspira terror é capaz de comandar.  
Pra mim já é odioso comandar a mim mesmo!

---

<sup>75</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Gosto, como os animais da floresta e do mar.  
De por algum tempo me perder,  
De permanecer num amável recanto a cismar,  
E enfim me chamar pela distância,  
Seduzindo-me para – voltar a mim.  
(NIETZSCHE, 2012, p.33)



Figura 15 – Mário Gomes: um corpo que não perde a verticalidade, a altivez.



Figura 16 – Mário Gomes: alguém com apetite diante do mundo, pronto a encará-lo.

Voltar para Mário Gomes, através de flagrantes fotográficos, chamando-o pela distância, no lastro de sua morte recente, ao final de 2014, é ainda se deixar seduzir particularmente pelo seu estilo, sua plasticidade ambulante de *bricouler* pós-moderno e



**Figura 17 – Mário Gomes e suas roupas carregadas de memória**

terceiro-mundista, suas roupas carregadas de memórias – roupa como “aquilo que está mais perto do corpo, sendo o corpo a parte do mundo que mais interessa ao homem” (CARVALHO, 2010). É vestir-se dele. Pegar linha e agulha para costurar com Peter Stallybrass (2000) uma vestimenta qualquer contra o esquecimento, à luz de um ensaio comovente sobre roupas, memória e dor que introduz sua reflexão acerca dos objetos de uso sobre os quais imprimimos nossas marcas.

Se, como o autor defende, as roupas dos mortos de alguma forma sustentam os seus gestos e tocam os vivos, enfronhar-se com os olhos no que o poeta-andarilho vestia ao ser fotografado é pegar um atalho para reconhecer nossa incontornável condição de

mortais e a exigência que ela implica: “cuidar da memória dos mortos para os vivos de hoje” (GAGNEBIN, 2006). Como um derradeiro abrigo contra a indiferença da morte, as roupas resistem à história de nossos corpos, ao mesmo tempo em que apontam para a fragilidade e a caducidade das criações humanas, bem como para as dificuldades intrínsecas à transmissão. Apanhemos com Stallybrass:

Uma característica necessária da transmissão, se é que ela ocorre, é que ela pode se extraviar. A carta não chega, a pessoa errada herda, o legado é uma carga indesejada. Contudo, mesmo na mais selvagem das transmissões, alguma coisa realmente chega ao seu destino (STALLYBRASS, 2000, p.46).

Para além da (im)possibilidade da transmissão, olhar para Mário Gomes, entre fotografias, é também atentar para o quanto ele operou com o tempo do acontecimento, onde presente, passado e futuro colidem, em cada instante. Sua luta foi para não cair justamente nas malhas do tempo cronológico e suas exigências de adequação à vida. Desapegado do passado e sem pensar no futuro, desejou um mundo livre de juízes e juízos morais. Em seu deslocamento arriscado, transitou por um mundo de devires, nunca seguro ou previsível. Um

nômade, de acordo com Deleuze (1988), aquele que não têm história, apenas geografia. “Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas (...) Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça e de verdade. (DELEUZE e PARNET, 1988, p.10). Ou ainda: “No devir não há passado, nem futuro e sequer presente, não há história” (Idem, p.39).

Com Walter Benjamin (1994), podemos encontrar Mário Gomes justamente nas brechas no presente que vem revelar histórias possíveis, encobertas pela camisa-de-força dos determinismos e das causalidades, dos clichês e decalques, das representações e do empalhamento do vivido e do lembrado. Em sua vida andarilha na metrópole contemporânea, o poeta-andarilho aponta para o futuro ao mesmo tempo em que veste uma memória primitiva. Trata-se de um corpo que expande a hora presente e faz colidir os tempos, convocando a ver o resto, a ruína, a sobra, a poeira, o caco. Sua movência abre brechas para os contornos de uma memória como organização impura, um tecido puído, uma montagem não-histórica do tempo. E ainda diz sobre a memória como manifestação do invisível – ou do que está dentro do visível, uma memória que não está posta e que precisa ser postulada como política.

Se Mário Gomes afirmou o instante, rejeitando o tempo cronológico dos corpos, das ações, instituições, um tempo prisioneiro e cristalizado, escavar e ressignificar suas fotografias é também um exercício de alheamento à dinâmica temporal. Assim, ainda podemos vesti-lo com as reflexões dialéticas sobre moda que o arquiteto, escritor, performer e filósofo fluminense Flávio de Carvalho (1899-1973), o *enfant terrible* do cenário modernista, empreendeu no artigo intitulado “A grande imaginação do limite vagando pelas ruas”. Nele, a moda é pensada como válvula reguladora da etapa histórica em trânsito e reestabelecedora do equilíbrio humano diante de frustrados desejos incessantemente impostos pela ordem do capital.

Para o autor, o campo da moda, revisto historicamente, não aponta para a mera futilidade, as manifestações de poder ou um passado onde era necessário “esconder defeitos e compor a angústia arcaica”. Mais que isso, a moda, defende o autor, dar a ver o que há de fantástico na imaginação humana e se apoia no “desejo de criação”. E é nas ruas, onde Mário Gomes ‘desfilou’ bem trajado com sua imaginação, que ele toma o pulso da inventividade humana:

Encontramos pateticamente, nas ruas de toda parte, exemplares de homens e de mulheres que perderam o controle de seus desejos e das suas angústias e que se apresentam vagando pela rua, discursando histericamente para um público, às vezes imaginário. Exibem profuso aparato e ornamento, cobrem-se com flores e fitas, e cores e panos diversos que se desdobram, agradavelmente. Marginais descontrolados que falam a um mundo próprio, o mundo da loucura e do sonho. São estes os detentores da grande imaginação e da grande moda. São os supremos criadores da fantasia humana... e tão desprezados pelo povo que passa... (CARVALHO, 2010, p.16).



© Thiago Gaspar

**Figura 18 – O paletó de Mário Gomes, seu grande mediador social.**

Em Mário Gomes, roupas, sapatos e bricolagens confundem-se com sua própria vida e são dotados de um caráter orgânico, vital, forjando um ‘vagabundo’ maior do que qualquer desprezo de quem passa. Sua indumentária clássica, ou, mais precisamente, o paletó-sem-gravata, parangolé sem o qual não haveria dança errática de singular estilo, é o grande mediador social. Com ele, jamais temeu qualquer composição bizarra. E assim também fez valer o charme sobre o qual Deleuze reflete: “Há na vida uma espécie de falta de jeito, de fragilidade da saúde, de constituição fraca, de gagueira vital, que é o charme da pessoa” (DELEUZE e PARNET, p.13). Para o autor, no entanto, não se trata da pessoa em si, o charme não é pessoal. Mas resultado de

combinações ao acaso que afirmam “uma potência de vida, uma obstinação, uma perseverança ímpar no ser”.

Um charme, entrevisto em Mário Gomes, que pode ser lido como a potência da imperfeição sobre a qual Nietzsche (2012) vem nos dizer com maestria, no aforismo 79 de A gaia ciência:

*O charme da imperfeição* – Vejo aí um poeta que, como muitos seres humanos, atrai bem mais por suas imperfeições do que por tudo o que sai elaborado e perfeito de suas mãos – sim, a vantagem e a fama lhe vêm antes da sua derradeira incapacidade do que da sua rica energia. Sua obra nunca

expressa inteiramente o que ele gostaria de expressar, o que ele *gostaria de ter visto*: como se ele tivesse o antegosto de uma visão, nunca ela mesma; mas uma enorme avidez por tal visão lhe permaneceu na alma, e dela retira ele sua igualmente enorme eloquência do anseio e da fome. Com ela, ele alça quem o escuta acima de sua obra e de todas as “obras”, dando-lhe asas para subir a alturas que normalmente os ouvintes não alcançam. Assim, tornando-se eles próprios poetas e videntes, tributam ao autor de sua ventura uma admiração tal, como se ele os tivesse levado diretamente à contemplação do que para ele é sagrado e supremo, como se houvesse atingido a sua meta e realmente *visto* e comunicado a sua visão. Sua fama é beneficiada pelo fato de ele nunca ter chegado à sua meta (NIETZSCHE, 2012, p.100).



Figura 19 – O “charme da imperfeição” do poeta-andarilho.

## **DESCOMPASSOS. OU UM PASSO PARA FORA DO RECONHECÍVEL.**

Acompanhar o percurso de Mário Gomes não foi simplesmente a tentativa de entender a proeza de um poeta errante “desacomodado” (Informação verbal)<sup>76</sup> que se arriscou a experimentar o desvio e habitar o limiar, equilibrando-se entre a casa e a rua; a loucura e a lucidez; a liberdade e a dominação; o real e a utopia. Essa aventura diz muito mais sobre o desejo irresistível de seguir a trilha aberta por ele e que vai dar em sua capacidade fulgurante de afirmar a vida e de esculpi-la com tenacidade, ensejando novos modos de existência e inesperadas formas de resistência dentro do contínuo e exaustivo jogo de forças do presente.

Foi em torno das “artes do viver” que Mário Gomes empreendeu corajosamente sua jornada para fora do reconhecível e do tranquilizador, batendo de frente com a padronização dos sentidos para experimentar outros modos de agir, pensar e sentir, a partir de uma ética criadora e de uma singularidade irredutível dirigida pela vontade de potência. Desobediência, ousadia, liberdade. É múltipla e iridescente a imagem que ele desenhou em sua performance errática atravessada por afetos e paixões. Daí porque nunca seria possível - e nem foi pretensão - alcançá-la, sobretudo quando ela passa a se configurar transversalmente junto ao vulto de sua ausência. Morto no último dia de 2014, o poeta-andarilho se mantém ‘vivo’ para colocar à prova, agora mais do que nunca, a exigência de transmissão e de escritura que Walter Benjamin (1994) nos apresenta como problema na virada da modernidade, sobretudo quando a ordem é não deixar calar e nem furtar-se a ouvir os mortos, os silenciados, os sem-vestígios, os soterrados pela civilização.

Eis que o trabalho de luto requer muito mais trabalho, como bem tratou Gilles Deleuze (1992) ao decidir escrever sobre o amigo e filósofo Michel Foucault, morto em 1984:

Quando morre alguém que se ama e se admira às vezes tem-se necessidade de lhe traçar o perfil. Não para glorificá-lo, menos ainda para defendê-lo. Não para a memória, mas para extrair dele essa semelhança última que só pode vir de sua morte, e que nos faz dizer “é ele” (...) Cada um pode extrair essa semelhança à sua maneira. Mas é ele quem se assemelha enfim a si mesmo, ao tornar-se tão dessemelhante de nós todos (DELEUZE, 1992, p.131).

---

<sup>76</sup> Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Em entrevista, ao ser também questionado sobre quando e em que ocasião conheceu Foucault, novamente Deleuze (1992) afirma: “lembramos de um gesto ou de um riso, mais do que de datas”. Trazendo para Mário Gomes: não seria a monumental Coluna da Hora<sup>77</sup>, com suas sonoras badaladas e enormes ponteiros a controlar o início e o término do expediente comercial ao redor da Praça do Ferreira, onde o poeta inventou seu ‘escritório’ de vento-e-verso, que iria submeter ao tempo cronológico toda essa rememoração com forte apelo à transformação no presente. Da mesma forma que Mário Gomes viveu em constante devir, é no limiar do tempo entre o gesto e o riso que nos parece possível torneá-lo e lembrá-lo, reconquistando para o próprio pensamento, assim como quer Gagnebin (2010), “os territórios do indeterminado e do intermediário, da suspensão e da hesitação, e isso contra as tentações de taxonomia apressada que se disfarça sobre o ideal de clareza” (GAGNEBIN, 2010, p.16).

Nada aqui se arvora a ser tão claro, pronto ou acabado. O esforço por entrevê-lo ou dizê-lo opera, a bem da imaginação, com os lampejos moventes do desejo - ou com histórias de corpos e de desejos, histórias de almas e de dúvidas íntimas (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.17). Habitamos com Mário Gomes, assim, o limiar fugidio, uma zona indefinida que separa mas permite a transição, pertencendo tanto à ordem do espaço como à ordem do tempo, como nos afirma Gagnebin (2010) à luz de Benjamin. Fluxos e contrafluxos. É nesse lugar e nesse tempo intermediários, entre flagrantes variações da perda da experiência decantada por Benjamin (1994), que caminhamos com ele para confrontar o atual estado de carência de experiências liminares próprias do capitalismo, que não quer e nem permite que se ‘perca tempo’, refém que é dos encurtamentos, das abreviações e das fugacidades, gerando um achatamento sensorial e psíquico que apaga as diferenças e se alimenta da novidade do mesmo.

Mas para onde caminhamos entre tropeços com Mário Gomes, impulsionados a afirmar a vida tanto quanto possível ou pelo tempo que for possível, como obra de arte? Justamente para lugar algum. Ou para uma outra camada do conceito de limiar, que nos delinea Gagnebin, ainda com Benjamin:

(...) é um limiar inchado, caricato, que não é mais lugar de transição, mas perversamente, lugar de detenção, zona de estancamento e de exaustão, como se o avesso da mobilidade trepidante da vida moderna fosse um não poder sair nunca do lugar (GAGNEBIN, 2010, p.20).

---

<sup>77</sup> Erguida em 1933, na Praça do Ferreira, em Fortaleza, é um dos principais ícones da cidade, medindo 13 metros de comprimento. Possui no topo um relógio com quatro mostradores, um para cada lado da Praça.

É na direção contrária a esse “não poder sair nunca do lugar” que Mário Gomes seguiu trôpego e acaba por nos levar junto, mesmo quando titubeamos sem graça, confusos sobre o que fazer com isso, perdidos diante do convite a um passeio que, inexoravelmente, nos põe a vagar pelo limiar indefinido entre a vida e a morte, inaptos que somos diante de “um embate enviesado, sem trágico nenhum, sem grandeza, que não comove nem toca ninguém, que somente *atrapalha* a ordem administrativa vigente” (GAGNEBIN, 2010, p.22). Vivo, o poeta-andarilho atrapalhou o quanto pôde a burocracia vigente entre os sobreviventes da biopolítica contemporânea. Morto, ele ainda é agulhão na carne do presente, assombrando a apatia generalizada e a incapacidade moderna para conhecer e viver experiências liminares.

Morto-vivo, Mário Gomes nos impele a um esforço tanto maior de memória e testemunho por entre avessos e subterrâneos, ao mesmo tempo em que nos empurra a uma região nebulosa que não tem nome, onde se amontoam inúmeras e indeterminadas formas de vida, de alta e baixa potência, com ou sem pulsão. Para Gagnebin, a dificuldade maior para os ditos vivos de hoje é “a de não ousar mais experimentar nem a intensidade da vida nem a dor da morte e seguir vivendo num limiar de indiferenciação e de indiferença, como se essa existência administrada fosse a vida verdadeira” (GAGNEBIN, 2010, p.23).

Envolver o limiar numa concepção crítica da história, revolvendo essa situação de paralisia agitada, nivelamento e normatização, é o *leitmotiv* do ensaio escrito por Roger Behrens (2010), a partir de Benjamin e Kafka, de quem ele recupera justamente o conto *Diante da Lei*, onde um porteiro nega acesso a um homem que se posta por toda uma vida rente à sua porta sem que este arrisque ultrapassá-la, mesmo sem qualquer justificativa frente às negativas de estranho efeito paralisante. Aberta e fechada a um só tempo, a narrativa é paradigmática e diz sobre os espaços liminares que convidam a entrar ao mesmo tempo em que ensejam a intransponibilidade:

O limiar enquanto soleira (*Türschwelle*) pode tanto designar uma passagem quanto uma fronteira ou um obstáculo; pode tanto marcar a última zona de proteção anterior ao perigo, quanto a última barreira que nos separa da felicidade: no “limiar da morte” mas também no “limiar da felicidade” (...) O limiar é uma passagem e ao mesmo tempo a barreira dessa passagem, uma passagem pela qual não se pode passar sem nada nem menos – apesar de o limiar não ser um muro, nem uma grade fechada, nem uma grade intransponível (BEHRENS, 2010, p. 102).

Para o autor, se a cada momento a humanidade está no limiar de um novo tempo, é preciso ser o crítico não só do tempo homogêneo e vazio da história, como exortou Benjamin

na soleira do século XX, quanto dos limiares artificiais que se erguem como ‘naturalmente’ intransponíveis, rompendo as barreiras de inibição e enxergando o movimento limiar enquanto movimento ondular, a partir do entendimento de que “hoje em dia, o particular, o anormal, o desvio volta das margens ao centro” (BEHRENS, 2010, p.107), respondendo de formas e intensidades variadas aos enquadramentos que querem descartá-los tão somente como casos para o médico ou para a polícia.

Foi entre passagens e barreiras invisíveis que Mário Gomes experimentou sair de casa para abrir uma outra porta, intangível e perigosa, aquela que dá acesso ao que Félix Guattari (1992) trata como “cidade subjetiva”, em contraponto aos territórios onde tudo circula e é intercambiável mas, paradoxalmente, se petrifica, se mimetiza e se padroniza, ameaçando a subjetividade de paralisia e anulando as diferenças entre os homens e os estados de coisas. Para o autor, cabe a nós reengendrar constantemente uma subjetividade em estado nascente, a fim de inventar novos nichos capazes de restaurar o *socius* em toda a sua complexidade:

Re-singularizar as finalidades da atividade humana, fazê-la reconquistar o nomadismo tão intenso quanto o dos índios da América pré-colombiana! Destacar-se então de um falso nomadismo que na realidade nos deixa no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue, para aceder às verdadeiras errâncias do desejo, às quais as desterritorializações técnico-científicas, urbanas, estéticas, maquínicas de todas as formas, nos incitam (GUATTARI, 1992, p.170).

Dentro dessa organização política mais ampla está em jogo nossa capacidade de entrar em comunicação com o outro sob suas diversas formas e proceder uma troca. Para Gagnebin, o desafio que o encontro engendra vai além: “cuidar da memória dos mortos para os vivos de hoje” (GAGNEBIN, 2006, p.27), mantendo juntas “a presença do ausente e a ausência da presença” (GAGNEBIN, 2006, p.44). Ou o limiar – mais um – entre rastro e memória. Assim, ela torna a problematizar:

Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem – o conceito – de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre presença e ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente (GAGNEBIN, 2006, p.44).

Seguir o rastro de Mário Gomes, o poeta-andarilho, portanto, é lutar contra a morte e a ausência da palavra viva e rememorativa no presente, mesmo quando entendemos que o trabalho de memória é também um trabalho de luto, frente à finitude humana. Mas se o inesquecível existe, ainda que não possamos descrevê-lo, como nos afirma Gagnebin, é

político e ético o trabalho de quem busca habitar entre limiares para enfrentar o esquecimento e a fragilidade da existência. Não há porto-seguro entre o lembrar, o escrever e o esquecer. Para a autora, o lembrar ativo, que recorre ao passado para agir e intervir no presente, também requer o virar a página, “uma não permanência no ressentimento e na queixa” (GAGNEBIN, 2006, p.98).

Assim, se buscamos alguma realização nesse “dever de memória”, levando em conta o “direito a esquecer”, é com Benjamin, novamente, que podemos vislumbrar, entre suas imagens do pensamento, aquela que justamente aproxima e empresta sentido a quem escreve - ou diz - e a quem caminha:

É sabido que o dizer não é apenas a expressão do pensamento, mas também a sua realização. Do mesmo modo, o caminhar não é apenas a expressão do desejo de alcançar uma meta, mas também sua realização. De que natureza, entretanto, é a realização – se ela faz, com precisão, justiça à meta ou se se perde, lasciva e imprecisa, no desejo – depende do treinamento de quem está no caminho (BENJAMIN, 2012, p.275).

Apontar caminhos outros. Novas direções. Diferentes linhas de vida. Contornos mais dignos e impensáveis para a existência no registro dos encontros. Misturar forças e fraquezas, resistência e criação como poder de recusa frente às falsas consolações do mundo (CERQUEIRA, 2010). Eis o treino inacabado, em curso, para o qual buscamos fôlego. É Deleuze quem novamente vem ajudar a dizer, lembrando Foucault: “Quando se segue alguém é porque tem-se algo a fazer com ele, em seu próprio trabalho, na sua existência autônoma. É uma questão de intensidade, de ressonância, de acorde musical” (DELEUZE, 1992, p. 112). Vibrar junto à nota dissonante executada por Mário Gomes, através de seus combates, astúcias, poemas, arengas, teimosias, cismas, vícios, paixões, vocações, fabulações, invenções e desejos, é apurar os sentidos para trazer impresso no próprio corpo a marca delicada de uma vida bela, mais livre e inventiva, mais divertida e múltipla, mais casual e errante, mais poética e sensível. Mais potente, enfim.

Figura 20 – A marca delicada de uma vida bela, mais livre e inventiva, mais divertida e múltipla.



© Thiago Gaspar

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – pg. 10 – Mário Gomes e Ethel de Paula na Praça do Ferreira, em Janeiro de 2014.
- Figura 2 – pg. 15 – Mário Gomes em frente à Coluna da Hora, na Praça do Ferreira, centro da cidade, em janeiro de 2014.
- Figura 3 – pg. 21 – Mário Gomes na praça contigua ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, na Praia de Iracema.
- Figura 4 – pg. 25 – Mário Gomes, o boêmio inveterado.
- Figura 5 – pg. 49 – Mário Gomes, “mais forte que o aço e o ferro”.
- Figura 6 – pg. 51 – Mário Gomes atravessa a Praça do Ferreira e alvoroça o espírito do lugar.
- Figura 7 – pg. 52 – Mário Gomes entre bodejos: um pensamento delirante.
- Figura 8 – pg. 53 – Mario Gomes, aposentado por invalidez e bom pagador.
- Figura 9 – pg.56 – Mário Gomes atento ao que veste.
- Figura 10 – pg. 68 – Praça do Ferreira, década de 1930.
- Figura 11 – pg. 70 – Chagas dos Carneiros, da família ancestral de andarilhos da Praça do Ferreira.
- Figura 12 – pg.73 – Casa de Juvenal Galeno: sede do Clube dos Poetas Cearenses.
- Figura 13 – pg.85 – Mário Gomes, o poeta da Praça do Ferreira, em seu “lugar utópico” preferencial, em janeiro de 2014.
- Figura 14 – pg.93 – Mário Gomes, ora frágil e vulnerável, ora mais forte do que todo revés.
- Figura 15 – pg.113 – Mário Gomes: um corpo que não perde a verticalidade, a altivez.
- Figura 16 – pg.113 – Mário Gomes: alguém com apetite diante do mundo, pronto a encará-lo.
- Figura 17 – pg.114 – Mário Gomes e suas roupas carregadas de memória
- Figura 18 – pg.115 – O paletó de Mário Gomes, seu grande mediador social.
- Figura 19 – pg.117 – O “charme da imperfeição” do poeta-andarilho.
- Figura 20 – pg. 123 – A marca delicada de uma vida bela, mais livre e inventiva, mais divertida e múltipla.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Trad. Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

\_\_\_\_\_. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. **A política da profanação**. Folha de S. Paulo, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200505.htm>. Acessado em agosto de 2013.

\_\_\_\_\_. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ideia da prosa**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Nudez**. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça**. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARRENTO, João. **Limiares sobre Walter Benjamin**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2013.

BEHRENS, Roger. *Seres limiares, tempos limiares, espaços limiares*. In: OTTE, Georg; SEDLMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio. **Limiares e passagens em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Obras escolhidas**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas III**. Trad. J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única: Obras escolhidas II**. 6ª ed. revista. Trad. R.R. Torres F. e J.C.M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. **O capitalismo como religião.** Org. Michael Löwy. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

CARVALHO, Flávio de. **A moda e o novo homem:** dialética da moda. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

CATUNDA, Márcio. **Ação Gigantesca:** vida e obra de Mário Gomes. Fortaleza: RBS, 2003.

CATUNDA, Márcio. **Mário Gomes:** poeta, santo e bandido. 2015. (no prelo) Disponível em: [http://www.marciocatunda.com.br/livros/MARIO\\_GOMES-POETA,\\_SANTO\\_E\\_BANDIDO.pdf](http://www.marciocatunda.com.br/livros/MARIO_GOMES-POETA,_SANTO_E_BANDIDO.pdf). Acessado em 10/07/2015.

CERQUEIRA, Borba Monique. **Pobres, resistência e criação:** personagens no encontro da arte com a vida. São Paulo: Cortez, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1 Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano:** 2 Morar, cozinhar. Trad. Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Trad. Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Imagens Apesar de Tudo.** Trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: Imago, 2012.

\_\_\_\_\_. **A imagem sobrevivente:** história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis:** corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A vida dos homens infames*. In: **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

\_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política**. Ditos & Escritos V. Org. e seleção de texto Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Ditos & Escritos IX. Org.: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FURTADO, Beatriz. *Imagem como Vontade de Potência ou Paul, Cezar, Xavier e Rosângela e Seus Dispositivos de Impoderes*. In: PRIMO, Rosa; ROCHA, Thereza (org.). **Um Percorso de Intensidades**: Bienal Internacional de Dança do Ceará. Fortaleza: Expressão e Gráfica Editora, v.1, 2012, p. 120-129.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: ed. 34, 2009.

\_\_\_\_\_. *Entre a vida e a morte*. In: OTTE, Georg; SEDLMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio. **Limiares e Passagens de Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GALLO, Sílvio. *Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault*. In: KOHAN, Omar; GONDRA, José. **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche: O Humano como memória e como promessa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

GOMES, Mário. **Uma Violenta Orgia Universal**: antologia poética. Fortaleza: Multigraf Editora, 1999. 176p.

GROS, Frédéric. *O cuidado de si em Michel Foucault*. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUILHERME, Ricardo. *Mario Gomes: monumento ambulante das ruas*. In: **Jornal O Povo**. 26/01/2015, V&A, p.5). Disponível em:

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2015/01/26/noticiasjornalvidaarte,3382715/mario-gomes-monumento-ambulante-das-ruas.shtml>. Acessado em: 20/07/2015.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome**. Seguido de Na colônia penal & outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LAPOUJADE, David. *O corpo que não aguenta mais*. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Deporto, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

LEITÃO, Juarez. **A Praça do Ferreira**: república do Ceará moleque. Fortaleza: Livro técnico, 2002.

LEVY, Tatiana Salen. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault, Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIMA, Manoel Ricardo de. *Traço ingênuo do caráter brasileiro*. In: **Revista Continente**, n. 135, Recife, 2012. [p. 28-29]

LOWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio, uma leitura das teses sobre conceito de história. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

MATOS, Vilma. **Fortaleza em notícia**. Órgão Informativo de “Cá Estamos Nós”. Edição trimestral; Nº 01, outubro de 2002. Disponível em: <http://poetamariogomes.blogspot.com.br/> Acessado em: 23/03/2015.

MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NETTO, Raymundo. **Centro**: o “coração” malamado. Fortaleza: SECULTFOR, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas (Os Pensadores)**. 4º ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. **Humano Demasiado Humano**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

NOVAES, Adauto. *O Elogio à Preguiça*. In: **Revista Le Mond Diplomatique Brasil**, edição eletrônica. São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=98>. Acessado em 04/04/2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PAULA, Ethel de. *À moda do Mário*. In: **Revista Farol**, n. 6, 2011. Disponível em <http://pt.calameo.com/books/0003605241e3e77b21144>. Acessado em 10/06/2015.

PAULA, Ethel de. *O convidado do sereno*. In: **Jornal O Povo**, p. 1-B, 18/04/1998.

PAULA, Ethel de. *A vida dentro dos sapatos*. In: **Jornal O Povo**, p.34, 26/01/2014.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

SILVA, José Borzacchiello da. *A cidade contemporânea no Ceará*. In: SOUSA, Simone de; GONÇALVES, Adelaide (org). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo. **Fortaleza**: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria e desporto do Estado Ceará, 2001.

SOUSA, Edson Luiz André de. **A invenção da utopia**. São Paulo: Lumme Editor, 2017.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3º ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

VASCONCELLOS, Ruy. **José Albano**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

## FILMOGRAFIA

ZÉBAPTISTA. Documentário – Mário Gomes, o poeta da Praça do Ferreira. Direção: Zébaptista. Realizado em outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIzFfX6kzf4>

FRANÇA, Mardônio. Documentário - Mario, O Poeta. Direção: Mardônio França. Realizado em setembro de 2008. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=erZZLqbdEfE](http://www.youtube.com/watch?v=erZZLqbdEfE)

PELBART, Peter Pál. Como viver só. Palestra com Peter Pál Pelbart. Vídeo do 4º Seminário: VIDA COLETIVA – Seminários Internacionais para a 27ª Bienal de São Paulo. Abaixo a transcrição integral da palestra (em vídeo) realizada em 4 de agosto de 2006. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/12/19/como-viver-so-palestra-com-peter-pal-pelbart-video-do-4o-seminario-vida-coletiva-seminarios-internacionais-para-a-27a-bienal-de-sao-paulo-abaixo-a-transcricao-integral-da-p/>.

Programa Viva Fortaleza, TV O Povo, realizado em 3 de julho de 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=bV221YgKUNQ>

## APÊNDICES

## **Apêndice A**

Entrevista concedida por GOMES, Mário Ferreira. Entrevista I: [jan., 2014]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2014. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Local: Praça do Ferreira e Centro Dragão do Mar – 14/01/2014

### **Quem anda cuidando de você, Mário?**

Quem tá cuidando de mim? Eu que cuido de mim, rapaz. Não sou o Tiririca não. Ele foi o deputado federal mais votado. O jogo dele sabe qual era? Amigo é pra a-cu-dir outro. Comigo não, eu não quero papo.

### **Tá bem. Pois me diz: de manhã, o que você faz?**

Eu bato uma punheta. Em mim.

### **Você mesmo?**

Claro, nisso eu sou egoísta.

### **E depois?**

Lavo os zói. Aonde eu encontrar água eu lavo os zói.

### **E toma banho?**

Na piscina do Dragão do Mar.

### **Na frente de todo mundo?**

O que é que tem? Eu tô dentro da internet, tal de in box, computador. Nas parabólicas. Se eu tiver nu o Oi compra, faz aparelho. É um aparelho que inventaram aí, que vê o cara! Vê eu nu. O papa renunciou por causa disso. O Bento XVI. Foram dizer que isso aqui meu (aponta para os testículos) é uma imagem de um santo, que fazia cego enxergar e obrava milagre, fazia aleijado andar. Te juro. Bento XVI renunciou por causa disso. A dra. Dilma foi lá falar com o papa, no Vaticano, esse tal de Mario Jorge que se diz Francisco. Ela falou: tu é o papa, né? O Mario Jorge, o argentino, Francisco? Mas Deus é brasileiro, viu?! O João Paulo II não morreu? Ele não levou um tiro uma vez? E tem um livro: 30 Papas que envergonharam a humanidade.

### **E onde andam os amigos?**

Jarrão, Tição, morreu minha turma todinha. Ficou só o Pirrita, o Johnny McLaren, o Sombra e o Timóteo. O resto morreu. São amigo de verdade. Só não boto fé no Sombra.

### **O que você anda fazendo de bom?**

De bom? Pra mim ou pra alguém? Eu tiro as calças e mando brasa.

## **Aonde?**

Em qualquer lugar que eu tiver. E é proibido? Cachorro faz isso e ninguém diz nada. O que eu tenho feito de bom pra mim? O que eu gosto de fazer. Nesse momento é estar ao seu lado. Eu gosto de estar sempre só. Ou com uma garota perto. Porque ela tem o que não tenho. A mulher é feita de carne e osso igual ao homem. Mas o oposto. Ela tem útero, tem ovário, mulher não tem bunda, tem nádegas, não tem sovaco, tem axila, mulher tem coxa, o homem tem perna e assim por diante.

## **Quem são as mulheres mais interessantes de Fortaleza hoje?**

Por enquanto tem sido a Playboy, a revista. Porque ao vivo e em cores é complicado. Eu tenho 66 anos, certo? Terceira idade. Se eu for com enxerimento... na minha faixa etária. Aí na Playboy, única revista universitária no Brasil de mulher nua de verdade, não é pornô nem visual, é educativa. Por aí custa R\$ 15,00. Mas ali, na banca da Martinha, é R\$ 3,00. Ela me vende fiado. Compro pra pagar no fim do mês. É educação, nu artístico, o nome da revista é a revista do homem, se fosse de homem era só putaria.

## **É sua literatura...**

E outra coisa: Rouxinol do Rinaré fez um cordel em minha homenagem. Conhece ele? E o cara do Centro das Copias disse que eu fosse lá agora pegar seis cordéis, dez cordéis. Eu pago por mês. Topa ir comigo lá?

## **Topo.**

Bora agora. É no calçadão C. Rolim.

**(Ao atravessar a Praça do Ferreira com Mário Gomes alguns o cumprimentam e outros fazem chacota. Ele se irrita um pouco. Inicia-se um bate-boca)**

**Mário, não vamos dar trela, não vamos entrar em confusão. Vamos andando.**

Esse rapaz é do manicômio!!!! Peraí. Você não tá entendendo o que está acontecendo em Fortaleza, pelo amor de Deus, Ethel!!!! Tem esses trapalhão no caminho!!!! Minha amiga, eu tenho que me defender. Minha amiga, se você soubesse o que tá acontecendo...

## **O que tá acontecendo?**

Minha amiga, eu tenho que me defender. Invadiram Fortaleza. Tem mais de 150 mil da construção civil morando aqui que perderam o emprego, tem mais de cinco mil foragidos das cadeias vivendo nas calçadas!!!! Não sabia dessa não? Por conta das eleições esse ano, rapaz!!!! E Copa do Mundo!!! É e as eleições também!!! Se eu permitir isso no próximo encontro aumenta mais. Então tem que cortar o barato na hora. Eu to sozinho em Fortaleza, Ethel!!! Sabe por que eu tô sozinho? Porque a maioria esmagadora não entende o que tá acontecendo. Sabe quantos voltaram de fora? Judeu errante, que chamam, né? Marinheiro. Mais de 900 mil. Fazia mais de 30 anos que tinham ido embora. Voltaram no navio pra Fortaleza. Aí o governador Cid (Cid Gomes, então Governador do Ceará), o último ano dele é

esse ano. No ano passado, 2013, assassinaram mais de 4 mil pessoas, estupraram 125 criancinhas de 01 ano, 02 anos, mataram 19 PMS e houve 67 assaltos de banco. E o Governador não pode ser desmoralizado, porque não teve respaldo político pela ONU. Aí, como é o último ano dele, ele treinou mais de dois mil homens pra polícia federal, civil e militar. E as parabólicas filmaram tudo. E de 12 mil presos pulou pra 19 mil.

### **Você leu isso no jornal?**

Eu leio todo dia jornal, Ethel. Jornal é uma faculdade que atualiza a pessoa.

### **É verdade. Qual o jornal que você tá lendo?**

Eu tô lendo o que é cabível na hora. O Diário do Nordeste, do Edson Queiroz, ele distribui nas padarias pra cliente especial. Como não sou especial nem cliente pego na marra, boto debaixo do braço e saio.

### **E onde é a Central das Cópias?**

É ali ó, Centro das Cópias. Me colocaram dentro do computador. Eu tô dentro do computador. O gerente, vamos atrás. O João, rapaz. Vão chamar. Ele faz a cópia do cordel na hora. É rápido. Ethel, o amor que eu tenho por ti é tão imenso, sem ser carnal, sexual, nada... devido ao teu semblante, a tua fisionomia... (Recebe o cordel, mostra a capa, me entrega algumas cópias).

### **Quer autografar pra mim, Mário?**

O que? Autografo se tu me arranjar aí cinco mil réis.

### **Pois vamos sentar ali pra conversar que eu arranjo. (Sentamos em um banco).**

Quero sentar é no seu colo! Aí é mais caro, viu? Hoje é 14 de janeiro de 2014, não é? Pois 14 no código penal é ladrão!!! Em 2014, se fizer a Copa do Mundo. Mas acontece que quem mandava em tudo isso é João Havelange e Galvão Bueno, mas o povo não tem memória... vai render 240 bilhões... Dom Corleone, a Copa do Mundo, a Fifa, o Castelão, tudo vai iniciar no Ceará. A Dilma veio assistir à seleção brasileira. Deram uma vaia nela, mais de 100 pessoas. Ei, ali no mercadinho tão vendendo a Ypioca miudinha por R\$ 3,00. Você tem dinheiro aí?

### **Tenho mas só dou depois da nossa conversa, estamos conversando.**

Não faça isso, não... Eu te dou isqueiro, paletó, sapato... Se eu tomar uma talagada eu fico calmo. Me empresta?

### **Empresto. Deixa só eu fazer umas perguntas: o que é a liberdade?**

Liberdade é quando o cara não tem mais pensamento. Quando o pensamento do cara vai embora e ele tá liberto. Enquanto o pensamento tiver dentro dele ele tá em labirinto.

### **Explique melhor.**

Olha, nosso corpo, carne e osso, é uma herança... Quando dentro dele entrou um pensador invisível, morador dele, foi passado uns 100 anos. Enquanto o pensamento estiver dentro da cuca dele, com energia dos pés à cabeça, ele tem que pagar pelas carnes, os ossos. Quando o pensamento do cara vai embora quem vai lavar o pé dele? Ele se desfaz.

### **E o que é a rua?**

É o seguinte: eu tava cochilando perto do Ginásio Paulo Sarasate, de madrugada. Quando passou um carrão conhecido, com uma senhora, e perguntou: Mário Gomes, rapaz, você é morador de rua? Aí eu perguntei a ela, a coroa: e a senhora, tá morando aonde? Sabe o que ela disse? Eu moro naquela rua acolá. Ah, então a senhora é moradora de rua? E eu sou morador de que, homi? Ora mais! Ninguém mora em rua não, rapaz. A gente mora dentro da gente.

### **Mas por que todo dia você tá na rua, andando pela cidade?**

Eu sempre fui assim, rapaz, desacomodado de ficar dentro de casa. Olhe, um acomodado faz coisa horrível. Se você for na minha casa vai notar uma coisa diferenciada. Minha casa tá toda esburacada, cheia de jornal espalhado, sem bico de luz da Coelce, sem água no banheiro, sem nada. Ali do lado, vizinho, onde moram meus irmãos, tudo é mármore, tudo de primeira, mas as custas da pedofilia das criancinhas e das filhas prostitutas. E eles fecham a porta da minha cara. Eu passo de 30 dias sem ir lá.

### **E como você está sobrevivendo assim?**

Continuo sendo aposentado por invalidez desde os 28 anos. Quando a dra. Bel do Banco do Brasil me viu todo todo sujo, cagado, mijado, rasgado, pegou meus documentos, aplicou um golpe, junto com o caixa, de um empréstimo, que eu não quis. Quebrou a cara. Porque descobriram. Não tem vergonha não, minha senhora? Esse rapaz tá todo sujo mas é a roupa dele, não é ele não, viu Dona Bel? Ela foi transferida, o caixa foi transferido pro Montese e transformaram no Itaú. Recebo no caixa, integral, todo dia 30.

### **E o que você faz com a aposentadoria?**

Eu pago minhas dividas. Recebo 678 e vai pra 724, que a Dilma prometeu. E eu pago minhas dívidas. Compro comida, bebida e cigarro. E pra que mais? Não vou morrer de fome e de sede... Mas se acaba o dinheiro. Escuta, tem um mercadinho bem ali...

### **Falta uma pergunta... Por que estar na rua ao invés de casa?**

Não te avisei que lá em casa eu não posso ficar? A minha casa não tem mais nada, não tem fogão, só jornal espalhado pelo chão... Levaram minha mãe também. Eu passei 63 anos ao lado da minha mãe. Todo dia ela me dava uma carteira de cigarro, todo dia ela me dava um café... aí levaram minha mãe, sumiu. Apareceu um defunto assim sem ela, depois um carro branco, dois caras mascarados, Caminho do Sol Turismo. Quando eu vi disse: esse defunto aí não é minha mãe não. E defunto é turista? Ela foi levada. Não era a minha mãe, era uma caixa cheia de pedra.

### **E onde é a casa? Você abandonou a casa?**

É na rua Sousa Carvalho, no Bom Sucesso. Eu vou lá às vezes só olhar como é que tá. É minha, sou filho da dona Nenzinha, tô de tocaia.

### **Por que não vende?**

Vender uma casa? Aí eu fico sem nada. É meu! Vou vender o que eu tenho, rapaz? As vezes durmo lá, mas eu caio fora, passo dois dias porque a mulher da padaria me considera. O Bigode também me dá sopa, me quebra o galho.

### **E o que você lembra da infância?**

Mamãe disse que eu saí da barriga dela. Papai era Ferreira Gomes de Caucaia, meu pai foi caminhoneiro. Os Ferreira Gomes de Caucaia. O sobrenome é uma árvore genealógica. Tem os Ferreira Gomes de Sobral. E os de Tauá, do Márcio Catunda. Coronel Ozetti Ferreira Gomes, pai do Márcio, era coronel, comandava o 23 BC e era matador de gente. O pai dele, morreu, foi assassinado. A mãe também morreu. Ele é diplomata, mora na Espanha. É uma árvore genealógica que tem o primo pobre e o primo rico. Não viu na televisão? Meu pai Benedito Ferreira Gomes. Era caminhoneiro, chefe de caravana da Rural Wilis. E a mãe é Francisca Coelho Gomes, mais conhecida por Nenzinha, de Canindé. Eu fui o primeiro filho. Depois nasceu Evaldo, o Zezim, Paulim e uma menina, Nancy, que mora escondido, nunca mais vi. Zezim eu vejo, gordão. Eles pensavam que eu era louco, nem falavam comigo. Vou morrer de sede, Ethel!

### **Espera aí! E esse olho verde? Veio de quem?**

Aqui não é comprado não, rapaz! Minha mãe tinha os olhos claros. Né comprado não. O sangue da minha mãe é o mais fraco do mundo, A NEGATIVO. O do meu pai é o mais forte, que é O positivo universal. Namoraram 25 dias. Ele era chofer, motorista, de um industrial da família de gesso de Parangaba. Minha mãe se amarrou porque ele era carismático, meu pai. Ela tinha 21 anos e ele 26. O patrão dele, Germano Franklin, alemão, disse pra botar o nome do primeiro filho de Mário! Aí o padrinho foi ele, o alemão. Mas não tinha madrinha pra batizar. E agora? Aí foi Nossa Senhora de Fátima, só no nome.

### **E o trabalho? Já trabalhou?**

Eu trabalhei... mas não deu certo não. Não tenho vocação pra trabalho não. Vocação é o cara que se dedica ao trabalho. Eu não tenho profissão não. Nunca tive. Fui professor no lugar de um cara, mas sem saber de nada. No início da revolução, em 64, um cara foi na casa do meu pai e era o diretor, me chamou pra ser professor na Escola Albanisa Sarasate, admissão do Ginásio. Ia pra lá bater papo. De noite tomava cachaça. Com 7 anos recebi diploma do be-a-bá. Depois fui morar em São Paulo. Passei sete anos. Dos 9 aos 16 anos. Aí um dia meu pai botou todo mundo na rural e disse vamos embora pro Ceará. Chegamos em Fortaleza e fomos direto pro Bom Sucesso. Até hoje.

### **E em São Paulo, como foi?**

Tive carteira assinada lá em São Paulo na papelaria ABC, trabalhei um ano lá, de menor. Fazia entrega. Mas eu não tenho vocação pra trabalhar pra ninguém não. Eu não preciso trabalhar pros outros, eu trabalho pra mim. Trabalhar pros outros? E por acaso eu tô com fome?

### **Não precisa então de dinheiro pra sobreviver?**

Rapaz, a estrada é fechada? Fiz 17 viagens, a pé, de carona e voltava de ônibus. Fui dez vezes a Salvador. São Paulo, Rio, Belo Horizonte. Em Salvador, oitenta por cento é negão. Os negão lá vive a vontade, na base do axé, de cueca... é comigo mesmo... Fui 9 vezes sem dinheiro e a única vez que fui com dinheiro não gostei, não tinha graça. A graça é você conquistar aquilo que você necessita sem enganar ninguém. Ser ficha limpa. Em Fortaleza já fui preso umas 100 vezes. Mas por banalidade. Quando eu era rapazinho se eu chutasse um pneu de um carro desses ia preso. Mas sou ficha limpa. Tem o barra suja e o ficha limpa. Eu sou ficha limpa. Nunca fui processado, não. E tá com 32 anos que não vou preso.

### **E tem dormido aonde?**

Eu durmo dentro de mim, eu durmo dentro de mim, meu nome é Pensamento. O meu corpo é minha casa, minha vida e meu carro. Pneu é o sapato. E tem a gasolina, a cachaça. Vamos comprar?

### **Vamos. E a velhice?**

Não, é Terceira Idade. Às vezes eu penso que tenho 14 anos. Devido ao potencial. Não é negócio de sexo não. É o corpo mesmo. Não sinto nada. Os ferimentos meus no outro dia já tão curado, não uso médico nem remédio. Deve ser o sangue O negativo. O da mãe é A negativo e o do meu pai O positivo universal. Meu nariz é quebrado, esfaqueado, tiro, todo quebrado e inteiro. Quando eu tinha 18 anos levei cinco tiros, a bala pegou, atravessou o corpo, por trás, bateu debaixo das omoplatas, saiu debaixo da clavícula e duas horas depois eu tava andando por aí como se não tivesse nada. Isso foi na Praça São Sebastião. A última foi facada. Levei três facadas, eu tava em frente ao aeroporto Pinto Martins internacional, de madrugada. Me viram comprar três carteiras de cigarro e um bocado de cara veio me pedir, eu mandei pra puta que pariu. Não tem saída não, se fingir que é amigo piora, se não fingir, piora também. Me deram cinco facadas nessa mão e levaram o que eu tinha no bolso. Eu desmaiei. Quando voltei, tava clareando o dia, fui cambaleando, o paletó ajudou a não sair tudo... cheguei aqui no Dragão do Mar dez e meia da manhã...

### **Quer ir andando pro Dragão do Mar agora?**

Tá bom de ir pro Dragão nessa hora. Sou um apreciador das artes. Fico vendo as mulheres. Não é arte não? Não se enxerga não? É uma escultura corporal, né não? Depende dela também, tem a baleia e tem a sereia!

### **E a vida é arte?**

A vida... é o seguinte... Tu tem vida? Tua vida é teu corpo é? Não é teu pensamento não? Então teu pensamento é tua vida. E se teu pensamento for embora do teu corpo, da tua cuca, quem vai lavar teu pé? Ninguém! Se desfaz. Se um cara tá dormindo aqui, tu mete um pontapé em quem tá dormindo ele sai gritando de dor, porque o pensamento mora junto dele. E o morto não diz nada. Não tem mais pensamento. Tudo o que você sentir não é tua carne não, é a energia do teu pensamento.

### **E arte, o que é?**

Rapaz, não sei não! Afinal de contas, você quer de mim o que? Eu já percebi, Ethel, teu desejo, tua vontade... Não tiro tua razão. Você tem corpo e eu também tenho.

### **Anda tão convencido você. Só porque tá todo gatão aí com esse paletó... quem ensinou a se vestir assim?**

Rapaz, minha mãe costurava numa máquina. Pra quem encomendava. Ela foi embora. Faz três anos que eu não vejo, ela foi embora. Eu aprendi a ser assim, a me vestir assim com ela. Quando eu nasci ela já costurava. Sabe o que ela dizia pras amigas dela? O Mário é o único filho que nunca quis mamar, engraçado... Mas ela me ensinou a vestir bem, limpou a orelha, vai lavar o pé, o sapato não é assim não, toma essa roupinha aqui... Sempre o primeiro filho é o mais bem criado. Eu tinha que andar nu é? Eu tenho que andar de peruca e saia é? Não sou nem baitola.

### **- Ei, Mário, você ainda anda nos mesmos lugares?**

Sempre andei pela Beira Mar. Agora mudou. Toda noite vou pro Dragão do Mar. Na Praça do Ferreira só da pilantra de noite, não é mais legal. Na praça José de Alencar só dá baitola. De dia fico por aqui, de noite vou pra lá... Bora pra lá?

### **(Seguimos andando do Centro rumo ao Dragão do Mar).**

### **E é nesse passinho lento?**

Quer ir correndo é? Tem que olhar pro chão! Se eu pisar num buraco vou parar no Japão. Tem uns caras, uns baitolas que dizem: levanta a cabeça!!!! Aí eu não gosto. Não conheço o cara! Ora, se eu sou andarilho! O inverno começou! Meu corpo é diferente do teu. A energia e tudo... Eu sinto frio devido o inverno. Olha ali a estátua da dra. Rachel de Queiroz (na Praça dos Leões, ainda no centro da cidade). Em 2003 perguntaram a ela, os caras da Academia, quem era o literato que podia ser prefeito da ícone Praça do Ferreira que a Constituição tava exigindo. Aí ela apontou pra mim. Apareceu um mês depois e quando eu fui entrar na Academia me deram uma surra, de pontapé e murro.

### **E você tem andado pela Praça dos Leões também?**

Rapaz, eu ando pela cidade toda! Farol, Mucuripe, de madrugada, sozinho. Vou ter medo de que, rapaz? Meus amigos tudo me conhece! Já fui procurar meu pai onze e meia da noite no bairro Santa Cecília.

### **E poesia, ainda tá escrevendo?**

Não preciso mais escrever não que as parabólicas gravam tudo, grava a voz do cara, com imagem e com tudo, basta falar. O último livro não foi lançado. Porque o Sergio Braga foi à falência, ficou só com uma livraria.

### **Quem ainda anda pela Praça do Ferreira? De escritores?**

Não vejo mais nenhum. Não tem coragem de enfrentar a barra não. Tudo com medo de apanhar. Devido a essa invasão de bandido. Os caras ficaram na sugestão. Sugestão é o seguinte: chega o cara e pede um cigarro, se não der agora vou lhe matar. Aí o cara fica com medo, o coração do cara cresce descontroladamente e ele morre do coração. Eu lá vou ficar na sugestão com ninguém, rapaz!

### **Essa coragem toda vem de onde?**

Sempre fui assim desde que nasci, andava pelo meio da rua. Era ordem do meu pai. Que eu andasse por aí. Meu pai me expulsou de casa. Mas quando o pai é coruja e a mãe é coruja nada acontece com o filho não, rapaz. Eu fui o primeiro filho, né? Me dava uma surra quase todo dia. Não avisava porque não. Quando eu tinha 20 anos de idade ele foi embora, parece que foi pro céu. Quando eu encontrava com ele eu chorava de alegria. Minha mãe queria exclusividade só pra ela, ela tinha ciúme dele. Porque ele era carismático. As mulheres quando olhavam pra ele ficavam gamadas. O modo dele falar: fala mansa, macia, olhos infantis e dentinho de ouro na boca.

### **Vamos apressar o passo que vai escurecer.**

Você quer uma cerveja? Tenho crédito com o Tião por mês, o Sebastião. Compro cerveja e cigarro. Pago é triplicado. Se eu dever 50 eu dou 100. Dou dobrado e fico com crédito. Não nega nunca.

### **E não compra uma roupinha nova?**

Não, roupa eu acho por aí. Tá vendo isso aqui, o povo joga fora. Eu tenho olho, sei visualizar.

### **E banho?**

Às vezes na piscina pública ali, no Dragão. Os guardas tudo me consideram, não acham ruim não, fazem é questão! O Paulo Linhares que é o diretor, ele foi secretário de cultura, amigo do Fidel Castro, ele deixa.

### **E essa aposentadoria foi por conta de que mesmo?**

Sacanagem que fizeram comigo! Quando eu tinha 20 anos de idade me botaram num asilo de doido, na marra, na Parangaba. Eu sou doido por acaso? Meu primo, Luiz Cruz Lima, com raiva de mim. Em 1967, ele arranhou um tal de Clodoaldo, eu fui o primeiro cliente do cara, cobaia, Clodoaldo Castelo Branco, era bicha até. Na marra, no asilo de Parangaba. Um mês. Levei choque elétrico na cabeça. Ernesto Geisel era o presidente. Queria saber da vida de cada

brasileiro. Quando chegou na minha vez ficou sensibilizado. Eu tinha 28 anos em 1975. Sabe o que ele disse? O Mário, se ele tiver um ano de carteira assinada pelo menos dou uma aposentadoria a ele, um salário mínimo a ele. A vizinha da minha mãe sabia e levou os documentos pra Brasília. Aí ele deu renda mensal vitalícia por invalidez, o diagnóstico. Há 36 anos eu recebo o salário mínimo. Um mês depois faleceu o presidente. Ó a piscina pública. Vou ficar por aqui.

**Vamos sentar mais pra lá, ali perto da estátua do Dragão do Mar. Chico da Matilde, né? Aí gente conversa mais.**

Disseram que o Chico da Matilde faleceu no Governo Cid. É impossível. Porque o Chico da Matilde morreu em 1914. Faz 95 anos que faleceu. Quando descobriram o cara que posou pra ser o Chico da Matilde, era um cara bailarino cearense, que veio de São Paulo. Pegaram o pobre do rapaz e rasparam com uma faca a perna do cara e jogaram no meio da rua como mala. E o Governo é Cid Ferreira Gomes. E o Patativa é Lúcio Alcântara.

**E tá aprovando esse governo?**

Rapaz, não tô aprovando não, esse governo tá numa barra pesada do caralho. Último ano é esse do Governo dele. Se ele não provar pro povo... Ano passado, 2013, como é que ele pode deixar o governo do estado com o saldo de 4 mil assassinatos, 125 criancinhas estupradas, 67 assaltos em banco? Não pode deixar isso não, que precisa de respaldo político e social pro lado da ONU, rapaz. As parabólicas filmaram tudo. Em vez de 12 mil, deixa 19 mil presos. Quem é ficha limpa tá preso, quem é barra sujo tá escapulindo por aí. O último ano do governo dele é esse. Uma tragédia humanitária devido a globalização, tradições e costumes diferentes de povos misturados com os outros. Aqui é a quinta capital. O primeiro lugar é São Paulo. Segundo Rio de Janeiro. Tem 21 em atraso. Tudo misturado. Os europeus não mexem com seu ninguém. Em compensação fazem coisas piores. E aqui é a baixaria.

**E isso não é bom, tradição e costume misturado?**

Nosso povo era unificado, unificação social é quando todo mundo respeita os outros. Quando ninguém respeita mais ninguém no final a negrada bate. Como ninguém respeita mais ninguém... não viu o que aconteceu, o que o neguim disse pra mim? Vá trabalhar! Eu tenho 66 anos, ninguém me conhece como Mário Gomes, passo de vagabundo, louco e beberrão, os que não me conhecem como Mario Gomes. Pensa que isso é coisa horrível e não imagina como minhas poesias são, modéstia parte, coisas divinais, mas ele não sabe ler e se ele lê não compreende. Aí vivo levando nome por aí, vagabundo, louco, desses caras imbecilizados, esses danos morais causam essas coisas.

**E quando dizem que tu é vagabundo e louco como é que você gostaria de responder?**

Nada! O cara ser vagabundo e louco não é contra lei não, rapaz! O código Penal e Civil brasileiro não quer dizer nada. Pra tu ter ideia me chamam às vezes de maconheiro. O Uruguai ta com 20 dias que liberaram a cannabis. O primeiro país do mundo que liberaram a cannabis.

### **Gostou dessa decisão?**

Eles estão corretos pro povo deles. Mas o povo daqui não tem consciência ainda pra liberação. Quando a pessoa tem o pensamento curto não pode... Tem cara que sabe ler porque não entendeu o que leu. Então não adianta. A literatura de hoje é muito complicada, moderna e surrealista. O cara lê mas não entende. Você entende, porque você é psicóloga e tudo. Ciro e Dilma em disputa política. Quando o cara lê a palavra disputa pensa que é duas putas conversando. O Papa prega humildade. O povo pensa que é outra coisa. O Papa é uma coisa que não tem fome, porque papa. E o cara humilde demais não tem mais pregação. É a pregação do cu, do ânus.

### **Quando dizem louco e vagabundo, preferia que vissem como o que?**

Que ficassem calado. Mió calar. Não é ofensa, mas é danos morais. Mió calar. Não é minhoca não. É calar o bico. Realmente eu sou vagabundo. Vagabundo é o cara que não tem vocação para trabalho nenhum. Eu nunca vi nada bom em trabalhar. Se o vagabundo quer trabalhar ele deixa de ser vagabundo. Isso não tem nada demais. Ninguém é obrigado a trabalhar. No meu tempo de juventude tinha as garotas, a maioria vagabundas. Hoje ninguém pode dizer isso. As mulheres são todas fieis, trabalhadoras e honestas. Eu concordo com elas.

### **E os vagabundos?**

Vagabundo não precisa de nada. Tem o vagabundo e o malandro. Malandro é o patrão que tem tudo, que manda o trabalhador trabalhar pra ele. Vagabundo não tem profissão nenhuma e não quer emprego em lugar nenhum.

### **E tu admira o trabalhador?**

Não admiro ninguém, admiro eu! Tem o partido dos trabalhos. Mas o PT que eu aderi é PT Saudações, estamos conversados.

### **E poeta, santo e bandido, que é o título da biografia que Marcio Catunda escreveu? De onde vem?**

Eu tenho um besteiro literário que eu digo isso comigo mesmo: poeta, santo e bandido. Ele gostou da frase e botou o título. Porque foram dizer que isso aqui meu fazia milagre, foram dizer pro Papa que aqui tinha uma imagem de santo que fazia cego enxergar, fazia milagre. Eu chamo besteiro literário porque quem escreveu fui eu. Não sou gabola. O decimo livro meu inédito foi roubado, um juiz roubou. Então tem nove.

### **O poema predileto?**

Todos. Mas não me lembro não. Quer ouvir o recente?

### **Quero.**

Eu agora faço um improviso de fala porque as parabólicas captam e gravam aí eu não preciso escrever mais não. Quer ouvir?

### **Quero.**

Não tem a menina dos olhos? Olha aqui: “Uma abelha, com seu ferrão, largou a picadura, na menina dos olhos de um cara, ele ficou cego e disse que foi amor à primeira vista”.

### **De novo.**

Uma abelha com seu ferrão, largou a picadura, na menina dos olhos de um cara, ele ficou cego e disse que foi amor à primeira vista...

### **Tem mais?**

Tem uma parecida. “Não sou abelha, não sou marimbondo, mas se quiser levar uma picadura”. Rs.

### **Só tem poema fescenino. Não tem algum romântico?**

Tipo Diogo Fontenele não tem não. Não gosto. Tem uma dele que é bolhinha de sabão vai subindo subindo, subindo e pow!

### **Outra sua então.**

Se Deus não fosse brasileiro, seria cearense. Se não fosse cearense, seria brasileiro.

### **Boa demais. Mas por que?**

O Ceará é diferente dos outros. Porque o Sol mora aqui o ano todo.

### **E o Brasil deu certo?**

Aqui é quase um continente e todo mundo é diferente um do outro. A China, a Alemanha, tudo é parecido. Aqui um é preto, outro é branco, magro, alto...

### **Ei minhas amigas chegaram. Quer conhecer?**

Se eu disser que não eu tô mentindo pra mim mesmo. Como diria o Raul Seixas mentir sozinho eu sou capaz... Raul Seixas dizia que não lia jornal porque mentir sozinho eu sou capaz. Eu leio porque sei quando é mentira e quando não é. Quando acontece uma coisa aqui e eles dizem que foi em São Paulo. O jornal vende isso. Você paga o jornal e recebe o pagamento por tal coisa. Aos anúncios populares. O Estado é uma elite corporativa. O melhor é O Povo, é o mais comprado. Eu pego jornal na marra, boto debaixo do braço e saio. Dou uma olhadinha na capa, quando me interessa a notícia eu leio.

### **E qual a notícia que mais lhe interessou nos últimos tempos?**

Tô tentando me lembrar, se você passar três dias comigo eu lembro. Desde de tarde que você tá tentando me seduzir. Mas não foi concluído. Você não é de papel nem de pano, você pode complicar sua vida. Mas se necessário posso fazer essa oferta.

### **Qual o seu sonho, Mário Ferreira Gomes?**

Nunca tive sonho não. Sonho é fantasia.

**Socorrinha vai fazer uma foto nossa.**

Ai, minha mão quebrada...

**Ei, agora vou embora com as meninas. A gente passou a tarde juntos, trocando segredos e intimidades...**

Não teve troca-troca não?

**Amanhã tem mais. Onde é que eu lhe encontro?**

Não sei, tô por aí, por acolá.

**Tipo umas três horas, tá bom?**

Ninguém sabe, rapaz. Como é que você pode saber do futuro? Depende do circunstancial.

**Pois boa noite. Vai ficar por aqui mesmo?**

Já tô por aqui. Essa palavra é minha: não se preocupe! Tchau, Ethel de Paula.

**Um beijo. Quer mandar um recado pra mim?**

Seja sempre o que você sempre é! Você é inesquecível! Tchau!

## **Apêndice B**

Entrevista concedida por BATISTA, Antônio Severiano (Tota). Entrevista II. [fev.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015.

Local: Galeria Paleta – Centro da cidade.

### **Quando e como você conheceu Mário Gomes, Tota?**

Conheci Mário Gomes no começo dos anos 90. Na Praça do Ferreira. Tomei até um espanto. Ele, no auge, puta paletozão com uma rosa vermelha aqui; eu passando apressado na Praça do Ferreira, pensei que ele podia ser até uma figura pra ajudar, eu tava atrás de dinheiro prum projeto cultural. Aí cheguei pro amigo dele que é engraxate na Praça, eu costumava levar meus sapatos lá e perguntei quem era, é político é? Foi quando ele disse: é o grande poeta Mário Gomes. Não conhece não? Aí encostei perto e comecei a bater papo. Mas meu entrosamento veio mais quando eu abri uma galeria no Dragão do Mar. Tinha um bocado de poeta que se juntava por lá. Eles compravam um litro de cachaça, eu emprestava os copos, eles metiam o pau, eu fazia um feijão verde. E tome a recitar poesia, aquela coisa. E Mário foi o que foi mais se identificando. E ficando, ficando. Não tinha uma vez que não fosse no Dragão do Mar que não fosse na galeria. Aí nasceu minha filha, a Jéssica. Ele se apegou muito a ela. E ia ver a Jessica também. Mas foi também quando houve a morte da mãe dele, acho que em 2005, perdeu a mãe e acho que foi uma chibatada muito grande. E a mãe era quem botava remédio na comida dele, no suco... aí parou de tomar o remédio. Os amigos ainda tentaram que eu botasse o remédio na comida ou no suco dele lá pelo ateliê. Vieram me pedir e eu disse que ia tentar. Quando foi amis tarde Mario chegou na galeria. Poxa, cara, minha santa mãezinha, Deus levou. Mas não tem problema que não venha um bem. Cara, eu descobri que minha mãe botava veneno dentro do meu suco. Como assim? Rapaz, porque eu vivia doido e agora tô bom. Aí pensei: cara, se a mãe do cara, que ele chama de santa mãezinha, ele achou q tava sendo envenenado, imagina eu. Aí me recusei a dar o remédio. Expliquei por que. Bom, ele achou que tava legal. E era o legal dele. Eu não quis interferir.

### **Entendo.**

Cansei de ele chegar aqui 4 horas da manhã e ficava lá fora esperando amanhecer. Até os malandros ficavam protegendo ele. Dava uns apitos e eu ia preparar um rango legal. Ele não tava mais comendo com colher, com nada. Aí eu passava um pedaço de peito de frango no liquidificador, com cenoura, beterraba e fazia aquela coisa pastosa. Ele tomava, com suco e tal.

### **E foi você quem o socorreu e acabou levando para o hospital, não é isso?**

Eu tava na Praça do Ferreira quando a Maninha me ligou dizendo que ele tava desmaiado no Centro Dragão do Mar. Tava sumido há três dias e sabiam que eu tava procurando. Fui voado pra lá. Até convencer Mario Gomes ir pro hospital, porque ele tinha ódio a médico. Mandou o médico tomar lá naquele canto umas dez vezes. Só entrou na ambulância porque ia eu e a Jessica. Isso é negócio, rapaz, eu sou um homem de 67 anos, sou ficha branca na polícia,

porra. Vocês são covardes, me amarraram. Não, poeta, você não tá amarrado não. Pra mim foi triste aquela hora.

### **É bem complicado...**

Vou fazer 51 anos. Mas ao mesmo tempo eu agradeço o privilégio, foi uma aprendizagem muito grande ficar perto desse artista. Faltando 20 minutos pra ele desencarnar ele perguntando por ti, pra Maninha... Ainda fez eu ir ainda comprar espelho, tesourinha, pente... porque tava tudo certo de a gente ir passar o réveillon no Dragão do Mar... Meu paletó taí? Sapato taí? Tava tudo pronto, mas eu vi que era só uma onda... ele começou a tomar bolsa de sangue, mas tava sem sangue mesmo, anemia profunda. Foi o que causou a morte dele. E pouco antes de ir ele disse: Tota, você taí? Não vou mais a lugar nenhum, não vou mais ao réveillon não. Mas por que poeta? Nós vamos sim, vamos sair daqui juntos. Não, eu vou dispensar minha carcaça que essa porra tá me arrombando. Porra, tá doendo até os cabelos, Tota. Vou abandonar essa carcaça, vou sair fora! Ela não aguenta mais não! Ora tava anêmico no último grau. Se alimentava mal. Precisava tomar sangue e soro na veia até melhorar.

**Me lembro que ele teve dois aperreios recentes. Um foi quando furou o pé e inchou muito, não conseguia andar. E isso, para um andarilho, é a morte. Mas aí se recuperou. E outra merda foi a queda que contam que ele teve no Dragão, abrindo um corte profundo na cabeça. Você foi quem cuidou dele?**

Um bocado. Quando ele veio aqui com aquele pé inchado eu dei uma chinela pra ele, que não apertava atrás. Aí fizemos uns asseios com ervas. Com a Jessica ele deixava. Foi isso que ajudou a melhorar o pé dele. O corte na cabeça foi muito alho, botava quase uma cabeça de alho na comida dele, que o meu médico disse que tinha efeito de um antibiótico. Aí foi indo. Não passou 15 dias ele tava curado. Mas acredito que foi ali que o Mário Gomes perdeu muito sangue, a ponto de ficar anêmico.

### **E a família dele, Tota?**

Ele tinha irmão, irmã, mas o Mário Gomes era muito difícil de se lutar... Não aceitava ajuda de ninguém. Ou quase ninguém. Eu é porque sou orelha grossa. Fazia aquela vitamina pesada com aveia, fruta, aquele sanduiche de ovo e já tinha que vir com um cafezinho, porque ele dizia que o resto era uma gororoba. Ele queria o café mas eu só dava depois da gororoba.

### **Você foi muito amigo, sempre.**

Acho que tava faltando umas poesias lá pelo céu ou uma pessoa pra animar ou perturbar, aí o Pai Maior disse: eu vou chamar o Poeta Mário Gomes. Mas pelo comportamento de vida que ele tinha acho que viveu muito. Ele tinha uma casa no Bom Sucesso. Mas dizia: minha casa é meu sapato. Ele entortou porque dormia em banco de praça. Aqui atrás da minha galeria eu tenho uma suíte. - Taqui a chave, Mário. Não. Vinha, tomava um banho, comia... - Dá pra desenrolar um dinheirinho pro cigarro? - E o que passarim não bebe, tu tem aí também? - Dá. Aí dava um dinheirinho pra ele e pronto, se virava. Quando eu não tinha, não dava. Quando uma vez ele me pediu 20 conto porque tava querendo tomar um vinho e eu disse que só podia

dar 10, isso na frente de um amigo meu, de carrão, que tava aqui no ateliê pra consertar a moldura de um quadro. O cara vendo aquilo entrou no carro, puxou uma nota de 50 reais e deu pro poeta. Aí ele olhou pro cara e disse: - eu te conheço, cara? Eu lhe pedi alguma coisa? Cara, pegue esse dinheiro e soque. - Mas eu vi você pedindo ao Tota. - É o Tota, cara. Você é o Tota? Não. Então vá se foder, eu não quero nada seu, porra! Vá simhora!!!! Não aceitava. Esse negócio de você chegar e vim dar sem ele conhecer a pessoa não tinha nem chance. Só aceitava de quem ele conhecia. Tinha umas coisas da postura dele, era muito original.

### **E você fez o último aniversário dele aqui na galeria, não foi?**

Tive também o privilégio de fazer os 67 anos dele aqui, o último aniversário. Foi tão legal, simples. Ele queria um paletó novo. A camisa nova. E o sapato novo. Ele pra mim: pode? Eu disse: pode. E quando é que eu pego? Porque se você promettesse uma coisa tal dia ele ia pegar. Marcava comigo terça-feira pra pegar uma carona pra buscar o dinheiro dele no banco. Fui até agradecer ao gerente lá quando ele morreu. E me contou que quando era 8h45min ele já tava batendo na porta do banco, no vidro. Se o guarda não abrisse a chibata comia. O cara pagava logo pra não ter confusão. Ele recebia a aposentadoria sem nenhum documento. Ele já conhecia o gerente, o gerente gostava dele. E olhe lá se faltasse 60 centavos... era difícil. A irmã inclusive me deu a procuração dele. Se vai ter estatua, lançar um livro, tudo vai passar por mim. Eu quero ver uma escultura dele na Praça do Ferreira. (Olhando fotos de Mário Gomes) Parecia um cara de Hollywood. Na inauguração do Centro Dragão do Mar, 1998.

### **Onde você ia ele também ia, não é Tota?**

Fechei a minha galeria do Dragão, comprei esse prédio, construí meu ateliê aqui nesse prédio, trouxe ele de carro pra ele conhecer aí é como se diz: cavalo que passa selado monta. É um pulo. Ele saía do Dragão, dormia por lá nos bancos e vinha de manhã pra cá comer alguma coisa. Uma coisa que ele fazia pra mim: Mário Gomes era meu jornal ambulante. Sabe não? Vai ter um puta evento não sei aonde. Ele trazia tudo traçado, tal hora. O circuito cultural ele dava conta de tudo, é quem me atualizava. Dormia embaixo das escadas, atrás da estátua do Patativa. Era a única pessoa que tinha permissão para entrar depois de certa hora naquela área do cinema, os guardas já eram orientados a deixar ele acessar o espaço embaixo da escadaria.

### **Você guardou com você algo dele?**

O paletó do último aniversário dele eu tenho guardado. Vai ter uma exposição, um espaço Mário Gomes aqui. Esse era o sapato que ele tava usando. Tenho umas seis roupas guardadas. Vou emoldurar tudo.

### **Tota, todo mês Mário Gomes ia no banco receber a aposentadoria. Sem documento? Como era?**

Cheguei a levar ele no banco pra pegar o dinheiro da aposentadoria. Só que quando ele ia receber já tinha aquele movimento estranho, quatro, cinco pessoas esperando do lado de fora do banco pra tomar o dinheiro dele. Era o Itaú da Floriano Peixoto. Era assim, comprava cachaça fiado e quando a Maria ia cobrar era o preço de dez litros, entendeu? A mesma coisa

o cigarro. Então a negrada voava em cima e tomava. Por isso o dinheiro se acabava num instante. Quando descobri fui um dia com ele e um amigo meu que é policial dar um chega pra lá no pessoal que tava se aproveitando. O gerente vinha e trazia pra ele num saquinho. Já sabia os horários, sabia onde o gerente estacionava o carro, era ele chegar dava um pedacinho o gerente vinha. Ora, ele fazia amizade, mostrava o livro dele provando que era poeta e que tinha perdido os documentos. Então, já tinha se enturmado com o gerente, já tinha ficado amigo e assim nem precisava de documento.

### **E a mãe? O que você sabe sobre Dona Nenzinha?**

Acredito que a mãe dele morreu antes de 2010. Enquanto a mãe tava viva ela cuidava. Passava dois dias sem ir em casa mas quando ia saía de casa todo banhado, cheiroso, cortava as unhas, ajeitava o bigode, controlava ele, dava os remédios dele. Botava na comida... quando ela morreu ele passou lá no meu ateliê e disse: passou um furacão lá em casa, levaram minha santa mãezinha... e me procuraram um dia, Sergio Braga e Guaracy Rodrigues, pra eu continuar botando os remédios na comida ou no suco dele. Mas aí acabei não topando. Porque o próprio Mario Gomes me disse que descobriu q a mãe tinha botado remédio a vida toda na comida dele. E que só perdoava porque era ela, porque aqueles remédios faziam era endoidar ele. Então eu não ia dar remédio contra vontade dele. Mas alimentação eu dava, ia deixar comida pro Mário Gomes na Praça do Ferreira. Ele vinha aqui e eu fazia aquela gororoba, ele dizia assim, a gororoba, que era vitamina com aveia, com fruta, tudo. Ou então era peito de frango batido no liquidificador, fazia aquela sopa, porque ele já não tinha mais quase os dentes, aí não tinha outro jeito de se alimentar. Mas reclamava: “lá vem você com a porra da sua gororoba, cadê meu café?”. Porque eu só dava o café pra ele fumar o cigarro dele se tomasse a gororoba.

### **Me fala mais sobre o último aniversário dele, Tota.**

Praticamente foi um pedido dele, do jeito que só ele sabia fazer. Começou perguntando se eu sabia o que significava dia 23 de julho. Eu já sabia que era aniversário dele e disse que ia fazer uma festa. E aí chegava todo dia aqui seis horas da manhã perguntando: vai ter mesmo meu aniversário? Vai. Vai ter bolo? Vai. Posso convidar meus amigos? Pode. Poeta, vai ser uma aniversário legal. Vai ter bebida bacana. Pode chamar seus amigos e não traga nada. Tem um banheiro lá atrás, você toma banho, troca de roupa. E eu me sinto honrado porque foi uma despedida, ne? E ano passado ele foi pro meu aniversário no hotel Sonata, mas barraram ele na porta. Ficou puto. Mas aí passaram um rádio pra mim, descreveram o cara e eu imediatamente desci pra recebe-lo. Aí entrou, botei um litro de uísque, pediu batata frita. Fiquei com ele lá embaixo uns 20 minutos, mas não quis subir porque tinha escada... Aí na segunda dose perguntou se podia levar o litro de uísque, eu disse que podia e ele se foi, levando até uma taça. Esse aniversário foi feito com amor, como sempre fiz as coisas pelo Mário Gomes, um cara sensível demais, que de louco não tinha nada. Louco era quem chamava ele de louco. E o aniversário foi só alegria. Os uísques que eu ganhei no meu aniversário guardei pro dele. Uísque bom, a caixa dourada, coisa boa, de 300 contos. Ele ficou satisfeito demais. Ele convidou os amigos da praça e saiu até matéria no jornal. Chegou aqui sóbrio pra tomar banho, passou o dia todinho sem beber, viu? Teve bolo. Ele me pediu uma

carteira de cigarro Carlton. Eu comprei duas. Aí dei o paletó novo que ele tinha pedido e eu tinha trazido de São Paulo. Se vestiu e quando ficou muito melado pediu pra ir no banheiro comigo. Aí pediu pra tirar o paletó, o sapato e me pediu pra vestir a outra roupa, suja mesmo. Mas por que, Poeta? Rapaz, eu já tô melado e essa festa tá tão bonita q eu não quero decepcionar nem você nem ninguém. Vou terminar de me melar lá no Dragão do Mar. Ele saiu daqui com um litro de uísque e um vinho francês debaixo do braço e desceu pro Dragão. Se despediu e foi embora. No outro dia de manhã chegou aqui, foi tomar um banho, passei um pedaço de frango no liquidificador pra ele, comeu e perguntou: você tá de carro aí? Tô. Pois eu queria ir tirar umas fotos com meu paletó novo la no Dragão do Mar, na frente da estátua daquele 'fela' da puta, que pensa que só ele é importante. E eu fui tirar essas fotos ao lado da estátua do Dragão do Mar. Foi um negócio legal, especial pra mim, parece coisa do destino que veio traçado, eu sou um cara espiritualizado e acho que ele sabia que era a despedida. Saiu até no jornal: "Viva o Poeta Mário Gomes". Ele veio e me mostrou o jornal, feliz da vida. E no final me disse: Tota, o importante não é quantidade. É qualidade. Foi um aniversário que muitos não têm: mesa farta, bolo, uísque bom, vinho bom, tudo bacana.

### **Lindo... A amizade é isso. Uma eterna festa.**

Pois é... Quando ele passou três dias sem andar aqui eu comecei a andar pela cidade atrás dele, de carro. Fui inclusive no Dragão do Mar. Mas o que aconteceu? Me contaram depois: ele tinha levado uma queda uma noite em frente a um dos bares e tinha fraturado uma das costelas. Foi se arrastando pro Dragão e se deitou embaixo dumas plantas onde nem o jardineiro via ele. Porque os guardas do Dragão eram chapas dele e deixavam toda noite ele entrar ali pra dormir embaixo da escadaria. Foi quando dois dias depois ele mesmo chamou alguém porque não conseguia se levantar e aí descobriram ele ali entocado. A Maninha Moraes, diretora do Dragão, me ligou logo que os seguranças avisaram. Ela sabia que eu tava atrás dele. Num minuto fui dirigindo pra lá. Aí foi uma noite todinha dando água de coco, quando ele conseguiu aterrissar, não tava nem abrindo os olhos direito, a boca seca... Amanheceu o dia e pedi pra chamarem uma ambulância. Ele só fez recobrar as forças um pouquinho e já não queria ir pra hospital nenhum, não queria nem saber de ambulância... mas aí fui conversando, disse que ia com ele, que a Jessica, minha filha, ia também, aí ele concordou mas reclamando, dizendo que era ficha limpa, que aquilo era covardia... mas aí a Jessica já foi acarinhando ele, acendeu um cigarro pra ele e assim foi... Ele ainda conseguiu tomar duas bolsas de sangue e meia. O médico disse que se ele tivesse tomado pelo menos três litros... mas não deu, tava muito fraco, anêmico demais. Mas o espírito do Mário Gomes era tão evoluído que ele disse: vou dispensar essa carcaça. Então é só a carcaça.

## Apêndice C

Entrevista concedida por GUILHERME, Ricardo. Entrevista III. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015.

Local: Padaria Panettiere.

### **Como você conheceu Mário Gomes, Ricardo?**

Reunião aos sábados no Clube dos Poetas Cearenses, grupo formado por Carneiro Portela, Airton Monte, Pedro Lyra, Adriano Espindola, Walden Luís, Rembrant Esmeraldo, Márcio Catunda... essa geração. Em 71 eu tinha 16 anos. Ele tinha 24. Já era esse poeta muito alinhado, todo de branco, com lenço na lapela, sapato de duas cores, falando baixo, e dizendo seus próprios poemas. Eu sempre era solicitado a dizer os meus poemas e os dos outros também... a reunião era pra discutir poesia, cada poeta apresentava a sua produção e era criticado pelos seus pares, os seus colegas, era uma espécie de sabatina interna, de colega e também pra mostrar aos outros seus poemas, trocar livros, declamar poesias de outros poetas famosos, Drummond, Cecília Meireles, poetas que cada autor ia descobrindo... então tinha os mais parnasianos, Luiz Ribeiro, por exemplo. E todos eles recebidos pela Nenzinha Galeno, no auditório, começava 17h30m e ia até nove horas, os ônibus não permitiam maiores voos. O terminal era ao redor do parque das Crianças e eu pegava o ônibus Quitandinha pra voltar pra casa. Todo mundo de ônibus, eu não trabalhava ainda, tinha acabado de estreiar no teatro em 1970.

### **E Mário nesse contexto?**

Eu imagino que o Mário saía dali, não tinha ônibus corujão, pra gandaia, pras mulheres, pra noite, pra boemia. Era um homem bonito, assediado, um galã, muito bem penteado, limpo, muito cheiroso, muito elegante, educado, falando baixo, sem muita gestualidade, discreto. Ele dizia os poemas dele mas não com a performance de um ator, mas como um autor realmente, mas calmo. Sempre textos ligados a uma certa sensualidade mas também ligado a um mundo surreal. Me lembro que já era uma literatura muito imaginosa. E todo ano a gente publicava uma antologia. Antologia dos Novos Poetas do Ceará, acho que chegou até a quarta ou quinta edição. Cada um dava uma contribuição em dinheiro e se publicava, fazia-se uma seleção, devia ter uma comissão e eu figuro lá, por ordem alfabética, e o Mário também. Me lembro de um poema sobre o Nada: “o nada é interessante”. Me lembro dele declamando isso. Uma poesia sobre o vazio, a inexistência, uma poesia com veleidades metafísicas. Então ele nos chamava atenção pela sua postura sua conduta pessoal, muito educado, e pela sua poesia maluca, fumando, acho que até com piteira, tinha charuto e cigarrilha, um cigarro fino. Ainda era época em que se fumava em ambientes fechados. E dona Nenzinha nos oferecia um bolinho, quissuco de uva. Waldemar Garcia tocava piano às vezes. Foi ele quem me chamou pra fazer teatro. Tinha um piano na casa, porque é uma casa pública e provada, era a residência também, onde morava a neta do Juvenal Galeno, Nenzinha Galeno, já era uma senhora, muito séria, muito disciplinada, que dirigia a editora Henriqueta Galeno, tinha uma editora na casa, que publicava inclusive essas antologias todas. Naquela época tinha também a Academia dos Novos, além da Academia Cearense de Letras, acho que o Mário fazia parte

também, tudo por iniciativa do Carneiro Portela. Outra coisa também é que me parece que o Mário saía mais cedo, acho que devia ter compromisso.

### **Namoros?**

Nunca o vi com uma mulher, uma namorada, mas sempre falando de mulher, sempre tinha uma onda, olha o bilhete que ela me mandou... mas nunca apresentou namorada, esposa, filho... sempre aquela figura romântica, boemia, mas nunca chegou bêbado, não lembro do Mário bêbado ali dentro da Casa Juvenal Galeno... O Clube dos Poetas também patrocinou festivais de poesia, então não era só discussão literária, mas também de produção. Porque também queríamos descobrir talentos novos. E também administrava as páginas literárias dos jornais, a gente alimentava essas páginas, entrando em contato com os editores. Os jornais tinham essa coisa linda, uma página literária. E ter um poema publicado no jornal era um status pros poetas.

### **Qual a postura de Mário no Clube dos Poetas?**

Lembro de uma pessoa expressiva que sabia dizer de cor os seus poemas. No final ele ria... não se percebia qualquer desvio mental, esquisitice ou mudança de humor nesses primeiros anos da década de 70. Fui presidente do Clube, em 1973. Fui frequentador semanal até 1974. Não lembro do Mário transvariando, sem dizer coisas com coisa como ele ficou. Ao contrário. Era galã de cinema noir. É tanto que mesmo depois de toda degradação, mesmo todo esmolambado ele tinha uma elegância enorme. Tinha a coisa do mungango. Mas quando era jovem, antes das internações, acho, ele já era munganguero, como se diz no Ceará, mas um mungango sutil, fazendo tipo... o jeito de ajeitar a gravata, o lenço no bolso do paletó, o jeito de botar as duas mãos dentro do bolso, tirar o cigarro, charme, o Mário sempre fez muito charme, o Mário desfilava, entendeu? E nós jovens, com 15, 16 anos, considerávamos ele um poeta de certa forma consagrado. Dentre os novos, era destaque, porque quando eu entrei em 70, 71, ele já tinha poemas publicados.

### **E já se vestia elegantemente...**

Muita gente vinha de paletó e gravata, o Luiz Ribeiro era um deles. Tinha uma mesa-diretora dos trabalhos, ele não ficava nessa mesa, ficava na plateia, daí era chamado ao palco, dizia seus poemas e depois discutia... não me lembro de nenhuma arruaça, nenhum entrevero, até porque nós éramos administrados por uma senhora, de outra geração, muito respeitável. Tinha uma biblioteca, a gente podia olhar, ler. Às vezes ela chegava e ficava ali sentada, ouvindo os poetas. Era a casa dela. Então era boa noite, com licença, era assim. Nem entrava bebida lá dentro. Nós fazíamos todo ano o Natal dos Poetas, era no dia 22. Uma festinha com bolo e cada um de nós dizia uma poesia, juntava com os cantadores, os trovadores, poetas repentistas e poetas modernos. Ele participava dos Natais também. Ele tinha uma majestade, sem dúvida. Vide o relato da matéria que escrevi. Sobre a homenagem a ele, em 2011. Recusou o troféu porque queria dinheiro. Adorei a Francinice ter me chamado pra entregar o troféu. Fiquei honrado. Fiquei numa situação difícil porque não tinha prêmio em dinheiro. Eu tive que tirar do meu bolso. Eu, no palco, como não ia dar dinheiro. Fiquei com o troféu na mão. Uma

situação... Tava lotado o teatro e eu não fui ressarcido... Não tinha que dá R\$ 90,00 ao Mário (risos). Mas ficou por isso mesmo.

Um palhaço, hein?

Ele foi um palhaço, ele fez uma palhaçada comigo, rindo, rindo, rindo... Você tem muito mais dinheiro do que isso, Ricardo Guilherme... Os últimos anos do Mário é degradação, mas o processo foi lento. A morte da mãe todo mundo reconhece que foi marco, ele tinha alguém para dar os remédios, alguém para dar satisfação... Mas o meu encontro com ele sempre foi muito bonito, até o fim, porque vi o quanto esse convívio de adolescência minha com ele deixou marcas bonitas na maneira como ele me tratava. Depois encontrei com ele e me tratava com muita deferência. Ricardo Guilheermeee. Tinha ficado afeto, carinho, admiração. Não me tratava como qualquer pessoa e me chamava pelo nome completo: Ricardo Guilherme, você se lembra do Clube dos Poetas, dizia aos pedaços... nossas tardes... Ele chegava pra me pedir dinheiro e eu dava mais. Ele, com essa majestade, me devolvia. - Não quero, Ricardo Guilherme. Tô te pedindo só 2. E tirava matérias de jornais dos bolsos do paletó, uma coisa sua sobre ele, uma coisa do Márcio Catunda... Isso às vezes na Praça do Ferreira e muito mais vezes, nessa última fase, no Dragão. Onde ele me via chegava na mesa. As vezes também não pedia nada. Eu dava dinheiro sem ele pedir e ele dizia: - não é isso não, não tô aqui pra pedir nada não... Tinha livros também, ele também queria vender livros dele. Eu comprei muito livro. E dentro dos livros tinham fotos dele, jovem. Mostrava, muito vaidoso. Mas também mostrava rindo, ele mangava dele mesmo também, ria de si mesmo. - Quer comprar, Ricardo? Às vezes também me dava os livros. E tinha um cordel do Rouxinol do Rinaré com ele. Também dava de presente à gente. Era pra dizer assim: não estou pedindo esmolas. Era a coisa da nobreza dele, da psicologia dele, que a gente vai perscrutando. Ele me chamava de poeta também, eu que gosto tanto de ser chamado assim... porque na cabeça dele eu era poeta, era da literatura, antes de ser ator... porque quando ele me conheceu, 71, eu era da literatura. E me comovia o desconhecimento das pessoas, às vezes eu estava com jovens que não sabiam quem ele era, tinham medo e eu ia ter que explicar e me emocionava sempre ao contar quem era o Mário... Mas não era intruso, invasivo, não se sentava à mesa, ficava sempre em pé. Conversava, as vezes um pouco agressivo, ríspido de corpo, resmungando, você não entendia direito o que ele dizia, embriagado, mas depois ia embora. E se algum garçom quisesse tirar ele dali aí se irritava mesmo, mas saía... tinha dia que ele tava calmo, só dormindo no entorno, resmungando, tinha dia que tava mais afável, até gaiato...

## **Apêndice D**

Entrevista concedida por CAVALCANTE, Temóteo. Entrevista IV. [fev.2015].

Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015.

Local: Praça do Ferreira – Centro da cidade.

### **Temóteo, como você está, há quanto tempo, hein? O que anda fazendo?**

Ando compondo, estudando bastante e aceitando o momento, essas mudanças. A gente viveu uma geração tão privilegiada sem querer discriminar a atual. To com 21 anos de sobriedade, sem beber nem biotônico. Do dia 1 de janeiro de 93 ate agora. E vivendo o hoje, cada momento divino. Sou chamado pra fazer um sax ali, outro acolá. Boto meu blasê, faço meu visual e vou.

### **Usa internet?**

Não. Tenho meu cartão. É freelancer. Tenho um quarteto dosado pra trabalhar o evento dançante. Então é Frank Sinatra, Tony Bennet, Roberto Carlos, melhor da MPB, dos anos 60, bolero, mambo, cha cha cha, um choro... Tim Quarteto. Tenho feito no Ideal lançamentos de livros, coquetéis e palestras. Aquela mesma formula dos americanos. Pega o jazzista pra abrir uma palestra. Ele recebe a galera fazendo aquele puta som.

### **Sua formação? Autodidata mesmo?**

Sou autodidata total. Tenho muita veia na vida e na arte com minha mãe, Maria Gasparina germano, ela representava, cantava, dançava. Atriz. Veio dela. Primeiro filho. Vivi a mesma ovelha negra que ela foi. Tenho muito em comum na arte e na vida com ela. Aquele cara excluído, não família, mas também não antissocial. Um cara que com 4 anos de idade foi interno num colégio em regime fechado, no regime de cadeia, de quartel, qd saí já com 16 anos fui caindo no cabaré pra tocar com grandes músicos – isso aí foi muito bom - e ao mesmo tempo já nativo do alcoolismo. Vivi ali intensamente, 36 anos. E to usufruindo de 21 anos de sobriedade. Então dou aula pra uma galera, um pacote, 24 aulas de saxofone, clarineta ou flauta. Isso é muito legal. Uma aposentadoriazinha que ajuda no final do mês. Então, começa com uma banda de música no colégio. Comecei a estudar piano, mas não tinha compatibilidade com ele. E quando vi um cara que era da banda dos fuzileiros navais me apaixonei pelo instrumento. Parei logo mas aí o maestro olhou pros meus dedos e disse que eu ia tocar clarineta. Aí me botou como clarinetista, fiquei estudando, mas a primeira boca que deu pra saxofone eu entrei na onda. Sai de lá em 64. Aí eu aquele cara precoce pra caralho, já alcoólatra. Tenho o quinto ano primário. Foi muito álcool e não fiz o científico. Porque a gente viajava praquelas festas do interior, no percurso até os padres bebiam, rapaz! Ora fui interno com 4 anos com pai e mãe vivos, mas separados, e eu na biritava direto... meus porres eram de três meses, cinco meses, conheci quase todos os hospitais psiquiátricos de Fortaleza. Aí quando saí de lá peguei o grupo Rataplans, aí veio o Barbosa Show Bossa, Os Moscas, Os Incríveis, e fiquei revezando, biritava demais e saia de um entrava noutro, muitos conjuntos, eles precisavam de saxofonista... viajei a américa latina com Eddie Mandarino, depois fiz

excursão pelo Brasil com o grupo Quinta Dimensão, da Bahia... totalmente nômade. Fiz um reveillon no Clube do Chacrinha, com ele presente, que Deus o tenha. Foram muitas emoções. Aqui em Fortaleza trabalhei cinco anos com Fonseca Jr. Aí fiz meu CD e fiquei inibido, hibernado, mas estudioso, sempre louco, no bom sentido, vivendo uma vida de boa, sabe?

### **Foi uma época boa então?**

Nossa geração era louca mas até malandro andava de paletó de linho. É diferente. Ninguém carregava carroça não. Mas estamos numa época de regeneração do nosso plano, segundo kardecismo, o próprio Chico. Não tenho religião, não preciso provar a existência de deus, mas sou muito ligado a ele, sinto a presença dele. Política tô fora desse papo. Mas a quinta capital do Brasil devia ser mais amada. O (cine) São Luiz vai reabrir, vai ser teatro-cinema. Bato palmas pra isso. Já traz mais pessoas pra conviver com essa diversidade. O Centro da cidade não tem comparação nenhuma com o anterior, a época da minha mãe, anos 20, esse começo de tudo... Eu vejo o centro mais pobre. Muito aglomerado, todo mundo na pior, neguinho fazendo sua reciclagem no seu carrinho pra sobreviver, camelô tentando um cantinho pra trabalhar. Não podemos ser indiferentes a isso. Sempre tem discriminação com a maioria, que é excluído. Nêgo aqui tá atrás de um real, dez conto... eu sou ambulante também, trabalho um mês, não trabalho dois... Mas música é arte de manifestar os afeitos da alma. Tive a chance de ouvir um Charlie Parker, ter lido de Nietzsche a Leonardo Da Vinci, ter conhecido o kardecismo e sentido o amor que Cristo tem por nós, eu oro, agradeço sempre. Você olhar prum pé de árvore e vê beleza, aula de tolerância, oxigênio, morada dos sagrados pássaros e frutos. É isso o que eu vejo. O conforto tá dentro de você. Sou um cara superconfortável. A pessoa *brother* da natureza, vê desde o carrapato até o cachorro, esses são meus verdadeiros amigos.

### **E Mário Gomes é um desses amigos, não é isso?**

Mário é um cara que conquistou uma amizade sincera comigo. Tenho aprendido muitas coisas sem ele precisar me falar, em ver ele ser o cara livre que é, o cara positivo que é, o bom caráter que é e o louco que é. Ele é diferente. Você ler o livro do Mário mas você não saca ele numa frase. Ele não precisou ser sábio pra ter uma sabedoria simples. De uma tolerância zero em cima de uma mediocridade infernal, que incomoda. Um cara de uma liberdade sincera. E ao mesmo tempo esse cara que vem ser resgatado num plano que Deus escolheu. É o momento de regeneração. Sempre foi meu companheiro nas biritas. O problema do Mário nunca foi grana só a falta dela então eu sempre chagava na hora certa. Pra gente tomar um porre, me dizer uma poesia, uma besteira, me declamar augusto dos anjos, conversar sobre Camões, pra eu trazer jazz pra ele ouvir, rolava nessa loucura algo inocente, puro, nada preconceituoso. O louco tem uma tristeza alegre.

### **Como se conheceram?**

Quando conheci o Mario o pai dele era motorista da linha entre Maracanaú e Maranguape. E a casa do Mario era vizinho ao meu colégio, pulava o muro já tava lá. Ele era um estudante, mas já era um louco, já viajava, já declamava... mas eu fui conhecer mesmo, a compatibilidade, a amizade eu já no cabaré tocando, no alcoolismo a tico e ele já nas biritas

doidas dele. Ele já morando no Bom Sucesso, aqui em Fortaleza. Eu tenho 67, nos conhecemos com uns 14, 15 anos. Por intermédio de um poeta, músico trompetista, um dos mestres da banda de música, que era interno comigo, Edilson Paiva Barbosa, que trabalhou no auge do conjunto Paulo de Tarso. O Edilson me apresentou a ele. Depois ele trabalhou numa loja de confecções, mas aguentou pouco. Depois professor primário. Depois encontrou as amizades na Casa de Juvenal Galeno e começou a fazer a dele, explorar o lado poético, que ele tinha necessidade disso. Ganhou prêmio com as poesias dele. Eu tocando nos cabarés, viajava, voltava e aí a gente se encontrava aqui, no escritório dele, que ficou patenteado como escritório dele, nas rodas de poesia nos bares da noite e do dia, porque toda hora era hora... começava a beber de madrugada e só terminava no outro dia... vivemos intensamente... Quando você passa dos 60 pra todos os efeitos você já é uma obra de arte... risos a velhice é bela. É como Beethoven, a nona sinfonia. Eu amo Beethoven.

### **Mario Gomes é uma obra de arte?**

Ele não precisa nem ser especial, porque a simplicidade dele é muito real, a tara de liberdade dele, a ânsia de ser livre é exemplar. Um cara que não se prende, tem uma sinceridade muito na cara, confiável, não tem maldade... até ele ser um pouco preconceituoso tem uma inocência naquilo, uma revolta naquilo, uma certa sabedoria naquilo... faz até parte da loucura dele. Não concordo nem discordo do Mário porque ele pode tudo. Ora pra quem quando menino só recebia ordem, ficando de joelho em cima de caroço de milho, ouvindo aquela cornetinha cinco horas da manhã, arrancando dente sem anestesia, levando surra de palmatoria sem fazer nada... então eu vejo Mário como esse cara não convalescente, admirável louco. Temos alguma coisa em comum, somos loucos, somos livres, incomodamos um pouco. Eu comungo com ele. Você não viu o filme. Hoje ele tá de smoking importado na frente do jeito que eu ficava quando bebia. Uma vez eu vim nu da Praia do Futuro pro Centro. Porque a bermuda que eu usava tava tão carente que rasgou-se o fundo. Tinha amanhecido dormindo em cima da parada de ônibus. Aí encontro o Pirrita no meio da Praça. Vinha trincado. Ele: que arrumação é essa aí? Aí ele disse: rapaz, pega essa chave aqui e vai lá em casa e escolha uma bermuda, uma camisa, uma chinela, toma um banho, porque tu tá ruim, viu? Chapa, né? E Pirrita nunca bebeu. É esse guerreiro. E eu, era todo tipo de droga, provei de tudo.

### **E o Mário?**

Mario só bebe, é o álcool. Eu sinto até que ele tá mais feliz hoje, muito mais livre. Até o horário de ele estar no escritório incomodava a ele, devido aquilo que cercava. Vejo muito a mamãe nele. A mamãe ficou pra muita gente metida a besta como mendiga. Ela foi uma mulher livre, precisou sair com caras sim. Ela morreu em 98, com 84 anos. Mesmo sem a gente ter convivido como filho e mãe eu reconheço isso. É difícil conviver com um louco, porque o louco é sincero. Ele já me salvou de muitas. De eu estar me tremendo todinho, sem entrar nem água e ele me levar pra casa dele. Chegar lá sem ser bem-vindo, porque o cara chega dormido na sarjeta três meses, a inhaca não tinha quem aguentasse, barbado, inchado, daquele jeito. Já tinha o Mário, chegar outro é brincadeira. Ele pegava uma rede, levava pro quintal, onde tava o cachorro e já foi. Seis horas da manhã ele: ei, meu irmão, vamos nessa que a mamãe já tá levantando e o bicho pega. Dali eu já saía bebendo...

### **E ele ficava nesse estado também?**

Ele nunca ficava. Nunca. Andava sempre limpo, banhado, bem vestido, barbeado, nunca caiu na sarjeta, nem dormia no chão. Querido por todo mundo, andava em todos os bares. E sempre ia pra casa. Não tinha perigo de não sair banhado e barbeado. Já saía de casa almoçado, com o remédio que dona Nenzinha botava pra acalmar ele. Pai e mãe do cara. Eu não. Conheço todos os apartamentos do chão. Depois da morte de dona Nenzinha ele ficou em ruínas. Ele se virava no Dragão do Mar à noite, se escora por ali. Ali perto do Tota, na rua Pereira Filgueiras, ele sempre procurou o Tota. E também era liberado pra comer na Duda's. O proprietário é fanzoca dele.

### **Sempre esse andarilho cercado de camaradagem...**

Sempre. A diferença agora é que ele não precisa mais de caneta e papel. Tá tudo aí. A fase do escritório cada um chegava no seu horário. Ele era o primeiro, abria. Aposentou-se muito cedo, ne? E livros pra vender, mas ele fazia era dar. E quando tava precisando de grana batalhava. Pedia os amigos, os chapas. E se era pra beber ele não precisava pagar porque a galera fazia uma vaca. Quem escreveu um pouco sobre isso foi o Márcio Catunda, que por sinal musicou uma música minha na Europa. Mas não adianta tentar entrar numas de explicar porque o Mário estava como estava. Antes da mãe dele falecer ele já estava assim. Isso é sagrado. Isso aqui é um purgatório geral. Rui Barbosa deixou essa síntese que eu diria sobre o Mário: “Tem-se o tamanho exato de um homem somando-se a quantidade de medíocres que se coligam para derrubá-lo”. E eu vejo isso nas pessoas que são excluídas por serem eles mesmo e viverem intensamente cada momento, não faz das lágrimas uma exibição, não simulam. Você sente o carinho quando você fala de mim, mas é porque é uma amizade muito verdadeira, nunca tivemos um atrito, nunca deixamos de admirar um ao outro, de torcer um pelo outro e de aceitar um ao outro. O Mário cansou de sair comigo, eu todo sujo, descalço, inchado, pirado eu só arquejando, e ele todo de terno branco, fazia questão de vir me pegar. Não existe mentira entre a gente. A gente é muito positivo.

### **Me conta uma farra memorável de vocês dois.**

Na boate Fascinação, 1967. Eu tocando na boate, mas bebendo. E ele numa fase alterada da loucura. Com uma sacola com gilete, caixa de fósforo, cigarro, aparelho de barbear, pente, espelho, cortador de unha, descalço, biritado e mordido. Naquele momentinho sagrado do louco. Aí ninguém queria dançar com o Mário. Aí eu olhei pro cantor, pro guitarrista, larguei o saxofone de lado e disse: mande ver aí. E fomos dançar nós dois, não era agarrado não, mas de boa, tipo um casal na valsa de formatura.

## **Apêndice E**

Entrevista concedida por SILVA, José Rufino (Pirrita). Entrevista V. [nov.2014].  
Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015.

Local: Praça do Ferreira – Centro da cidade.

### **Pirrita, Mário me disse que tinha três amigos na vida: você, McLaren e Temóteo. É isso mesmo?**

Mário deixou a desejar. Ele tinha muita amizade. Nós lisos, decadentes, os amigos desaparecem, essa é que é a verdade. Se quiser ter amigo tenha dinheiro. Eu tenho paciência pra ouvir as conversas dele. Ele diz 30 palavras pra você entender duas. Aí a gente vai levando. Se eu precisar de um cigarro ele mete a mão no bolso e me dá o cigarro. A mesma coisa eu faço com ele. Ele me ajuda e eu ajudo ele.

### **Nunca brigaram?**

Teve tempo de a gente se aborrecer. Acabou-se o tempo de a gente conversar com ele e ficar tranquilo. Ele começa a conversar e se pedir uma coisa a gente e a gente não der se aporrinha logo. Sai com uns palavreados. Rapaz, vá, cai fora, q você não tem condições de conversar comigo, depois você volta. E ele fica resmungando. Mas quero entender o que ele diz mas também não entendo. Fala os palavreados dele, mas também eu não aceito, não gosto, as vezes tem senhoras aqui e ele vem com palavreado pesado. Aí eu digo que acabe com isso que não é hora de abrir a boca pra dizer o que quer. Mas a gente se entende. Mário é mais novo do que eu. Eu tenho 72 anos, ele tem 66. Eu conheço ele há muito tempo, nem sei... eu cheguei aqui em 48, 49... já fiz de tudo nessa praça, menos roubar.

### **O que você já fez?**

Cheguei vendendo pente, agulha, desinfetante, naftalina, aquelas bolinhas que botava em mala. Serviço de menino, ne? Depois fui guia de cego, arrumei esse emprego. Ficava pelo centro o dia todim. Ganhava dez tões por dia, 30 mil réis por mês. Passei um ano trabalhando com esse cego. O ano de 1949. 1950 deixei o ceguim e vim pra praça já com uma caixinha de engraxate. Já vim engraxar sapato. Aí começou. Depois fui ser flanelinha, aqui também, na Praça. Eu trabalhava de noite tomando de conta dos carros e ao dia era limpando carro. Aí passei dez anos nisso.

### **E o Mário, como conheceu?**

Eu tenho conhecimento do Mário toda vida boêmio, aqui da Praça. Mas boemia nunca foi a minha parte, o meu setor. Apenas gosto de observar a vida das pessoas. E trabalhar. Levantar cedo e ir de casa para o serviço. Aqui eu já fiz de tudo. Inté motorista de praça já fui, mas a

profissão que eu abracei mesmo foi essa daqui, de sapateiro. Aqui fiz boas amizades. E também devido ser assentado, ganhando dinheiro, conversando, palestrando, vendo o povo passar pra lá e pra cá, cada um com seus pensamentos ao contrário, batendo papo, que a Praça divulga tudo. A Praça é o lugar mais divulgado que tem. A Praça é melhor do que o colégio. Na praça se descobre tudo. Eu nunca fui num grupo escolar, nunca peguei num livro. Mas o conhecimento aqui é grande, dialogar em praça pública se descobre tudo. É o melhor lugar que se tem, é um ponto de lazer, um local de desabafo, um local de se namorar, de tudo se distrai, um ventinho desse agradável, se dorme até um sono na Praça, a Praça é nossa, de tudo a gente vê e de tudo se sabe. Começou a primeira palavra, a segunda já tá engatilhada. Aqui a minha diária eu arranjo. Aqui de todo jeito eu tô bem. Se eu almoçar eu tô satisfeito. Se eu não almoçar eu janto. Aí dou de comer a gato, pombo, cachorro... já criei quatro cachorros aqui. Tirei carteira de habilitação sem saber ler, escrever, nada. Eu fui burro demais, não nasci pra aprender nada. Mas não faço mal a um mosquito.

### **E o Mário na Praça, o que é?**

Tudo. Pra quem conheceu como ele era e como ficou diz logo: mas esse é aquele cara que eu vi há 20 anos? Não pode. Que estado ele está? É desse jeito. É o comentário que se vê. O cara que trajava bem, que andava decente, o que aconteceu? Aí dizem: é problema de mulher? De bebida? Tudo que é problema botam a mulher no meio. Mas o Mário não é inutilizado, ele é conscientemente certo, positivo, tudo direito.

### **Ele andava doente, Pirrita?**

Não. É que acostumou o pescoço pra baixo. Ele envergou o pescoço pra frente e o espinhaço pra trás. O Mário vinha caminhando e barroava, rapaz. Barroa. Já barroou nesse poste, naquela árvore... O tempo destruiu aquela coluna dele que deixou o pobre daquele jeito. E eu acho que nem um guincho ia trazer aquele pescoço dele pro lugar.

### **E da cabeça, como tá?**

Da cabeça ele tá bom. O Mário tem a consciência mais tranquila do mundo. Se ele me pedir dois contos aqui hoje daqui a um mês ele sabe que me pediu e que eu dei. E vem me pagar.

### **Mário engraxou muito sapato com você?**

Já engraxei muito sapato dele. Ele só usa sapato bom. Tudo ele quer fazer do mesmo jeito. Quer andar de paletó do mesmo jeito. Se não botar a gravata ele bota um pedaço de fita. Ele tem a consciência tranquila. Mas não tem nada de doido. Ele tem só a aparência de doido. Aqui ele foi um cara respeitado. Um cara que tinha boas amizades. Mas sempre aparecia aquele que quer humilhar ele. E a humilhação ninguém gosta. Eu pelo menos sou revoltado com humilhação. Dou a resposta por cima. E o Mário não mexe aqui com ninguém. Mas se mexem com ele, se aporrinha. E pega uma pedra e ameaça.

### **E os sapatos do Mário, Pirrita?**

Tudo sapato social. Não gosta de tênis. E se ele puder pôr um sapato no pé agora de manhã e pôr outro à tarde ele bota. Teve um período do Mário aqui que era um terno de manhã e outro de tarde. A vida dele era assim, toda vida trajou bem. Hoje, tudo mudou. Hoje em dia não engraxa mais, não liga mais pra nada, do jeito que tiver pra ele tá bem. E se for falar o negócio pode arruinar. É melhor não comentar. Ele usa os sapatos que eu passo pra ele. Se tiver quatro, cinco par, ele quer tudim. O caso dele é calçar sapatos. Eu vendo e dou. Pra ele todo sapato dá no pé. As vezes nossas discussões aqui são isso. Eu digo: rapaz, esse sapato não dá pra você, deixe aparecer outro ou leve esse aqui. Aí ele: você é dono do meu pé? Pra melhor dizer ele levou três pares de sapatos daqui. Três pares de sapato. Agora ele tá com um tênis, mas social. Tava com ele ontem. Rejeitei 30 contos no sapato e ele pegou e levou. Rapaz, não dá no teu pé. Dá!

### **Mas ele te paga?**

Paga e não paga. Ele chega, olha, o dinheiro do Mário, ele vem com 20, 30 conto, enrola em quatro, cinco papel, olha prum lado e pra outro, pra vê se não tão olhando pra ele, e me entrega. É uma gozação. Mas ele não tem nada de doido. Ele recebe o dinheiro e sai pagando a todo mundo. Mês passado ele levou dois par de sapato. Eu disse: Mário, esse sapato eu não posso te vender, esse sapato de solado finim não aguenta o teu rojão, teu pé é de ferro e esse sapato não te aguenta. Não aguenta o rojão dele... porque pra quem passa a noite andando no meio do mundo. Mas ele responde: quem vai calçar, eu ou você? Você não é dono do meu pé. Aí eu boto na conta: 50 contos. Aí ele me dá cinco conto, depois três conto, aí quando chega no final do mês ele me dá 30, 40 conto. Pronto! Às vezes fica faltando mas a gente vai falar o que?

## **Apêndice F**

Entrevista concedida por MESQUITA, João Batista Sousa (Johnny McLaren). Entrevista VI. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015.

Local: Praça do Ferreira – Centro da cidade.

### **McLaren, me conta primeiro sobre esse apelido...**

Garotão eu comecei a tocar. Naquele tempo o inglês tava entrando aqui em Fortaleza, todo mundo apaixonado pelo inglês. Uma turma do Montese foi estudar inglês na Fundação Educacional de Fortaleza, na av. João Pessoa. Eu morava no Montese. Já era Johnny porque sou João. Então quem era Paulo passou a ser Paul e assim por diante, fomos batizando todo mundo, porque era uma febre na época, que deu no Brasil todo. E Mc Laren é porque um dia tive que correr numa confusão, digamos, tive que ser muito veloz e assim veio o apelido.

### **E como conheceu Mário Gomes?**

Eu conheci o Mário no escritório dele, aqui na Praça do Ferreira. A praça antiga tinha uns jardins, bem altos, em volta de uns quadrados suspensos, ele ficava de lado, em pé e ali ele ficava tomando birita com os amigos, agente sentado nas beiradas do jardim. Tinha uma parte bem alta aqui no meio que era a praça dos músicos. Essa praça foi feita na época da ditadura justamente pra dificultar a reunião das pessoas, então tinha uns blocos de cimento que impediam um ver o outro lá do outro lado da praça. Tinha uns caixões no meio e dividia as pessoas, elas não se aglomeravam. Era começo da década de 70. Mas como o Temóteo, que é músico, era amigo nosso em comum eu conheci o Mário nessa época. Mas ninguém chamava no começo de escritório mas já existia a concentração em torno da figura do Mário, pra falar de poesia e beber, chegava um, chegava outro. Então, depois, quando remodelaram a praça, é que ele passou a sentar naquele banco em frente ao São Luiz e renomearam para escritório do poeta Mário Gomes, isso já na década de 1980. E foi onde ele passou a receber os mesmos amigos, naquele banco do Pirrita. Dava muita gente, ficava lotado, vinham conversar com Mario, falar de poesia, dar uma grana pro Mário ir beber... E ela ia beber com os amigos de copo mais chegados, ele, Sérgio Zó, o Sombra... eles ia beber no bar do seu Chico, na Praça da Polícia, no final de tarde e ficava até oito da noite, conversando sempre sobre poesia. Onde o Mário estivesse o assunto só era um: poema, poema, poema. Não era pra conversar sobre futebol, política, nada. Era só poema, livro e coisas bobas do dia-a-dia. Trocas de poemas. Ele era mestre em fazer poesia manuscrita, de momento, em mesa de bar, nos guardanapos de papel. Ele tinha até um cordel.

### **E sobre mulheres, amores? O que ele dizia?**

Não, não falava muito sobre mulheres. Sei que ele teve uma namorada porque tinha num poema dele onde ele falava. Nunca vi ele comentar nada sobre mulher ou sonho de ter filho, nada disso. Acho que a poesia era a mulher dele. Mas nessa época eu trabalhava no Bradesco e Mário levava os livros dele pra me vender, Lamentos do Ego, todos. Como eu era caixa do Bradesco e tava sempre com dinheiro na mão ele já sabia que vendia. E era sempre dez reais, seja que livro fosse, porque eu comprava os dele e o dos amigos da praça. E dali eles saíam felizes pra beber. O dinheiro era pra beber, o objetivo na época era só esse.

### **Não tinha nenhum outro planejamento pra 'quele dinheiro, né?**

Não. O Mário não falava de futuro e muito menos de passado. Não era o tipo de homem que via um futuro na frente, vou ter isso, vou ter aquilo... não... e nunca lamentando, ah devia ter feito isso... não. Acho que o Mário era muito feliz com a escolha que ele fez. Eu musiquei um poema do Mário, que é o Parado Andarilho, inspirado no poema Contradições. Mostrei pra ele. Gostou, comecei a cantar um pedaço, ele riu e tal. Eu levei foi tempo pra fazer, juntar os pedaços, mudei de ordem as palavras pra poder dar concordância com a melodia. Quando terminei disse que ia gravar e botar o nome dele como meu parceiro. Ele ria, achava bacana... mas acho que o Mário sabia que ele tava indo por final...

### **Por que?**

Um dia ele chegou pra mim aqui, tava muito mal, ressaqueado e tal, naquele estado... Ele disse: Mc Laren, hoje eu sou o verdadeiro Mário Gomes. Querendo dizer que ele não era aquele Mário sentando ali todo de paletó, todo imponente, não. Na realidade, ele era aquele vagabundo que tava ali mesmo, a personalidade era aquela mesmo, era o cara biritado, todo ferrado, ressaqueado, fodido mesmo. Aquele era o verdadeiro Mário Gomes e ele não podia fugir à realidade. Então é por isso que ele tava naquele estado, ali era ele mesmo, não tava representando. Porque muitas vezes a gente representa, né?

### **Sim, muito. Você acha que ele era um personagem?**

Exatamente. O poeta da Praça do Ferreira... Acho que ele tinha que ser daquele jeito pra ser reconhecido. E foi tão bacana que depois do nome feito é que ele assumiu a personalidade real dele. Porque começou em 2002 essa fase que dizem ser de decadência, né? Apareceu um cara aqui na Praça que era ex-presidiário, asqueroso, e começou a beber com o Mário, foi se enturmando e o Mário começou a beber muito com o cara. Ele morreu, mataram esse cara. Vinha gente da televisão aí e ele queria dar uma de poeta, mas não era do ramo, mas encarnou no Mário. E bebia muito. A partir daí o Mário começou a desandar, 2002 pra cá. E foi também quando a mãe dele morreu, eu acho. Foi por aí que a mãe morreu, 2004, 2005... Aí o golpe foi grande, tanto que ele chorava quando falava na mãe dele. Perdeu aquela referência porque ela não tava mais em casa e aí ele deixou de ir lá, não tinha mais nenhum motivo pra voltar, né? Sei que os irmãos moram vizinhos, mas os irmãos não são muito chegados. E mãe é mãe. Aí foi quando ele começou a dormir nas ruas, e virar a noite, e andar a pé e ficar sem comer. Mário não comia nada, nunca vi o Mario comer um prato de comida. Comia bico de pão com vinho. E ainda jogando uns pedacinhos pros pombos. Nesse período todinho nunca

vi ele sentado num restaurante pra almoçar. E nem adiantava oferecer que ele não queria. Melhor dar o dinheiro pra ele comprar cigarro, vinho, cachaça e maconha.

### **Fez muita farra com ele?**

Pouquíssimas vezes. Aqui pelo Centro mesmo. Mas quando a gente bebia junto quando dava oito horas da noite ele ia embora pro bairro dele, daí bebia pra lá, eu acho. E também parei de beber muito cedo, parei de beber em 1998. E ele continuou bebendo. Mas quando ele tava sóbrio ela lúcido, lúcido, conversava sobre tudo, lia jornal, chegava dizendo as notícias. Agora, quando tava chapado de vinho, cachaça, ficava nervoso, discutia com um, com outro, dava aqueles chutes dele, aqueles bicudos.

### **Foi ficando arredio com o passar do tempo?**

É. Eu mesmo vinha de carro da Parangaba e vi o Mário, andando. Imaginei que vinha pra cá, pra Praça e parei pra dar uma carona. Chamei, Mário vou pro centro, vamos lá. Ele olhou e disse: vou não, pode ir. Quer dizer, tanto fazia ir a pé ou de carro, ele vinha de qualquer jeito, com as coisas, papeis, jornais, debaixo do braço. Me viu e não alterou nada... Uma vez eu tava bebendo com o Mário e por aqui não tinha bagulho nenhum. Ele me chamou pra ir na favela perto da casa dele. Disse, bora, lá tem uma maconha boa. E fomos juntos. Quando chegou lá os malucos todos chamavam ele de professor. Achei legal, bacana. Tinha também as Rodas de Poesia, no Dragão do Mar. Naquela época o Mário também era bom. Mas até o fim foi antes de tudo um gozador, tirava onda com todo mundo. Era piadista demais. Mas se alguém quisesse dar alguma coisa a ele ficava mordido. Pedia aos amigos e devolvia, se ele pedisse cinco e agente desse dez ele ia ali e trazia o troco. O que dificultou muito a comunicação com o Mário foi por conta daquele pescoço dele que entortou pra baixo. Ele falava e a gente não entendia. O pessoal dizia que pra falar com ele tinha que ler a legenda embaixo.

### **Você era um dos que descolavam alguma grana pra ele?**

Ora, todo dia era cinco reais, dois reais. Mas só ferrava dos amigos. Ele tinha essa rede de amigos. Fumava duas, três carteiras por dia. E bebia muito. E por muito tempo eu tive dinheiro de sobra. Trabalhei em banco, vendi telefone, vendi plano de saúde, fiz produção, fui motorista. Mas eu saía dos trabalhos pra ter mais tempo pra curtir música. Com a música vem a liberdade que é o que eu mais quero na vida. Tanto é que nunca me casei nem tive filho. Nunca me preocupei nem em me aposentar. Nesse sentido, pareço com o Mário. Então eu vivo com o mínimo, vivo como músico. Dou minhas aulas de violão, faço aqui, acolá produção de eventos. Se eu trabalhar dois meses tá legal, se me chamarem pra trabalhar na mesma coisa um ano aí eu já não acho legal. Não tenho motivo pra ficar num emprego fixo chateado à beça. O que eu sempre gostei na vida é de poder um dia dizer que não queria mais aquela porra daquele trabalho e pedir minhas contas, ir embora. Preservo essa liberdade. Então, eu tendo um violão, é como o Mário, tendo a poesia, a gente vai levando.

### **E ele gostava de música?**

Não, não era muito chegado não. Conhecia os grandes mestres, a bossa nova, mas não era um apreciador. Gostava dos poetas da Bossa Nova, Vinícius, Carlos Lyra.

**Você conheceu a casa do Mário e a mãe dele?**

Conheci a casa do Mário, inclusive cheguei a ver a mãe dele doentinha. Numa rede. Já prostrada, não andava nem falava mais. Ela não conhecia mais ninguém. O irmão fez um duplex, de lado. A irmã morava vizinha também. Na casa dele, só morava ele e ela. O Mário também foi na minha casa no Montese. Uma vez ele chegou todo de terno e a minha mãe: meu filho me diga se você fez alguma coisa errada, pelo amor de Deus... Tem um homem lá fora parecendo um juiz. Ora ele tava lá fora impecavelmente, de terno branco, pesando qq0 quilos, me procurando... Johnny McLaren esta? Ora, pela pinta dele, o homem só podia ser juiz ou doutor ou advogado. Quando vi que era o Mário Gomes a gente morreu de rir e fomos lá pro quintal beber e fumar maconha. O Mário ria...

## Apêndice G

Entrevista concedida por DIAS, José Mário. Entrevista VII. [jun.2015]. Entrevistadora: Ethel de Paula Gouveia. Fortaleza, 2015.

Local: Praça do Ferreira – Centro da cidade.

### **Zé Mário, como é que tá o dia-a-dia no Centro da cidade? Você é morador do bairro, não é isso?**

Cheguei em Fortaleza em 1962. Nasci no Ipu. Tô com 68 anos. Não sei ficar sem livro pra ler. Então leio na biblioteca do BNB. E tô aposentado por tempo de serviço. Então aqui é o seguinte: aluga uma quitinete, depois descobre outro mais barato e vai assim de um pro outro. Bota a mochila nas costas. Agora moro perto da Praça da Polícia. Por la tem jogo do bicho, café com tapioca nas esquinas, a R\$ 2,00. Almoça-se um caldo, umas maçãs e vai se virando. Não pago mais ônibus, né?

### **E Mário Gomes, vinha encontrando?**

Me disseram que ultimamente os motoristas não paravam mais pro Mário. Ele vinha a pé do Bom Sucesso. Por isso também ele quase não tava indo pra casa acho. Ele me disse que documento não tinha mais, roubavam muito ele.

### **Vamos falar de trabalho. Mário tinha essa astúcia de conseguir viver com um salário mínimo. Segundo ele, só trabalhou um ano com carteira assinada. Tinha orgulho disso. E você?**

Era sim. Eu trabalhei 15 anos de carteira assinada. Em sindicato, associação, auxiliar de escritório, motorista, ONG no interior. Aí vivi de bico. Tenho carteira de motorista. Paga as bebidas e os cabarés? Paga. Então, vamos nessa. Por eu andar com Mário começaram a me chamar de poeta. Ele dizia: rapaz, você tem que se dedicar. Mário Gomes se dedicava 24 horas por dia. Lia jornal, sempre pensando em lançar livro, distribuía poesia. Ele se autovendia.

### **Como se conheceram?**

Anos 80, na 24 de maio, tinha o sindicato dos bancários. A presidente era minha amiga do Ipu. Sempre andava ali. Mais na frente tinha a sede do PT. A efervescência era ali, Diretas Já... aí um dia alguém me mostrou um poema do Mário Gomes, não me lembro quem, e depois ele me apresentou ao Mário, ficamos amigos. Mário vivia poesia e boemia 24 horas por dia. Aí depois eu caí no desemprego. Mário Gomes dizia que detestava trabalho. E acreditava em horóscopo. Então quando ia lançar um livro comprava o jornal no Bodinho e ia olhar o signo. Ótimo dia no seu trabalho, não sei que... Ele rasgava, puto da vida. E a gente ria muito daquilo. Ora, a própria ciência econômica admite que não existe pleno emprego. Não existe, é uma ficção. Então Mario Gomes tem razão, é besteira. Ele intuía isso. E a sociedade

do futuro, dizem os especialistas, não tem emprego, não tem trabalho, as máquinas é que vão fazer tudo. Mario Gomes tava na frente. Sempre achei também que as máquinas é que tinham que fazer as coisas. A gente ligava e ia curtir a vida, a boemia... Vai chegar esse tempo. Eu não vou pegar, mas a nova geração... McLaren tava me dizendo que tem um automóvel aí que percorreu todo os Estados Unidos sem motorista. Escravidão no dia de hoje é o trabalho livremente assalariado.

### **O que vocês mais conversavam?**

Mais em relação a poesia. Era tudo pra ele. Dizia que a literatura tinha começado com os poetas gregos. Já tinha lido Castro Alves, Olavo Bilac... E dizia: rapaz, já li esses poetas todos e olho pras minhas poesias, rapaz tô pau a pau com eles. Mas lembro muito é da boemia. Entrei na roda de boemia, me dediquei muito a boemia. A gente ia pra Praia do Futuro, namorar, não tinha negócio de assalto.

### **Bares?**

Muitos. Ele já tinha perdido a mãe, já tava naquele processo de dormir na rua, sem tomar remédio. Eu tava bebendo no bar do Inácio. Quando ele aparece, já nem sentava nas mesas, me chamou de longe. Eu fui ate ele, que tava com um cartão do Unibanco, tinha conseguido com o gerente. Rapaz, eu to com esse cartão e não seu usar nessas maquinas. Fui com ele. Qual é a senha, Mário? 7179. Aí apareceu lá: 500 reais em tantos meses, mil em tantos meses. Mário escolhe aí. Isso nove horas da noite. Era 2002, por aí. Veio a grana. Rapaz, então taí já vou voltar lá que o pessoal tá esperando. Aí antes de eu ir disse peraí que eu vou te dar uma grana. E partiu pro Dragão do Mar. No outro dia quando eu encontrei já não tinha nem um puto.

### **E sobre amor? O que ele contava?**

Ele se apaixonou por uma menina e com o decorrer do tempo descobriu que ela não era ela, era ele. Quer dizer, ela gostava de mulher. Ficou decepcionado. Acho que marcou muito a ele e ficou meio arredio a namoro, nunca se entregava muito não. Casamento ele era contra. Dizia: Rapaz, já pensou numa quarta-feira de cinzas, a mulher no penico pedindo o dinheiro da despesa? É ridículo! Me tirem dessa!!!

### **O que você lembra em relação aos ‘sócios’ do escritório do poeta Mário Gomes?**

Tinha o Edmar, se internava e voltava de novo, da boemia mesmo; o Tição, bem escurinho, o pai dele era alfaiate no Centro, ele ajudava, mas quando terminava o expediente ia beber na praça, tio do Adriano Souto, professor da universidade, esse luta karatê. Tição também teve hospitalizado. Adriano hoje tem quatro filhos, anda pouco por aqui. O Gato, que fazia bico pra prefeitura... essa praça era alta, tinha uns blocos de cimento, e por trás das muretas, das plantas, a gente botava o litro de cachaça. Chegava um botava um litro, chegava outro botava outro... Quando acabava fazia a cota. Era aquela praça na época da ditadura, toda acimentada, era um monstrengo. Tinha o Sérgio Zó, inteligente. Que um dia andando com Mario Gomes perguntaram se ele era poeta também. Aí ele disse: não, sou apenas um intelectual. Isso

pegou. Porque intelectual é de lascar. Arsênio Flexa, sociólogo, poeta com livro publicado, publicou antologias com o Marcio Catunda. Morreu há dois anos. Era muito boêmio também. Mário Gomes herdou esse espírito moleque do cearense. Quintino Cunha. Eu era o ateu. Tinha o Marco Abreu, poeta também, nunca mais apareceu por aqui... ele dizia eu sou o único poeta materialista histórico da Praça do Ferreira. E a canalha dizia: materialista histórico! Ele decorou um poema do Augusto dos Anjos que tinha mais de cem estrofes. Aí o Marcio Catunda, que é diplomata, tinha uma amiga que desafiou o Marcos Abreu a decorar Camões que iam levar pra Embaixada de Portugal. Teve uma noite nas Rodas de Poesia, nos anos 2000, pelo Dragão do Mar, em que ele foi homenageado. Eu declamei Ação Gigantesca. Ele me convidou e a plateia aplaudiu de pé. Pelo povo ele foi reconhecido em vida sim. Pela Academia talvez não. Os acadêmicos olhavam meio de banda...

### **Você conheceu a casa do Mário no Bom Sucesso?**

Sim. Tinha uma sala, logo em seguida o quarto da mãe, depois o dele, um banheiro muito pequeno e um quintal enorme, porque os irmãos casados moravam ao lado, então o quintal era comum às três casas. O Mário quando era sete horas da noite ele saía, não queria chegar tarde por causa da mãe dele, isso no auge da boemia, saía cambaleando... depois que a mãe faleceu não tinha mais volta... o pai dele botou o Mário pra fora de casa, na adolescência. Com o tempo foi perdendo o rancor. Chegou a rever o pai já adulto. Mas a mãe dele ele idolatrava. Sem ela, ficou sem rumo. Dizem que a mãe dele colocava o medicamento dele dentro da comida. Então não tomou mais o medicamento, começou a beber todo dia e foi se depauperando... Tanto é que ele não se demorava mais muito num só canto... Não sentava mais por aqui, ficava andando, debaixo do sol quente, desidratando... eu encontrava e falava, mas ele não gostava de ouvir conselho... eu já sabia que a família tinha internado ele em casa de repouso, levou choque, tinha trauma disso. Então eu não tinha coragem de falar nada.

### **Quem ainda frequenta a Praça, o ‘escritório’?**

Muitos morreram... chega a idade. Muita gente também vai se afastando pela insegurança. O Mário mesmo dizia: Rapaz tá cheio de ex-presidiário dormindo na rua. Ele foi assaltado várias vezes. É muita exclusão social. Então a Praça mudou nisso.

### **Qual a maior virtude do Mário? E o maior vício?**

Amigo e honesto. Se ele precisava de R\$ 1,50 pra comprar um cigarro e desse R\$ 2,00 ele voltava com o troco. Vício era a cachaça. De nós todos.

## ANEXOS

**OPVVO** / Fortaleza - CE, sábado

18

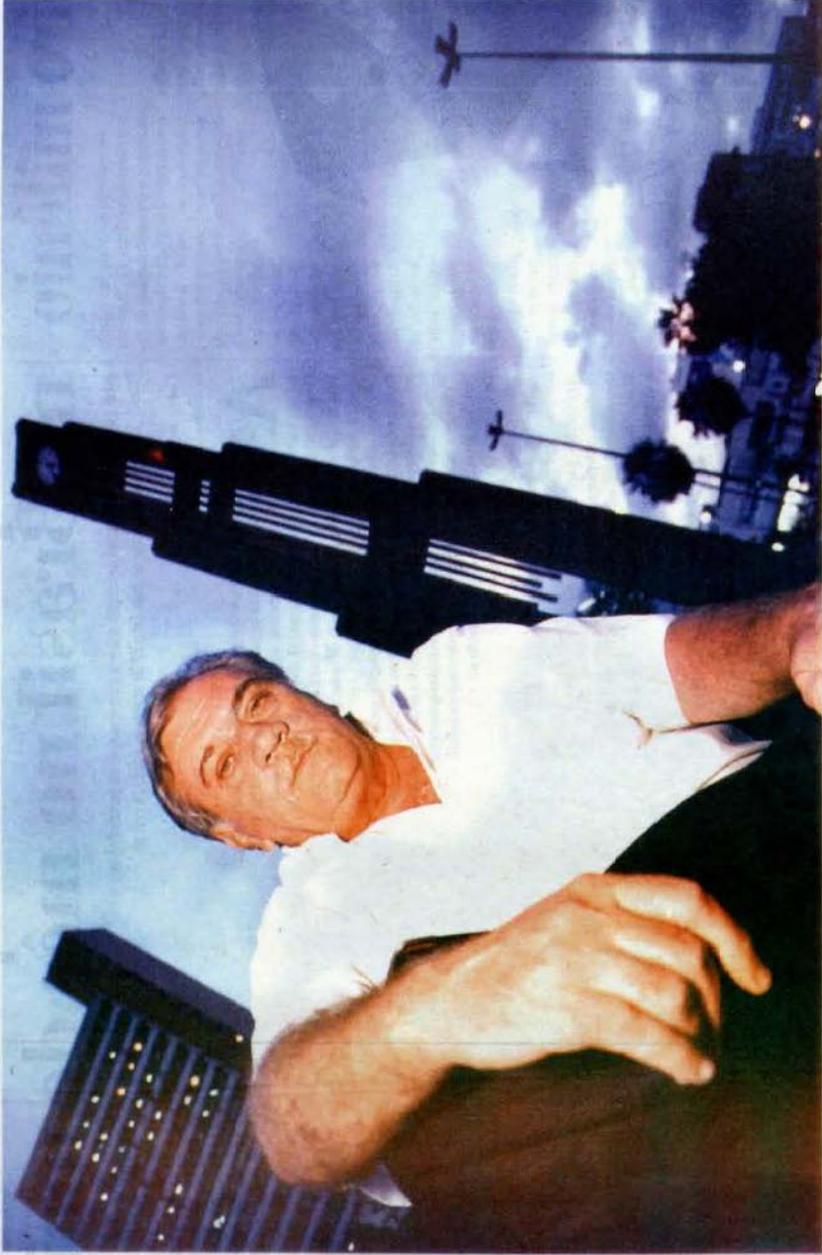
*vida & arte*

18 de abril de 1998

**NOTICIÁRIO CIENTÍFICO**  
Alberto Diniz fala sobre uma rubrica que  
continua intacta no jornalismo;  
a de um propagador de ignorâncias 88

**VIOLEIROS**  
Uma preview do que vai acontecer na próxima  
semana, no I Encontro Nordestino de Viola 58

■ Mário  
Gomes: gosto  
pela poesia,  
apresentadora  
por invalidez  
e aversão ao  
trabalho



FOTOS AMARAS OLIVEIRA

# O convidado do sereno

**Uma conversa com o poeta Mário Gomes, o número um do escritório imaginário que leva seu nome e foi armado em praça pública. Lá, tipos populares se encontram periodicamente para trocar figurinhas étlicas, literárias e artísticas. Através do "dono do negócio", o *Vida & Arte* inicia uma série de entrevistas com os "sócios-fundadores" da "entidade" ■**

#### ETHEL DE PAULA

Da Editoria do *Vida & Arte*

**N**ão tem erro. Em qualquer extremo da Praça do Ferreira lhe apontam: o escritório do poeta Mário Gomes fica na esquina da rua Guilherme Rocha, ali, no banco mais concorrido do pedaço, em frente à loja de discos. Lá, com toda a pinta de *flâneur* bonachão, senta-se, todas as tardes, o dono do 'negócio', ladeado por sócios-fundadores que batem ponto voluntariamente. Os tempos são outros. Há três décadas, o 'escritório' tinha uma média de 20 adeptos. Hoje, contam-se cinco ou seis resistentes que, sob sol ou chuva, encontram-se periodicamente para reafirmar afinidades étlicas, literárias e artísticas. Fanejando histórias de vida, o *Vida & Arte* conversou com o mentor intelectual da 'entidade', um malandro confesso que mergulhou fundo na boemia, viajou um bocado, mendigou, passou por maus pedaços e um dia poetizou, esdrúxulo: "ontem ao meio-dia, no almoço, comi um prato de lagartas. Passei a tarde defecando borboletas".

**V&A** - Li na sua biografia, escrita pelo diplomata Márcio Catunda, que seu pai era uma figura muito autoritária, do tipo que não deixava os filhos entrarem em casa depois de 10 horas da noite. Como você lidou com isso?

**Mário Gomes** - Meu pai me expulsou de casa quando eu tinha 20 anos de idade. Eu só chegava de madrugada e ele me chamava de vagabundo. Passei três meses pelas ruas do centro da cidade, pelas boates, era cheio de boate aqui, né? Então, eu vivia bebendo

catcha e dormindo mal, aqui na praça (do Ferreira). Aí a minha família me botou num hospital psiquiátrico. Lá eu fui recebido como cobaia. O médico-psiquiatra me dava choque direto. Levei 12 choques durante um mês. Até que consegui fugir do hospital.

**V&A** - E aí, pôde voltar pra casa?

**Mário** - Pude porque o meu pai disse pra minha mãe: 'Ó Nenzinha: ou ele, ou eu'. Aí a minha mãe: 'É ele'. Aí meu pai foi embora, não voltou mais. Tá com mais de 30 anos que foi embora. Mas acho que isso não me amargurou muito não. Só me tornou um cara desligado da sociedade, do trabalho... Não gosto de trabalhar...

**V&A** - Ah, você não gosta de trabalhar? Por quê?

**Mário** - (Risos) Não gosto não... Com 29 anos - eu tô com 51 - consegui uma aposentadoria de um salário-mínimo por invalidez, a partir do diagnóstico do médico que me tratou no hospital psiquiátrico. E essa aposentadoria vem me salvando porque eu não gosto de trabalhar mesmo. (risos) Bom, mas aqui, acolá ainda publico um livrinho e vendo; minha mãe me dá alimentação, casa pra morar, então vivo na boa, né Ethel? (risos)

**V&A** - Por que essa aversão ao trabalho?

**Mário** - Olhe Ethel, eu não gosto de trabalhar porque não tenho paciência, sabe? Tanto é que eu comecei a trabalhar com 9 anos de idade e fui até os 20 assim. Com 17 anos de idade fui professor de português, história, geografia e aritmética. Também fui vendedor de loja. Passei seis meses

nisso. Quando eu tinha 13 anos de idade me empreguei numa alfaiataria como cobrador. Aí ele me dava aquelas cartas de cobrança pra pegar os clientes inadimplentes. Sabe o que eu fazia? Assinava o canhoto da carta, jogava ela no lixo e ia tomar banho numa lagoa. Ali eu ficava com o dinheiro do ônibus que ele me dava todo dia, além do ordenado do mês. Passei um ano nessa malandragem (risos). Com 20 anos de idade fui trabalhar numa loja de confecções, mas chegava sempre atrasado, por causa das farras que eu fazia. Comprava confecções da loja, mais baratas, e vendia aos amigos mais caro, sabe? Malandragem, né, Ethel? (risos)

**V&A** - E como é que você se virou nesses três meses em que viveu na rua, já que nunca gostou de trabalhar?

**Mário** - Eu pedia alimentação nos restaurantes, os amigos botavam uma bebidinha... Tinha meus 20 anos, tudo era mais fácil, né? Me virava, dormia nas marquises das lojas, na rua... Só que eu tive uma estafa física e mental, de beber e ficar dormindo mal. E fui preso muitas vezes, né?

**V&A** - Ah, é? Por que você foi preso?

**Mário** - Fui preso muitas vezes, mas sempre por assuntos banais, né? Por exemplo: uma briga num bar, uma discussão com algum burguês na rua... Quantas vezes cheguei num restaurante, pedi um almoço e de-

pois, na hora de pagar, sai correndo.

**V&A** - Você também viajou muito, não?

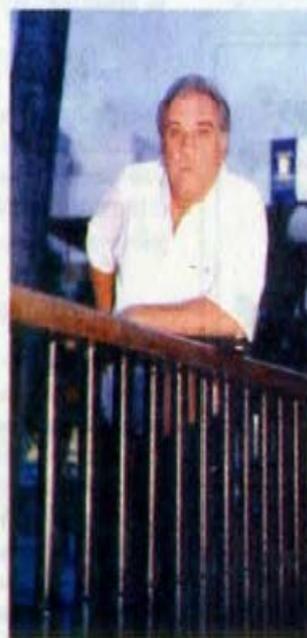
**Mário** - Fiz uma média de 17 viagens. Fui dez vezes a Salvador, duas vezes ao Rio, duas a São Paulo, duas a Recife e duas a São Luiz. Eu ia de carona. E completava a pé. Passava 16, 20 dias para chegar ao Rio de Janeiro. Eram umas 70, 80 caronas até lá. Comida eu pedia nas casinhas na beira da estrada. Pra dormir, dormia no mato. Só por causa da aventura, né Ethel? Sem

um tostão no bolso. Voltava desgastado, perturbado e aí acabava voltando pro hospital psiquiátrico. Minha mãe era que pedia pra eu passar uns dias de repouso lá, aí eu ia. Mas depois fugia. Fui a uma média de uns oito hospitais. Uma vez passei um mês no São Vicente de Paula, hospital psiquiátrico de Parangaba, depois notei que as irmãs de caridade de lá levavam os loucos melhorados pra assistir missa. Aí eu tive uma idéia: 'irmãzinha deixa eu assistir missa?' Aí ela falou com o médico e ele

deixou. Fui acompanhado de três enfermeiros. Quando terminou a missa, fomos saindo pra rua, aí eu dei um carrerão, peguei o primeiro ônibus que ia passando... (risos)

**V&A** - Quais as viagens inesquecíveis?

**Mário** - Tem umas engraçadas... Em São Paulo encontrei com um amigo de adolescência, o Cláudio Galo, que tinha umas condições financeiras me-



*"Essa aposentadoria vem me salvando porque eu não gosto de trabalhar mesmo. Bom, mas aqui, acolá ainda publico um livrinho e vendo"*

lhor. Ele me deu terno, sapato bom e uma graninha. Fui numa boate, falei com Leão de Chácara lá, e me deixaram entrar de graça. Sentei numa mesa e veio o garçon. Pedi o cardápio e um uísque JB. O uísque JB custava 115 cruzeiros, a passagem de São Paulo pra cá custava 120. Eu não tinha um tostão. E disse: 'garçon, eu sou irmão do Jece Valadão e vim do Rio de Janeiro pra fazer umas filmagens. Então, queria que algumas mulheres aqui da boate viessem falar comigo'. Deu dois minutinhos tinha umas oito mulheres ao meu redor, sabe? Inventei de comprar uma carteira de cigarro pra cada uma. Só que aí o cigarro não era da boate, era particular. Quando cobraram eu não tinha o dinheiro, aí quebrei a cara e chamaram a polícia. Lá vai eu preso. Mas foi em Salvador que aconteceu uma coisa horrível comigo...

**V&A** - O que foi?

**Mário** - Entrei no Colégio Central da Bahia pra pegar uma merenda que o Governo dá de graça aos alunos. Há dois meses que tinha um maníaco sexual em Salvador atacando as mulheres com um carívete. Tava todo mundo apavorado. Como eu tava maltrapilho, barbado, muito sujo, um aluna, por brincadeira, gritou: 'olha o homem do carívete!' Os alunos, que iam se aproximando, pensaram que era verdade e começaram a me dar pontapé, pedrada, murro... Eram quase 400 alunos querendo me linchar. Aí os professores apartaram a briga e chamaram a polícia. Quando a polícia chegou até o carro foi apedrejado pelos alunos. Passei 11 horas preso. Até que as mulheres que foram furadas pelo homem do carívete fizeram uma reação, confirmando que não era eu.

**V&A** - A poesia, quando você conheceu?

**Mário** - Com 18 anos me descobri poeta. A poesia funcionou na minha vida como terapia. Se não fosse a poesia eu seria um cara totalmente alienado, louco, doido, doido, doido... Eu fui en-

sinar no Curso de Admissão e comecei a ler poetas: Vinícius de Moraes, Castro Alves, Olavo Bilac... Achei fantástico e tentei escrever. Mostrei pra amigos, eles gostaram e faz 30 anos que escrevo poesia. Tô com cinco livros publicados. Faço poesia surrealista, poesia moderna, sonetos também. Escrevi uma média de 400 poemas. O que fez mais sucesso foi *Antropofugismo*.

**V&A** - É a que você mais gosta?

**Mário** - Eu gosto de todas, viu Ethel? Hoje eu escrevo esporadicamente, não é como antes. Mas é porque só gosto de escrever uma poesia pra ela ficar na História. Não gosto de escrever bobagem. Todo mundo me chama de Bukowski do Ceará. Sou muito conhecido. Agora, a grande maioria do poetas daqui não tá com nada, viu Ethel? O que atrapalha a gente é isso. As pessoas não querem comprar poesia, porque tem tanta bobagem, tanta besteira por aí que atrapalha a vendagem de um livro bom.

**V&A** - Fale um pouco sobre o escritório do Mário Gomes...

**Mário** - Olha Ethel, eu vivo por aqui há 34 anos, mas na praça anterior é que o escritório tava com tudo, tanto que até inscrição na parede tinha, atrás do banco, sabe? Tomávamos uma base de 8 a 15 litros de cachaça todo dia. Tinha gente que dormia na praça, bêbado... Hoje, o pessoal não passa de cinco, seis... Nós conversamos sobre literatura, política, contamos piada, falamos sobre o passado, sobre o futuro, é um bate-papo legal.

**V&A** - Você ainda toma remédio controlado?

**Mário** - Olhe, eu não tomo porque quero não, Ethel. A minha mãe bota na minha alimentação à noite um tal de Nelzine. Mas eu até gosto porque com o Nelzine eu durmo tranquilo, me deixa legal, calmo. Com esse Nelzine eu consigo passar duas, três horas calado. (risos)



Por anos a fio, o filho de dona Nenzinha e de seu Benedito - ela costureira, ele motorista -, vem fazendo da rua lugar de permanência e reinvenção de si. A casa da família, no bairro Bom Sucesso, serviu-lhe, na melhor das hipóteses, como mero dormitório. E o entra-e-sai fora de hora só deixara pistas de sua passagem relâmpago pelo ambiente doméstico graças a um refazer-se diário, à preparação minuciosa do corpo outsider para a gesta ambulante. Metido em trajes elegantes, o bon vivant sem posses, mas com carisma e inteligência incontestes, sensível às artes, dedicou-se a construir um personagem até hoje atento ao que veste e ao que lhe adorna precariamente, aos moldes de um dândi desafortunado das ruas. Assim, o paletó sem gravata virou marca-registrada, como também o charuto em punho e os sapatos bico-fino. Arranjo plástico que lhe conferiu singularidade em meio às informais rodas de conversa literárias improvisadas em torno do “escritório” do poeta da Praça do Ferreira, onde escritores e jornalistas de renome se misturavam a novos e anônimos, emergentes e anarquistas.

A camaradagem fez do poeta da Praça um dos mais reconhecidos no circuito alternativo de quem escreve por linhas tortas nas bordas da Academia. Mário Gomes conta oito livros de poemas publicados com o auxílio luxuoso de amigos endinheirados. E já venceu concurso de poesia “comendo lagartas e defecando borboletas” ou ainda armando uma orgia metafórica entre mulheres famintas que lhe devoraram em meio a um banquete antropofágico, para, ao final, salivantes, exclamarem: “como é gostoso esse Mário Gomes!”. Um homem para se comer com os olhos, é fato, lentamente, com desvelo.

Devorar o poeta, chupando-lhe todos os ossinhos, é, antes de tudo, entender o caminhar não como algo natural, mas como problema e experiência. A partir mesmo da estranheza e da dificuldade do ato de equilíbrio intrínseco à deriva de quem realizou seu destino praticamente sem apoio, nas franjas da cidade, como um declarado vagabundo, do tipo chapliniano. O errante, em Mário Gomes, diz sobre a falta de lugar no mundo de quem ousa andar na contramão, ou melhor, no “entre”, dentro, mas fora, em ziguezague existencial, persistindo em colar o que, no humano, se separou do animal - ou da ânima -, na colisão dos tempos. Mas diz também sobre a sobrevivência política dos “vaga-lumes”, imagem trazida pelo filósofo Georges Didi-Huberman para recolocar em jogo nuances entre a luz ofuscante da vida mercantilizada sob os holofotes da sociedade do espetáculo e os lampejos e pequenas chamas dos seres luminescentes que, em momentos de exceção, vagam intocáveis e resistentes, “como se uma luz pudesse gemer”, emitindo sinais de resistência, transgressão e inocência. “Clarão errático, certamente, mas clarão vivo, chama de desejo e de poesia encarnada”.

Passadas mais de quatro décadas de deriva e reação silenciosa ao choque paralisante da moral e dos bons costumes, gerando curtos-circuitos na engrenagem normativa e disciplinadora de um capitalismo cultural que exige produtividade e lucro diante da comercialização incessante de desejos e formas de vida, Mário Gomes acende um cigarro. Derby, comprado no retalho entre os muitos ambulantes do Centro que lhe confiam vender fiado, visto que a aposentadoria tarda mas não falha e o devedor em questão, desprendido da matéria, é de uma reconhecida honestidade. Com crédito na Praça e acenos por onde passa, há muito a tríade “casa, comida e roupa lavada” foi relativizada. Assim é que afirma, contundente: “Minha casa é meu corpo, meu carro também. Moro dentro dos meus sapatos, ora! Meu nome é Pensamento!”.

E se a apresentação impecável do poeta de outrora já não é mais a mesma, assim como encerrou-se a safra de poemas sobre papel, seu gênio permanece afiado, combinando

perfeitamente com o casaco surrado junto à calça risca-de-giz amarrada com cordão. “Agora tá tudo na minha cabeça. A Oi capta tudo por satélite. Não precisa mais escrever. Fotografa e manda pela internet. Não é assim não?”, provoca o poeta, em dia com as notícias do Brasil e do mundo que ele “capta” em jornais que lê diariamente, sem falha. “Não leio mais livro e nem vejo mais filme. Tenho 66 anos, já li muita coisa!!! Então é só saber o que tá acontecendo. Você sabia que o Uruguai liberou a maconha? Pois foi. Mas o Brasil ainda não tem cabeça para isso!”, emenda, crítico.

Envergado sobre si mesmo, o homem-caracol, agora com vistas recaídas sobre o chão aonde pisa, ouve tudo e tudo vê, desta perspectiva mesmo, basta que lhe chegue uma provocação ou a palestra venha a interessar. Caminhando ao seu lado, é ele quem avisa sobre postes sem luz; calçadas deterioradas; fontes de água insuspeitadas; o melhor baião-de-dois do pedaço, a ele, e só a ele, gentilmente servido no balcão do Duda’s Burguer, em copo de plástico, como prefere; a hora exata da “fresca” para descer até o Centro Dragão do Mar e lá tomar um trago por sua conta; o número catastrófico de mortes violentas praticadas naquele mês em Fortaleza e o tipo de pássaro que, em revoada, sobrevoa a Coluna da Hora para depois segui-lo até próximo à Catedral, em uma cúmplice sinfonia ouvida diariamente.

Mário Gomes, o praticante ordinário da cidade, para usar Michel de Certeau, “joga com espaços que não se vêem e tem deles um conhecimento tão cego quanto no corpo-a-corpo amoroso”. Por último, inventou para si um guarda-roupas a céu aberto, onde casacos, calças e camisas estão embaixo de pedras e árvores que só ele identifica. Pelos olhos ardósia, a cidade que passa e também se refaz teimosamente não é a do Forte de Nossa Senhora da Assunção, fechada em si, monumentalizada, mal planejada ou aterrorizada diante das próprias feridas. Subtraído da lei do presente, Mário escreve e organiza em torno de si, como exímio aprendiz de uma história da não-linguagem, o romance de uma outra Fortaleza possível, aberta a outros modos de ser e de estar no mundo. A Fortaleza onde queremos viver e estar-com.

**Ethel de Paula** é jornalista e mestrandia em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)



## À moda do Mário

*“A ideia que o homem tem do belo imprime-se em todo o seu vestuário, torna sua roupa franzida ou rígida, arredonda ou alinha seu gesto e inclusive impregna sutilmente, com o passar do tempo, os traços de seu rosto. O homem acaba por se assemelhar àquilo que gostaria de ser”.*

*Charles Baudelaire*

Texto: Ethel de Paula

Fotos: Thiago Gaspar

O espelho do banheiro da repartição pública é amigo íntimo do homem grisalho em desalinho que veste paletó surrado. À frente dele, sozinho e sob vista grossa, o visitante esquivo incrementa o visual enquanto conversa consigo horas a fio, olho no olho, em dialeto quase indecifrável, balbuciado entre risinhos pontuais. A porta está aberta porque a cumplicidade entre um e outro reina absoluta, refletindo a malandragem da estética maltrapilha que ali se infiltra para furar descaradamente o cerco da burocracia cotidiana. Tesourinha em punho, o despudorado *habitué* vai além: alinha o gesto, enverga ainda mais o corpo e sai aparando cabelo, barba, bigode e pêlos das narinas, milimetricamente. Assim, mirando-se em diferentes ângulos, destacado do mundo, parece satisfeito e em paz com a própria imagem refletida.

Parece. Porque não cansa de recompô-la, inventando bricolagens novas a cada dia para sua indumentária de cavaleiro andante, encardida e amarrotada entre perambulações. Aos 64 anos, há tempos aposentado por invalidez após sucessivas internações psiquiátricas, Mário Ferreira Gomes, o legendário poeta da Praça do Ferreira, não perdeu o tino nem o apetite diante do belo. E faz valer a beleza em pequenos arranjos plásticos que não só lhe conferem singularidade como são fios condutores de uma diferenciada inscrição no mundo. Em suas mãos, uma simples tira de pano pode ganhar status de lenço e se sobressair

elegante no bolso do blaiser risca-de-giz, enquanto o arame retorcido salvo do limbo, preso ao cinto, faz as vezes de abotoadura precária, mas funcional para o que se propõe. O próprio Mário, que teimosamente também faz valer o bom humor e a ironia como traços de fina formosura, é quem batiza a invenção: “cinto muito!”.

A gaiatice puxa outra. E ele não se acanha em exhibir a ceroula cor de abóbora repuxada de dentro da calça frouxa que compõe o paletó, sua marca-registrada. Sobre a origem deste, coleciona estórias... “Eu tava na praça e um senhor chegou perto e disse: “Rapaz, você tem estilo cinematográfico! Vou te dar o terno do dia do meu casamento! E deu!””, gaba-se, experimentando a peça sob sol a pino. Passos adiante, divertindo-se diante do visor do fotógrafo, surge a segunda versão: “caiu lá de cima de um condomínio, quando eu tava passando ali pelo Papicu... ôpa, Papicu não, Papicó”, dispara, rindo-se da desinocência do trocadilho. “Vi que aquilo tinha qualidade, Pierre Cardin, e apanhei do lixo”, completa vaidoso, já com pose de especialista.

O arrotar de conhecimento não é de todo blefe. A mãe, cuidadora incansável do filho ao longo de 62 anos, até seu falecimento, era costureira. “Ela pegava a revista Cláudia e fazia o vestido igualzinho. Quando eu era menino, calção e camisa era ela quem fazia”, recupera da memória. Se vem daí o gosto por roupas sobrepostas e acessórios incomuns o poeta não entrega. Ao contrário. “Sou obrigado a gostar, ora! Quero cobrir minha nudez porque se não vou ser castigado por atentado ao pudor! Não diz que toda nudez será castigada? Então!”, ilustra, para emendar, jocoso, a ressalva galanteadora: “a nudez no homem é castigada, na mulher é adorada!”. O disparo também não lhe sai da boca à toa. Debaixo do braço ou entocada nos bolsos, a nova edição da revista Playboy é companhia inseparável, conferindo brilho extra aos olhos ardósia do esteta que, lúcida e cinicamente, se diz admirador do nu artístico.

E não é de hoje. Tal qual Baudelaire (1821-1867), o poeta e teórico francês para quem a mulher “... é antes uma divindade, um astro que preside todas as concepções do cérebro masculino, é uma reverberação de todos os encantos da natureza condensados num único ser; é o objeto da admiração e da curiosidade mais viva que o quadro da vida possa oferecer ao contemplador. É uma espécie de ídolo, estúpido talvez, mas deslumbrante, enfeitiçador, que mantém os destinos e as vontades suspensas a seus olhares”, Mário Gomes escreveu, ao seu estilo, um elogio igualmente enfático ao sexo feminino. **Antropofagismo**, o poema, não tem meias palavras nem economia de adjetivos ou predicados:

*“Eu, sem ser antropófago, já saboreei muita gente por aí.  
Minhas preferências são os esbeltos, violônicos corpos femininos: a mulher.  
Ah! Se a humanidade fosse toda antropófoga  
como eu teria o prazer de ser devorado  
em um banquete ou bacanal de lindas garotas  
sexys, histéricas, eróticas  
e eu, em cima de uma mesa qualquer totalmente nu  
Assado ou cozido  
Recheado de cebolas, tomates e farofas.  
Enquanto Odete espetava um dos meus esverdeados olhos  
que outrora foram profanos,  
Judite arrancava minha língua e mastigava furiosamente.  
Depois Maria Helena  
pegava uma faquinha de mesa e cortava  
delicadamente meu pênis ereto e dizia entre-dentes:  
- Como é gostoso esse Mário Gomes”.*

Gostosos e sarcásticos, os poemas de Mário, publicados em oito ou nove livros, um dia fizeram o escritor maldito José Alcides Pinto proclamar em vida: “Ele não é um poeta na acepção do termo, mas um ângulo da poemática ou um estado desta, sem aquilo que chamamos de evolução literária e/ou conhecimento dos mistérios da criatividade poética. Nem sequer é um artesão consciente, porque é mais do que isso, é a própria arte em si marcada pela intuição: poderosa, primitiva, natural em sua pureza originária. E por essa razão se afasta ele de escolas e movimentos literários (evolução-revolução-forma-conteúdo). É um acontecimento no mundo das letras, para o qual não encontramos definição precisa nos esquemas da linguagem poética”. Em arremate, o crítico poetizou: “Pode-se dizer que Mário Gomes escreve em “estado de graça”, como uma criança rindo de suas próprias travessuras”.

De fato, rir de si é outra faceta do andarilho de encanto cambiante que, à época de vasta produção, já escolhera a frase de seu epitáfio: “Já que a natureza/me trouxe chorando/deixai, ó morte/que eu Morra rindo de ti”. Rindo-se, resistindo em sua vivacidade, o poeta tira a tarde para revelar o figurino por completo, chamando atenção para a graça - e a complexidade implícita - da camisa que vestia por dentro do paletó. Estampadas ao fundo de um vermelho vivo, as logomarcas da Prefeitura de Fortaleza e a inscrição Operação Tapa Buraco foram postas em evidência entre risos e tiradas: “Moro no Bom Sucesso. E lá não tem mais buraco. Achei a blusa na sarjeta, achei o pano legal... Achei não! Ela que me achou! O que é do homem o bicho não come!”. A cor berrante foi outro chamariz. “Sempre gostei de vermelho. Sou exótico!”, surpreende, lançando para si uma auto-definição.

- Ah, então você tem consciência de que é exótico...”

- Minha filha, o homem que não sabe o que ele é não pode tapar buraco”, devolveu metafórico, gargalhando.

Instigado, o poeta foi mais longe nas divagações: “Moro num buraco, é onde eu me escondo. Meu carro é meu corpo. Minha casa também. No dia em que for embora o carro vai pra sucata e a casa desmorona. Meu nome é Pensamento”. O livre pensar de Mário Gomes é exatamente como ele próprio cantarola, dando créditos a Gal Costa e Bob Dylan: “o vagabundo esmola pela rua/vestindo a mesma roupa que foi sua...”. Trazido à realidade, o trecho da canção pode ser literalmente interpretado. No garimpo de roupas encontradas ao relento, em inesgotáveis brechós a céu aberto, Máriorevela, para quem quiser crer, que tem uma peça em cada esquina cuidadosamente entocada, seja embaixo de pedras ou atrás de árvores. Assim, ele pode trocar o figurino ao bel prazer. E de novo sair cantarolando, desta vez em tributo a Noel Rosa: “Com que roupa eu vou?”...

E se o poeta nunca coube em traje engomado de academia ou instituição literária, o anel de “juiz de Direito” que ele traz no dedo, desfalcado de pedra preciosa, figura como o acessório mais-que-perfeito a coroar sua errância de dândi sem casta, sem canudo e sem capital. E se cada época tem seu porte, seu olhar e seu sorriso, como advertiu Baudelaire, refletindo sobre moda, Mário Gomes vagueia como um cabide onde vemos pendurados tempos diversos. Por força ou não das circunstâncias, ele é um dos últimos a desfilar pela vida ordinária em sentido contrário aos modismos e à metamorfose incessante das coisas exteriores. Assim, sua fisionomia e aparência, aliadas à performance andarilha que inventou para permanecer à margem dos padrões, remetem a um tipo clássico, bonachão, da linhagem enviesada do flâneur, o caminhante de fina estampa nascido e eternizado na luxuosa Paris do século 19.

O controverso charme do homem solitário das multidões, que tem a rua como casa e nela se sente à vontade, pisando o chão pedregoso das relações sociais, também está no que ele calça.

Quando gasta a sola dos sapatos que, inadvertidamente, lhe caem aos pés, Mário Gomes recorre ao amigo Pirrita, o engraxate mais antigo da Praça do Ferreira, embelezador nato de modelos diversos, do bico fino ao quadrado. O poeta garante que já experimentou todos. Mas entre seus pisantes, não há como deixar de perceber o branco, extensão dos pés de boêmios e malandros por excelência. “A marca do meu sapato é Acorda-João... Conhece Acorda-João? É quando o João tá dormindo e de repente alguém vem e leva o sapato dele”, diverte-se. “O Pirrita vende os Acorda-João e eu compro. De vez em quando dou dois contos pra ele”, conta vantagem, exibindo o pé “43 ou mais”.

Pente fino redondo; sabonete Johnson’s; barbeador descartável; xerox de notícias de jornais; maços e maços de cigarro estocados nos muitos bolsos. Em cada utensílio e acessório, um rastro de beleza velada – ou “a simplicidade absoluta que embeleza a beleza”, como escreveu Baudelaire. À revelia do estado de abandono e destempero do poeta Mário Gomes, ele se faz bonito, a seu modo, com os meios possíveis. Diz que herdou boniteza e carisma do pai, Benedito FerreiraGomes, um chofer de caminhão de “fala mansa e dentinho de ouro”. “Era todo eu! Os olhos não, os olhos são de minha mãe”, derrete-se o filho sexagenário de dona Nenzinha, sacando o espelhinho redondo decorado com motivos infantis. Agora Mário pede pausa e distância. Diz que quer se arrumar para as fotos. Traz o espelho para perto. Estira-se sobre o chão. Cruza as pernas. Penteia-se. Faz tipo. E se irrita quando o fotógrafo aproxima a lente, cruzando a sempre invisível linha de reclusão e privacidade que, de alguma forma, o distingue e o protege da multidão. Absorto, Mário Gomes, o homem-criança, encerra a brincadeira, fecha-se em copas. Cansou a beleza.